HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO II.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1786.
Com Licença da Real Meza Censoria.

INDICE

DOS CAPITULOS.

LIVRO IV.

CAP. I. *Successos da Lusitania no primeiro Seculo depois de Jesu Christo.* 3

- - II. *Successos da Lusitania até a entrada das Nações Barbaras no seu Continente.* 21

- - III. *Successos da Lusitania até a entrada dos Godos em Hespanha.* 34

- - IV. *Principio das invasões dos Godos na Europa até se fazerem senhores de Hespanha.* 47

- - V. *Do que succedeo na Lusitania depois da divisaõ entre os Reis eleitos Masdra, e Franta.* . . 62

LIVRO V.

CAP. I. *Continuaçaõ do Reinado dos Godos, contraido a Hespanha, desde Agila até ao Catholico Rei Recaredo.* 76

- - II. *Trata-se da successaõ dos Reis Godos depois de Recaredo I., em que dominaraõ toda Hespanha.* . 88

CAP.

CAP. III. *Estado da Igreja Lusitana, e Prelados, que nella floreceraõ depois do seu estabelecimento até a invasaõ, e dominio dos Mouros em Hespanha.* 101
- - IV. *Prosegue-se a mesma materia do estado da Igreja Lusitana no tempo dos Reis Godos.* 118
- - V. *Continuaçaõ do Reinado dos Godos depois da morte do religioso Tulga, e da do seu Successor Chindasuindo.* 129

LIVRO VI.

CAP. I. *Do Governo, de Rodrigo, ultimo Rei dos Godos, e invasaõ dos Mouros em Hespanha.* . . . 147
- - II. *Os Mouros conquistaõ o Reino de Hespanha, e em breve resumo se escrevem os successos desta conquista.* 164
- - III. *Revoluções de Hespanha no mesmo reinado de D. Affonso II., e continuaçaõ da guerra dos Mouros.* 185
- - IV. *Continua-se com a narraçaõ dos Successos da Lusitania no Reinado de D. Ordonho, e de outros Reis de Leaõ seus Successores.* 209
- - V. *Outros acontecimentos no Reinado*

do

do de D. Bermudo II. , e nos dos ſeus Succeſſores. 228

LIVRO VII.

CAP. I. *Das acções de D. Fernando o Grande.* 249

- - II. *D. Sancho de Caſtella uſurpa a ſeu irmaõ D. Garcia os Reinos de Portugal , e Galliza.* . . . 262

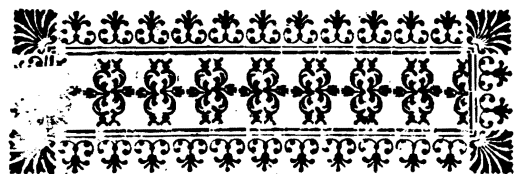
- - III. *Das ultimas acções do Rei D. Affonſo VI. até dar Portugal em dote a ſua filha D. Thereſa para caſar com o Conde D. Henrique.* . . . 278

- - IV. *Progreſſos da Religiaõ , e do Eſtado Eccleſiaſtico de Portugal depois da invaſaõ dos Mouros até ao tempo do Conde D. Henrique.* 293

- - V. *Trata-ſe da vinda do Conde D. Henrique a Heſpanha , e o que nella obrou até ao anno de* 1093 , *em que Portugal lhe foi dado em dote pelo ſeu caſamento com D. Thereſa.* . 304

LIVRO VIII.

CAP. I. *O Conde D Henrique , depois de Soberano de Portugal , vem para eſte* Rei-

Reino com sua mulher, e se trata das qualidades destes Principes. . 320
- - II. *Se D. Henrique, e sua mulher D. Theresa haõ de ser estimados só por Condes Soberanos, ou reconhecidos legitimos Reis de Portugal.* . . 328
- - III. *Trata-se a duvidosa passagem historica da jornada do Conde D. Henrique á Palestina em huma das Cruzadas.* 344
- - IV. *Das acções do Conde D. Henrique depois que foi senhor do Reino de Portugal.* 355
- - V. *A Rainha D. Theresa governa o Reino de Portugal, de que era senhora, depois da morte do Conde D. Henrique seu marido, e na menoridade de seu filho o Infante D. Affonso Henriques.* 373
- - VI. *Mostra-se ser falso o casamento de D. Theresa com o Conde de Trastamara, as resultas, que delle se seguiraõ, e se concluem os successos da sua vida até largar o Reino a seu filho D. Affonso Henriques.* 392
- - VII. *Mostra-se a falsidade das resultas do casamento da Rainha D. Theresa com o Conde de Trastamara.* 410

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO IV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Successos da Lusitania no primeiro Seculo depois de Jesu Christo.

Ann. antes da éra vul. I

COM o Nascimento de Jesu Christo acabou no Tomo precedente a *Historia Antiga*, e nelle deixamos o Reino de Portugal, e toda Hespanha sugeitos aos Romanos, que os dominavaõ, e os instruiaõ. Com o mesmo Nascimen-

 to

Ann. antes da éra vul. 1.

to augusto teve principio a *Historia Moderna*, e as Monarquias Novas formadas das desmembrações do grande corpo do Imperio Romano, quando para os altos designios da Providencia já naõ era necessaria a unidade de tantas Nações debaixo do dominio de hum só Chéfe para maior, e mais facil commodidade dos Operarios do Evangelho, que anunciáraõ a todo o Mundo, a maior parte delle dominado entaõ pelos mesmos Romanos.

Naquella Época feliz principiou o Tempo Historico a ser muito mais luminoso, a brilhar a verdade com explendores mais radiantes, os juizos com illuminaçaõ mais clara, como encaminhados pelas luzes de outros Mestres. Nós porém para a narraçaõ da nossa Historia Portugueza desde o ponto da dita Época, até ao fim do Governo do Conde D. Henrique, Tronco dos nossos Soberanos, aonde ha de acabar este Segundo Tomo, entramos a sondar hum abysmo de incertezas, a vadear hum pégo de esquecimentos; e por isso naõ só resalvaremos a verdade, e verosimili-

li-

Ann. antes da éra vulg. I

lidade com repetir *ſendo como dizem*, ou *ſegundo ſe preſume*; mas uſaremos de huma brevidade em partes com tal rapidez, que a preſſa da carreira ſeja hum indicio, de que deſejamos fugir dos tropeços, em que muitos cahírao pelo demaſiado vagar com que andárao conduzidos por guias pouco prácticas.

Deſde o principio deſte primeiro Seculo depois de Jeſu Chriſto, que eu vou a tratar, até a invaſao dos Alanos, e Suevos, ſe entao em Heſpanha nao era tudo ſilencio, o que ſe percebia nao paſſavao de humas vozes tartamudas, ou tao balbucientes, que até hoje fazem nos ouvidos delicados bem pouca harmonia, que lhes ſeja deleitavel. Depois diſto, a falta de Monumentos daquellas idades confunde as memorias, e a ferocidade das Nações barbaras, que nos dominárao, eſmagou debaixo de ſi, e do ſeu pezo todos os ſoccorros neceſſarios para a ſubſiſtencia das lembranças. A valentia dos Godos, que tanto eſtrondo fez no Mundo, ella tinha por injúria, que as Letras a auxiliaſſem, e que as pennas

ſe

Ann. antes da éra vul. 1

se unissem ás espadas. O furor dos Mouros, depois de assolar Hespanha, fez perder a Lusitania, com os seus antigos limites, as mais illustres memorias.

No principio pois deste Seculo gozava o Mundo o beneficio da paz geral de Augusto, de que a Lusitania era participante, e nos asseguraõ, que nesta feliz tranquillidade, ella antepunha o amavel socego ao desejo anciozo da sua appetecida liberdade. Tudo entre os Lusitanos eraõ idéas pacificas, tudo harmonia taõ concorde, que sabiaõ vencer a violencia para mostrarem, que viviaõ satisfeitos debaixo do mando dos Legados, e Pretores Imperiaes Quadrato, e Tito-Flavio Claudiano, que por elles foraõ obsequiados com Inscripções honrosas de longa duraçaõ na Lusitania.

Era vulg.

Quatorze annos depois da vinda de Jesu Christo imperou Augusto Cesar, que adoptou para seu Successor à Tiberio; que fez acções muito grandes; que conseguio para os homens vantagens naõ vulgares; mas com a sua morte

te espirou a felecidade do seu tempo. Os Lusitanos, como dizem as nossas Choronicas, fizeraõ entaõ públicos os extremos da sua dor, sensiveis á gratidaõ, como sem sentimento na perda da antiga liberdade. Logo se esqueceo a primeira, e renovou a memoria da segunda com o novo Governo de Tiberio, que fomentando a cubiça do seu Proconsul Vivio-Sereno, estimou mais os holocaustos do nosso ouro, que lhe lisongeavaõ a avareza, do que os sacrificios dos nossos corações offerecidos para lhe mover a vontade. Por isso elle impedio aos Lusitanos, que a sua pessoa, e a de sua mãi Livina levantassem hum Templo, aonde os cultos de Deidade podiaõ atar as mãos para naõ acceitarem outras victimas além das da fidelidade, e amor.

Era vulg. 14

Dizem, que por estes tempos a fama de Tito-Livio obrigára muitos Lusitanos a fazer a jornada de Roma para se mostrarem á illuminada Curia, que elles tinhaõ tanta inclinaçaõ ás Letras, como propensaõ para as armas. Segundo a opiniaõ de Plinio, outros

37

Lu-

Era vulg. Luſitanos paſſáraõ a Roma como Embaixadores dos ſeus Póvos mandados á Tiberio, para lhe darem parte do homem marinho, que apparecêra na cóſta de Lisboa: monſtros, que naõ podemos duvidar ſe criaõ no mar ſem derrotarmos authoridades taõ grandes, como ſaõ as de Damiaõ de Goes, de Luiz Vives, de Alberto Magno, e de outros ſemelhantes, que cita o *P. Feijó no VI. Tomo do ſeu Theatro Critico*, aonde trata da real exiſtencia deſtes monſtros.

41 Com pouca differença nos genios vio Roma em Caligula outro Tiberio. Elle para uſurpar a Deos a independente Soberania, mandou collocar a ſua Eſtatua no Templo de Jeruſalem. Soube a ſua induſtria eſcolher tempo, em que lhe era conveniente cobrir as inclinações com arte; mas com maior facilidade elle rompia a violencia com petulancia ſem forçar a condiçaõ. Foi Caligula hum Principe, que deſprezou a Homero, a Virgilio, a Tito-Livio, e que criou Sacerdotes para o ſeu cul-

to:

to: eſtravagancias a que deo fim o Tribuno Cherea, tirando-lhe a vida. Era vulg. 1.

Já por eſte tempo a voz dos Apoſtolos tinha ſido ouvida por toda a terra, e nelle gozou Luſitania a ſua maior felicidade com a boa nova do Evangelho, que lhe foi anunciada pelo Apoſtolo Sant-Iago, primeiro nella, e com Galliza, que em outra alguma parte de Heſpanha. Nas noſſas Regiões, até entaõ barbaras, e idolatras, foi conhecido o Deos Verdadeiro, e Jeſu Chriſto que elle mandou, como Inſtrumento Divino da Reconciliaçaõ, tantos Seculos deſejada, já felizmente conſeguida.

Entaõ foraõ lançados os fundamentos á Igreja Primacial de Braga, a mais antiga de todas as Sés de Heſpanha, aonde Sant-Iago deixou por primeiro Prelado a S. Pedro de Rates, que era hum dos Diſcipulos, que em Galliza regenerára com o leite racional da doutrina Apoſtolica. Nove Diſcipulos havia elle eſcolhido em Heſpanha, e quando teve de voltar a Jeruſalem levou comſigo ſete, que depois foraõ

os

Era vulg. 41

os condutores do ſeu bemaventurado corpo para Compoſtela em Galliza, aonde jaz honrado até hoje com a frequencia das viſitas, e cultos dos Fieis das partes mais remotas da terra. Além de S. Pedro de Rates, que ficou em Braga, o Santo Apoſtolo deixou nomeado a Torcato, outro dos ſeus nove Diſcipulos, por Biſpo de Citania, que era huma Cidade illuſtre, de que apenas ſe conſerva a memoria do lugar junto ao Ave, entre Braga, e Guimarães.

Foraõ eſtes nove homens os felices Protomartyres da ſua Provincia, que tiveraõ por companheiro na ventura hum numeroſo eſquadraõ de Luſitanos, que na grandeza dos prodigios, no paſmoſo da conſtancia, e no número das peſſoas igualmente ſe confunde: milagres em fim de huma Fé robuſta nos tyrocinios de huma Religiaõ nova; mas verdadeiramente divina, divinamente promulgada.

Aſſegura-ſe, que correndo eſtas idades fora Herodes deſterrado para Heſpanha, e viera para o lugar de Rodio

dio em Lusitania, aonde diz a Veneravel Maria de Agreda, que por ordem de Deos lhe tiráraõ os Demonios a vida com os exquisitos tormentos; que mereciaõ as suas enormes maldades.

Era vulg.

54

Havia o Senado Romano approvado a eleiçaõ de Claudio, que na fraqueza das armas participou dos quimericos triunfos de seu sobrinho Caligula. Elle desterrou de Roma todos os Judeos, e Christãos, que lhe parecèraõ conformes nos sentimentos desiguaes aos do gentilismo, e deixou em seu enteado Néro, filho de Agrippina, o perseguidor mais inexoravel dos segundos. No governo deste Imperador principiou Lusitania a enviar para o Ceo em esquadrões numerosos as primicias dos seus Martyres, que sacrificáraõ as vidas a Deos, honraraõ a Patria com o seu sangue, que taõ bem rubricou o testemunho da verdadeira Fé, que haviaõ professado.

Foraõ aquelles Esquadrões acompanhados na marcha pelo seu Capitaõ S. Pedro de Rates, primeiro Arcebis-

po

Era vulg. 54

po de Braga, a quem seguíraõ as suas Ovelhas Susana, Torcato, e Cocufate todos irmãos, o Bispo Silvestre, e o menino Victor. Nas praias de Sines arrojáraõ as ondas ao corpo do Romano S. Torpes, que antes de ser amigo de Deos, tinha sido intimo privado de Néro. Passos semelhantes aos deste Tyranno tinha dado Herodes em Jerusalem, aonde antes dera deshumana morte ao Apostolo Sant-Iago, que coroou os seus merecimentos com a aureola gloriosa do martyrio.

Agora foi o seu corpo trazido a Hespanha pelos seus sete Discipulos, de que ha pouco fizemos memoria, e que em seis dias navegáraõ os vastos mares, que vaõ de Jope a Galliza: Milagres estupendos, e innumeraveis obrou Deos com a vinda destas Reliquias preciosas, contando-se por hum dos maiores abrandar a dureza, e obstinaçaõ da idolatra Rainha Loba, ou Luparia, que convencida pela efficacia da doutrina, e pela evidencia dos prodigios, deo a Cidade de Compostella

pa-

para o mais memoravel de todos os Santuarios de Hespanha.

Era vulg. 54

Quando a constancia, e Fé dos Lusitanos confundiaõ a impiedade, as proezas do seu nacional Diocles eraõ nestes annos as admirações de Roma. Elle nas arêas dos seus Amfitheatros, e Circos, com differente número de carros, e cavallos da quadrilha, e facçaõ Rusata, alcançou victorias a centos, que podiaõ perder a estimaçaõ por vulgares, sobre os mais robustos Athletas de todas as outras quadrilhas, e facções.

Néro já namorado da formosura de Popea, para gozar o seu amor sem sustos, e desenfrear o brutal appetite, que taõ desestrado fim traçou a Popea, mandou governar a Lusitania por seu marido Otho Silvio. A brandura, e affabilidade com que Otho se conduzio entre os Lusitanos, como meios os mais efficazes de attrahir os seus genios ferozes, elles lhe pagáraõ os obsequios com os effectivos concursos, que deraõ para obter o Diadema Imperial; que a gratidaõ aos beneficios

foi

Era vulg. foi ſempre o caracter eſpecial dos Luſitanos.

66 Por eſtes tempos já Néro naõ parecia, como no principio do ſeu governo, pai da Patria, Principe perfeito, Diſcipulo de Seneca. Elle ſe moſtrava por todos os modos meſtre de abominações, homem bruto, verdugo do povo. A impiedade deſenfreada até aos dezatinos o arraſtou a dar deshumana morte a ſua propria mãi, a ſeu Meſtre Seneca, a ſeu amigo Burrho, a por fogo a Roma, para que imputando eſte crime aos Chriſtãos, ſobre elles cahiſſe derramada a crueldade. Na perſeguiçaõ, que elle lhes moveo, perdéraõ a vida os Principes dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, muitos homens de virtude conſummada, e pela Luſitania, aſſim como pelas mais Provincias do Imperio, corrêraõ rios de ſangue, que ſervíraõ de copioſo rego para maior producçaõ da ſemente da palavra Divina.

69 Matou-ſe a ſi meſmo Néro, verdugo de tantas vidas, e entaõ foi, que facções differentes fizeraõ acclamar

mar Imperadores a Galba, Vitellio, Vespasiano, e Otho, que foi auxiliado pelos Lusitanos como fica dito. Entre elles adquirio grande gloria nestas desavenças Emilio Pacense, natural de Beja, que entaõ se chamava Cidade Pacense, merecendo, que Roma lhe premiasse o esforço com a dignidade Tribunicia.

Era vulg. 69

Vespasiano fazia entaõ a guerra em Judéa, que deixou encarregada a seu filho Tito, e veio adiantar as ventagens, que o seu partido levava sobre os dos outros inaugurados Cesares. Elle poz a Roma em socego, e Lusitania, que tanto lhe deveo, conseguio delle felicidade semelhante. Com obras magnificas a illustrou Vespasiano. As muitas com que illuminou, e fez entaõ brilhante a Villa de Chaves, a obrigaraõ a tomar delle em reconhecimento o nome de Aguas Flavias. Longos seculos se conservaraõ em Lusitania memorias de Vespasiano no monte, que se chamou Giresio pelo celebre giro, ou caminho circular de quinze leguas, que hia de Braga a Orense, aonde se

Erà vulg. romperaõ aſperas, e intractaveis fragoſidades.

75 Breve alegria deraõ ao mundo as muitas virtudes mettidas em uſo por Tito, filho, e Succeſſor de Veſpaſiano; morto com veneno na flor dos annos por ſeu irmaõ Domiciano o famoſo triunfante de Judéa, muitos Seculos antes de ſer homem dado a conhecer pelo nome de Capitaõ futuro, como inſtrumento deſignado pelo Ceo para a aſſolaçaõ perpetua da Jeruſalem Deicida. Era entaõ Queſtor em Heſpanha Plinio, o grande indagador dos ſegredos da natureza, que vio fazer na Luſitania a repartiçaõ das trez Comarcas, que reconheciaõ por ſuas capitaes a Merida, Beja, e Santarem. Além deſtas Comarcas, eraõ na Luſitania muitas as Colonias, e Municipios Romanos, maior de todas a de Braga, que em vinte, e quatro Cidades com ſeus deſtrictos, dizem que contava cento, e ſetenta, e cinco mil viſinhos.

81 Nada de memoravel nos deixou Domiciano ſenaõ a ſua crueldade, em

que

que foi segundo Néro, e assassinado por tyranno. Nerva, e Trajano seus Successores se conduzíraõ por modos bem differentes, sendo ambos justos, e bem afortunados. O primeiro se satisfez com viver pacifico: o segundo amplîou o Imperio com conquistas gloriosas. Trajano, como se assegura, era de naçaõ Hespanhol, e mostrou em grandes obras a sua inclinaçaõ á Patria. Huma dellas he a célebre ponte de Alcantara sobre o Téjo, chamada de Trajano, e ainda que construida a expensas de muitos Póvos da Lusitania, e concluio as de Chaves, que Vespasiano deixára incompletas.

Era vulg. 96

Successos memoraveis se affirma acontecêraõ por estes tempos na Lusitania. Entre elles se faz memoria do Lusitano Luso, que com a sua corage abafou a rebelliaõ dos Judéos de Cirene, que exterminou da Ilha de Chypre, e mais partes do Levante. Mas quando Lusitania grata a Trajano lhe fazia obsequios, e levantava padrões, a insolencia dos seus Governadores atiçava nella incendios difficultosos de

Era vulg. 96

apagar. Quaſi geral ſe fez nella a ſediçaõ, que obrigou Trajano a mandar quatorze Legiões para repararem o golpe, que ſe temia deciſivo. Como os Romanos queriaõ atemorizar, derramáraõ o furor, que foi inſtrumento de ruinas lamentaveis. Muitos golpes leváraõ a garganta dos Póvos, grandes Cidades ficáraõ reduzidas a cinzas, e entre ellas ſe fez ſenſivel o eſtrago da de Lamego, entaõ de alta conſideraçaõ na Luſitania. Outros lugares, que tiveraõ a fortuna de ſervirem os ſeus patricios nas Legiões Romanas, por ſua intervenſaõ evitáraõ os deſtinos fataes dos ſeus viſinhos. Dizem, que Evora deveo beneficio ſemelhante ao ſeu natural Lucio Voconio Paulo, que por ella foi honrado com Eſtatuas, e Inſcripções cheias de louvor, e magnificencia.

Naõ ſe ſabe o anno preciſo deſta rebelliaõ da Luſitania; mas conjectura-ſe, que ella ſuccedeo já completo o primeiro Seculo depois de Jeſus Chriſto. Nella ſe entende, que teve origem a Villa de Moura, que derivaõ do no-

me

me da Cidade de Arouce a nova, proxima á dita Villa. Ella parece, que tinha intendencia no governo de Arouce a velha, situada entre Caçala, e Alanis. No meio do referido tumulto estas Repúblicas sustentáraõ a paz por hum effeito da prudencia de Marco Atterio Paulino, Cidadaõ de Arouce a nova, que o honrou com Estatua taõ soberba, como a que os seus antigos moradores haviaõ levantado a Hercules Thebano, ou como a Protector da Cidade, ou por serem elles originarios da grande Thebas do Egypto.

Era vulg.

Em fim, no anno 114 do segundo Seculo morreo Trajano, e foi admiravel a sua morte por ser dada por Deos immediatamente sem concurso dos homens, como a dos seus Predecessores. Taõ pouco se respeitava naquellas idades o primeiro Diadema do mundo, que qualquer vapor o offuscava, qualquer maõ se lhe atrevia. Mas se pela razaõ referida parece admiravel a morte de Trajano, mais admiravel foi depois della o successo da sua alma. He constante, que lastimada a caridade

114

Era vulg. 114

do grande Papa S. Gregorio, de que pela falta da Religiaõ verdadeira ſe condemnaſſe hum Principe taõ juſto, elle com as ſuas orações, como que apertára de ſórte a Deos, que ſem reſiſtencia a ellas, condeſcendêra com os rógos de Gregorio, e ſalvára a Trajano. Se iſto aſſim foi, e o modo por que podia ſer, decidaõ-no os Theologos, que a mim ſó me pertence dizer, qne com a morte de Trajano principiou a decair a gloria do Imperio Romano: grandeza deſmarcada, que naõ ſó eſtava chamando pela ſua ruina; mas que já era deſneceſſaria para os Operarios Evangelicos ſem dependencia de outras Nações ſeparadas girarem pelo mundo univerſo, aonde já tinhaõ ſoado as trombetas da eterna verdade.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Successos da Lusitania até a entrada das Nações Barbaras no seu Continente.

CORRIA o Seculo segundo depois de Jesu Christo quando subio ao Throno do Imperio Adriano, digno do emprego pelas qualidades herdadas, mais pelas adquiridas. Elle abandonou as conquistas de Trajano para se empregar na guerra contra os Parthos, desterrou os Judeos da Palestina, reedificou Jerusalem, que fez chamar Ælia Capitolina, e porque a Lusitania lhe deveo attenções, ella conservou a sua memoria, e a de Imperatriz Sabina, que as promovêra.

117

Depois do feliz Governo de Antonino Pio, entráraõ a perturbar o Imperio, e o Mundo as desordens de Marco Aurelio, e de Lucio Vero. Entaõ se sublevaraõ os Parthos, e os Marcomanos, outros barbaros devastáraõ os Imperio, e pela Lusitania entrou

161

Era vulg. 162

trou huma innundaçaõ tal dos rebeldes da Mauritania, que desde o Promontorio Sacro até a Foz do Douro tudo era sangue, pilhagem, e incendios. O repente da invasaõ naõ previsasta abafou o valor dos Lusitanos, os brios Romanos se abattêraõ á vista do horror dos estragos, e no tropel das confusões, naõ se podia soffrer, nem remediar tanto mal.

Assegura-se porêm, que Lisboa, pela fortaleza do sitio, se defendêra com valor destes rebeldes ao Imperio; que o Porto lhes comprára a liberdade por alto preço; que vindo novas Legiões Romanas, unidas aos Lusitanos já recobrados do primeiro susto, corrêraõ todos, ou a fazer mais geral o estrago, ou a reprimir o impeto furioso dos Barbaros. A noticia desta marcha bastou para os Mouros se embarcarem, se medrosos, muito ricos. No Algarve junto ao sitio, aonde esteve a famosa Cidade de Ossonoba, que hoje sem disputa he o lugar de Estoi, pelos Monumentos, e Inscripções ha bem pouco tempo descobertas nas pe-

Era vulg.

pedras das muralhas da Cidade de Fáro, se achou huma, que marcava o valor, com que o Lusitano Lucio Quintilio Galiaõ livrára a Patria no meio dos mais perigosos conflictos.

260 Nada respectivo a Lusitania nos fornece a Historia no governo dos desanove Imperadores, que se seguíraõ desde os que ficaõ nomeados, até ao tempo do cruel, e covarde Gallieno. 262 Entaõ se dividio o Imperio entre trinta Tyrannos, que o reduzíraõ a estado triste, e deraõ muito que fazer aos Imperadores futuros. Entaõ corrêo o sangue dos Christãos por todos os ambitos do mesmo Imperio. Entaõ Gallieno, fraco, e com as delicias corrupto, interpôz o reparo depois do golpe lhe romper a cabeça. Finalmente entaõ mandou suspender a perseguiçaõ contra os Christãos, na qual haviaõ apostado os Bispos Marcial de Mérida, e Basilides de Astorga. Contra elles, e a favor da Fé, que abandonáraõ frageis, se poz em campo com corage Eliano, Diacono de Mérida. Elle convocou o Concílio nacional, em que se

achá-

Era vulg. achárão os Bispos Lusitanos, e em que forão condemnados, e depostos os dous Apostatas.

Estes dous homens, sem verdadeira dôr no coração, se mostrárão exteriormente arrependidos ao Papa S. Estevão; mas o Concilio consultando em Carthago a S. Cypriano, se conformou com o seu zeloso parecer, que foi o de sustentar com vigor a justa pena imposta pela primeira Sentença. Quando este successo affligia a piedade dos Lusitanos, o mundo opprimido de trabalhos, soffria o flagello de huma peste quasi universal, a que augmentárão os effeitos esquadrões innumeraveis de Alemanha, talando as Provincias do Imperio com tanta furia, que nem ás pedras perdoava a cólera. Como estes homens antes erão ladrões, que soldados, não buscando domicilio nos Paizes conquistados, o que não lisongeava a cobiça, dava-se de barato ao fogo. Não ficou a Lusitania illeza desta invasão, que sepultou nas ruinas muitas das suas Povoações mais illustres.

Nos

Era vulg. 268

Nos governos de Claudio II., e de Aureliano, que se seguíraõ a Gallieno, principiáraõ a mostrar ao mundo a sua ferocidade os Godos, Ostrogodos, Herulos, e Gepidos. Os sustos que lhes deviaõ causar tantas gentes confederadas para arruinar o Imperio, naõ lhes impedio soltarem as mãos á crueldade para atacarem como homens abominaveis aos perseguidos Christãos. Innumeraveis foraõ na Lusitania os que cingíraõ a coroa do martyrio, e entre elles brilhaõ no Ceo como Fosforos luzidos as nossas Princezas Santa Quiteria, Liberata, e as outras sete irmãs, que Authores amigos de cousas raras, sobre lhes darem a fraternidade, que naõ tiveraõ, as representaõ nascidas de hum só parto: Por sua mãi he nomeada Cagia, mulher do poderoso Regulo, ou Principe Cathelio, que reinava em huma parte da Lusitania, representado impio pai, e barbaro verdugo, perseguidor de nove innocentes victimas. Ellas, que a irmandade, que lhes negou a natureza, a conseguíraõ pela caridade, e pelo

mar-

Era vulg.

martyrio, fugindo, como dizem, á tyrannia do imaginado pai por varias partes de Hespanha, encontrárao ministros da crueldade, que lhes derao pela Fé a desejada morte.

284

Todo o nosso continente estava dominado por impios algozes, que nao consentiao refugio aos opprimidos Christãos. Depois de cinco Imperadores, que succederao a Aureliano, sobio ao Throno em Diocleciano hum monstro insaciavel na sede de sangue humano. Os seus poderes tinha elle delegado em Hespanha a Daciano, que nao foi necessario ser muito illuminado interprete para entender nas instrucções a interna intençao de seu amo. Conforme a ellas tirou Daciano da espada para encher o Ceo de triunfos. Quasi que ficou esgotado o sangue da Lusitania aos repetidos golpes do cutelo deste verdugo, que depois de tirar a vida em Saragoça a Santa Engracia, e a muitos Lusitanos illustres, que acompanhavao esta Princeza na jornada de França, aonde hia casar, passou a representar no nosso theatro multiplicadas

sce-

ſcenas, a Luſitania laſtimoſas, para o Ceo plauſiveis. Era vulg.

Chegou a Evora a fatal perſeguiçaõ; Cidade, aonde entre muitos ſujeitos robuſtos na Fé, floreciaõ em virtudes, nutridos com a muniçaõ dos fortes na guerra S. Vicente, e ſuas irmãs Sabina, e Criſteta, que podêraõ fugir da prizaõ por lhe eſtar preparada em outro lugar a gloria do martyrio. Avila em Heſpanha ſe enobrece tanto com as ſuas mortes, como Evora na Luſitania com os ſeus naſcimentos. Parece, que com pouca differença de tempo conſeguíraõ felicidade igual em Lisboa os Martyres S. Veriſſimo, e ſuas irmãs Maxima, e Julia, Patronos deſta grande Cidade ſua Patria.

Vinha chegando o tempo predefenido, e guardado nos impreſcrutaveis ſegredos da Providencia para ceſſar a tyrannia, reſpirar a innocencia opprimida, e para a humildade da Cruz, que era patibulo infame dos delinquentes, paſſar a ſer honra da Coroa dos Soberanos. Succedeo no Imperio o bravo, piedoſo, e grande Conſtantino, 306

fi-

Era vulg. filho de Conſtancio Cloro, e da Imperatriz Santa Helena, Princeza de Inglaterra, quadrageſſimo nono na ordem dos Imperadores Romanos. Até 311 ao anno 311 governou elle juntamente com Galerio Armentario, que lhe confirmou o caracter de Ceſar. Oppozſe a eſta reſoluçaõ o covarde, e cruel Maxencio, que ſe fez acclamar Imperador em Roma, e com vã porfia tiveraõ o meſmo projecto Severo, e Licinio.

Por morte do Armentario ficáraõ dominando o Imperio em Pronvincias differentes Conſtantino, Maxencio, e Licinio; mas as tyrannias do ſegundo tocáraõ com tanta ſenſibilidade a Conſtantino, que o obrigáraõ a buſcar na força das armas o ultimo direito dos Principes. Elle marchou de França para entrar em Italia, e ſe arroſtar com Maxencio. Já neſte tempo Conſtantino formava no ſeu interior altas idéas da pureza da Religiaõ Chriſtã, que abominando a multiplicaçaõ de Divindades, a que tambem ſe naõ acommodava o dictame da ſua razaõ natural il-

lu-

luminada, rendia cultos a hum só Deos, Trino nas Pessoas. Agora foi mais illustrado pelo Ceo, que lhe mostrou no ar, para instrumento da sua victoria, a Insignia Sagrada da Redempçaõ, a Santa Cruz, que daqui em diante começou a tremolar luminosa no triunfante Labaro de Constantino. Era vulg.

Fortalecido com o soccorro divino, continuou elle a marcha até Turim, aonde o esperava hum poderoso exercito, que logo foi feito em postas. Elle rendeo tudo sem opposiçaõ até Verona, e na célebre batalha do seu nome, Constantino passou á espada a maior parte das trópas, que mandava Pompeiano. Em fim, elle appareceo á vista de Roma, donde sahio Maxencio para o receber; mas atacado, roto, e affogado no Tibre, Constantino entrou triunfante naquella Capital do Mundo conhecido.

Aqui deixou elle ver os primeiros ensaios do seu Christianismo occulto; mas sem poder evitar de todo algumas ceremonias públicas do gentilismo. Novidades introduzidas em mate-

Era vulg. terias de Religiaõ, quando em hum Povo estaõ casados os máos habitos, he necessario que a prudencia os vá depondo com a moderaçaõ circunspecta, que sabe evitar os tumultos. Com tudo o Imperador atento, e fervoroso, mandou levantar Cruzes pelos lugares públicos; promulgou Decretos favoraveis aos Christãos, e abrogou os jogos populares do paganismo.

313 Naõ pode Maximino dissimular a firme fortuna de Constantino. Contra elle moveo as armas do Oriente, aonde reinava; mas por toda a parte atacado, e sempre vencido por Licinio, para naõ cahir no poder deste seu competidor, se matou desesperado com veneno. Licinio, soberbo com as victorias, abandonou a amizade de Constantino, e traçou nos triunfos a sua ruina. Duas vezes desbaratado, elle com a vida perdeo o Imperio, sempre supersticioso, e cruel. Entaõ ficou Constantino unico Chefe dominante, e com authoridade plena, a que pessoa alguma podia resistir, protegeo a

Re-

Religiaõ Catholica, edificou Templos, e resplandeceo em piedade. Em vulg.

Eu fiz esta breve digressaõ respectiva a Constantino para sabermos quem foi o grande Principe, que dominando tanto mundo, Hespanha, e Lusitania lhe devêraõ atenções particulares. Elle fez socegar as muitas perturbações destes Estados; reprimio em pessoa o impeto das Nações barbaras, que já neste tempo inquietavaõ a Galliza, e Andaluzia; mandou celebrar hum Concilio em Toledo, aonde se acháraõ muitos dos Bispos Lusitanos. Nesta Assemblea se tratáraõ muitos pontos concernentes á disciplina Ecclesiastica, especialmente a divisaõ das Igrejas Metropolitanas, e a das que haviaõ obedecer como suffraganeas a cada huma dellas, como nos querem persuadir.

378

Nada que mereça as nossas attenções encontramos na Historia os annos, que se seguíraõ até ao Governo do Imperador Valente, famoso promotor das heresias do seu tempo, e perseguidor façanhoso de muitos dos Santos Padres Gregos. Entaõ foi eleito Papa o grande

Era vulg. de S. Damaſo, filho illuſtre da Villa de Guimarães, a pezar das pertenções de Madrid, que pertendeo com todos os esforços fazer-nos o roubo deſta naturalidade, ſe virtuoſo, injuſto. He verdade, que a diſputar-ſe ella, ſó o podem fazer com juſtiça Braga, e Guimarães.

O Breviario Bracarenſe, com Officio proprio, celebra a Damaſo por Santo; e fazendo nós reflexaõ neſta, e outras circunſtancias, podemos deſcobrir, que antigamente em Braga houvera hum bairro, a que chamáraõ Guimarães; e porque nelle poderia naſcer S. Damaſo, ſería eſta a razaõ de eſcreverem alguns Authores, que elle era natural da Villa, naõ do bairro de Guimarães em Braga. Mas como quer que iſto ſeja, tenha mais força huma, ou outra opiniaõ, ſempre S. Damaſo he Santo Luſitano de Naçaõ. Elle deo grande credito á ſua Patria, e a toda a Igreja pelo zelo ardente, com que ajudado pelo ſeu grande Secretario Saõ Jeronymo, deſempenhou as obrigações de Vigario de Jeſu Chriſto, com que

por

por meio dos Concilios, abateo a alta cerviz dos teimosos Arrianos; e com, que reprovou o Scisma de Priscilliano, que teve contra si por adversarios invenciveis aos illuminados Bispos Itacio do Algarve, e Ursacio de Mérida, montantes da verdadeira Fé.

392

Como os inimigos estranhos já naõ perseguiaõ a Igreja, os domesticos nas heresias lhe moviaõ muitos generos de perseguições. Nestes tempos calamitosos, em que parecia dominava o erro, necessitava ella de hum Protector tal, como o grande Constantino. O seu Chéfe invisivel, que naõ deixa, nem deixará nunca prevalecer contra ella as portas do Inferno, suscitou em Theodosio, de Naçaõ Hespanhol, e sua mulher Placila natural de Mérida, como dizem alguns Escritores, hum Imperador pio, grande como Constantino no ardor, e zelo.

Depois que elle derrotou as idéas, e as forças do tyranno Maximo, que se havia levantado com huma parte do Imperio, a Lusitania participou do socego das outras Provincias. Esta tran-

 quil-

Era vulg. quillidade teve origem nas victorias, que Theodosio ganhou sobre os Sarmatas, Alemães, e Godos, que já corriaõ soltos pelas terras do Imperio: tranquillidade, que foi como a do mar em calma, que se naõ faz soar, para depois nas tempestades dar bramidos, que atroem; porque morto Theodoro, e sobindo aos Thronos Imperiaes do Oriente, e Occidente seus filhos da natureza, naõ do valor, Arcadio, e Honorio, principiou a ser o Mundo confundido, e o Imperio desmembrado pelas bravas Nações do Nórte, como nós vamos a ver pelo que nos pertence no Capitulo seguinte.

CAPITULO III.

Successos da Lusitania até a entrada dos Godos em Hespanha.

393 DOUS annos antes da morte do Imperador Theodosio foi seu filho Honorio augurado Cesar do Imperio Occidental; mas como naõ herdou com os Estados as virtudes do pai, na sua fraque-

queza teve origem a decadencia delles, e a formaçaõ das Monarquias novas. Do Seminario da geraçaõ humana, como foraõ chamadas as Regiões do Nórte Gothia, Suecia, e Noruega, havia sahido por estes tempos huma innundaçaõ de homens, que como torrente rápida, com o seu número espantou a Europa, com o seu valor a dominou. — Era vulg.

Em quanto Honorio, entregue ao ocio indigno da Magestade, se esquecia das obrigações do cargo, os seus bravos Capitães, criaturas da disciplina do grande Theodosio, triunfavaõ de Radagaso, Rei dos Godos, que com duzentos mil homens invadíra a Italia. Alarico, Rei dos Visi-Godos, e sobrinho de Radagaso, despicou as injurias feitas ao tio com vantagens maiores, que ellas. Com a viseira baixa se apresentou Alarico diante dos muros da soberba Roma, até entaõ formidavel ao Mundo, e depois de a render o valor, a saqueou a cubiça. — 406

Honorio se retirou para Ravena quasi sem Imperio; porque os Visi-Godos ficáraõ senhores de Italia; os — 412

Era vulg. Godos com o ſeu Rei Ataulfo ſe eſtabelecêraõ em Heſpanha ; França ſe ſujeitou aos Wandalos , Suevos , e Alanos ; os Capitães de Honorio Marco , e Graciano ſe levantáraõ com Inglaterra , aonde ſe fizeraõ acclamar Imperadores pelos ſoldados , que com eſte titulo authoriſáraõ a morte , que ſucceſſivamente lhes deraõ. Conſtancio novamente eleito pelos meſmos ſoldados, para evitar hum fim igual ao dos dous infelices, fugio para França. Aqui ſoube elle ganhar as vontades das novas gentes eſtabelecidas , ſem levar comſigo mais recommendaçaõ , que a de ſer rebelde a Honorio. Elle formou o alto projecto de conquiſtar Heſpanha , e acompanhado de ſeu filho Conſtante , cobrindo trópas numeroſas , chegou aos Pyreneos.

O deſcuido de Heſpanha ſim prometia felicidades á grande idéa de Conſtancio ; mas os dous irmãos Didimo , e Verinino , que dizem eraõ parentes de Honorio , e naturaes de Placencia , marcháraõ da Luſitania , aonde andavaõ occupados , para impedi-

direm a Conſtancio a paſſagem dos montes. A ſua fortuna a conſeguio, naõ ſem trabalho. Dentro da Luſitania os dous irmãos lhe detiveraõ muitos paſſos, mas os invaſores eraõ tantos, que com a multidaõ os opprimíraõ. O groſſo do exercito era compoſto de Suevos, e Alanos, que foraõ ſeguidos dos Wandalos, e Selingos, que ficáraõ em França, e agora conquiſtadores ſe eſtabelecêraõ em varias partes de Heſpanha, e Luſitania. Daqui em diante a ferocidade barbara de tantas gentes incultas principiou a engroſſar o ar de civilidade, e os eſtylos curiaes, com que os Romanos haviaõ inſtruido aos Heſpanhoes, e Luſitanos.

Era vulg.

Na torrente de tantas calamidades teve Honorio duas fortunas, que foraõ a cauſa de naõ perder todo o Imperio. A primeira conſiſtio em caſar ſua irmã Placidia com Ataulfo, guerreiro formidavel, que lhe impedio vaſtas idéas com as meiguices de eſpoſa. A ſegunda foi a de gozar os mais bravos Capitães do ſeu Seculo para fa-

zer

Era vulg.

zer femblante algumas vezes carregado a tantos inimigos poderofos, e valentes. Entre todos he memoravel o famofo Conftancio, que no anno de 421 foi eleito feu adjunto, e a quem deo por mulher a Placidia., já viuva de Ataulfo. Efte bravo Principe diffipou grande número de revoltofos, expulfou os Godos das Gallias, e fizera outras acções cheias de gloria fe a morte naõ as atalhára.

Com Reis differentes viviaõ os Eftrangeiros em Lufitania, e Hefpanha juntos, e conformes. Os Wandalos obedeciaõ a Gunderico, os Suevos a Hermenerico, os Alanos a Refplandiano. Antes que elles fe eftabeleceffem, foi horrenda a fua invafaõ, que foltando a corrente nos Pyreneos, alagou innumeraveis Póvos; e penetrado o Paiz, os Wandalos, e Selingos efcaláraõ a Provincia Betica, que delles foi chamada Wandaluzia, os Suevos, e Alanos leváraõ em preza a Galliza, e Lufitania: Regiões por onde pereceo a maior parte dos feus moradores a ferro, a fome, a pefte. Em Lisboa,

boa, Mérida, e Idanha se soffrêraõ os mais pezados golpes. Idolatras, e Arrianos eraõ os novos hospedes, por isso fizeraõ maiores assolações nos Monumentos Sagrados. Para conservar intacta a pureza da Fé, e salvar as reliquias dos Santos, o Arcebispo Pancracio convocou hum Concilio em Braga. Entaõ a constancia christã dos Bispos Lusitanos foi mais poderosa, que todos os esforços das potencias heretica, e gentilica.

Era vulg.

Dous annos esteve descarregado este flagello da indignaçaõ Divina sobre os Póvos das Hespanhas. No fim delles, pensando os barbaros, que as ruinas causadas pelo seu furor nas terras conquistadas, e nos provimentos dos moradores, tambem os comprehendia a elles, e que estabelecidos no Paiz faziaõ o mal commum: resolveraõ-se a repartir os campos, e dar aos paisanos as mesmas isenções, que antes gozavaõ. Daqui em diante entráraõ os Lusitanos a gostar mais da sociedade dos Barbaros, que da companhia dos Romanos. Entre elles viviaõ com liber-

414

Era vulg. berdade, que he o maior bem dos homens, e a isençaõ dos tributos, que he outro igual bem, lhes fazia suave o pezo do dominio.

Naõ consummada esta conquista, morreo Resplandiano, Rei dos Alanos, e Ataces seu Successor regulou com os outros Principes a demarcaçaõ dos confins. Elle ficou com grande parte da Lusitania; com huma porçaõ da Provincia Carthagineza, que se estendia até ás visinhanças de Toledo, e elegeo para sua Corte a Cidade de Mérida. Alguns dos Wandalos, e dos Selingos occupáraõ a Andaluzia. Outros das mesmas Nações, com os Suevos, dividíraõ entre si a Galliza, e o resto da Lusitania; tudo regulado de maneira, que Lisboa, e a terra, que corre pela cósta maritima até ao Minho, era dos Suevos. O restante dos Wandalos ficou dominando a Castella a velha; e segundo se presume, as Asturias, Biscaia, e algumas terras de Galliza se sustentáraõ firmes na fé, e obediencia ao Imperio Romano até á sua to-

total expulsaõ pelos Godos em dura, e dilatada guerra. Era vulg.

Quando pareciaõ mais unidos os naturaes, e estrangeiros, a ambiçaõ que destempera toda a boa harmonia, perturbou a que se ouvia deleitavel entre estas gentes. Ataces, Sectario da doutrina Arriana, que se deixou dominar daquelle monstro indigno das Coroas, assaltou com rapidez a Celtiberia, e Carpentania. Elle se mostrou com semblante triste ao Rei dos Suevos Hermenerico sobre Lisboa; tomou-lhe algumas das suas terras, e arrasou até aos fundamentos a que entaõ era memoravel Colimbria, hoje chamada Condexa. Quiz Ataces perpetuar a memoria da sua conquista, em que entendeo que o seu valor obrára esmeros gentís oppondo-se a huma resistencia animosa. Elle escolheo as margens do Mondego para fundar na illustre Coimbra hum Colosso immortal para gloria das suas façanhas. Obra logo no principio feita com magnificencia; mas impiamente traçada, por serem assentadas as pedras na cal molhada com

o

Era vulg. o suor dos Bispos, e Sacerdotes, cativos pelo Rei herege nas correrías passadas.

Hermenerico era muito bizarro, e muito valente para soffrer calado o injusto rompimento de Ataces. Elle, confederado com Gunderico, marchou com bastantes forças a impedir a obra, em que achou occupado ao valeroso Alano. Sem largar de huma maõ as ferramentas, tendo na outra as armas, Atacés atacou os Colligados com tanta corage, que lhe fez o exercito em postas. Como vencedor aguerrido, elle soube proseguir a victoria, e recolher della vantagens. Ataces estimou por huma das mais grandes recolher-se á sua nova Cidade acompanhado da virtuosa Cindasunda, filha de Hermenerico, que lha deo por mulher, acabando a guerra em alliança feliz, que deo origem ás illustres Armas da Cidade de Coimbra.

Taõ grande ecco fez o estrondo das proezas de Ataces, que chegou aos ouvidos de Honorio em Ravena. Quando elle sentia ó estabelecimento de Constancio em França; o de Ataul-

fo

ſo na Gallia Narbonenſe; os cuidados ſe lhe augmentáraõ com a noticia das invasões de Ataces nas terras, que em Heſpanha ſeguiaõ a voz do Imperio. Neſta ſituaçaõ critica Honorio tomou o expediente de ordenar ao Principe Conſtancio, em que acabei de fallar, que marchaſſe com forças correſpondentes a reprimir os inſultos commettidos em França, e Heſpanha. A primeira expediçaõ do grande Conſtancio foi em França contra o Tyranno do ſeu meſmo nome, que elle ſitiou na Cidade de Arles. Perdeo a corage o uſurpador, e preſumio ſalvar a vida trocando a Toga Imperial por huma cogula de Religioſo; mas naõ lhe valeo a invençaõ para eſcapar á violencia da juſta, e merecida morte.

Era vulg.

Desbaratado, e morto o pai, Conſtancio vencedor determinou dar o meſmo fim a ſeu filho Conſtante. Quando contra elle movia as armas, foi avizado como o Capitaõ Geroncio, tambem rebelde a Honorio, e que pelo defunto Conſtancio ſuſtára em Heſpanha a Carpentania, e Celtiberia,

ha-

Era vulg. havia tirado a vida a Conſtante em Vienna do Delfinado. Eſta morte facilitou a Geroncio fazer acclamar por Imperador em Heſpanha a ſeu amigo Maximo, e querendo teimoſo ſuſtentarlhe o titulo, os ſoldados Romanos zombando delle, e da ſua covardia, lhe derrotáraõ o projecto com a perda da vida. Eſmaiou Maximo com a falta do ſeu Protector mais induſtrioſo, que valente, e para evitar fim ſemelhante, antes que huma morte de eſtrondo, eſcolheo huma vida miſeravel, occulto, deſconhecido, e pobre, mas ſem ſuſtos, no interior de Heſpanha.

Juſtamente fiava Honorio do famoſo Conſtancio o complemento da ſua felicidade á viſta do modo facil com que elle havia diſſipado a rebeliaõ de França, e reſtituido a Provincia de Inglaterra. Encarregou-lhe o Imperador a guerra contra ſeu cunhado o Godo Ataulfo, que atacado por Conſtancio, foi obrigado a abandonar a Gallia Narbonenſe, e a entrar em Heſpanha pelo Ruiſelhon. Em Catalunha fez Ataulfo o ſeu aſſento; elegeo por Corte a

Bar-

Barcelona; foi adiantando as conquistas até dominar Hespanha, como irá mostrando a nossa Historia. Era vulg.

Taõ desmedido era o valor, e dexteridade de Constancio, que obrigou o dos Godos a suspender a ferocidade, a respeitarem o seu nome, a admitirem propostas de paz com o Imperio. O Rei dos Alanos Ataces teve por indecoroso seguir este exemplo, e sendo grande o seu poder, como senhor da maior parte da Lusitania, e de outros muitos Estados, fiado nelle, naõ foi continuando as conquistas sobre as Cidades Romanas; mas tratando as Naçōes Wandala, e Sueva com magestade de Soberano, sendo todos companheiros, A arrogancia, e a ambiçaõ de Ataces assim foraõ ao longe traçando a sua ruina pelos mesmos meios, por onde elle se dispunha para avançar os interesses, e a gloria. Toda Hespanha principiou a arder com o fogo da guerra, que elle atiçou para devorar aos Selingos, e Wandalos, como se aos vexados pela iniquidade podes-

sem

Era vulg. ſem faltar amigos, que os livraſſem das mãos da injuſtiça.

418 Entaõ ſe alliou Conſtancio com Walia, Rei dos Godos, que do tempo de Ataulfo ficáraõ dominando em Catalunha, para repararem o golpe, que podia ferir a ambos nos Eſtados reſpectivos. Os bravos campos eſtimulados ſe atacáraõ nos contornos de Mérida, hum empenhado em ganhar terras alheias, outro reſoluto em ſuſtentar as proprias. Largas horas abyſmáraõ as gentilezas de Ataces a corage dos Romanos, e dos Godos em huma batalha, aonde mais que o valor, brigava, e ſe batia huma emulaçaõ com outra. Para naõ ganhar a victoria, parece que foi neceſſario perder Ataces a vida, e ſó eſta perda foi origem de todo o eſtrago. Abandonáraõ a campanha as reliquias deſtroçadas; humas buſcando em Galliza o amparo de Gunderico, que pouco antes haviaõ tratado como inimigo; outras acháraõ refugio entre os Suevos de Lisboa. Conſtancio naõ recolheo em Heſpanha os frutos da victoria pelo chamar a Italia

lia a rebeliaõ de Tertulo, que aperta- Era vulg.
va os eſpiritos de Honorio. Antes de partir encomendou elle a guerra a ſeu amigo Walia, que paſſava com deſembaraço pelas terras mais eſcabroſas de Heſpanha.

CAPITULO IV.

Principio das invasões dos Godos na Europa até ſe fazerem ſenhores de Heſpanha.

DEPOIS que os bravos Godos ſahíraõ das Regiões Septentrionaes, que foraõ o berço commum de tantas Nações intrepidas, e com feliz atrevimento circuláraõ a Europa toda: Elles, deixando nas margens do Viſtula entregue aos Gepidos o ſeu Paiz natural, ſe eſtabelecêraõ nas Gallias, donde transferíraõ o dominio para Heſpanha. O primeiro que entre elles ſe reconhece Rei he Ataulfo, ainda que na meſma Heſpanha tiveraõ muita authoridade Atanarezo, e Alarico no Governo do Imperador Honorio. Eſte

So-

Era vulg. Soberano, atemorizado com os rápidos progressos de Alarico, lhe cedeo as Gallias, e a Hespanha por conselho de Stilicon seu privado, com condiçaõ, de que naõ molestaria as outras Provincias do Imperio.

Acceitou Alarico os partidos; mas Stilicon sem palavra intentou com exercito poderoso impedir-lhe a passagem dos Alpes. Justamente escandalisado da perfidia o magnanimo Godo, elle talhou em peças as tropas de Stilicon, e voltou á Lombardia para mostrar o seu resentimento a toda Italia. Este projecto lhe levou o resto da vida, e naõ sendo elle do nosso assumpto, nos voltamos para Ataulfo, sobrinho, e Successor de Alarico, que continuou a vingança do tio sobre Stilicon em Italia, até ao escalamento de Roma, aonde fez prisioneira a Placidia Galla, irmã de Honorio, que elle recebeo por mulher, e depois o foi do grande Constancio, como fica dito. Em Ataulfo pois teve principio o Reino dos Godos em Hespanha, que lhe foi dada em dote pelo Imperador seu cunhado.

413

El-

Elle muito poderoſo com a uniaõ dos Eſtados de Italia, que herdára de Alarico, ao novo dominio de Heſpanha, quiz proſeguir contra o meſmo Imperador as idéas de Alarico; mas os rogos de Placidia, que elle amava com extremo, obrigáraõ a ſuſpender as armas. Os ſoldados porém, que na falta da guerra, ſentiaõ a dos deſpojos, tiráraõ a vida a Ataulfo, e a alguns dos ſeus filhos. O meſmo ſuccedeo a Sigerico ſeu Succeſſor, porque intentou conſervar a paz. Walia, ainda que tinha as meſmas idéas pacificas, como a confederaçaõ com Conſtancio, em que acabei de fallar, o obrigou a pegar nas armas, os vaſſallos ficáraõ ſatisfeitos, elle goſtoſo com a victoria ganhada ſobre o Rei Ataces, e reſoluto na auſencia de Conſtancio para Italia a continuar a vantajoſa guerra em Heſpanha.

Era vulgar 416

Os Alanos derrotados com Ataces na batalha referida viviaõ em ſocego na ſociedade dos amigos, que os recebêraõ, quando Walia atacava aos Wandalos, e Selingos de Andaluzia.

Era vulg. Perſeguidos eſtes de inimigos taõ poderoſos, ſe offerecêraõ, para lhe augmentarem as forças, ao Rei Gunderico, que os recebeo mais com politica, que com caridade. Os Alanos que antes haviaõ procurado a protecçaõ do meſmo Principe, elles ao contrario ſoffriaõ mal a ſugeiçaõ, e rogados pelos Wandalos, e Selingos Andaluzes taõ opprimidos pelos Godos, negáraõ a vaſſalagem promettida a Gunderico, pegaraõ das armas, e recobráraõ furioſamente as ſuas terras da Luſitania, e da Provincia Carthagineza.

Muito tempo eſtiveraõ eſtas gentes ſem Rei, governadas pelos ſeus Capitães, e reconhecendo o Imperio Romano com alguns tributos, que entendêraõ meios neceſſarios para a conſervaçaõ da ſua liberdade, e ſocego. Dizem que com o favor de Hermenerico, Rei dos Suevos de Lisboa, fundáraõ elles a Villa de Alenquer ſobre as ruinas da antiga Jerabrica, ſe he que eſta Cidade naõ tinha a ſua ſituaçaõ no lugar, aonde eſtá agora Povos. Elles lhe pozeraõ o nome de Alenkerkana,

que

que no ſeu idioma Germanico queria dizer Templo dos Alanos. Era vulg.

Por eſte modo Luſitania, e Galliza vieraõ a ficar na ſugeiçaõ de Hermenerico, de Gunderico, e dos Alanos; mas entre todos os Eſtados florecia com vantagem o de Hermenerico, e os Luſitanos ſe davaõ por muito ſatisfeitos, porque tinhaõ livre o exercicio da ſua Religiaõ, e eraõ admittidos a todos os cargos honroſos da Monarquia. Eſta bella harmonia os unio tanto, que naõ ſe diſtinguiaõ Luſitanos de Suevos; todos tinhaõ o meſmo nome, que conſerváraõ largo tempo, ainda debaixo do dominio de outras Nações, naõ lhes fazendo alguma injuria a ignorancia popular, ou huma emulaçaõ advertida, que chamava Sevoſos aos Luſitanos.

Neſta tranquillidade viviaõ elles, quando Gunderico, ambicioſo por ſugeitar aos Alanos da Luſitania, e aos Selingos de Andaluzia, declarou a guerra a Hermenerico. Elle ſuppoz, que vencido eſte Principe, tudo o mais lhe ficava facil; que o logro de todos os

Era vulg. projectos seria consequencia de hum só triunfo. Muito pelo contrario do que pensava o Rei Wandalo foraõ os successos da guerra, em que o Suevo o abateo de maneira, que sem honra, e sem dominio foi obrigado a refugiar-se nas Ilhas de Maiorca, e de Minorca. Depois sim sahio elle destas Ilhas a devastar Hespanha: assolou Carthagena; mas quando ganhou Sevilha, e quiz saquear a Igreja do Martir S. Vicente, ha quem assegure, que o Demonio o affogara entre as suas portas. Succedeo no Reino a Gunderico seu irmaõ Genserico, que dizem ser bastardo, e que foi hum Principe digno do Imperio senaõ manchasse as suas bellas qualidades com a infame nodoa da apostasia.

423 Já havia dous annos, que o grande General Constancio era fallecido, e neste que vamos tratando pagou o Imperador Honorio o mesmo tributo da mortalidade: Perda de duas vidas para trazerem, e reduzirem o Imperio Romano a tal abatimento, que daqui em diante os Successores de Honorio pareciaõ, antes que Soberanos, huns perten-

tendentes do Dominio. Aſſim o principiou a ver o Mundo em Valentiniano III., ſobrinho, e Succeſſor de Honório, em nada filho do memoravel Conſtantino. Entaõ alagado o Imperio por Nações ferozes, naõ ſe podia remediar, nem ſoffrer tanto mal; elle por toda a parte ſentindo ruinas iguaes cauſadas por armas differentes.

Era vulg.

Na carreira deſtes annos entráraõ os Wandalos em Africa, que deſde entaõ principiou a perder o explendor luminoſo das Sciencias, e dos grandes homens, que a illuſtráraõ, além das enormes crueldades, que nella executáraõ aquelles hoſpedes deshumanos: os Francos com o ſeu Rei Faramundo na frente, invadíraõ as Gallias, donde foraõ expulſando os Godos: os Pictos accomettêraõ a Graõ-Bretanha: os Lombardos inveſtíraõ a Italia: os Godos como nós vamos referindo andavaõ ſenhores de Heſpanha. Pouco depois o formidavel Attila, chamado o *Açoute de Deos*, com os ſeus Hunos, Oſtro-Godos, Cepos, Rugios, e outras Nações bellicoſas, vencida a Lombardia,

423

ap-

Era vulg. appareceo efpantofo fobre Roma, donde o fez retirar como vencido a fagrada prefença, a força fem refiftencia da veneravel Peffoa do Papa S. Leaõ.

Quando morreo Honorio era Rei dos Godos, e Succeffor de Walia, Theodorico, que deo elegantes próvas do feu valor em muitas occafiões de honra. Depois de obrar proezas grandes, e de dilatar as conquiftas, elle morreo gloriofamente com as armas na maõ na memoravel batalha, que elle, Meroveo, Rei de França, e Gundicaro, Rei de Borgonha, deraõ a Attila nas campinas de Orleans. No meio pois de tantas perturbações da Europa, parece naõ podiaõ gozar completo o defejado focego Hefpanha, e Lufitania.

Principiava o reinado de Genferico, irmaõ de Gunderico, Rei dos Wandalos, quando Ecio, General do Imperio, em plena marcha vinha com grande exercito para reprimir a furia dos Alanos, e tomar fatisfaçaõ dos damnos, que Gunderico fizera nas terras fugeitas ao mefmo Imperio. Os Alanos o efperáraõ com excellente igual-

da-

Era vulg.

dade de valor, e formatura; e Ecio, vendo a fortaleza do campo, se retirou, ou circunspecto, ou medroso. Castino, que lhe succedeo no cargo, como de Africa viera em seu soccorro o prudente, e valeroso Bonifacio, Castino logrou algumas vantagens em quanto obrou pelos seus conselhos. Destruida porém a boa harmonia entre ambos, ausente o Conde Bonifacio para o seu governo de Africa, e morto o Imperador Honorio os negocios do Imperio entráraõ a sentir em Hespanha a mesma decadencia das outras Provincias, que eu deixo referido.

427

Recolhido Bonifacio ao Governo de Africa, elle se declarou rebelde contra o Imperador Valentiniano. Para sustentar a revolta com maiores forças, elle persuadio a Genserico, entaõ perseguido por Theodoredo, Rei dos Godos, quizesse passar áquelles Paizes com os seus Wandalos, e alguns Alanos, que nelles achariaõ terras para estabelecer hum dominio, occasiões para acreditar o valor. Acceitou Genserico a offerta, e desta sua passagem a Africa re-

Era vulg. resultou nella a célebre perseguiçaõ Wandalica, que assolou as suas Regiões, e naõ he do meu assumpto.

Como a retirada de Genserico deixava o campo livre ao Rei Hermenerico para dilatar os ambitos da sua Monarquia, elle a ampliou pelas partes de Galliza, e com todo o dominio do Reino Lusitano quasi pelos mesmos confins, que tem hoje. Em contraposiçaõ as idéas de Hermenerico, o Imperador Valentiniano entendendo do retiro de Genserico lhe seria facil a reconquista da mesma Lusitania, habitada pelos Suevos, e Alanos; mandou contra elles dizem que ao seu General Sebastiano, que ganhou Lisboa aos primeiros, Mérida aos segundos. Mas os Chéfes Romanos como estavaõ no Seculo de ser rebeldes a seus Amos, Sebastiano entrou no número delles; tomou o titúlo de Rei sobre os Estados de Hespanha, que lhe durou pouco tempo pelo privarem da vida, e da dignidade os mesmos que lha conferíraõ. Com a sua morte restituíraõ os Alanos, e Suevos as precedentes perdas, e pozeraõ o seu Es-

Eſtado no explendor antigo com façanhas novas. Era vulg.

Porém o Rei Hermenerico, já cançado de trabalhos, opprimido com o pezo dos annos, e de huma grande moleſtia, elle entregou o Reino a ſeu filho o feliz Rechila, que recolheo do pai maior herança no exemplo, que no Eſtado. De hum, e outro tirou elle forças para exercitar virtudes moraes, e ganhar victorias illuſtres. Para o combater o buſcava Andebalo, General do Imperio, e Rechila lhe poupou o caminho, ſahindo-lhe ao encontro nos campos do Xenil, aonde em ſanguinolenta batalha lhe tirou a vida. Huma victoria taõ completa teve por conſequencia o rendimento de toda a Andaluzia, de Mérida, da Luſitania; mas ella foi contrapezada com a morte de Hermenerico; ſe ſe póde chamar morte a de hum Pai, que deixa no filho a imagem viva das virtudes, e qualidades. Na Villa de Bretonio, junto á de Vianna de Caminha, acabou eſte bom Rei com ſaudade dos Vaſſallos, dos eſtranhos com inveja, bem reputado de todos. 440

Rei

Era vulg.

Rei ao mesmo tempo bellicoso, e politico se mostrava Rechila a todo o Mundo, duro em combater, illuminado para conservar. Elle quando triunfante, advertio, que valia mais governar bem, que ampliar o Imperio; e tendo o seu muito dilatado, resolveo-se a desmembrallo para melhor o reger. Elle largou aos Romanos as Provincias Carthagineza, e a Carpentania, e confederado com elles, conservou em Reino grande reputação sublime.

448 Sómente oito annos sobreviveo a seu pai, e tambem na morte naõ teve que sentir, por deixar em Riciario hum filho no valor, e talentos igual, na Religiaõ, e virtudes christãs muito mais feliz.

Achou Riciario hum Reino dilatado; mas inquieto pelos espiritos intrigantes, que trabalbaõ por todas as maneiras para fazer proprio o que pertence, e só deve pertencer ao commum. Inspirou-lhe a sua politica, que para pôr o Estado em segurança, fosse dando morte a todos em segredo, com especialidade aos seus parentes, que se

ti-

tinhaõ deixado dominar do meſmo eſpirito revoltoſo. Oppoſto aos ſentimentos de ſeu Pai, e longe de conſervar as ſuas allianças, pegou das armas, e naõ queria conſentir, que dos Pyreneos a eſta parte houveſſe, nem veſtigios de Romanos. Por Navarra principiou elle a guerra, e depois de derramar o terror por toda Heſpanha, naõ ſe poupou a trabalho, naõ houve embaraço, que naõ venceſſe para entrar em França a ver ſeu Sogro Theodoredo, Rei dos Godos.

Era vulg.

451

Com ſoccorros, e brios novos voltou Riciario para Heſpanha, aonde foi exterminando Romanos, ganhando Cidades, e Provincias; os ſoldados enriquecendo-ſe com deſpojos; elle fazendo-ſe reſpeitavel pela multidaõ dos triunfos, até vir deſcançar, e depôr o pezo delles na Luſitania para ſó ella celebrar os meſmos triunfos, em que os ſeus naturaes tiveraõ a melhor parte. No apogêo da felicidade eſpirou para Riciario a fortuna com a morte de ſeu Sogro Theodoredo, que trouxe comſigo a deſuniaõ, e rotura de Riciario

Era vulg. rio com ſeu cunhado Theodorico. Elle o ameaçou ſem razaõ, de que havia marchar a França tomar-lhe miudas contas das ſuas offenſas, talvez imaginadas. O bravo Godo ſe adiantou em lhas vir dar em Heſpanha, e junto a Aſtorga tiveraõ o encontro, taõ pezado para Reciario, que ficou eſmagado debaixo do valor do Godo, juntamente com as antigas glorias da Naçaõ Sueva, á qual o ſeu Rei tranſportado da muita fortuna, traçou a maior deſgraça.

456 Deſamparado de todos, mal ferido, e conſternado chegou Riciario á Cidade do Porto; mas como já lhe faltavaõ os apparatos da mageſtade; como era olhado hum ſimulacro de independencias; como o viaõ Rei ſem fazer mercês, nem ter que dar; elle foi logo prezo, e entregue a Theodorico, que ſó lembrado da injuria, ſem lhe fazerem eſpecie as razões de ſangue, com deshumanidade lhe mandou cortar a cabeça. Com eſta vida acabou a illuſtre geraçaõ dos Reis Suevos, deſcendentes de Caiano, Pai de Hermenerico,

co, e com ella espirou a magestosa grandeza Lusitana, que muitos seculos depois naõ restituio perda taõ sensivel. Era vulg.

Theodorico victorioso de hum Rei taõ bravo, sugeitou com forças, e industrias as gentes até entaõ indomaveis; e abafando algumas rebeliões, ficáraõ os Suevos dominados pelos Godos, taõ afflictos pelas ruinas da Patria, que deposta a inclinaçaõ das armas, só desejavaõ receber da maõ de Theodorico hum Chéfe natural, que os governasse. Sempre os espiritos Lusitanos, ainda no abysmo dos seus abatimentos, suspiravaõ por ter a Magestade no seu Throno. Os Bispos tomáraõ este negocio á sua conta, especialmente Idacio de Lamego, que na testa de outros passou a França, e obtendo liçença de Theodorico para a nomeaçaõ, elegêraõ Rei a Masdra. A nobreza porém, que naõ esteve presente á sua inauguraçaõ, acclamou a Franta, ambos os Principes com subordinaçaõ a Theodorico, que estimou a divisaõ para conservar melhor a superioridade.

Por

Era vulg.

Por estes tempos a céga paixaõ, que o Imperador Valentiniano tinha pela mulher de Maximo, estimulou este Tyranno, que se quiz mostrar honrado, desaggravando a injúria com o parrecidio do seu Soberano. Como ninguem se lhe oppunha, elle se fez acclamar Cesar, e recebeo por mulher a viuva Imperatriz Eudoxia. Ella mais sensivel á morte do primeiro Esposo, que tocada das ternuras do segundo, chamou para vingador do seu sangue a Genserico, que reinára na Lusitania, e veio de Africa com os Wandalos desaggravar Eudoxia, matar a Maximo, e lançar o seu cadaver no Tibre.

CAPITULO V.

Do que succedeo na Lusitania depois da divisaõ entre os Reis eleitos Madrasta, e Franta.

A DIVISAÕ em que deixamos a Lusitania entre os dous Reis Masdra nomeado pelos Bispos, e Franta eleito pela Nobreza, ella naõ tardou muito tem-

tempo em produzir os ſeus vulgares ef- Era vulg.
feitos. Em guerra inteſtina entrou a
conſumir-ſe hum meſmo Povo, e já
quentes os animos, ella naõ ſe acabou
com a vida dos dous Rivaes, ambicio-
ſos competidores. A Maſdra ſuccedeo
ſeu filho Remiſmundo, Frumario a ſeu
Pai Franta, e ambos herdeiros da per-
tençaõ, e do odio, aggraváraõ o mal,
obſtináraõ a porfia, e todas as nodoas,
que a ambiçaõ lhes deixava nas pur-
puras, eraõ lavadas com ſangue. 464

Prevaleceo o partido de Remiſ-
mundo por desfalecer o de Frumario
com a ſua morte. O Rei já em paz
ſe temeo da grandeza, em que achou
o Reino, naõ pelo Reino; mas pelo
ciume, que cauſaria a Theodorico,
que com viſta pezada olharia eſſa gran-
deza prejudicial aos ſeus intereſſes em
Heſpanha. Mas Remiſmundo, fino poli-
tico, quando as maiores forças lhe fa-
cilitavaõ os meios para ſacodir o jugo
dos Godos; elle com ſubmiſſaõ mais
reverente repreſentou a Theodorico,
que ſería Rei em quanto elle quizeſſe,
bem entendido, que a ſugeiçaõ ao ſeu
Im-

Era vulg. Imperio era para Remiſmundo a maior vantagem.

Tanto ſe fez Theodorico ſenſivel a eſta igualmente affectada, e humiliante repreſentaçaõ, que naõ ſó confirmou o Reino em Remiſmundo; mas para ſublime marca, e real deviſa da ſua eſtimaçaõ para com elle, lhe mandou de França huma filha ſua para eſpoſa. O apparato magnifico com que a Princeza entrou em Heſpanha, foi outra demonſtraçaõ evidente da complacencia de ſeu Pai. Grande, brilhante foi eſta alliança; mas nella veio á Luſitania hum grande mal. Remiſmundo, e o ſeu Povo profeſſavaõ os Dogmas Catholicos: a Princeza ſeguia os erros de Arrio: ella nas caricias do thalamo communicou a hereſia ao Principe, elle o veneno ao Povo no exemplo.

490 Aſſegura-ſe, que cem annos eſtiveraõ as noſſas gentes infecionadas deſte ſciſma, e por outros tantos he ignorada a ſucceſſaõ dos Reis Suevos. Parece que o cuidado, que teve ſempre a Providencia na pureza da Fé Luſi-

ſitana, a determinou a caſtigar com o esquecimento a perfidia deſtes Principes. Sim ha quem ſe lembre dos nomes de Theodulo, Varamundo, Miro, Faramiro, e outros; mas ſem acçaõ digna de Reis até Theodemiro, que deo fim ao ſciſma como diremos em ſeu lugar. Outro golpe deſcarregou a indignaçaõ divina ſobre Heſpanha na entrada, que fez nella Euarico, Rei dos Godos, que principiando por Luſitania as ſuas emprezas, dominou, e levou á eſcala grande parte della.

Era vulg.

Dizem-nos, e nos affirmaõ como verdade conſtante, que naquelles annos calamitoſos confortava Deos entre nós a ſua Fé com hum milagre annual indeffectivel. Em hum Templo, que entaõ havia, fundado no termo da Villa de Oſſel ás margens do rio Cambra, de que nos aſſeguraõ, que naõ ha muito tempo ſe conſervaõ veſtigios, eſtava hum tanque em forma de Cruz, todo o anno ſecco: Que nos dias da Semana Santa, tempo deſtinado para o bautiſmo dos mininos, que

494

Era vulg.

nasciaõ naquelle anno, os Prelados fechavaõ as portas até ao Sabbado Santo: Que neste dia entrava o Povo no Templo, e se via o tanque naõ só cheio de agua; mas com hum alto, e prodigioso cogûllo, que naõ se derramava por fora das paredes: Que o benzia o Bispo com o Chrisma, e que bautizado o primeiro minino, se abatia o cogûllo, e ficava o tanque razo: Que continuava a ceremonia, e acabada ella, de repente se seccava o tanque, como se nunca nelle tivesse havido agua. Depois de muitos exames prudentes, e observações circunspectas, que dizem se fizeraõ para qualificar este milagre, tida a verdade por constante, ella confundia huns dos Arrianos obstinados, convertia outros de espiritos flexiveis.

Os trabalhos que nas idades que tratamos, molestavaõ Hespanha, os mais sensiveis tocavaõ aos Romanos, assim nella, como em muitas outras Provincias do seu Imperio abatido. Todas as Nações estabelecidas, e derramadas por Hespanha atacavaõ as suas

Ci-

Cidades, e levavaõ em preza aos seus campos. Genserico com os seus Wandalos fazia o mesmo na Italia, e ainda que o Imperador Maioriano o venceo, e expulsou da Campania, aonde andava despotico, obrigando-o a recolher-se para Africa: quando Maioriano se preparava para na mesma Africa ir descarregar sobre elle mais pezado golpe; o traidor Ricimero, General das suas tropas, o obrigou a despir a purpura, e lhe mandou dar deshumana morte.

Era vulg.

Seguíraõ-se a ella novas calamidades no Governo do seu Successor Severo Libio, já entaõ como esquecidos os negocios Romanos na Hespanha, e Lusitania, e reputada como presagio dos ultimos arrancos do Imperio a invasaõ de Bioco, Rei dos Alanos, ou Alemães, que metteo a saco, talou, consumio as mais florecentes Provincias. Ricimero sim despicou tantas injurias, e estragos, tirando a vida a Bioco, e fazendo-lhe o exercito em postas na batalha sobre o Lago Benaco, que agora se chama da Guarda.

Era vulg.

Mas esta vantagem, e todas as mais glorias do Imperio por todos os Estados delle ficaraõ abafadas debaixo da inacçaõ, e indolencia dos Imperadores Anthemio, Olibrio, Glicerio, Julio Nepos, até ao desgraçado, e infeliz Augustulo; que sobio ao Throno no anno de 475, e no seguinte foi lançado delle por Odoacro, Rei dos Herulos, que o prendeo em hum Castello de Napoles, e carregou de pezados grilhões a todo o Imperio.

Entaõ ficou elle debaixo do dominio dos Reis Herulos, e Ostro-Godos, governado noventa, e dous annos por nove daquelles Principes desde Odoacro até Teya. Esta invasaõ dos Ostro-Godos, e Herulos em Italia foi solicitada pelo Imperador Julio Nepos, que sendo desthronado por Augustulo, quando pedia o favor dos estrangeiros para o seu restabelecimento, metteo no Imperio os instrumentos da sua ultima ruina. Odoacro sim usou com moderaçaõ da victoria; mas como he raro o jugo estranho, que seja leve, os Romanos, ainda que bem tratados, se

sen-

ſentiaõ opprimidos. Era Odoacro in- Era vulg. cançavel nas armas, que moveo ainda quentes contra os moradores das viſinhanças do Baltico, aonde fez priſioneiro a Felctho, Rei dos Rugios.

A favor deſte Principe infeliz entrou por Italia Theodorico, Rei dos Godos, que no Paiz de Veneza derrotou a Odoacro, e o ſitiou em Ravena. Depois de dous annos de dura reſiſtencia, elle foi obrigado a pedir paz a Theodorico, e a repartir com elle o Imperio com grandes vantagens para os Godos, que naõ foraõ de muita duraçaõ em França. Com Amalaſſunta, filha deſte Theodorico, Rei dos Godos em Italia, caſou Alarico, filho de Euarico, que o era dos Godos em Heſpanha, e Arriano de profiſſaõ. Clovis, Rei de França, que havia abraçado a Religiaõ Catholica, para a ſuſtentar, e promover, para defender, e ampliar o ſeu Eſtado, elle rompeo com Alarico, e lhe tirou a vida na célebre batalha de Poitiers. Com eſta victoria perdêraõ os Godos quaſi todos os Dominios, que tinhaõ

em

Era vulg. em França, ſem lhes reſtar mais Praça forte além da de Septimania, que haviaõ recebido da maõ dos Romanos.

507 Amalarico ficou de tenra idade por morte do Pai, e da ſua menoridade ſe aproveitou Gelaſio, irmaõ baſtardo de Alarico, para lhe uſurpar o Reino com o eſpecioſo pretexto, de que o fazia para vingar nos Francezes a morte, que tinhaõ dado a ſeu irmaõ. Affectando eſte deſignio, elle contrahio huma alliança com o ſobredito Theodorico, Rei de Italia, e campeou victorioſo na

511 Gaſcunha, e Languedoc. Porém Theodorico mais juſto, que elle, conhecendo os intentos de Gelaſio, o expulſou de Heſpanha para reſtituir Amalarico ao Reino, de que era legitimo ſenhor. Eſte Principe ſoberbo, e cruel herege, foi taõ pertinaz no erro, que até o arraſtou a tratar impiamente a ſua Eſpoſa a virtuoſa Clotilde, irmã de Childeberto, Rei de França, criada com as ſantas doutrinas de ſua mãi Clotilde. Soffreo ella as injurias em quanto da peſſoa naõ paſſáraõ ao caracter, e á Religiaõ; mas deſprezado

tu-

tudo pelo Principe cego, ella se queixou a seus irmãos, que pia, e generosamente estimulados, vieraõ a Hespanha, e com hum golpe vingáraõ da Religiaõ os sacrilegios, da Magestade os desacatos.

Era vulg.

531

Foi morto Amalarico, e lhe succedeo Theudis, que desfez os Francezes, e os empatou na passagem dos Pyreneos, que naõ poderaõ romper sem lhes abrir as portas com chaves de ouro. Childeberto naõ pode soffrer esta affronta sem despique; e voltando a Hespanha com estimulos novos, o furor se converteo na maior felicidade para o Paiz atacado. Elle o empregava todo em obrigar os Póvos a reabraçar a Religiaõ Catholica, acabados de reduzir pelo exquisito milagre de ficarem as suas trópas immoveis, quando quizeraõ no dia de Domingo atacar huma das Cidades dos Romanos. Sahíraõ estes da Praça para dissiparem as que pareciaõ estatuas; mas ellas tivêraõ agilidade nos pés para acelerada fugida, sem a perda de hum só homem.

Theu-

Era vulg. 548

Theudisilo succedeo a Theudis; que foi morto por hum soldado, que entrou no seu gabinete fingindo-se louco. Foi Theudisilo taõ cruel, que os mesmos vassallos para o assassinarem o convidáraõ em Sevilha para huma cea; e a estas calamidades dos Godos em Hespanha respondiaõ como ecco as dos Godos em Italia. Naõ podendo Athalarico pela sua apressada morte pôr em execuçaõ as altas idêas, que lhe inspiráta sua mãi Amassùnta, filha de Theodorico, e Regente do Estado; ella sobrevivendo a seu filho, collocou no Throno ao ingrato Theodato, que lhe pagou o beneficio com o desterro para a Ilha do Lago de Bolsena, e consentio que os seus inimigos lhe tirassem a vida.

O Imperador Justiniano tomou á sua conta o desaggravo desta Princeza, e mandou a Italia ao famoso Belizario, prodigio de constancia em ambas as fortunas, que perseguio por toda a parte a Theodato. Elle rendeo Napoles, e Sicilia; acantonou-o em huma pequena parte do Estado, e o poz em

cons-

conſternacaõ de fazer acclamar Rei ao Capitaõ Vitigo, que era muito amado dos Godos; mas elle mandou aſſaſſinar a Theodato, para que foſſe hum traidor verdugo de outro traidor, ambos infames. Neſte reinado de Vitigo ſe fez Belizario abſoluto ſenhor de Italia: ſugeitou Roma, que Vitigo pertendeo reſtaurar ſem effeito, e ſempre perſeguido, o ſitiou, e fez priſioneiro em Ravena com toda a Familia Real, que mandou para Conſtantinopla. Era vulg.

A Hildebaldo, e a Evarico, Succeſſores de Vitigo, ſervio o Throno de cadafalço, a Purpura de mortalha. Porém o memoravel Totila com multiplicados triunfos renovou a abatida corage dos Godos. Depois de ganhar muitas batalhas, de conquiſtar Cidades, e Reinos, tambem ſe fez ſenhor de Roma, aonde eſqueceo a politica da guerra arraſtado de hum furor barbaro. O Imperador Juſtiniano ſe laſtimava dos trabalhos de Italia, e ordenou ao ſeu General Narſes, que na teſta de muitas trópas vieſſe ter maõ no desbocado enxurro das ſuas oppreſsões. Variáraõ

os

Era vulg. os succeſſos com a mudança de Cabo, e Totila até entaõ formidavel, principiava a ſer huma irriſaõ da fortuna, ſe a morte naõ lhe atalhára as deſgraças.

Deſte modo corriaõ aquelles annos em ſucceſſos jornaleiros até ao Governo do ultimo Rei Teya, quando declinou de todo o Imperio dos Godos em Italia. Como elle era ſoldado de muito valor, Narſes, ainda que de eſpirito ardente, reſolveo-ſe a obrar reportado, para que a confiança indiſcreta naõ malograſſe nos triunfos a gloria, que ſe adquire com a circunſpecçaõ bem regulada. Elle caminhava a paſſo lento; mas innundando a Italia com huma torrente de victorias, que tiveraõ por conſequencia a reſtauraçaõ de Roma, e a conquiſta de muitas Provincias. Occupada parte das ſuas trópas em ſitiar a Cidade de Cumas, Narſes empenhado em ſuſtentar o ſitio, Teya em ſoccorrer a Praça, travárаõ o ultimo conflicto, que decidio a cauſa contra os Godos. Hum dia inteiro durou a horroroſa batalha, e morrendo nella o bravo Teya, ainda os ſeus ſoldados a

re-

renováraõ no ſeguinte : mas faltando-lhes o eſpirito generoſo, que os animava, houve de ceder o caprixo, já cançada a obſtinaçaõ. Aſſim acabou o Imperio dos Godos em Italia depois de competir tantos tempos com o Imperio formidavel dos Romanos, e paſſou a fazer alta figura em Heſpanha até ao Reinado do infeliz Rodrigo, como irá moſtrando a Hiſtoria.

Era vulg.

LI-

LIVRO V.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continuaçaõ do Reinado dos Godos, contraido a Hespanha, desde Agila até ao Catholico Rei Recaredo.

Era vulg. 549

QUANDO em França, e Italia aconteciaõ aos Godos os successos, que acabo de referir; Agila era Rei, e governava aos Godos de Hespanha. Elle se embaraçou com os Cordovezes; controversia, de que tirou taõ poucas vantagens, que vencido, e roto, teve de buscar o refugio das terras de Lusitania. Nellas refez as forças para marchar contra Atanagildo, que levantando-se com Sevilha, e ajudado do favor, e trópas do Imperador Justiniano havia tomado o titulo de Rei de Hespanha. Agila foi taõ infeliz nesta expediçaõ, que ás mãos de Atanagildo perdeo a vida, e nellas lhe deixou o Reino.

Ata-

Atanagildo, que influio os Vaſſallos do ſeu competidor para em Merida lhe darem a morte, agora o reconheceraõ todos ſenhor do Dominio dos Godos em Heſpanha, que ampliou com o da Luſitania deſde a foz do Téjo, até ao Promontorio Sacro ou Cabo de Saõ Vicente. Como porém aos uſurpadores a enormidade do crime naõ os deixa ſocegar com remorſos, a Atanagildo entráraõ a cauſar ſuſtos os meſmos Romanos ſeus auxiliares, que a tom de amigos ſe hiaõ apoderando das Cidades.

Era vulg. 554

Faz-ſe Atanagildo lembrado na Hiſtoria por dizerem os Ataides de Portugal, que trazem delle a origem; e por ſua filha Bruniquilda, mulher de Sigeberto, Rei de Auſtraſia, e depois de Meroveo, filho de Chilperico, Rei de França. Mais que ſevéra, he triſte a critica, que contra eſta Princeza eſcrevêraõ as penas do Monge Aymonio, de Fredegario, e do Abbade Jonas. Ellas a pintaõ a todo o mundo hum receptaculo de avareza, de ambiçaõ, de ira, de perfidia, de crueldade, em fim,

Era vulg. fim, hum seminario de luxuria, e impudicicie. Mas a seu favor se pozeraõ em campo os dous Santos Gregorios Magno, e Turonense, que com a sua authoridade alimpáraõ a immundicie, que nas correntes puras da Historia lançáraõ aquellas trez fontes infectas para manchar a reputaçaõ, e a purpura de huma Rainha.

564 Já por estes annos tinha espirado o Seculo do Scisma, que inficionou os nossos Suevos, e sobre elles reinava Theodemiro. Elle tinha a sua Corte em Braga, e professava o Arrianismo; mas veio a abjurallo tocado do milagre com que S. Martinho Turonense lhe curou hum filho já desamparado das forças da natureza, e dos soccorros da arte. Agradecia Theodemiro a graça ao seu santo bemfeitor com mandar vir de França entre os apparatos de pompa brilhante huma Reliquia sua. Deos, que paga as boas intenções além do que ellas merecem, quando o Rei esperava hum pedaço do corpo de S. Martinho morto. Elle lhe mandou na sua companhia outro S. Martinho vivo,

e

e inteiro, mandado pelos ſeus impulſos ſuperiores deſde a Grecia para aniquilar o Arianiſmo na Luſitania. Foi eſte ſegundo S. Martinho Biſpo na Igreja de Dume, que o Rei Theodemiro levantou com a invocaçaõ do primeiro.

Era vulg.

Elle diſſipou as denſas nuvens da hereſia, e reſtituido o Povo Luſitano á ſua antiga crença, tratou o Rei com o Arcebiſpo de Braga Lucrecio, de convocar hum Concilio na ſua Igreja, que foi o primeiro, aonde houveraõ definições de Fé, refórma de coſtumes, com a repartiçaõ, e termos das juriſdicções de cada Dioceſe: tudo regulado, e diſpoſto com tal acerto, que o Rei Wamba nada innovou na repartiçaõ geral, que depois fez. Com a gloria de ter conſeguido eſtes triunfos, tanto mais eſtimaveis, quanto ſaõ mais fortes os inimigos da alma, que os do corpo, morreo o catholico Rei Theodemiro; e além della, com a conſolaçaõ de deixar em Ariamiro hum Succeſſor, que ſendo filho de milagre, mereceria a eſpecial protecçaõ do Ceo para fazer feliz o ſeu governo.

570

Dous

Era vulg.

Dous annos antes da morte de Theodemiro havia espirado em Italia o Reino dos Godos, como dissemos, e sobre a sua ruina se fundou o dos Lombardos, como vamos a ver. O Imperador Justiniano, mostrando a pessoa ingrata, ou a magestade esquecida, entrou a tratar a Narses depois de vencedor com tanta aspereza, que se esqueceo da fidelidade só para lembrar a injuria, mudando para perfidia a que só devêra ser dor. Elle chamou em segredo a Alboino, para que viesse a Italia, menos a soccorrello, que a despicallo. Com huma poderosa armada entrou nella o novo hospede, e levando tudo a ferro, sangue, e fogo, sómente escapáraõ da sugeiçaõ, e do estrago Roma, Ravena, e poucas das Cidades maritimas.

Godos, e Romanos ficáraõ quasi dous Seculos dominados pelos Reis Lombardos desde Alboino até Desiderio, que no anno de 774 foi desthronado pelo esforço do Imperador Carlos Magno. Povoáraõ os Lombardos, ou Longobardos, assim chamados em ra-

zaõ

zaõ das ſuas barbas longas, ou compridas, a Gallia Ciſalpina, que delles tomou o nome de Lombardia; e entráraõ a fazer-ſe temidos dos viſinhos, célebres entre os diſtantes, de todos reſpeitados. Naõ tardáraõ elles muito em querer exterminar o Governo Real, e para iſſo elegêraõ trinta Capitães, que chamáraõ Duques, e tiveraõ ſuprema authoridade ſobre o Povo por eſpaço de doze annos. Eſtes Principes, aberto o caminho de Arimino, com huma corrente prodigioſa de victorias, dominados os Godos, e Romanos, tomáraõ a Umbria, parte do Piceno até ao Apenino, a Regiaõ dos Marſos, Pelingos, Samnitas, toda a Campania, excepto Napoles, e o mais Paiz até Roma; ficando o reſto do Reino de Napoles, menos o Ducado de Benevento, na ſugeiçaõ do Imperio do Oriente.

Era vulg.

Quando os Godos, e Romanos participavaõ das deſordens de Italia, huns, e outros nos Dominios reſpectivos conſervavaõ o explendor em Heſpanha. O dos Godos ainda ſe fez mais lu-

Era vulg. luminoſo com a extinçaõ do Reino dos Suevos, a que nos vai conduzindo a Hiſtoria. Com felices auſpicios havia Ariamiro ſobido ao ſeu Throno, por applicar os primeiros cuidados de Rei aos negocios da Religiaõ. Imitador dos exemplos de ſeu Pai Theodemiro, convocou o ſegundo Concilio Bracarenſe, conſultando primeiro a S. Martinho de Dume, que tinha ſuccedido

577 a Lucrecio no Arcebiſpado. Preparado com o zelo, que moſtrou pela Igreja Santa, pegou Ariamiro nas armas contra os Póvos Rucones, que alguns entendem ſer os Aragonezes, outros os Navarros, e com guerra terrivel os deixou domados.

Perturbou a Ariamiro o goſto das victorias o herege Godo Leovigildo, que ſeu irmaõ Liuva, Rei dos Godos da Gallia Narbonenſe, elegêra por companheiro, e Succeſſor nas terras de Heſpanha, e que com grande poder appareceo nas fronteiras de Ariamiro, bem deſcuidado de ſemelhante viſita. Depois de muitos eſtragos, de impoſſibilitado o Rei para a reſiſtencia,

el-

elle teve de pedir huma paz, que moderaſſe a ambiçaõ de Levigildo, e dictados os Artigos, ſenaõ pelos eſpiritos do valor, pelos apertos da neceſſidade.

Era vulg.

De ſua primeira mulher Theodora, filha de Severiano, Duque de Calabria, tinha já Leovigildo aos dous Principes Recaredo, e Hermenegildo, fructos eſpecioſos de roim arvore, filhos merecedores de melhor Pai. Ambos, como elle, eraõ entaõ ſectarios de Arrio; ambos por ſua mãi ſobrinhos dos Santos Doutores Leandro, Fulgencio, e Iſidoro, elles depois illuminados por luzes taõ brilhantes, que inflamáraõ hum para dar a vida pela Fé, e illuſtráraõ o outro para ſer o Apoſtolo dos ſeus vaſſallos. Hermenegildo nos ſeus deſpoſorios com Ingunda, filha de Sigeberto, Rei de Auſtraſia, recebeo della os primeiros elementos da Religiaõ Catholica, dote para elle o mais precioſo, para ſeu pai o da mais baixa valia. Deſenfreou-ſe o furor do herege Leovigildo contra ſeu filho ſanto, e entrou a perſeguillo como verdugo barbaro.

F ii El-

Era vulg.

Elle ſem amparo entre os ſeus, buſcou a protecçaõ do Rei Ariamiro, que o recebeo com entranhas de Catholico, e o abandonou depois com maximas de Politico. Na primeira reſoluçaõ bem ponderada expoz Ariamiro o Reino por defender hum Principe fiel; na ſegunda mal advertida, pelas razões de Eſtado perſeguio o meſmo Principe com infidelidade indigna em hum Soberano. Como Hermenegildo ſe retirou para Sevilha, ſeu Pai o ſitiou neſta Cidade, acompanhando-o com as ſuas tropas o Rei Ariamiro, que tendo combatido a favor de Hermenegildo muitas vezes, agora o atacava, ſendo o meſmo Principe, a cauſa a meſma.

Debaixo dos muros da Praça ſobreveio a Ariamiro a ultima enfermidade, que lhe cauſou a morte, e naõ he deſacordo, nem facil credulidade attribuilla a caſtigo do Ceo pela perſeguiçaõ, que movia a hum Juſto como Hermenegildo. Seu Pai rendeo a Sevilha, e elle fugio para Cordova, aonde o prendêraõ, e enviáraõ ao Pai,

im-

impio, e deshumano, que furioſo até Era vulg.
aos deſatinos, com horror da nature-
za, e eſcandalo da razaõ, lhe tirou
a vida; eſte Heróe duas vezes filho de
Leovigildo, huma do ſeu amor na ge-
raçaõ, outro do ſeu odio no martyrio.
Neſta que eu chamo ſegunda filiaçaõ,
naõ teve Leovigildo ao filho por peda-
ço da alma, nem podia ſer parte da
alma do Pai herege o eſpirito do filho
Catholico, que todo era de Deos.

Ficou Eburico de tenra idade, e 583
entregue por Ariamiro á tutoria de ſeu
amigo Leovigildo, que havia governar
por elle os Reinos de Luſitania, e de
Galliza. Os poucos annos do novo Rei,
a tutoria de hum Principe occupado
por Heſpanha em grandes negocios,
foraõ circunſtancias, que alentáraõ a
ambiçaõ de Endeca para aſpirar á Co-
roa, ſendo hum ſimples, e particular
Fidalgo. Com muitos modos inſinuan-
tes, e incentivos biſarros ſoube elle
ganhar vontades, entre ellas a da
Rainha, que naõ duvidou dar-lhe a
maõ de eſpoſa, quando elle ſe enſaiava
para Rei. O matrimonio de Seſegunda
abrio

Era vulg. abrio o passo a Endeca para correr ao Throno sem encontrar tropeço. Elle affectou zelo tutelar; parecia que respeitava muito ao orfaõ Principe, em seu nome tomava posse das Praças, e entrou a ganhar reputaçaõ com tanto de ferocidade, como antes as vontades com brandura. De todas as simulações se descartou Endeca, quando se vio rodeado de criaturas das suas industrias, de muitas forças allistadas por todos os modos, e tanto que chegou a este estado, declarou-se Rei, e obrigou Eburico a tomar o habito de Monge no Mosteiro de Dume.

Naõ poderia o usurpador considerar-se feliz na posse dos seus desejos, por atacado dos sustos, dos remorsos, dos temores, que sempre atacaõ aos injustos possuidores do alheio. Elle temia, e devera temer, que Leovigildo, como tutor altivo, alliado poderoso, amigo obrigado empregasse o poder, e os esforços para o lançar do Reino, e o restituir ao seu pupilo. Assim succedeo em parte, e aconteceria no todo, se a ambiçaõ naõ fosse o primeiro,

e

e mais efficaz dominante de Leovigildo. Elle ſe moſtrou a Endeca taõ temivel, que o fez eſconder no meſmo Moſteiro de Dume em habito de Monge, e eſtado de Sacerdote; mudanças, que lhe aproveitátaõ para lhe naõ ſer tirada a vida. Leovigildo ſe ſatisfez com o mandar deſterrado para Beja; mas como elle injuſto, quando caſtigava hum intruſo, elle ſe declarou Tyranno. No moſteiro de Dume deixou Monge a Eburico; uſurpou o Reino dos Suevos, que unio aos ſeus Eſtados, e já ſem oppoſiçaõ em Heſpanha, ficou nella eſtabelecido o Dominio dos Godos.

Era vulg. 585

Por eſtes tempos eraõ os Luſitanos perfeitos, e zeloſos Catholicos, o ſeu novo Rei Leovigildo hum cégo, e obſtinado herege. Com os ſentimentos encontrados em materias de Religiaõ ſejaõ os maiores males das Repúblicas: Leovigildo taõ oppoſto nelles aos do ſeu Povo, entrou a depôr os Biſpos veneraveis, a perſeguir os homens de probidade, recommendaveis por letras, e virtudes. Entre eſtes ſe faz eſ-

pe-

Era vulg. pecial memoria de Joaõ, Abbade de Valclara, que foi desterrado para Barcelona, aonde fundou hum Mosteiro do seu nome, célebre naquellas idades.

586 Finalmente, completo o número dos dias, e das maldades de Leovigildo, elle acabou com morte de impio, e deixou em Recaredo I. hum filho justo, bem parecido irmaõ do Santo Hermenegildo, retrato pela especiosidade o mais disforme de taõ horrivel Pai, ao Irmaõ mui semelhante.

CAPITULO II.

Trata-se da successaõ dos Reis Godos depois de Recaredo I., em que elles domináraõ toda Hespanha.

FELICES os Godos nas suas expedições em Hespanha, já elles naõ tinhaõ quem nella lhes fizesse semblante além de algumas Cidades dos Romanos, que do tempo de Recaredo, e de outros dos seus Successores entráraõ a ser atacados com mais vigor, assim como o eraõ por estes tempos em Italia pelo

lo esforço dos Lombardos. Depois dos ſeus trinta Duques, em que eu fallei, e aos quaes precedêra no governo o Rei Calef, agora lhes ſuccedeo nelle o Rei Hutaris, filho do meſmo Calef. Sobre os Romanos, e Godos de Italia ſe moſtrou elle bravo homem na conquiſta da Iſtria, nos ſuſtos que cauſou a Roma, e Ravena, e nas muitas victorias que ganhou ao Imperador Mauricio com gloria immortal do ſeu nome. Elle o fez mais recommendavel com a célebre coluna, que levantou no Faro de Meſſina, e em tudo sería o ſeu Reinado feliz, ſe com a impiedade das doutrinas de Arrio naõ moleſtaſſe a Igreja.

Era vulg.

A gloria de deſſipar os ſeus erros entre os Lombardos, aſſim como Recaredo entre os Godos, a Providencia a tinha guardado para Agilulfo, Succeſſor de Hutaris depois de Theodolindo, que foi aſſumpto languido na Hiſtoria. Agilulfo, porém, ainda que nos triunfos condeſcendente com as demaſias, e liberdades licencioſas dos ſoldados; elle era taõ inclinado á religiaõ,

Era vulg.

e piedade, que para abjurar os erros de Arrio, e se fazer Missionario do seu Povo, bastáraõ as persuasões insinuantes de sua mulher a Rainha Theodolinda, alto objecto a quem o grande S. Gregorio Papa dirige os seus elegantes Dialogos.

Mas deixando esta digressaõ, que tocamos pelo que tem de respectiva aos Godos, e Romanos de Italia, e voltando para os de Hespanha, e Lusitania; estes Estados respiráraõ das suas oppressões, recobráraõ novos alentos na elevaçaõ ao Throno do feliz, e Catholico Rei Flavio Recaredo. A ignorancia do erro, que sucára com o leite, ou o temor do barbaro Leovigildo, que se fazia verdugo dos filhos, que naõ eraõ Arrianos como elle; tudo concorreria para Recaredo se conservar imitador do Pai, em quanto naõ fosse Rei. Agora que já o era, e que a vida, e morte de seu Irmaõ o Santo Martyr Hermenegildo lhe faziaõ tinir ambos os ouvidos; tambem persuadido, e cathequisado por seu tio S. Leandro, Bispo de Sevilha, elle naõ

só

só abjurou os erros, e abraçou os sentimentos ortodoxos da Igreja Santa; mas por toda Hespanha exercitou o ministerio de Apostolo dos seus vassallos. Era vulg.

Quizera Recaredo sem demora convocar hum Concilio; mas a inquietaçaõ dos espiritos nos sectarios, que elle acabava de depôr dos empregos, o obrigáraõ a suspender o seu projecto para melhor conjuntura. Elle deixou lavrar o exemplo para recolher copiosos fructos, como quem sabia ser elle nos Principes imperio sublime, authoridade taõ suave, que já mais teve rebeldes. Naõ se descuidou o Inferno em obstar os designios santos de Recaredo, que pela muita guerra, que lhe fazia, elle moveo a Bosso, General de Gunterano, Rei de França, para que a viesse fazer a Recaredo. Com sessenta mil homens entrou Bosso em Hespanha; mas Recaredo, sem se inquietar, como quem punha toda a sua confiança no Deos dos Exercitos, ordenou a Claudio, novo Gedeaõ Lusitano, que com trezentos homens da

sua

Era vulg. ſua Naçaõ marchaſſe contra os inimigos, e os enterraſſe em Heſpanha ſem os enxotar para além dos Pyreneos, e tornarem a gozar da Patria. Aſſim ſuccedeo na realidade, porque encontrando-os Claudio junto a Carcaſſona, dizem dera taõ boa conta dos Francezes, que nem hum ſó eſcapára com vida.

Huma victoria taõ milagroſa encheo o mundo de eſpanto, e em muitas partes delle ſe fez temido o nome, e a reputaçaõ de Recaredo. O Papa S. Gregorio derramou louvores, bençãos, e beneficencias ſobre o General Luſitano. Proporcionou eſta victoria a conjuntura feliz, em que o Rei coberto de gloria, obrando já com o exemplo, e com a eſpada, todos rendidos á efficacia do primeiro por naõ experimentarem, e ſentirem os golpes da ſegunda; póde ſem receios ajuntar o terceiro Concilio Toletano, aonde deo o ultimo arranco á porfia Arriana, que tantos Seculos corrompêra as Nações, e que ſe jactava, de que ella eſtava ſenhora de todo o mundo, derro-

589.

rotada a univerſalidade, que ſó he diſ- Era vulg.
tintivo, e caracter indeffectivel da Igreja Catholica Romana.

601 Naõ tem lugar na brevidade com que vou tratando eſta Hiſtoria as muitas, e heroicas acções do Rei Recaredo, que alguns dos noſſos Hiſtoriadores, e outros de Heſpanha com melhores Monumentos que os meus, eſcrevêraõ mais ao largo. Eu ſó farei memoria da ſua guerra contínua contra os Romanos, que ainda reſidiaõ em Heſpanha, em que ganhou victorias ſublimes com que foi abyſmando hum poder, e Dominio, que tinhaõ nella as raizes taõ fundas. Todas arrancaria Recaredo ſenaõ lhe atalhaſſe os deſignios a ſua precioſa morte ſuccedida em Toledo com ſaudade dos vaſſallos, do mundo Catholico com inveja; mas ſenſivel pela perda.

He verdade, que contra taõ bom Rei ſe traçou huma arriſcada conjuraçaõ em Mérida, que lhe foi deſcoberta por Witerico hum dos co-reos da meſma conjuraçaõ, que por eſta manifeſtaçaõ conſeguio da clemencia de Re-

Era vulg. Recaredo o perdaõ da vida. Este rebelde, e perfido Witerico, ingrato á memoria do Rei, quando seu filho Liuba,
603 ou Liuva II. apenas tinha dous annos de Soberano dos Godos, Witerico o despojou do Throno, e lhe cortou a maõ direita. Elle se fez senhor do Reino de Hespanha; e como hum abysmo chama para outro, ao da usurpaçaõ quiz Witerico ajuntar o do restabelecimento do Arrianismo. A firmeza, que elle encontrou no Povo o obrigou a usar da simulaçaõ, que he proprio caracter dos traidores. Fingio-se Witerico bom Catholico para com o fingimento, e com o tempo ganhar as vontades, que lhe poderiaõ promover as intenções.

Elle se entregou ás armas, em que era destro sem saber vencer; com corage em as desembainhar, timido ao descarregar os golpes. Todos os sete annos da sua intrusaõ gastou elle em contínua guerra com os Romanos sem honra, nem lucro, como quem empregava as armas na fórma, que acabo de dizer, valeroso no que emprehendia,

dia, covarde no que executava. Os parentes de Liuba o assassináraõ; que he uso vulgar nas Tragedias da tyrannia representarem os Tyrannos o ultimo auto. O seu cadaver foi com desprezo arrastado pelas ruas; que esta he outra vulgaridade dos representantes intrusos lavarem o Theatro com o seu sangue em pena do muito, que derramáraõ.

Era vulg. 609

Apenas reconhecido Rei Flavio Gunderano, que só reinou tres annos, elle zeloso nos cultos da Religiaõ, assistio ao Concilio de Toledo, aonde arbitrariamente fez lavrar o Decreto, em que se declarou a sua Igreja por Metropolitana de toda a Provincia Carthagineza, primeiro ensaio para se lhe fazer o mesmo na primazia sobre todas as da Hespanha. Todo o resto da sua vida breve empregou Gunderano na guerra contra os Romanos, ganhando victorias, e tomando Cidades, que hiaõ ampliando a generalidade do Dominio dos Godos em Hespanha. Os seus Capitães governavaõ entaõ as Provincias da Lusitania, e alguns dos seus

Con-

Era vulg. Condes, que eraõ neſtas idades muito raros: Titulo grande, que ſó recahia ſobre grandes merecimentos, e ſobre façanhas muito além das vulgares.

612 Como Flavio Gunderano naõ deixou Succeſſor para o Reino, os Biſpos, e Grandes elegêraõ hum grande Rei em Siſebuto. A menor das qualidades, que o illuſtravaõ, era o valor, e arte militar. Eraõ nelle ſublimes os dotes da alma, ſabio, pio, clemente, moderado, e juſto. Deveo-lhe a Luſitania muitas affaveis condeſcendencias, e entre as ſuas Cidades attendidas, foi a de Evora a mais beneficiada. O Ceo favorecia ſenſivelmente as ſuas emprezas militares contra os Romanos, que por elle foraõ lançados de Biſcaya; ganhou-lhes outras Provincias, e obrigou os Judeos, ou a abraçarem o Chriſtianiſmo, ou a deſpejarem Heſpanha. Oito annos governou eſte bom Rei, que teve huma morte écco coreſpondente á vida; morte, de que podia dizer Heſpanha, eis-aqui como morre o juſto, e ninguem o conſidera.

Ra-

Era vulg. 621

Raros Escritores fazem memoria de Recaredo II., filho de Sisebuto, que apenas reinou tres mezes, e por este motivo atao o fio da successao em Flavio Suintila, que nao era filho de Sisebuto, como pensou Manoel de Faria e Sousa; mas Reliquia do Santuario do Rei Recaredo I. Elle era muito valeroso, e aguerrido pelo continuo uso, que déra ás armas, sendo General de Sisebuto contra os Romanos, e Vascões, que sentírao bem a violencia dos seus golpes. Contra os mesmos inimigos renovou elle a guerra no instante de reconhecido Rei, para que as armas ainda quentes nao tivessem tempo de criar ferrugem. Gloriosamenconseguio elle expulsar por huma vez aos Romanos de Hespanha, e ficar reconhecido Dominante Soberano de toda ella. Com esta expulsao conseguio Suintila fazer-se grande, e estabelecer a reputaçao, senao por emprehender as mesmas acções, que os Predecessores intentárao, por haver consummado, e dado fim áquellas, que elles nao lográrao.

Era vulg.

Fragil a humana natureza, ella arraſtou a Suintila para manchar as virtudes do principio com vicios maiores, ſobre todos o da tyrannia. Ella abominavel aos Godos, elles ambicioſos de gloria, e lembrados de Siſebuto, quando aos reflexos dos ſeus acertos ſe deixavaõ ver mais enormes os deſmanchos de Suintila, (laſtima grande depois de tantas acções heroicas) elles tratáraõ de pôr no Throno huma Mageſtade exemplar. Com o favor de Dagoberto, Rei de França, foi acclamado Siſenando, que tem a ſeu favor mais opiniões de ſer hum grande Senhor do Reino, do que filho de Suintila, como eſcreve hum Hiſtoriador Heſpanhol. O miſeravel depoſto, abandonado de todo o mundo, ſem Reino, nem vaſſallos, depois de dez annos de governo com alternativa de virtudes, e vicios, de felicidades, e deſgraças, ſe retirou para Galliza, aonde morreo taõ infeliz, que nem aos naturaes mereceo laſtima, nem aos eſtranhos compaixaõ, como ſimulacro de independencia. Poucas ſaõ as memorias, que temos

mos do Rei Sisenando, além do Concilio, que fez ajuntar em Toledo composto de setenta, e dous Bispos, em que se tratáraõ muitas materias respectivas aos costumes, e disciplina Ecclesiastica. O mesmo fez seu Irmaõ, e Successor Chintila, que na dita Cidade convocou em dous annos successivos o quinto, e sexto Concilio, nos quaes, além de outros pontos concernentes á Igreja, tambem servio nelles de assumto a successaõ do Reino dos Godos para embaraçar a vulgaridade das usurpações com o terrivel respeito dos anathemas, e authoridade tocante da Religiaõ, de que se servio.

Era vulg. 636

Para depois ser maior a dor dos vassallos, elles pozeraõ no Throno com summa complacencia ao piissimo Tulga, que com lastima maior víraõ pouco depois passar para o tumulo: Principe de tanta piedade para com Deos, de tanta beneficencia para com os homens, com caracter para si mesmo taõ brilhante, que nas pennas de grandes Santos tem louvores, que parecem encarecimentos. Na flor dos an-

Era vulg. 642

nos cortou a morte a Hespanha as esperanças de colher em Tulga sazonados os frutos da felecidade nas suas muitas virtudes, especiaes entre ellas as do culto de Deos, e zelo da sua Igreja.

649 Sim desejou imitallo nellas o Rei Chindasuindo, que naõ obstante fazerse senhor do Reino sem mais direito, que o das armas; elle governou com justiça, e prudencia o Estado, que adquirio com usurpaçaõ, e tyrannia. Com ambas as virtudes reformou as antigas Leis dos Godos, e muito sensivel á da Religiaõ, no sexto anno do seu Reinado fez ajuntar o VII. Concilio de Toledo, necessario, e util ao explendor da Igreja de Hespanha. Tambem era muito brilhante o que antes, agora, e no resto do Governo dos Godos gozava a da Lusitania até ao Reinado triste do infeliz Rodrigo, e invasaõ dos Mouros. Para darmos huma breve noticia do Estado da nossa Igreja nos ditos tempos, concluindo este Capitulo com a morte do Rei Chindasuindo na mesma Cidade de Toledo, naõ sem suspeita de veneno, antes de

en-

entrarmos no Reinado do seu Successor Recesvindo, eu passo a tratar o que he respeictivo á Igreja, e Prelados da Lusitania desde o principio do seu estabelecimento até a entrada dos Africanos em Hespanha com hum pouco de trabalho para me naõ desviar da verdade nas noticias de idades taõ remotas, e de noticias taõ escuras.

Era vulg.

CAPITULO III.

Estado da Igreja Lusitana, e Prelados, que nella floreceraõ depois do seu estabelecimento até a invasaõ, e dominio dos Mouros em Hespanha.

NAõ ha dúvida, que no Governo dos Reis Godos brilháraõ as Igrejas das Hespanhas com explendor luminoso, e alguns delles tiveraõ tal zelo, e ardor nos cultos da Religiaõ, que naõ queriaõ consentir nos seus Exercitos soldado, que naõ fosse Catholico. Outros mandavaõ esculpir nas suas Coroas os nomes dos homens justos, que era hum modo significante, e hum premio bem es-

Era vulg. estimavel para se avançarem as virtudes, e tomar forças a probidade. Fosse deste exemplo dos Reis, fosse do ardor dos Bispos, ou fosse da inclinaçaõ dos Póvos, ou de tudo junto, he bem certo, que a Igreja de Hespanha no tempo dos Godos se fazia recommendavel ás Nações pias, que bem a podiaõ tomar para exemplar das suas pelo seu zelo Apostolico.

Pelo que respeĩta á Igreja Lusitana, nós sem disputa a achamos estabelecida pelo Apostolo Sant-Iago em Braga, e eleito seu Discipulo S. Pedro de Rates primeiro Arcebispo no anno 37 depois de Jesu Christo. Mas no precedente de 35 S. Mansos, hum dos 72 Discipulos deste Senhor, fundou, e foi o primeiro Bispo de Evora, e no seguinte de 36 tambem foi primeiro Prelado regionario, e fundador da Igreja de Lisboa, como refere o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que nomeia este Santo Bispo, e os mais que lhe succedèraõ no Capitulo XVI., e seguintes do seu Catalogo, ainda que ha quem diga, que S. Mansos naõ fundára Igrejas,

jas, nem fora Biſpo, ſenaõ humilde criado de hum Judeo recem convertido; mas taõ zeloſo Chriſtaõ, que glorioſamenre dera a vida por Jeſu Chriſto ſendo Martyr invicto.

Era vulg.

Neſta fórma irei eu tratando a ordem do eſtabelecimento das Igrejas ſegundo as ſuas antiguidades, e principiando pela de Evora fundada hum anno antes da de Lisboa, e dous da de Braga; nós diremos, que depois de S. Manſos, anno de 35, até S. Jordaõ Martyr, anno de 300, naõ ha noticia alguma com certeza conſtante, de quem foſſem os Biſpos de Evora. Depois de S. Jordaõ pelos annos de 305 teve a ſua Dignidade S. Briſſos Martyr, Heróe de eſpirito taõ ſublime, que derrotou as idéas impias do Tyranno Maxencio, até dar a vida por Jeſu Chriſto. Em 312 foi ſeu Succeſſor Aurino, que teve o prazer, de que no ſeu tempo ſe moderaſſe a perſeguiçaõ, que tanto ſangue derramára na Luſitania. Em 320 governou Panuncio, que teve outra complacencia em ver executado o Decreto da diviſaõ das Igrejas, que evi-

Era vulg. tou a confusaõ em todas as Diocefes das Hefpanhas.

He memoravel no anno de 320 a eleiçaõ do Bifpo Quinciano por fer elle o fundador da magnifica Sé de Evora, a que lançou os primeiros fundamentos no mefmo fitio, em que hoje a vemos. Por outro principio em 378 he muito recommendavel Itacio; porque entrando no feu tempo muitos Arrianos em Hefpanha, elle affugentou do feu Bifpado eftes indomitos Hereges, que já entaõ traziaõ avaffallado muito mundo. Em 385 Gamelo, que havia fido foldado do Imperador Theodofio, allistado nas bandeiras de Jefu Chrifto mereceo pelas fuas virtudes fer Succeffor de Prelados taõ fantos. Imitador de todos Grimaldo, de 448 em que foi eleito até o anno de 456, em que lhe fuccedeo feu fobrinho Calidio, fublimou a Igreja a hum alto eftado de reputaçaõ.

Em 460 floreceo o memoravel Feliciano, que fupportou trabalhos grandes na perfeguiçaõ dos Arrianos, que confeguiraõ dos Principes feus Sectarios

fer

ſer elle deſterrado do Biſpado. Mas Coloniondo, que com o meſmo titulo lhe occupou, e encheo o lugar, até ao anno de 532, intrepido combateo aquelles Hereges, e conſeguio conſervar no Biſpado intacta a Religiaõ Catholica. Como o zelo de Coloniondo em conjuncturas taõ criticas neceſſitava de outro ſemelhante, a altos clamores do Clero, e do Povo foi eleito para ſeu Succeſſor Juliano, que no Inſtituto da Ordem de Santo Agoſtinho, de que era filho, ſe fez participante do fervor de eſpirito de ſeu grande pai. O ſeu Succeſſor Miceno do anno de 566 em diante ſoffreo grandes trabalhos na perſeguiçaõ, que lhe moveo o herege Rei Leovigildo, que naõ perdoando impio ao proprio filho Hermenegildo, nenhuma compaixaõ lhe podiaõ merecer os imitadores das ſuas virtudes.

Era vulga

Daqui em diante, e principiando a reinar Recaredo I., até ao governo do infeliz Rodrigo, os Prelados em paz, com muitos exemplos edificantes foraõ ſublimando a Igreja Luſitana a hum alto tom de magnificencia. Aſſim

o

Era vulg. o conseguio em Evora Zozimo com as suas muitas letras, e virtudes do anno de 652 até o de 664, em que lhe succedeo Pedro, que se achou na congregaçaõ dos Bispos de Hespanha para a demarcaçaõ dos seus Bispados. A reputaçaõ em que elle deixou a sua Igreja, e os conhecidos talentos de Fructemundo, que se lhe seguio, leváraõ este bom Prelado a assistir nos tres Concilios Toletanos, que foraõ celebrados nos annos de 681, 684, e 688. Depois delle, Arconcio, e Mentelio, o primeiro eleito em 689, e o segundo em 700, ambos se acháraõ no XVI., e XVIII. Concilios de Toledo, neste Mentelio, e naquelle Arconcio. Justino, eleito em 711, regía a Igreja Eborense quando os Mouros conquistáraõ Hespanha, e opprimida destes barbaros dominantes esteve a cefala até ao anno de 1166, em que tomou a ser revestida da sua dignidade pelo Rei D. Affonso Henriques.

A Igreja de Lisboa foi fundada, como dizem, pelo mesmo S. Mansos no anno de 36, hum depois delle ter

sun-

fundado a de Evora, ſendo Biſpo de ambas, como fica dito. No eſquecimento, e falta de noticia certa da Succeſſaõ dos ſeus Prelados, até ao anno de 308, em que foi eleito S. Gens, Diſcipulo de Sant-Iago, Evora, e Lisboa correm igual parelha. Depois de S. Gens foi eleito Januario, que era Biſpo de Salacia: em 348 S. Olympio, e em 380 Pontamio gozáraõ a paz, que á Igreja concedeo o Imperador Conſtantino. Os mais Biſpos, que teve Lisboa até a entrada dos Mouros, foraõ Paulo em 589; Goma, ou Gomarelo, que mandou aſſiſtir no Concilio Tarraconenſe a Fructuoſo Diacono, e foi eleito em 610: Viarico, ou Diadico, em 633, que ſe achou no Concilio IV. de Toledo: em 646 Neufrido, que por Chriſpino Abbade mandou ſobſcrever no VII. Concilio Toletano: em 656 Ceſario, que ſobſcreveo no X. Concilio da meſma Cidade: em 666 Theodorico, que ſe achou no de Mérida: em 683 Ara, que aſſiſtio, e ſobſcreveo no XIII. Concilio de Toledo; e em 688 Landerico, que aſ-

Era vulg.

Era vulg. signou o XV. Concilio da mesma Cidade. Depois delle succedeo a invasaõ dos Mouros, que foi a causa de Lisboa naõ ter mais Prelados, até que o Rei D. Affonso Henriques a conquistou, e nomeou o primeiro no anno de 1147.

A Igreja de Braga, na razaõ de Arcebispado, he a mais antiga das Hespanhas, fundada no anno de 37 depois de Jesu Christo por S. Pedro de Rates, grande, e primeiro Apostolo, invicto Martyr das mesmas Hespanhas, e Discipulo de Sant-Iago. Elle teve por Successor no anno de 45 a S. Basilio, tambem Discipulo do Santo Apostolo. Em 95 foi eleito Santo Ovidio, Romano, que além do gosto, que lhe causou a constancia, com que as suas ovelhas davaõ a vida pela Fé, elle se lhe sublimou a prazer extremoso pelos gloriosos triunfos, que vio conseguir ás Martyres invenciveis Guiteria, e suas oito irmãs, se acaso o foraõ. Do anno 130, em que S. Polycarpo alcançou o tempo do Imperador Adriano, até o de 245, florecêraõ exempla-

plares no zelo Severiano, e S. Fabiaõ. Era vulg.
O mesmo podemos dizer em 260 de S. Felix Grato, natural de Athenas; em 273 de S. Secundiano, ou Secundo; em 268 de S. Narciso, que foi Apostolo dos Póvos Rhecios, natural de Santarem, havendo-lhe precedido, sem sabermos em que anno depois de S. Secundo, Caledonio, que era hum homem de Africa muito illuminado, e aonde tinha sido Bispo de Carthago.

Em 275 illustrou Paterno a sua Igreja com as muitas letras, e virtudes, de que era dotado, e em 290 naõ deixou sentir a sua falta S. Salomaõ, que posto em campo contra os sectarios de Paulo de Samossata, famoso herege, os fez em pó com o pezo da doutrina Orthodoxa. No anno de 300 sentio Sinagrio, ou Sinagio a perseguiçaõ das suas ovelhas, consolado ao mesmo tempo pela firmeza com que S. Vitorio, Suzana, e outros Martyres rubricáraõ a Fé com o seu sangue. Foi seu Successor S. Leoncio, que se achou no Concilio Ecumenico de Nicéa, eleito em 314, ao qual se seguio

Era vulg. guio Appollonio, que foi hum dos nossos Prelados assistente á divisaõ das Igrejas de Hespanha. Como nestas idades já mereciaõ estimações muito além das vulgares a Igreja, e Arcebispos de Braga, Domiciano eleito em 347, foi convidado para o Concilio Sardiense, e o seu Successor Idacio, nomeado em 359, para o célebre de Rimini.

Zampadio, Arcebispo em 380, se achou no Concilio de Saragoça, e em outro Concilio na mesma Cidade assistio o seu Successor S. Paterno, ou Patruino eleito em 392. Como Santo Agostinho já tinha no mundo muitos filhos do seu Instituto, creaturas da sua doutrina, S. Profuturo, que era huma dellas, veio em o anno de 400 illustrar o Arcebispado de Braga com as suas nobres qualidades, que em 410 soube imitar Pancracio, que convocou, e foi o Chéfe no primeiro Concilio de Braga. Seguíraõ-se em 412 Balconio: em 449 Valerio I.: em 456 Idacio de Naçaõ Suevo, que fora Bispo em Lamego: em 494 Castino, Legado Apostolico do Papa Hormisda:

em

Era vulg.

em 524 Valerio II.: em 525 Profoturo, que tinha ſido Arcebiſpo de Tarragona: em 526 Santo Ausberto de Naçaõ *Flamengo*: em 534 Juliano, que foi Arcebiſpo de Toledo: Eleutherio, que teve a complacencia de ver entrar na Luſitania a S. Martinho de Dume, vindo da Grecia, de Naçaõ Hungaro, e acompanhando as reliquias de S. Martinho Turonenſe, como já diſſemos.

Como o catholico zelo daquelle Santo ſe empenhava tanto na extirpaçaõ da Hereſia dos Suevos, Lucrecio para ſe conſeguir eſte glorioſo fim, depois de ſer creado Arcebiſpo em 553, congregou hum Concilio em Braga, e eſte triunfo do erro deo explendores novos á pureza da Fé Luſitana, e ao luminoſo das ſuas Igrejas. Tudo lhes ſublimou a maior augmento o ſobredito S. Martinho de Dume deſde o anno de 574, até o de 587, em que lhe ſuccedeo no Arcebiſpado Benigno, que ſe achou no III. Concilio de Toledo. Em 589 lhe ſuccedeo Pantardo, e no ſeu tempo brilhou em heroicas

Era vulg.

virtudes Santo Eſtevaõ, Abbade de Rates. Seguio-ſe em 612 S. Tobeu, ou Tolobeu, que deixou o nome recomendavel ás memorias, aſſim pelas virtudes, como pela actividade com que concorreo para a fundaçaõ do Convento de S. Toribio da Ordem de S. Bento, ou de Santo Agoſtinho, como preſumem alguns Eſcritores.

De Biſpo de Narbona veio em 631 ſer S. Pedro Juliano Arcebiſpo de Braga; que parece ſe fazia a Providencia Suprema condutora dos homens eminentes para os trazer como luzes, que collocava no candieiro da Igreja Luſitana. No anno de 650 em nada ſe lhe deſigualou Manucino, taõ intoleravel aos genios diſſolutos pelo ardor com que fazia propagar as virtudes, e pela conſtancia com que defendia o Direito da Igreja, e liberdades Eccleſiaſticas, que elles o deſterráraõ do Arcebiſpado; mas eſta perſeguiçaõ nada atemoriſou a Pancracio ſeu Succeſſor para lhe ſeguir os veſtigios; Prelados de corage, que eraõ bem capazes de dizer aos Hereges de grande ca-

caracter, como o famoſo S. Baſilio a Perfeito, Miniſtro do impio Imperador Valente: Vós obrais livre, e fallais ſolto, porque naõ viſtes diante de vós hum Biſpo.

Era vulg.

Em 652 foi eleito Pontamio, que chamamos o Penitente pelo ſabido caſo do ſeu arrependimento por hum peccado público; miſerias naquellas idades taõ pouco viſtas nos Prelados, que deraõ occaſiaõ ao noſſo Manoel de Faria e Souſa para dizer com o ſeu coſtumado deſembaraço: Que entaõ era nos Biſpos taõ raro encontrar-ſe hum vicio, como hoje achar-ſe-lhes huma virtude: Liberdade ſolta, bem reprehenſivel no Faria, quando ſabemos do ſeu tempo até aos noſſos os Prelados, que tem havido edificantes, ornados de muitas, e grandes virtudes ainda ſem ſairmos da noſſa Luſitania. Achou-ſe Pontamio no VIII. Concilio de Toledo, e no anno de 556 teve por Succeſſor a S. Fructuoſo, que era Gallego, da Ordem de S. Bento, e foi eleito no X. Concilio Toletano, aonde as ſuas virtudes, e talentos bem co-

Erá vulg. nhecidos o fizeraõ merecedor da Dignidade. S. Quiricio lhe ſuccedeo no anno de 663, e a eſte S. Leodicifio em 667: Liuba em 680, elle aſſiſtio ao Concilio XI. de Toledo: em 688 Fauſtino da Ordem de S. Bento, ou dos Eremitas de Santo Agoſtinho; e em 713, quando os Mouros havia dous annos que dominavaõ Heſpanha, S. Felix Torcato, Martyr, que ſuppomos ter ſido ás mãos daquelles Barbaros.

O meſmo glorioſo deſtino dariaõ elles ao Martyr S. Victor, da Ordem de Santo Agoſtinho, e Succeſſor de S. Felix no anno de 734. Naõ impedio o dominio dos Mouros a ſuceſſaõ dos Arcebiſpos de Braga até ao reinado de D. Affonſo Henriques; mas os que ſe ſeguíraõ até ao primeiro nomeado por eſte Rei naõ ſaõ do noſſo aſſumpto; porque governáraõ a ſua Igreja depois de deſtruido o Imperio dos Godos em Heſpanha, eu naõ farei mais que nomeallos. A S. Victor ſe ſeguíraõ Heronio, e Hermenegildo, que ambos foraõ Biſpos de Saragoça, como

mo tambem Jacobo II.: Fredeſendo, Era vulg. que governava quando D. Affonſo o Catholico reſtaurou a Cidade de Braga: Arcarico; Odoario; Argimundo, que ſe achou no I. Concilio de Oviedo; Noſtrano, que aſſiſtio ao II. Concilio da meſma Cidade; Dulcidio; Gladila, que vio floreſcer Santa Comba em virtudes; Argimiro, que ſe achou na ſagração da Igreja de Sant-Iago; Theodomiro, que eſteve em hum dos Concilios de Toledo; Silvano, Prelado Santo, e ſabio; Heros, que aſſinou em huma Doação de S. Roſendo ao Moſteiro de Cella-Nova; Hermegildo, que aſſinou no Concilio Provincial de Navego, e foi teſtemunha da precioſa vida de Santa Senhorinha de Baſto; Juliano, Arcebiſpo de Toledo; Viſtreo; Juſtrio; Pedro III.; Sigifrido, Abbade do Moſteiro de Fulde em Alemanha; D. Creſconio; D. Pedro IV.: S. Giraldo, Francez da Ordem de S. Bento; D. Mauricio, da meſma Ordem, e Reino, já no tempo do Conde D. Henrique; D. Paio Mendes, primeiro nomeado por El-Rei D. Affonſo

Era vulg. Henriques: Prelados todos, que pelas ſuas qualidades ſublimes, e vi tudes heroicas, ainda hoje merecem, e ſempre ſeraõ dignos das noſſas reſpeitoſas lembranças pela gloria immortal com que deixáraõ enriquecida a noſſa fideliſſima Igreja Luſitana, ſempre iſenta do erro, que inficionou a tantas.

A Igreja do Porto principiou logo a reſplandecer com as luzes do ſeu Fundador S. Pedro de Rates, Arcebiſpo de Braga, que no anno 41 depois de Jeſu Chriſto erigio o ſeu Biſpado, e nelle nomeou primeiro Biſpo a S. Baſileo, que, como elle, era Diſcipulo do Apoſtolo Sant-Iago. Do dito anno de 41 até o de 421, em que reinava na Luſitania Genſerico, Rei dos Wandalos, nós naõ temos noticia mais que de tres Biſpos, que foraõ S. Sylveſtre, S. Eſtevaõ, e Ortigio. No referido anno de 421 achamos memorias de Ariſberto, que aſſinou no primeiro Concilio Bracarenſe, e teve por Succeſſor a Symphoſio. Em 561, eleito o Biſpo Timotheo, elle com ardor incrivel, e esforço inimita-

tavel combateo as heresias do seu tempo, especialmente a Arriana, e sacodio do seu Bispado os turbilhões, e nuvens do erro, que pertendiaõ eclypsar nelle as luzes da doutrina pura. Era vulg.

Daqui em diante sabemos, que até a invasaõ dos Mouros, illustráraõ a Igreja do Porto D. Viator: em 569 Constancio: em 589 Argiovitro: em 610 Argeberto: em 633 Anciulfo: em 637 Uzibeso, que esteve no Concilio IX. de Toledo: em 648 Flavio, que assinou no X. Concilio da mesma Cidade: em 675 Froarico, que se achou no III. Concilio Bracarense: em 693 S. Torcato Felix, que foi Arcebispo de Braga. Depois deste Santo Prelado entráraõ os Mouros em Hespanha, e nada sabemos dos Prelados, que se lhe seguíraõ até ao anno de 876, em que foi eleito Gumeado. Deste Bispo até D. Hugo, que tinha sido Prelado da Igreja de Sant-Iago em Galliza, e alcançou o tempo do Conde D. Henrique, houveraõ dez Bispos, que foraõ D. Justo; Hermogio; Gumeado II.; D. Froalengo; Hermogio II.;

No-

Era vulg. Noneco; S. Sisnando, Hugo, Auberto, e Sisinando: Prelados benemeritos, que tanto no tempo dos Mouros, como no governo dos Reis de Leaõ, conserváraõ na sua Igreja incontaminada a pureza da Fé, e a integridade dos costumes.

CAPITULO IV.

Prosegue-se a mesma materia do estado da Igreja Lusitana no tempo dos Reis Godos.

ENTRE os Bispados antigos, que na Lusitania se fazem recommendaveis, assim como a grandeza da sua Cidade naquelles tempos, he o de Lamego. Nós encontramos pela Historia do fundo das mais remotas idades memorias illustres da pureza do seu Christianismo, e nomes soltos de Prelados insignes, e entre elles Idacio, que abraçou a Religiaõ Catholica em tempo dos Suevos. No dos Romanos, e anno de 203, se assegura fora seu primeiro Bispo Severo, sem sabermos del-

delle mais que o nome. A meſma ignorancia nos domina no conhecimento de todos os ſeus Succeſſores, na revoluçaõ, e invasões de tantas Nações eſtranhas na Luſitania, até ao anno de 1169, em que nos conſta com certeza fora eleito primeiro Biſpo D. Mendo da Ordem de S. Bento, que ſuppomos nomeado pelo Rei D. Affonſo Henriques.

Era vulg.

Dominavaõ os Romanos toda Heſpanha, e tinha o grande Imperador Conſtantino já concedido a paz geral á Igreja, quando no anno de 324 foi erecto no Algarve o Biſpado de Oſſonoba, Cidade célebre até ao tempo dos Mouros, donde o Rei D. Sancho I. transferio a Cadeira Epiſcopal para a de Sylves, quando a conquiſtou aos meſmos Mouros: Biſpado taõ brilhante, que o dito Rei, mais attento á antiguidade de Oſſonoba, que tinha florecido, do que á grandeza entaõ de Sylves, que principiava a florecer, diſſe: A noſſa Igreja Sylvenſe, ſita no Algarve, que na antiguidade brilhava famoſiſſima, e riquiſſima.

Fo-

Era vulg.

Foraõ varias as opiniões a respeito do lugar, aonde esteve a Cidade de Ossonoba. Gaspar Barreiros na sua Chorografia diz, que era o mesmo Povo, que no seu tempo por corrupçaõ se chamava Estombar. Estrabaõ lhe chama Sonoba; Pomponio Méla Onoba; Luiz Marinho de Azevedo na primeira parte das Antiguidades de Lisboa, naõ lhe chama Cidade, nem a tem por Episcopal, e a involve como Lugar, ou Aldea juntamente com o Lugar de Olitinge; Antonio Baudrand no seu Lexicon Geografico quer, que Ossonoba seja Sylves; Fr. Bernardo de Brito na Geografia da Lusitania affirma, que das ruinas da Cidade de Ossonoba se edificou a Cidade de Fáro, algum tanto apartada do primeiro sitio, e chegada mais ao mar. Acertou na realidade Brito neste passo, errando tantos na carreira da nossa Historia.

Hoje naõ só temos probabilidade, mas evidencia, de que a Cidade Episcopal de Ossonoba se estendia do sitio, aonde está o Lugar de Estoi, até hum campo chamado Milreo, huma legua dis-

diſtante de Fáro, aonde cada dia ſe deſcobrem veſtigios deſta antiga Cidade, entre elles huma, que parece Hermida, ou Capella toda de miudos embutidos que eu vi, e examinei muitas vezes. Da meſma ſórte he certo, que das ruinas de Oſſonoba foi fundada a Cidade de Fáro; porque de dous annos a eſta-parte ſe tem deſcoberto varias pedras nas ſuas muralhas, que marcaõ haverem ornado edificios de Oſſonoba no lugar referido, como entendo, que brevemente o fará público hum curioſo na deſcripçaõ do Reino do Algarve, que tem compoſto, e a quem eu tambem faço o obſequio da noticia deſta ſua eſtimavel antiguidade.

Era vulg.

No anno pois de 324, ſendo os Romanos ſenhores das Heſpanhas, principiou a illuminar o Algarve a Igreja de Oſſonoba na peſſoa do ſeu primeiro Biſpo Vicente, que aſſinou no Concilio Illiberitano. O ſeu Succeſſor Itacio aſſiſtio no Concilio nacional de Saragoça; e Pedro, creado Biſpo em 590, ſendo Rei dos Godos Recaredo I., elle ſe achou no Concilio, que o meſ-

Era vulg. mo Rei convocou em Toledo contra os Arrianos. Duvidaõ alguns, que certo Gregorio fosse Bispo de Ossonoba, e saltaõ para o anno de 653, em que reinava sobre os Godos Recesvindo, e nomeiaõ Prelado a Saturnino, que dizem mandára ao seu Arcediago Sagarello assistir no VIII. Concilio Toletano. Em 666 se faz memoria de Exarno, que assinou no Concilio Emeritense, e em 680 teve por Successor a Pluciano, que foi hum dos Padres do Concilio Ecumenico Constantinopolitano III. Belito, eleito em 683, esteve no Concilio XIII. de Toledo; ao XV. o seu Successor Agripo mandou o Presbitero Daniel, e como no seu tempo os Mouros se fizeraõ senhores do Algarve, naõ houvéraõ em Ossonoba mais Bispos, até que o Rei D. Sancho I. conquistou Sylves, para onde mudou a Cadeira Episcopal, que depois se transferio para a Cidade de Fáro, aonde agora existe.

Memoravel, illustre, e taõ antiga, que desde o primeiro Seculo de Jesu Christo floreceo sempre brilhan-

te,

te, luminosa a Christandade, e Igreja da Cidade de Coimbra: Nós nos lastimamos, de que se sepultassem no tumulo do esquecimento até os nomes dos Prelados dignos, que a regeraõ os primeiros quatro Seculos. No Imperio de Honorio, e anno de 409, quando os Wandalos invadíraõ Hespanha, se nos faz lembrança de Elipando, que podemos estimar como primeiro Bispo de Coimbra. Depois delle nos encontramos com outro vacuo, até o anno de 563, em que reinava Theodemiro sobre os Suevos da Lusitania, e foi eleito Bispo Lucencio da Ordem de S. Bento. O Mosteiro de Lorvaõ, que por estes tempos era objecto espectavel em virtudes, letras, e grandeza, em 630 deo a Coimbra hum benemerito Bispo na pessoa do seu Abbade Hermulfo, que em 638 teve por Successor a Renato, Monge do mesmo Mosteiro.

Era vulg.

No tempo do Rei Godo Recesvindo, que ajuntou tres Concilios em Toledo, e anno de 643, era Bispo Sisiberto, que sobscreveo no VIII. dos

di-

Era vulg. ditos Concilios, e em 666 sobscreveo no Provincial de Mérida o seu Successor Cantabro. Miro, eleito em 683, fez o mesmo no XIII. Concilio Toletano; e Emilla, que se lhe seguio em 693, assinou o XVI. dos ditos Concilios de Toledo. Depois delle até Servando, que foi eleito em 770, correm 77 annos sem sabermos, que Prelados teve Coimbra, estando já Lusitania dominada pelos Mouros. Do tempo da invasaõ destes Africanos, e governo do Bispo Servando, até ao do Rei D. Affonso Henriques, conservárão sem intercadencia o explendor do Bispado dezasete Bispos, que foraõ:

Em 821 Theodemiro, da Ordem de S. Bento: em 873 Naustino, ou Nausto, da mesma Ordem: em 905 Foarengo, da dita Ordem: em 908 S. Gonçalo Osorio: em 912 Diogo, que confirmou hum Privilegio do Rei D. Ordonho II.: em 914 S. Froalengo II.: em 915 Gromaldo: em 935 Gondesindo, que confirmou huma Doaçaõ de S. Resendo ao Mosteiro de Cella-No-

Nova: em 968 Viliulfo, reinando D. Ramiro III.: em 985 Pelagio no tempo do Rei de Leaõ D. Bermudo II.: em 1064 D. Bernardo: em 1080 D. Pedro, ſendo Governador de Coimbra o Conſul D. Siſnando: em 1082 D. Paterno, da Ordem de S. Bento: em 1088 D. Martinho Simões, primeiro Prior da ſua Sé: em 1092 D. Creſconio, da Ordem de S. Bento: em 1098 D. Mauricio, da meſma Ordem: em 1110 D. Gonçalo, que foi o primeiro nomeado pelo Rei D. Affonſo Henriques: Homens todos, ou pela maior parte, virtuoſos, conſpicuos, e probos, que em idades revoltoſas, e perturbadas conſervárao a ſua Igreja ſem diminuiçaõ na ſua gloria primitiva.

Era vulg.

Conſervaõ-ſe na Luſitania memorias da antiga Eminio, que nas ſuas ruinas forneceo materiaes para a fabrica da pequena Povoaçaõ de Agueda no termo da nova Cidade de Aveiro, e a de Eminio illuſtrada na antiguidade pela Cadeira Epiſcopal, que foi erecta em 411, tendo o Imperador Honorio o dominio da Luſitania, e ſendo o ſeu pri-

mei-

Era vulg. meiro Biſpo no dito anno Gelaſio, ou Helarſo, que ſe achou no primeiro Concilio Bracarenſe, e naõ ſabemos mais deſtes Biſpos, ſenaõ que Poſſidonio, eleito em 589, aſſiſtíra no III. Concilio de Toledo.

No Reinado de Ariamiro, Rei dos Suevos, e anno de 572, achamos erectos na Luſitania dous Biſpados, hum o de Viſeo, outro o da Idanha, e ſaõ os ultimos, que floreciaõ no tempo dos Godos. O primeiro ſim teve muitos Biſpos antes do referido anno de 572, e tempo dos Romanos em Heſpanha; mas delles naõ ha noticia com certeza, e ſe attende como primeiro a Remiſſol, que ſobſcreveo no II. Concilio de Braga. O ſeu Succeſſor Sunila em 589, era ſectario de Arrio, hereſia que abjurou no III. Concilio de Toledo. A favor do Arcebiſpo deſta Cidade aſſinou o decreto Gundemaro, que ſuccedeo a Sunila no anno de 610. Depois delle, Lauſo em 633; Farno em 638; Parino em 646; Unadila em 643; Reparato em 681; Villiefonſo em 688, e Theudofredo em 693, todos

por

por sua ordem sobscrevêraõ nos Concilios IV. VI. VII. VIII. IX. XV. e XVI. Concilios de Toledo, chamados a elles mais pelas vozes da reputaçaõ, que pela Dignidade do Episcopado.

Era vulg.

Theodomiro foi hum dos Bispos, que largáraõ a Igreja de Sant-Iago, e no seu tempo abafou o explendor da de Viseo a innundaçaõ dos Mouros. Mas nas idades desta oppressaõ sustentáraõ nella firme o Christianismo os Bispos Gundemiro, que assinou na doaçaõ do Rei D. Affonso o Grande ao Mosteiro de Sahagum; Anserico; Dulcidio; Hermenigildo; Iquila; D. Gomes, que se achou no Concilio de Coyaça em Oviedo; D. Theodonio, que foi valido do Conde D. Henrique, S. Theotonio, natural do Lugar de Ganfei, e D. Honorio já no tempo do Rei D. Affonso Henriques.

No mesmo anno de 572, em que se erigio o Bispado de Viseo, foi fundado, como dissemos, o da Idanha, Cidade, que para ficar recommendavel na Lusitania, bastava ser Patria do Santo Wamba, Rei dos Godos. Nelle

Era vulg. le propagou, e floreceo a Christandade, que no dito anno achou com raizes fundas o seu primeiro Bispo Adorico, ou Adorio, que se achou no II. Concilio de Braga. Em 597 foi seu Successor Licerio, que assistio no Concilio Provincial de Toledo; Montesis, que se lhe seguio em 633, esteve no IV. Concilio da mesma Cidade, e Montesis, que foi eleito em 638, no VI. dos ditos Concilios, assim como no VII. no VIII. e no XIII. os seus Successores Armenio, Selva, e Monofonso; eleitos o primeiro em 646, e o terceiro em 683.

Ja no tempo do Bispo Theodomiro, que o foi em 899, os Mouros eraõ senhores de Hespanha, e com confusas noticias se faz memoria dos seus Successores Pamerio, Audencio, S. Fulgencio, irmaõ de S. Leandro, Gregorio, e Agesindo. No Chronicon de Hauberto Hispalense saõ tambem nomeados Bispos da Idanha Gregorio, Egica, Gregorio II., Licerio II. Athanasio, Joaõ, Agesindo, Constancio, e Walumboso; mas todos elles saõ du-

duvidosos no conceito dos criticos, que naõ admitem taes Prelados na Igreja da Idanha. ElRei D. Sancho I., que fundou a Cidade da Guarda, transferio para ella a Sé Episcopal, em que temos fallado, com authoridade do Papa Innocencio III., em 1195. Estes eraõ os Bispos, e estado da Igreja Lusitana no tempo dos Godos, e depois delles até a expulsaõ dos Mouros de muitas das partes da mesma Lusitania; e do caracter, zelo, e santidade dos Bispos, de que temos dado esta breve noticia, justamente podemos inferir a pureza do seu Christianismo.

Era vulg.

CAPITULO V.

Continuaçaõ do Reinado dos Godos depois da morte do religioso Tulga, e da do seu Successor Chindasuindo.

NAõ enchugou Hespanha as lagrimas na immatura morte do seu piedoso Rei Tulga no Governo de Chindasuindo,

649

Era vulg. que lhe ſuccedeo, e o quiz imitar ſendo hum intruſo, como acabamos de ver no fim do Capitulo II. deſte Livro. A reſtauraçaõ daquella perda, e a diminuiçaõ da dor, que ella cauſou, tudo eſtava guardado para a Época feliz do pio, brando, e affavel Receſvindo, que ſuccedeo a ſeu Pai Chindaſuindo. Porque eu tinha de entrar a eſcrever o Reinado de Receſvindo, que ſublimou o Eſtado Eccleſiaſtico de Heſpanha a huma magnificencia eſtrondoſa, eu tratei o que era reſpectivo ao da Luſitania nos dous Capitulos precedentes.

Receſvindo, todo occupado dos ſentimentos da Religiaõ, e que como a amigo de Deos, tudo havia de concorrer para o ſeu bem; elle em paz vinte, e tres annos, conſagrou ao Ceo todos os ſeus cultos, e á Igreja Santa a efficacia dos votos. Elle convocou o oitavo, nono, e décimo Concilio de Toledo, e hum em Mérida, todos muito uteis para a pureza da Fé, regularidade dos coſtumes, e credito dos Eccleſiaſticos dos ſeus Dominios. Em hum daquelles Concilios, como diſſemos,

mos, Pontamio o Penitente confessou voluntariamente, que elle havia comettido hum peccado de incontinencia, abdicando por este crime o Arcebispado de Braga, que pela sua deposiçaõ foi nomeado em Fructuoso, que se achava no mesmo Concilio; Prelado, que foi da Igreja de Dume, insigne em santidade, e milagres, zeloso na fundaçaõ de muitos Mosteiros, que conserváraõ seculos as piedosas memorias de Fructuoso.

Era vulg.

Em tudo brilhante o Governo de Recesvindo, elle se faz mais memoravel naõ tanto pela invasaõ dos Gascões em Hespanha, que foraõ rechaçados com o costumado valor pelos Godos; mas pela gloriosa coroa de Martyr, que a Santa Iria, ou Irene, teceo frenetico o amor profano. Britaldo, moço illustre, amava a casta Virgem com tanto extremo, que o amor degenerou em loucura. Iria affavel, com ternuras, e modos insinuantes, que se faziaõ sentir em si mesmos, curou a paixaõ de Britaldo, que se conservou reliquias do amor, elle era pu-

Era vulg. ro, e já de homem com juizo. O Monge Remigio vio obrar a Iria este milagre, que sendo para edificar, a elle servio de o corromper. Cégo o Monge nos transportes de amante, elle muda os colloquios espirituaes com que suavemente entretinha a Iria, e converte em práticas de ternura os severos conselhos de Director. Pasma, assombra-se a Santa, conhece solapado o veneno, e arroja de si, sacode o aspide.

Entaõ o Monge, por desatendido, furioso, sensivel á imaginada injuria prepara o despique em huma bebida de mixtos cõ virtude de fazer mostrar ventre de mãi á Santa Virgem. Chegou a Britaldo a noticia da fingida prenhez, que suppoz verdadeira. Elle converte em furor o antigo agrado; determina lavar a incontinencia de Iria, e a sua injuria com o sangue da innocente. Vem Britaldo ás margens do rio Nabaõ, aonde estava o Mosteiro, em que a Santa na companhia de suas tias fazia huma vida angelica. Ella he impiamente degollada, e o seu corpo

po foi lançado pelos algozes á corrente das aguas. Revelou o Ceo este catastrofe glorioso ao Abbade Selio, tio da mesma Santa, que busca o cadaver sepultado pelos Anjos no fundo do Téjo. Este rio se divide, e mostra patente o thesouro, que occulta, aos olhos que o buscavaõ. Os devotos pesquizadores se retiraõ contentes, e commovidos, quando víraõ, que o rio torna a buscar os limites donde se apartára para deixar o passo franco ás suas diligencias. He o Téjo o tumulo de Iria, o seu Epitafio Santarem, que entaõ deixou o nome de Scalabis, e tomou o de Sant'Irene, depois corrupto em Santarem.

Era vulg. 672

Ignorante da serie de muitos successos nos ultimos annos da vida do Rei Recesvindo, sabemos as revoluções grandes, e males perigosos, que a sua morte trouxe a Hespanha. Theodofredo seu filho, e Successor, ficou de mui pouca idade, e os Godos queriaõ Rei robusto, nunca attentos ao sangue, senaõ ao valor dos seus Principes. Em genios deste caracter naõ

po-

Era vulg.

podiaõ as idéas para o governo deixar de mover os espiritos, cada qual inquieto para o lado, aonde o arrastava o interesse, a ambiçaõ, aos menos o amor da Patria. No meio da geral perturbaçaõ dos animos, dizem fora revelado ao Papa, que na Lusitania havia hum Lavrador chamado Wamba, e que este havia ser o Rei dos Godos. Sahíraõ exploradores a buscar pelos campos o Rei incognito. Chegáraõ aos da Idanha, e encontráraõ lavrando hum homem, que lhes disse se chamava Wamba. Elles o augurá-raõ Rei da vasta Monarquia dos Godos; e se assegura, que Wamba lhes respondera, daria credito á boa nova com que o lisongeavaõ, se plantada na terra a aguilhada com que lavrava, de repente reverdecesse.

Acompanhou Wamba estas palavras com a acçaõ de cravar na lavoira a aguilhada, que no mesmo instante foi vista verde, e coberta de folhas. O successo verificou a revelaçaõ do Papa, e veio ser Rei dos Godos o Lavrador do campo da Idanha, novo David achado

do para Rei entre as matas, pastoriando os rebanhos de seu pai. Sería, ou naõ o Rei Wamba escolhido pelo Ceo para Soberano dos Godos, e Iria da paz na geral revolta, que a morte de Recesvindo carretou a Hespanha. Mas o certo he, que nós o podemos crer, attendendo á santidade da sua vida, ao seu zelo pela Religiaõ, á elegancia das suas acções, que tudo o o está inculcando Rei especialmente dado por Deos a Hespanha, quasi como David a Israel.

Era vulg.

Com prudencia admiravel pacificou Wamba os espiritos inquietos dos vassallos, depois que em Toledo foi coroado com magnificas ceremonias. Como tinha os animos conformes, e o Ceo propicio, naõ se perturbou com a rebelliaõ dos Navarros, e outros Póvos confinantes: marchar sobre elles, e domallos, foi huma só acçaõ em Wamba. Se teve algum susto, elle mostrou, que naõ o perturbava outra revolta, apenas abafada a primeira, com que Hilperico, Conde de Nimes em França, Cidade entaõ do domi-

Era vulg. minio de Heſpanha, pertendeo ſacodir o jugo dos Godos. Parece que eſtes vaſſallos mais apartados da Luſitania, ignorantes das qualidades de Wamba, para lograrem os deſignios da liberdade lhes deo corage ouvirem dizer, que empunhava o Sceptro o homem groſſeiro, que acabava de largar a rabixa do arado; como ſe as virtudes da alma tiveſſem alguma dependencia dos chamados dotes da fortuna, e imaginada qualidade do naſcimento.

Wamba para fazer aos rebeldes evidente o nada, que os temia, ſem ſair da Corte, mandou ao ſeu General o Grego Paulo lhes foſſe tomar contas da perfidia. Eſte eſtrangeiro, eſquecido da fidelidade, que devia ao Principe a quem ſervia, ſe unio com elles, e ao ſeu exemplo tornáraõ a revoltar-ſe os Navarros, e junto com elles os Catalães. Entaõ ſe reſolveo Wamba a paſſar os Pyreneos, para onde audaz, e atrevido o deſafiára Paulo. Humas a outras ſe seguíraõ as victorias, tantos os combates, quantos

Era vulg.

tos os triunfos, a cada gulpe de Wamba cortadas muitas palmas. Sobmettido o Paiz, lhe cairaõ nas mãos os rebeldes, que as ſentiriaõ pezadas, ſe foſſem outras. Mas o Rei nada vingativo, todo clemencia, lhes comutou a pena de morte em prizaõ perpetua para naõ pertubarem antes ao Eſtado, que a elle.

675

A grande reputaçaõ que adquirio Wamba por tantas, e taõ aſſinaladas victorias, o fez gozar ditoſa paz, pelas virtudes amado dos vaſſallos, pelo valor temido dos contrarios. Entaõ convocou elle o XI. Concilio Nacional de Toledo, aonde acabou de ajuſtar a diviſaõ dos Biſpados de Heſpanha, com os limites, e termos das juriſdicçóes, pouco alterada a demarcaçaõ primeira, de que deixo dada noticia. Mas por eſtes tempos já os Africanos ſe enſaiavaõ em viſitar as noſſas coſtas maritimas. Elles as inſultáraõ, e ſe preſume, que eſta invaſaõ foi traçada por hum Conde Grego deſterrado pelos Imperadores de Conſtantinopla, chamado Hervigo. Tinha eſ-

te

Era vulg. te casado com huma sobrinha do Rei Recesvindo, e esta alliança junta aos annos avançados, que Egica considerava em Wamba, entendeo lhe davaõ direito, e facilidade para ser Rei dos Godos em Hespanha.

Por força das armas naõ logrou Hervigo o projecto. Os Barbaros, em que se fiava, foraõ feitos em póstas, naõ se diminuindo em Wamba a corage com a velhice. De outros meios todos industriosos se valeo Hervigo, e conseguio ser adoptado por Wamba, que bem pouco sensivel ás glorias do mundo, as enterrou comsigo no Mosteiro de Pampliega entre Burgos, e Valhadolid, para passar o resto da vida na tranquillidade de espirito, que naõ he facil gozar-se nos bulicios do Seculo. Nelle a acabou com morte preciosa o Rei, que sempre fez vida de santo, e podemos dizer, que com elle espiráraõ as felicidades das Hespanhas; principiando daqui em diante a ter muitas disposições antecedentes ás grandes calamidades,. que as esperavaõ no infausto reinado de Rodrigo; que he

he huma ordem vulgar da Providencia suprema fazer, que precedaõ proemios estrondosos aos grandes castigos. Era vulg.

Hervigo intruso ficou Rei sem sobresaltos depois da morte de Wamba, que lhe desterrou o susto das contingencias. Com realidade, ou apparencia de religioso, immediatamente ajuntou dous Concilios, aonde os negocios seculares leváraõ mais attenções, que os Ecclesiasticos; idéas de quem reina sem direito ás Coroas, para as sustentar na cabeça firmes com as forças respeitosas da Religiaõ. No primeiro daquelles Concilios se tratou o modo com que o Rei, e a sua successaõ se haviaõ conservar na Monarquia: no segundo foraõ confirmadas todas as determinações do primeiro. Com pouca interpolaçaõ de tempo convocou outra Assembléa para se resolver nella, que os Decretos do VI. Concilio Geral Constantinopolitano contra os erros de Apollinar, fossem admittidos em Hespanha. Depois cuidou de contentar o Povo, entendendo o lisongearia casando sua filha Cixilona com Egi- 682 684 685

ca,

Era vulg. ca, filho de huma irmã do Rei Wamba, tambem nascido na Idanha, e segundo Monarca Lusitano, que veio a succeder no Throno dos Godos.

Sentia nestes annos Lusitania os effeitos da peste geral, e espantosa, que se assegura lhe roubára a terceira parte dos seus moradores. Nelles, e nos ultimos do seu Reinado, Hervigo, para prevenir os futuros, nada desejava tanto, nem lhe levava agitações maiores, que trabalhar, para que seus filhos ficassem no agrado de Egica, que era muito respeitado de toda a Nobreza Gothica. Com a mesma idéa cuidou em honrar as Memorias de Wamba na edificação dos muros da Idanha sua Patria com grandeza de Principe, e industria de Politico. O mesmo empenho tinha em Mérida o Lusitano Sala; occupados ambos em fazer respeitavel o nome, e o Reino dos Godos, quando estava proximo o Reinado do abominavel Witisa, que arruinando nestas paredes, e nas de todas as Praças as forças de Hespanha, havia fazer perder aos Godos o Reino, e o nome.

Com

Com effeito, depois de Hervigo, Egica, filho de Ariberga, irmã de Wamba, foi acclamado Rei. Entendiaõ os Póvos, que elle era huma emanaçaõ da alma do grande Tio: nos transportes do prazer se lhes confundia o gosto, e em effeitos differentes era huma, e a mesma a causa da alegria. Augmentou-se a satisfaçaõ, e complacencia dos vassallos, quando o víraõ repudiar a filha, que Hervigo lhe dera por mulher, naõ gostando os Godos de venerar como reliquias Reaes aos filhos de hum Tyranno. Depois convocou Egica varios Concilios sobre as diversas materias, que occorriaõ, e vivia satisfeito na profunda paz, que gozava.

Era vulg. 687

698

Naõ se possuindo este bem nas Monarquias, senaõ em quanto querem os outros homens perturbadores, ou ambiciosos; a de Egica foi alterada pelo Conde Vitulo de Galliza, que pertendeo usurpar-lhe o Throno. A rebeliaõ ainda que inquietou aquelle Reino, e as terras de Entre Douro e Minho, ella foi depressa abafada, e res-

Era vulg. restituido Egica á sua amada paz. Para evitar com tudo nas mesmas partes outras revoluções semelhantes; reconhecendo elle em seu filho Witisa, havido na repudiada Cixilona, qualidades bem proprias para reger, e domar hum Estado inquieto, o nomeou Rei do Minho, e de Galliza, e elle ficou com Hespanha, e a Gallia Narbonense.

Witisa, que naõ herdára as virtudes, e piedade do pai Egica, nem do avô Wamba, fez Corte da Cidade de Braga, e quando o destinavaõ para apagar faiscas de sedições, elle servio de atear incendios de discordias. Com espirito cruel, e animo brutal, Witisa se transformou em Rei dos vicios, em verdugo dos homens, sem nada de bondade além do respeito, que tinha a seu Pai, unico freio, que o continha nos desmanchos para com o despotismo do dominio naõ dar caracter mais infame ás desenvolturas.
701 Deixando no mundo taõ máo filho, Egica morreo na Cidade de Tuy, aonde entaõ se achava, e Witisa marchou

lo-

logo a Toledo para ser acclamado Rei dos Godos. Era vulg.

Precursor do infeliz Rodrigo este homem indigno de ser Rei, depois de revestido da magestade arrastou naõ só a cauda, mas toda a purpura; e por todos os modos insolente; a espada, e o sceptro mais eraõ flagellos de opprimir, que devisas de o honrar: Elle o Heliogabalo de Hespanha, que na cultura dos vicios presumio imprimir alto caracter na reputaçaõ das suas gentes: Elle, que na desenvoltura dos vassallos intentou estabelecer constante a felicidade da Monarquia: Elle a nuvem medonha, que eclypsou todas as luzes brilhantes dos Reis Godos seus predecessores: Elle verdadeiro Tiçaõ de Hespanha, que lhe pôz o fogo, e fez lavrar o incendio, que a devorou pelos seus dilatados ambitos: Elle, em fim como já disse, o Precursor fatal do infeliz Rodrigo, que pelos caminhos da depravaçaõ aparelhou para as gentes Lusitanas, e Hespanholas o mais duro cativeiro; homem indecente, vasio de toda a justiça.

Co-

Era vulg.

Começou Witiſa a exercitar a crueldade com a Familia Real; a huns dos Principes arrancava os olhos, a outros tirava a vida, eraõ felices os que ficavaõ ſem liberdade. Rodeado de contubernaes, e imitadores das ſuas deſenvolturas; elles lhe forneciaõ os objectos dos appetites torpes, que lhe levavaõ todos os cuidados. O Palacio era hum proſtibulo vil de obſcenidades, Witiſa hum Tiberio entre os Godos, que premiava aos inventores de novos modos de luxuria. Para disfarçar os eſcandalos com outros maiores, concedeo o uſo de muitas mulheres aos vaſſallos; e continuando a cobrir a malicia ſem pejo, promulgou huma Lei, em que facultava o matrimonio aos Eccleſiaſticos. Os animos pios á viſta de tanta impiedade ſe enchiaõ de horror ſanto, laſtimados da corrupçaõ da Nobreza, que céga imitadora, e arraſtada do exemplo do Principe, era a mais pervertida.

Eſte ſentimento dos homens bons acabou de deſenfrear as demaſias de Witiſa, que ordenou por hum Decre-

to

to negassem todos os seus vassallos a obediencia ao Papa; primeiro passo, e bem vulgar arrojo dos Libertinos sacodir o jugo da Igreja Santa, deprimilla, e se podessem aniquilalla, para que freio suave, para elles taõ pezado, lhes naõ impedisse correr desenfreados, soltos, desbocados pelos caminhos da depravaçaõ, e liberdade. Avançando a temeridade, Witisa para naõ temer os vassallos commovidos, mandou arrazar as fortificações de todas as Praças de Hespanha; disposições do castigo decretado pela indignaçaõ Divina para facilitar a conquista dos Mouros, que ella tinha preparado para Salmanasares, e Nabucos da Mesma Hespanha.

Era vulg.

Os muros da Cidade de Braga escapáraõ da ruina geral pelas instancias do Arcebispo Felix, que conseguio a graça pelos bons officios do Conde Juliaõ, validó de Witisa, e depois (com milagre raro) do seu Successor Rodrigo, aquelle o verdugo, este o cutello da felicidade, e existencia da Patria. Em Witisa, como temos visto,

Era vulg. deo ella os primeiros arrancos, elle os ultimos da vida com dez annos de Governo depois da morte de ſeu Pai; e quatro antes della. Naõ ſabemos de que moleſtia morreo eſte Rei, que huns dizem fora natural, outros, que com olhos arrancados, e ella violenta diſpoſta pelo Infante D. Rodrigo, em pena da que elle dera a ſeu Pai. Mas de qualquer modo que Witiſa eſpiraſſe, elle ſempre morreo com o eſtrondo, com que acabaõ os impios; morte peſſima de peccador, que encheo os vaſſallos de goſto, a piedade de laſtima.

LI.

LIVRO VI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Do Governo de Rodrigo, ultimo Rei dos Godos, e invasaõ dos Mouros em Hespanha.

Era vulg. 707

EU sou chegado á Época mais triste de Hespanha, e entro na narraçaõ de hum dos castigos com que Deos quiz mostrar, que sendo taõ facil em perdoar peccados aos homens, he muito difficultoso em dissimular escandalos aos Reis. Elles saõ na terra seus Lugar-Tenentes, seus Sobstitutos, suas Imagens, saõ huns Vice-Deoses, e elle quer que imitem o Prototypo, o Exemplar, que representaõ. Nada, nem ainda as cousas minimas, succedem no mundo por acaso: tudo, grande, e pequeno, dispoem a Providencia Divina para o fim dos Santos, e impresrutaveis designios, que só a ella saõ

Era vulg. manifeftos. Nefta ordem devemos incluir a invafaõ, e conquifta de Hefpanha pelos Mouros, e tantos trabalhos, que fe lhe feguíraõ, devemos julgar por fem dúvida, que foi hum caftigo evidente dos enormes peccados dos Godos, a que encheriaõ os do Rei Witifa, e de Rodrigo o número decretado; talvez femelhantes ás quatro maldades de Damafco, que fem remiffaõ chamáraõ pela fua ultima ruina.

Tenebrofos os tempos por onde entra a andar apalpando efta Hiftoria, efcuras as idades, que rodeiaõ a fua narraçaõ, tudo abafado pela eutrada em Hefpanha da barbaridade de Africa, que como hum fopro apagou nella todas as fuas luzes: eu encontro a primeira efcuridade no Governo do Rei Rodrigo, que alguns Hiftoriadores prefumem reinára com feu irmaõ Acofta, ambos filhos do Infante Theodoredo, fem nos dizerem fe tinhaõ ambos juntos authoridade no mefmo Eftado, fe cada hum em Dominio differente. Nefta dúvida continúo dizendo, que depois dos Principes nomea-

meados arrancarem os olhos a Witi- Era vulg.
ſa, e naõ ſabemos ſe tambem lhe tiráraõ a vida: Rodrigo occupou o Throno dos Godos com goſto grande dos vaſſallos, que lhes parecia eſtar vendo nelle huma imagem de ſeu avô o Rei Chindaſuindo. Mas ella em taõ pouco tempo ſe moſtrou por tal modo contrafeita, que a deſconhecêraõ, eſpantou-os, encheo-os de horror, naõ a quizeraõ ter viſto.

Fizeraõ elles o cotejo dos ſeus vicios com os de Witiſa, e julgáraõ que a relaxaçaõ dos coſtumes do Succeſſor apagava a fealdade das abominações do Predeceſſor: vantagem de malicia, ou por mais mal inclinado, ou por emulo infame Rodrigo, que ſe deixou ver hum dos herdeiros mais faceis em imitar as maldades, que as virtudes dos Predeceſſores. Com triſtes principios, naſcidos da ſua politica corrupta, principiou elle a reinar; e quando entendeo, que removia os obſtaculos para ſe firmar no Throno, elle lhe deo hum avano taõ forte, que o deixou em fraqueza para o primeiro impulſo dar

Era vulg. dar com elle em terra. Sem lhe fazerem a menor especie, perseguio logo aos filhos de Witisa, privou a seu irmaõ Opas do Arcebispado de Toledo, mandou-o residir no de Sevilha, e sobre os homens de probidade deixou cahir intoleravel o pezo da Soberania. Os Principes escandalizados se refugiáraõ em Africa, e em Ceuta os recebeo seu parente o Conde Rechila recommendados pelo Conde Juliaõ, que era cunhado de Witisa, valido de Rodrigo, e como tal o primeiro dos homens em Hespanha.

Se com indifferença, e sem escolha de qualidades, a gentileza das Damas roubava todos os cuidados, o juizo, a liberdade do Rei Rodrigo; a de Cava, ou Florinda, filha do Conde Juliaõ, formosura desgraçada, chamada com propriedade Helena Hespanhola; ella entre todas a mais especiosa, e a melhor de todas, mal escaparia aos rendimentos de hum Rei resoluto, amante poderoso. Cativou-se Rodrigo da belleza de Cava, e a elegeo para esposa; mas na conjuntura

em

Era vulg.

em que os fados lhe hiaõ a ministrar outro objecto para novo gosto, que o obrigaria a esquecer o primeiro. Hum naufragio arrojou na Corte de Rodrigo a Princeza Africana Egilona, ou Eilata, Dama de rara formosura, mais attendida por estrangeira, e por este dote logo esposa do Rei, que esquece a palavra dada, e o amor empregado em Cava: Egilona, Senhora, e Rainha; Cava no Paço com o emprego de Dama, e a dor de repudiada.

O sentimento dos filhos, e parentes de Witisa, que o Rei naõ prevenio quando devêra; agora com o seu retiro para Africa, lhe dava o cuidado, que merecia a sua delicadeza; elle hum mal muito critico, que já fazia difficultoso o remedio. Entendeo o Rei, que só o seu valido o Conde Juliaõ o poderia applicar efficaz passando a Africa em pessoa; Juliaõ, Pai de Cava, já resentido do repudio da filha, que por hum lado elle olhava esposa aggravada, por outro Princeza desattendida. Ordenou o Rei ao

Con-

Era vulg. Conde, se he que lhe naõ pedio, quizesse passar a Africa com o caracter de Embaixador a Muça, que só entendeo instrumento capaz por poderoso para moderar o resentimento dos filhos de Wetisa; mas esta ausencia do valido, este desamparar o lado do Soberano, naõ trouxe comsigo, como vulgarmente succede, a perda do valimento no Ministro; mas a ruina da Magestade no Rei.

Como a este lhe durava o amor aos objectos do gosto em quanto naõ fartava o appetite, elle já satisfeito na Rainha Egilona, lembrou a Rodrigo a primeira inclinaçaõ de Cava. O retiro do Pai facilitava a renovaçaõ dos intentos; e a paixaõ esquecida, tornando a lançar faiscas, ateou tal incendio, que depois de abrazar o Rei, consummio Hespanha. Bastou huma lavareda do appetite inflammado para reduzir a cinzas o Throno dos Godos, que na mesma Hespanha tivera tantos Seculos a firmeza do bronze. Instrumento desta fatilidade o Conde Juliaõ, antes da sua partida para Africa, pare-

rece que elle já trazia na idéa conce- Era vulg.
bido o despique, que havia traçar contra a Patria, e contra o Rei; aconselhando-o, que mandasse acabar a grande obra, que principiára Witisa, isto he, a ruina das fortificações. Elle o fez crêr, que era huma injuria para a reputaçaõ do valor dos Godos entender-se, que no seu Dominio se necessitava de Praças fortes; que as arrazasse: que era outra affronta presumir-se, que elles para a sua defensa haviaõ mister armas, quando lhes sobrava para a sua segurança o terror das Nações; que as destruisse. Deste modo a miseravel Hespanha sem armas, e sem praças, os homens affeminados, as campanhas abertas, ella ficou disposta para ser levada em preza dos primeiros inimigos, que a invadissem.

A este conselho logo executado, como de taõ valido, se seguio a jornada de Juliaõ para Africa. Como a sua Embaixada a Muça havia ir acompanhada de presentes magnificos, que franqueiaõ as entradas, e dispoem os animos para os Officios dos Ministros le-

Era vulg.

levarem attenções effectivas: ſendo tradiçaõ immemorial, e voz conſtante, que nos ferrolhados Palacios de Toledo haviaõ riquezas immenſas; mas que o Rei que os abriſſe para ſe aproveitar dellas perderia o Reino; dizem, que Rodrigo temerario, deſprezando eſtes agouros prudentes, que atemorizáraõ aos ſeus Predeceſſores, elle mandára arrombar as portas do encantado Palacio: que entrára nelle: que buſcando os theſouros, achára Inſcripções como as do Rei Balthaſſar de Babylonia nas paredes, eſcritas por maõ ſem corpo, e enunciativas da perda da ſua vida, e do Reino: que víra em muitos pannos pintadas as imagens dos Africanos armados de cimitarras, cobertos de turbantes, inſtrumentos do ſeu ultimo eſtrago: em fim, que lhe apparecêraõ outros phantaſmas nas idéas de alguns Hiſtoriadores taõ horrendos, que o Rei voltára atordoado, ſaindo do lugar dos theſouros mais pobre do que entrára, ou antes duas vezes pobre, huma de ouro, outra de eſpirito.

Os

Os modos de que elle se servio para o recobrar, foi desenfrear na ausencia do Conde os transportes do appetite com sua filha Cava, que ainda resentida difficultava a condescendencia. Como porém ao amor com poder tudo he facil, Rodrigo como poderoso conseguio o fim, que naõ podera amante. Elle fez a Cava o ultraje sensivel, que o estimulo voluntario encobre, e a honra forçada naõ dissimula. Representou ella a seu Pai, por maneira delicada a nova offensa, que por cair sobre chaga ainda fresca, imprimio desesperaçaõ na que só devera ser dor. Escreveo Cava a seu Pai, e acompanhou a carta de huma joia, que levava no meio hum diamante partido, dizendo-lhe: Que estando aquella joia sobre hum bofete na ante-camara do Rei, caira sobre ella o Estoque Real, e lhe partira o diamante de maior valor, que ella tinha; que naõ havendo em Hespanha quem lhe restituisse tamanha perda, nem soldasse taõ feia rotura, lhe mandava a joia, para que com diligencia de Pai,

Era vulg.

ro-

Era vulg. rotura, e perda tudo lhe fizesse restituir em Africa.

Entendeo Juliaõ a queixa da filha, e formou o depravado conceito, de que a rotura do diamante só se soldava com sangue, e que o valor da perda o havia compensar com o de toda Hespanha. Muitos despiques em huma só obra entrou a traçar o Conde, o seu, o da filha, o dos parentes, e filhos de Witisa, que tambem eraõ seus parentes. Com Muça, que entaõ governava a Mauritania, tratou elle logo o grande negocio de privar do Reino a Rodrigo, que era seu Rei, de lhe avassallar Hespanha, que era a sua Patria. Muça participou tudo ao Califa, e este deo instrucções ao Conde, e nellas lhe ordenava passasse sem demora a Hespanha para segurar partido, e ganhar vontades, empenho facil em hum valido, a quem o Rei fizera da sua total entrega. Em Malaga concluio o Conde Juliaõ os abominaveis ajustes: voltou para Ceuta acompanhado de Cava, e deo principio ao enorme projecto para Hespanha sensi-

ſivel, a todas as idades futuras ſempre eſcandaloſo. Era vulg.

No anno 713 da Era Heſpanhola paſſou o mar a vanguarda do exercito Africano, compoſta de 12000 homens, que eraõ mandados por Tarif Abenſarca, e pelo Conde Juliaõ, que quiz vir ſer executor, e teſtemunha da aſſolaçaõ da Patria. Como elles acháraõ o Reino ſem Praças, os homens deſarmados, os eſpiritos ſem corage, os animos com a diuturna, e vergonhoſa paz affeminados; elles taláraõ toda Andaluzia, roubáraõ o que quizeraõ, derramáraõ ſangue a fartar-ſe, e cativáraõ gentes ſem número. Via o Rei Rodrigo tanto mal dentro em caſa, e ainda naõ podia crêr, que o Conde Juliaõ o promovia. Tanto ſe tem cegado alguns Reis com os Privados, que ainda vendo os verdugos, os eſtimavaõ como amigos. Com tudo Rodrigo acordou do ſeu lethargo por força do alto clamor do Povo, que lhe pedia olhaſſe por ſi, e por elle, ambos em grande perigo traçado por hum traidor infame. 713

Ro-

Era vulg.

Rodeado de indecisões, accelerado, e confuſo, o Rei entrou de repente a armar o Reino, e fez ſair ao campo hum exercito quaſi deſarmado. Era ſeu chéfe o inexperto D. Inigo, ou D. Sancho, que dizem ſer ſobrinho de Rodrigo, filho de ſeu irmaõ Acoſta. No primeiro repelaõ foi elle morto; as trópas ficáraõ desbaratadas; os Godos, até entaõ tidos no mundo por invenciveis, miſeravelmente derrotados pelos Barbaros Africanos, já conhecido o erro, quando para a queixa mortal ſenaõ atinava com remedio efficaz; para ella tudo violento, e conhecido o mal ſem cura. Entendeo o Rei, que o diminuiria apparecendo elle na campanha; que he certo tomar grande corage o eſpirito dos ſoldados com a preſença dos Soberanos mettidos com elles nos meſmos perigos das batalhas. Mas quando Rodrigo emprehendeo eſta jornada, já o Conde, e os Mouros haviaõ paſſado a Africa carregados das riquezas de Heſpanha, que lhe forneciaõ hum dos meios para voltarem mais poderoſos á ſua conquiſta.

No-

No anno seguinte em muitas Galez Genovezas, segundo se affirma; tornáraõ a passar o mar com exercito poderoso o Conde Juliaõ, e Tarif Abensarca a tempo, que o Rei Rodrigo por todos os seus Estados alistava gente, reparava as Praças, e ajuntava armas. Ainda tudo naõ estava prompto, e a necessidade o obrigou sair a campo com forças maiores no número, que na qualidade; exercito disciplinado com aquella acceleraçaõ, que costuma conceber monstros, e parir abortos. Nas dilatadas campinas, que banha o rio Guadalete a cima da Cidade de Xeres, que eu vi, e notei bem proprias para se baterem, e fazer as necessarias evoluções militares dous grandes exercitos, se encontráraõ o dos Godos, e o dos Mouros, mandados por Chéfes estimulados, hum Soberano legitimo para defender o Estado, outro vassallo rebelde para vingar a honra. Oito dias durou o temeroso combate, em que o valor, e a porfia, a obstinaçaõ, e a corage apuráraõ os ultimos esforços: Batalha de decidir hum Rei dos Godos

Era vulg. 714

dos

Era vulg. dos a reputaçaõ de taes vaſſallos, e a conſervaçaõ da Monarquia; os Mouros, e o Conde Juliaõ empenhados os primeiros a ganhar nella a meſma Monarquia, o ſegundo em a perder para reſtituir o valor do diamante de Cava, e em derramar muito ſangue para com elle lhe ſoldar a rotura.

O Rei montado no cavallo Oreſia ſe fazia admirar dos ſeus, invejar des Mouros; elle hum objecto de contemplações iguaes a olhos differentes; aos amigos reſpeitavel, dos inimigos temido. Como a vexaçaõ lhe reſtituio o entendimento, que lhe tinhaõ tirado os vicios, ella lhe renovou a corage, que elles, acompanhados do ocio, lhe tinhaõ enfraquecido. Muitas vezes teve ella vencida a batalha ſem deixarem declarar a victoria, ou o eſpirito furioſo do Conde Juliaõ, ou o ardor intrepido dos Mouros. Quando de huma, e outra parte ſe multiplicavaõ as mortes, quanto mais ſangue ſe derramava, tanto maiores forças ſe mandavaõ aos braços, e mais alentos aos animos. Mas como os Barbaros eraõ

os

os instrumentos da vingança Divina, ainda que fossem mais fracos, elles ficáraõ vencedores no ultimo avance. Em hum dia fatal acabou a poderosa Monarquia dos Godos tantos Seculos respeitada, e Rodrigo ficou sem Magestade, sem Reino, sem vassallos, objecto lastimoso a quem se entoava a triste Endexa: *Hontem foste Rei de Hespanha, hoje hum Castello naõ tendes.*

Era vulg.

Vencida esta batalha, que foi a que bastou para o Conde consummar a vingança, e para os Mouros ganharem tantos Reinos; o Rei consternado, e afflicto, largou o campo, foi pelas margens do rio acima, e já em distancia do lugar do combate encontrou hum Pastor, com o qual trocou os vestidos, e deo o cavallo mal ferido, e fatigado, que foraõ os unicos sinaes confirmados pelo Pastor, que teve Hespanha de haver o seu Rei escapado da batalha com vida. Nesta triste figura disfarçada a Magestade, foi elle encaminhando a marcha para Mérida; buscando asylo occulto, aonde

Era vulg.

paſſaſſe incognito o reſto do tempo, que já todo elle lhe parecia pouco para chorar os crimes de homem, e os peccados de Rei. Duas legoas antes de chegar a Mérida entrou elle na Igreja do Moſteiro de Cauliniana, aonde a ſua alma deſcobrindo nas exterioridades evidencias de dor vehemente, e demonſtrações de verdadeiramente contrita; no interior invocaria ao Pai das piedades, que tem a miſericordia por ſuperior a todas as ſuas obras, para que compadecido de tanta miſeria, a ſua juſtiça ſe deſſe por ſatisfeita; ſe o affligia o conſolaſſe; ſe o mortificava o ſoccorreſſe; ſe o tinha abyſmado até aos infernos o reſuſcitaſſe.

Reparou o Monge Romano na figura edificante do penitente deſconhecido, e tocado da caridade lhe perguntou quem era, e que mal o affligia. Pedio-lhe o Rei, que o confeſſaſſe, porque ſó debaixo do ſegredo do Sacramento lhe podia dizer quem era, e derramar aos ſeus pés todo o eſpirito occupado de huma deſſolaçaõ extrema. Deſcobre-ſe o Rei; compadece-

ſe

se o Monge; promette naõ o desamparar em todos os seus destinos, seguillo em qualquer das fortunas, e associados ambos seguem a jornada para a Lusitania. Pedindo a protecçaõ da Senhora com o titulo de Nazareth, que trouxeraõ comsigo, e varias Reliquias de S. Bartholomeo, e de S. Braz, elles foraõ parar junto á Villa da Pederneira, no monte, que se chama de S. Bartholomeo, junto á Senhora de Nazareth. Nesta soledade venturosa, aonde Deos lhes fallaria aos corações, como costuma em taes lugares, collocáraõ elles as Reliquias, e Imagem. Deposito Sagrado, que o Ceo teve occulto até ao tempo do Rei D. Affonso Henriques para entaõ illustrar Portugal com hum Santuario respeitavel.

Era vulg.

Os dous Anacoretas para occuparem todo o tempo nos seus exercicios espirituaes, querendo Rodrigo ganhar o Reino do Ceo, já que perdèra o da terra; elles se apartáraõ hum do outro, cada qual em sua cova, aonde o Monge Romano acabou os seus dias com a morte preciosa de Justo.

Era vulg. Rodrigo mais mortificado no desamparo de toda a humana companhia, dizem que penetrára a terra, deixando no mesmo lugar as Santas Reliquias, e que viera para huma Ermida da invocaçaõ de S. Miguel, junto á Cidade de Viseo, aonde acabado de penitencias, edificante, e arrependido, a morte lhe pozéra termo aos trabalhos. Assegura-se, que Seculos depois fora achada huma campa com o Epitafio, que dizia haver jazido debaixo della o cadaver de Rodrigo, ultimo Rei dos Godos, e que esta era a próva evidente delle haver fallecido junto a Viseo.

CAPITULO II.

Os Mouros conquistaõ o Reino de Hespanha, e em breve resumo se escrevem os successos desta conquista.

EM quanto o Rei Rodrigo, e o Monge Romano, em quem acabo de fallar, nas suas covas dos campos da Pederneira conquistávaõ o Ceo, os Mou-

Mouros com rápida carreira hiaõ sobmettendo Hespanha. Unicamente em Mérida defendida pelos Lusitanos, elles encontráraõ resistencia, que parecesse de soldados com valor. O Godo Sacaru era o seu Commandante; mas elle vendo, que a multidaõ o opprimia; que a teima dos Mouros abafava a corage, e que na generalidade do estrago elle só naõ podia ser feliz, resolveo-se a parlamentar. Rendido com honra, elle, e toda a guarniçaõ da Praça atravessáraõ Portugal, e se affirma, que nas suas cóstas maritimas embarcáraõ em demanda das Ilhas Canarias. A plausibilidade porém o representa errando o rumo, e o leva á decantada Ilha encoberta, que ella figura povoada de Lusitanos, ennobrecida com sete Cidades, illustrada por hum Arcebispado; e seis Bispados; affirmando, que nella já abordára huma Náo de Portugal, ou de Genova, e que a sua tripulaçaõ dera noticia dos segredos portentosos, que Providencia particular occulta nella.

Era vulg. 714

Era vulg.

De Mérida correo a innundaçaõ dos Mouros a cobrir todos os campos da Lusitania, entrou pelo Alem-Téjo, por entre o Téjo, e o Douro, e por entre o Douro e o Minho; levando os Barbaros sobre a marcha o vasto Paiz, que custou aos aguerridos, e sábios Romanos Seculos de disputa, rios de sangue, mortes sem número, batalhas sobre batalhas para o sobmetterem, e conquistarem: próva evidente, de que este golpe taõ furiosamente descarregado, antes foi effeito da indignaçaõ Divina, que acontecimento incluido na ordem das cousas humanas. Quasi sem resistencia se rendêraõ as fortes Praças de Evora, de Béja, da Idanha, de Alcacere, de Portimaõ, e outras, cada huma dellas bem capazes de fazer parar qualquer exercito poderoso todo o tempo de huma campanha. Em dous annos conquistáraõ Muça, e Abensarca a grande Peninsula de Hespanha, que na triste soledade dos seus moradores, naõ havendo olhos para ver os estragos, parece choravaõ as pedras as ruinas de edificios

715

cios magnificos, a atrocidade das mortes em todo o genero de viventes, as sacrilegas profanações nos Monumentos Sagrados da Religiaõ. Em fim, com hum Diluvio de sangue affogou Deos em Hespanha toda a carne, que corrompêra com o veneno dos vicios o caminho da probidade. Era vulg.

Naõ he do meu assumpto tratar ao largo os tragicos fins da Rainha Egilona, do Conde Juliaõ, de sua filha Caya, de todos os Co-Reos da alta traiçaõ, que sobre todos cahio sem commiseraçaõ o furor de Deos, e a raiva dos homens. Ainda que vicioso Rodrigo, elle era Rei, hum dos Christos do Senhor, que elle manda, que ninguem os toque; que elle o soffria, e deviaõ soffrello os vassallos; que elle conservava no Reino, e haviaõ conservallo os sobditos; que se elle naõ o arrancava da terra, e lançava do Throno, menos o podiaõ lançar, e arrancar os homens. Como de instrumentos aptos, e dispostos para punir Hespanha se servio Deos daquelles traidores; mas elle os castigou como a re-

Era vulg.

rebeldes: deixou-os na maõ do seu conselho para obrarem a maldade, e descarregou sobre elles com justiça o golpe, que a sua maldade merecia.

716 As reliquias destroçadas dos Godos buscavaõ nas cavernas dos montes, na espessura das matas, e no horror das brenhas asylo com alguma segurança para as perseguidas, e amadas vidas: desejo taõ natural, que raras vezes as deixa fazer aborrecidas, ainda quando rodeadas das maiores calamidades. Sem moradores, desertos os Povoados, as Cidades hermos, os campos medonhos, totalmente destruido o Reino dos Godos; o Infante D. Pelaio, que governava Biscaia, e antes do matrimonio foi fructo dos amores do Duque D. Favila, irmaõ de Theodofredo, e de sua Sobrinha D. Luz, filha do mesmo Theodofredo, e irmã do Rei Rodrigo: elle se retirou para as altas montanhas de Oviedo nas Asturias para escapar com as suas gentes á perseguiçaõ furiosa dos Barbaros. Aqui o foraõ encontrar muitos dos vagos, e profugos moradores com os dous des-

destinos de escaparem da morte, e lhe Era vulg.
fazerem Corte.

Elles com resoluçaõ unanime reconhecêraõ a Pelaio por seu Principe, de justiça herdeiro de Hespanha pelo sangue, digno delle pelas qualidades: e lhe offerecêraõ para a sua defensa o sangue, para darem pela Fé as vidas. Sómente nella pôz Pelaio firmes as suas esperanças, naõ tendo por possivel sem forças conseguir a menor vantagem, que naõ fosse attribuida a beneficio do Ceo. Os homens que o seguiaõ esperavaõ muitas, e firmavaõ a esperança na santidade do Principe, que em premio della naõ podia deixar de ter propicio nas expedições ao Deos das Batalhas: Esperanças mutuas do Principe em Deos, dos vassallos no Principe, felizmente conseguidas, como esperanças bem fundadas. Armado 717 pois das tres virtudes infusas, e Christãs, Fé viva, Esperança em Deos, Caridade para com o proximo opprimido, D. Pelaio se resolve baixar dos montes, vir ao campo, atacar as batalhas, e com tal armamento bem podia

Era vulg. dia levar a certeza dos triunfos antes de entrar nos combates.

Formou elle o pequeno exercito de trezentos homens cobertos com armas como as ſuas, capazes de arroſtarem todos os perigos; homens, que ſabiaõ levantar os olhos aos montes, donde lhes havia vir o ſeu ſoccorro; todas as horas pôr, e esforçar as mãos para os ſacrificios de propiciaçaõ, e com elles deſceo das montanhas ao vale de Cangas. Nelle encontrou hum exercito de Mouros ſem número, que zombando da temeridade dos Chriſtãos, quando o terror da ſua viſta naõ baſtaſſe para os fazer retirar cortados, o pezo de huma parte da ſua vanguarda ſobraria para os deixar eſmagados. Tudo pelo contrario ſuccedeo aos Barbaros, que naõ atacavaõ o Rodrigo vicioſo, ſenaõ o Pelaio ſanto; que naõ eraõ inſtrumentos de caſtigar crimes, mas hum deſpojo das virtudes. Aos golpes de trezentos braços deſmaiáraõ as forças de muitos mil; das mãos lhes cahiaõ as armas, e foraõ os Mouros feitos em poſtas.

Di-

Era vulg.

Dizem, que nem hum só delles ficara vivo; porque os que pertendèraõ salvar-se fugindo, sobre elles correra huma montanha aballada pelas forças da Fé de Palaio, neste caso segundo Taumaturgo, e que ella sepultára a todos debaixo de si. Esta milagrosa victoria teve a resulta de D. Pelaio dar principio ao estabelecimento do Reino de Leaõ, e ás suas Chronicas pertence tratar com a extençaõ necessaria o modo daquelle estabelecimento, os da restauraçaõ de Hespanha, e a serie dos seus Reis, até ser dado Portugal em dote ao Conde D. Henrique; que a mim sómente me toca contrair esta Historia quanto me for possivel ao que he respectivo á Lusitania. Direi com tudo em compendio, que a victoria de D. Pelaio fez tanto estrondo por toda Hespanha, que muitos dos homens escondidos marcháraõ para Oviedo fazer brilhante a Corte do Principe, e corpo de guarda á Religiaõ dos Godos.

Como as novas gentes reforçáraõ o poder de D. Pelaio, elle naõ quiz ter

Era vulg. ter ociosas armas, e com ellas ainda tintas no sangue dos Barbaros, tornou a baixar dos montes para lhes mostrar; que se se fiavaõ em si por muitos, que elle naõ os temia por valeroso. Nesta expediçaõ conquistou muitas terras, e a Cidade de Leaõ, primeiro Patrimonio dos Reis de Hespanha depois da ruina dos Godos. Verdadeiramente devemos estimar a D. Pelaio por Fundador do Reino de Oviedo, Leaõ, e Asturias, ainda que elle naõ tomou outro titulo senaõ o de Rei de Oviedo, e o de Leaõ os seus Successores. Delle nascêraõ dous filhos, que foraõ D. Favilla, que lhe succedeo no Reino, e morreo nas garras de hum urso, e Ormisinda, que casou com D. Affonso I., Successor de D. Favilla, e Principe do Sangue Real dos Godos, descendente do santo Rei Recaredo.

739 Succedeo D. Affonso a D. Favilla seu cunhado depois da sua desgraçada morte, sem obrar na vida acçaõ digna das memorias: Rei sem outro exercicio, que o da caça, aonde acabou a vida depois de deixar aos Mouros

avan-

avançar as conquiſtas por ſenaõ levantar do regaço do ocio. D. Affonſo porém, laſtimado da deſgraça dos Chriſtãos, e dos abatimentos da Religiaõ, elle ſe empenhou por ambos os motivos, que produzíraõ effeitos correſpondentes á juſtiça da cauſa. Elle era filho de D. Pedro, Duque de Cantabria, e irmaõ de D. Truela, que o acompanhou na guerra dos Mouros, a quem tomou muitas terras em Heſpanha, e em Portugal as Praças de Braga, Viſeo, Agueda, e Chaves; triunfos, que naõ ſó lhe merecêraõ a gloria de primeiro Dominante dos Portuguezes depois da perda de Heſpanha; mas que o Papa S. Zacharias o deſtinguiſſe com o Titulo de Rei Catholico, de que até hoje uſaõ os ſeus Succeſſores, e que na morte foſſe ouvida a voz dos Anjos, que diziaõ: Eis-aqui como morre o Juſto, e ninguem o conſidera.

Era vulg.

Por eſte tempo já os Alcaides das Cidades hiaõ ſacodindo o jugo dos Califas, e fazendo que os reconheceſſem Reis nos deſtrictos das ſuas juriſdicções. O primeiro que entre os Portu-

gue-

Era vulg. guezes usurpou esta authoridade, foi Alboacen Iben Alhamar, sobrinho de Tarif, e Alcaide de Coimbra. Naõ impediaõ estes Regulos as nossas gentes o livre exercicio da Religiaõ, nem aos nossos Condes a authoridade, que antes tinhaõ nos que foraõ seus vassallos. Estes eraõ os unicos alivios dos animos na dureza do barbaro cativeiro com todas as apparencias sem remedio para a restauraçaõ da amavel liberdade.

753 Era esta a figura triste da Lusitania, quando entrou a reinar D. Truela I., que herdou de seu Pai D. Affonso o zelo para a Religiaõ, e o valor para as armas. Felices auspicios do seu governo foraõ a grande victoria, que em Galliza ganhou sobre Omar, filho de Abderramen, que se havia levantado com o Reino de Cordova, e a aboliçaõ da Lei de Witisa, atégora tolerada, que permittia casarem os clerigos, e elle abrogou com severidade contra os muitos que gostavaõ da sua observancia. Depois de degollar 60☉ Barbaros naquella batalha, D. Truela entrou por Portugal triunfante, resoluto

to a conquiſtar Setuval. Aliaben Talif ſe oppôz ao ſeu deſignio; mas deſtroçado o exercito, as bandeiras de D. Truela tremoláraõ vencedoras por toda a Provincia, logo ſobre os muros de Setuval glorioſas.

Era vulg.

Com huma nodoa muito feia manchou Truela, quanto as ſuas acções tinhaõ de brilhantes. As muitas, e bellas qualidades, de que tambem ſe ornava ſeu Irmaõ o Infante Wimarano; as magnificas, e elegantes heroicidades, que obrava o fizeraõ taõ amado dos ſoldados, e dos Póvos, que Fruela temeo em Wimarano hum uſurpador, e pelos tranſportes da phantaſia depravada fez aſſaſſinar taõ bom Irmaõ, adquirio o odio dos ſeus, e até ficou mais aborrecido dos Mouros. Elles foraõ os primeiros verdugos, que caſtigáraõ o crime de Truela, recobrando Abderramen a maior parte das terras, que antes ganhára ſeu Pai, entre ellas em Portugal, Lisboa, Evora, Béja, Santarem, e quanto vai do Téjo ao Cabo de S. Vicente. Por outra parte o Infante Aurelio, que amava com

ex-

Era vulg. extremo a ſeu irmaõ Wimarano, elle traçou o deſpique contra o irmaõ Rei, e lavou com o ſangue de huma morte do outro, adquirindo o Reino por meio de hum abominavel fratricidio.

759 No anno de 759 vieraõ parar ao Algarve quaſi milagroſamente as Reliquias do Martyr S. Vicente, com que havia tanto tempo ſe honrava a Cidade de Valença. Os ſeus moradores perſeguidos de Abderramen, mais ſenſiveis aos deſacatos, que ſe faziaõ aos lugares Santos, que ás oppreſsões, que elles toleravaõ; afflictos, de que as Reliquias do ſeu grande Martyr foſſem involvidas no geral eſtrago, de quanto era ſagrado, elles as recolhèraõ em hum pequeno barco, e vieraõ navegando á diſcriçaõ das ondas. Bem guiados porém pela Providencia, aportáraõ no Sacro Promontorio, que deſde entaõ ſe diz Cabo de S. Vicente, aonde collocaraõ as Reliquias do Santo, e elles como guarda ſua ſe eſtabelecêraõ na nova terra, que eſtava entaõ deſpovoada. Paſſados annos foraõ eſtes piedoſos Chriſtãos deſcobertos pelo Mouro

Abo-

Abolacem em huma caçada, que fez por aquellas terras, que se podiaõ chamar *incognitas*. Elle passou á espada a todos os seus moradores, excepto os mininos, que levou cativos para Féz, aonde elles, e os seus descendentes viveraõ observando o Christianismo, e fazendo o Rei D. Affonso Henriques prisioneiros a alguns na batalha do Campo de Ourique, como de pai a filho conservavaõ a memoria do lugar, em que jaziaõ as Sagradas Reliquias; elles o indicáraõ ao Rei, que com grande trabalho, e diligencia as descobrio, e trasladou pára Lisboa, aonde se conserváraõ até ao dia do lastimoso incendio causado pelo Terremoto do primeiro de Novembro de 1755.

Era vulg.

768

Aurelio, como fica dito, era irmaõ do Rei D. Fruella, filho, e naõ sobrinho de D. Affonso o catholico, como pensou o Doutor Fr. Bernardo de Brito, que teve por sequaz da sua opiniaõ a Manoel de Faria e Sousa; succedeo no Reino a seu irmaõ, e delle só teve semelhanças em ser fratricida. Nada fez elle em Hespanha di-

Era vulg. digno de Rei; Lusitania apenas lhe sabe o nome, e delle naõ conserva outra memoria, senaõ a de que se fez
774 tributario de Abderramen. Como naõ casou, nem deixou filhos, nomeou o Reino no Principe Sarraceno, chamado Silo, que elle casára com sua irmã Adosinha. Silo, fosse Sarraceno, como querem alguns, ou Godo, como dizem outros; elle foi muito valeroso, domou os Gallegos rebeldes, e perseguio aos Mouros por Portugal, pela Estremadura, e lhes conquistou Mérida.

No primeiro anno do seu Reinado teve principio o honroso, e grande Titulo de Rico-Homem nas Hespanhas, aonde se conservou até o anno de 1516, em que se mudou no de Grandes. Elles se distinguiaõ das outras classes de Nobreza por poderem levar Pendaõ, e Caldeira nos exercitos, e confirmar juntamente com os Prelados os Privilegios, e Doações, que faziaõ os Reis; graça que naõ passou aos Grandes na mudança do Titulo. Deixou Silo hum filho chamado Aldegastro, que lhe

naõ

naõ ſuccedeo no Reino, nem D. Affonſo, filho de D. Fruella; porque ſobre ambos o uſurpou Mauregato, que foi fructo produzido de huma verdura de D. Affonſo o Catholico com huma eſcrava. Mauregato ſim ſobio ao Throno; mas para ſe ſuſtentar nelle ſeis annos, ſobre muitos trabalhos, teve de ſe ſugeitar ao tributo infame, que pagava aos Mouros de Cordova de cem donzellas Chriſtãs, victimas innocentes da ambiçaõ ſacrificadas com horror nos altares da torpeza. Só hum Tyranno abominavel como Mauregato ſe ſugeitaria a tributo taõ vil. Dizem, que algumas deſtas donzellas foraõ arrancadas das mãos dos Mouros por huns bizarros Cavalleiros, ou junto a Mondonhedo em Galliza, ou perto de Viſeo em Portugal, ſe he que naõ aconteceo o caſo com pouca variedade de circunſtancias em ambas as partes. Daquelles Cavalleiros ſe affirma, que traz a ſua origem a familia de Figueiredo, e Figueiroa em memoria delles desbaratarem aos Mouros com golpes de páos de figueira por haver no ſitio do com-

Era vulg. 783

Era vulg. bate muitas deſtas arvores, e que delles tomáraõ o appellido, e armas.

789 Com a morte de Mauregato naõ acabou em Heſpanha eſte reconhecimento, que cuſtou ao Rei Bermudo I. huma grande batalha, em que derrotou as forças de Abderramen junto a Aledo. Bermudo he chamado o Monje por ter eſte eſtado já com ordens de Diacono, quando o chamáraõ para o Reino, de que ainda eſtava esbulhado ſeu primo D. Affonſo depois chamado o Caſto, a quem elle pertencia. Saõ muitas as opiniões a reſpeito da filiaçaõ do Rei D. Bermudo. Nós ſeguimos a de que era filho de D. Fruella, irmaõ do I. D. Affonſo o Catholico, e que com diſpenſa do Papa, ou ſem ella, ſe caſára com a Rainha Emilona, da qual lhe naſcêraõ ſeus filhos D. Ramiro, e D. Garcia, que reináraõ depois de D. Affonſo II. D. Bermudo conhecendo a injuſtiça, que Mauregato fizera a eſte Principe, e que elle tambem lhe fazia, naõ ſó o aſſociou comſigo ao Governo; mas abandonando mulher, e filhos, renunciando o mundo, recolhendo-ſe ao

ama-

amavel retiro do Mosteiro, ainda que via lastimar-se nos filhos a sua mesma natureza, elle seguio as partes da justiça, e largou o Reino a D. Affonso, filho de seu primo o Rei D. Fruella I.

Era vulg. 791

Occupou D. Affonso o Throno de seu Pai, e mostrou que era digno delle pelo naõ querer para filhos seus. Elle era casado com huma filha de Pepino, Rei de França, chamada Berta, ou Bertinalda, irmã do Imperador Carlos Magno; mas elle preferindo ás delicias do thalamo, e a successaõ do Reino, a formosura da continencia, viveo puro, naõ conheceo nem a mulher propria, e foi chamado o *Casto*. Depois de Rei perseguio com maior força os amores finos de sua irmã D. Ximena com o Conde D. Sancho Dias de Saldenha; elle, que pagou o atrevimento com a perda da vista, e prisaõ perpetua no Castello de Luna; ella a leviandade com os desagrados, e recolhimento em hum Mosteiro. Pelo contrario o menino Bernardo del Carpio, precioso fructo destes amores, que foi trazido para Palacio, aonde o

tra-

Era vulg. tratou o Rei com agrados como a filho, com honras como a Infante.

No terceiro anno defte Reinado efpirou a paz antes celebrada com os infieis, que renováraõ a pertençaõ de fe lhes pagar o tributo das donzelas, em que já fallamos. D. Affonfo, todo dominado por efpiritos catholicos, e honrados, elle intima forte, perfuade valente a Alihatan, Rei de Cordova, que naõ prefuma ter negociações com D. Affonfo, intrepido, e legitimo Soberano, como as vís, e infames, que fe tratáraõ com Mauregato, covarde, e intrufo Dominante; que a honra das donzelas do feu Reino elle a eftimava tanto como a propria vida, e que primeiro lhe havia tirar efta para gozar aquellas. Eftimuláraõ-fe os Mouros com a refpofta, de que fe fervíraõ para romperem a guerra, e entráraõ pelas Afturias com forças formidaveis. D. Affonfo lhes poupou o caminho, adiantando-fe a efperallos no Lugar de Ledos, ou Lucos, aonde fe atacou a batalha mais difputada defte Seculo. Perdêraõ as vidas 70ȹ. Bar-

Barbaros, recobrou o Rei os despojos dos seus vassallos, e tomou todos os do campo dos Mouros. Respirou Hespanha com esta grande victoria, e ella, com as mais, que por estes tempos ganhárao sobre os mesmos inimigos em França, e Navarra os seus Soberanos, elles ficárao tao cortados, que tiverao de dissimular as injurias por nao poderem despicallas.

Era vulg.

Entrou D. Affonso por Lusitania, quando o Rei daquelle primeiro Reino, que era seu cunhado Carlos Magno, fazia o mesmo por Catalunha em seu favor. Como elle achou toda Hespanha atemorisada com o estrondo das armas de D. Affonso, foi-lhe facil render Barcelona, e avançar as conquistas. Dizem, que forao felices os progressos de D. Affonso na Lusitania, aonde affirmao, que tomára Lisboa aos Mouros; e he crivel fossem elles dilatados pelos poderosos soccorros do grande Carlos, que se assegura penetrára entao toda Hespanha para vir a Galliza adorar as Reliquias do Apostolo Sant-Iago, milagrosamente achadas neste

Rei-

Era vulg. Reinado, e que D. Affonſo lhe fizerà entaõ o preſente de hum Pavilhaõ precioſo de campanha, que tomou entre os muitos deſpojos de Lisboa.

795 A reſpeito do anno certo do deſcobrimento das Reliquias do Santo Apoſtolo, ſaõ muitas as opiniões; mas eu ſigo, que foi o de 795 pela ter por mais bem provada. Precedêraõ a eſta invençaõ milagroſa muitos prodigios, e affirmaõ que huma Eſtrella brilhante marcára o lugar do Sepulchro, pondo-ſe firme ſobre elle. A Povoaçaõ, que entaõ mandou fundar o Rei D. Affonſo no meſmo lugar, tomou deſta Eſtrella o nome de *Campo-Stellæ*, que ſe corrompeo no que hoje tem de Compoſtella. O Rei fez logo edificar no dito ſitio huma Igreja ſegundo os apertos do tempo, e a dotou com muitas terras immediatas, augmentando-ſe com o curſo das idades tudo a tanta grandeza, que hoje he a Igreja de Compoſtella o primeiro dos Santuarios das Heſpanhas.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Revoluções de Hespanha no mesmo reinado de D. Affonso II., e continuação da guerra dos Mouros.

801

HUMA grande inquietação dos espiritos, que hia sendo causa do Rei D. Affonso perder o Reino, o obrigou a suspender por algum tempo o curso das suas victorias sobre os Barbaros depois da invasão, que fez na Lusitania. Elle tratava com grande amizade a seu Cunhado o grande Carlos, e dizem, que convencionára com elle ceder-lhe a Coroa de Hespanha para a sua posteridade, se o ajudasse a expulsar della os Mouros. Este Tratado secreto pode ser penetrado por Bernardo del Carpio, que o indicou aos Hespanhoes, e estes estimulados rompêrão huma guerra civíl, que o Rei, para lhe evitar as consequencias, teve de a declarar a seu Cunhado, e marchar contra elle ajudado dos Navarros, e Mouros de Aragão, todos ini-

Era vulg. inimigos do Grande Carlos. Estes colligados o atacáraõ na memoravel batalha de Ronces Valles, aonde o exercito Francez foi desbaratado, e morto o valeroso Roldaõ, sobrinho do Rei vencido.

Naõ bastou esta grande victoria do Casto Affonso para socegar o ciume dos seus vassallos, que continuáraõ a guerra civíl, formáraõ bandos temiveis, e o Reino dividido, já o contemplavaõ assollado. A bella politica de hum grande Senhor chamado Tehudio, conseguio reduzir os animos á antiga concordia, a pôr em tranquillidade domestica ao seu Rei para fazer a guerra aos inimigos estranhos, zelar o Culto Divino, fabricar Templos, entre os

802 quaes he digno da lembrança o de S. Salvador em Oviedo, que logo fez sagrar por sete Bispos. Depois da perda de Hespanha, e de muitas fundaçőes piedosas, o Casto D. Affonso foi o primeiro, que naquella Cidade sua Corte edificou Palacio para os Reis com tanta grandeza, que a metade

del-

della em ſemelhantes tempos baſtava para merecer a deviſa de magnifica. Era vulg.

Para fazer mais vigoroſa a guerra dos Mouros, trocou as terras de Caſtella com as que tinha em Cantabria D. Rodrigo Frolas, filho de ſeu tio D. Tucela, Duque do meſmo Eſtado, para ter aſſim mais unidas as forças; e com as ditas terras lhe deo o Titulo de Conde, que foi origem da creaçaõ, e eſtabelecimento dos antigos Condes de Caſtella, obrigados pelo reconhecimento, valor, e neceſſidade da defenſa a fazerem contínua guerra aos Barbaros. Naõ ſe deſcuidavaõ eſtes da ſua parte em avançar os projectos, eſpecialmente pelas partes de Galliza, 810 aonde entráraõ com dous exercitos muito poderoſos. Mas por eſte tempo já o famoſo Bernardo del Carpio convidava com a elegancia das ſuas proezas as atenções de Heſpanha. Em quanto elle derrotava a Omar, Rei de Mérida, que foi morto pelas ſuas mãos na batalha de Benavente; Aliatan, Rei de Cordova, entrava pela Luſitania, aonde reconquiſtou muitas Praças,

que

Era vulg. que entregou a Alcama, Rei de Badajós, para como mais visinho as defender melhor.

812 Alcama com maior poder nas novas conquistas marchou a sitiar Çamora; mas no caminho o esperou Bernardo del Carpio, que lhe impedio o passo com a morte, ao exercito a empreza com a derrota. Com dous exercitos formidaveis sahio Alibatan a campo para vingar esta injuria, hum que invadio Castella furioso, outro que entrou por Lusitania para investir Galliza. O primeiro foi hum despojo miseravel da valerosa espada do Rei D. Affonso no choque do rio Ornese, e o segundo huma irrizaõ da corage de Bernardo na batalha de Val de Mouro. Este Principe, carregado de tantos, e tamanhos serviços, pedio ao Rei seu Tio a liberdade do Conde D. Sancho Dias de Saldanha seu Pai; e porque elle inexoravel naõ lhe concedeo a graça, Bernardo se retirou desgostado para a sua terra de Saldanha.

Como grande parte da Nobreza seguia os seus sentimentos, elle mos-

trou

trou os que tinha contra o Rei ſeu *Tio*, a quem fez viva guerra eſtimulado, e brioſo. Eſta demonſtraçaõ para o *Caſto* Affonſo taõ pezada, junta com a lembrança de ſer Bernardo a cauſa do rompimento com ſeu Cunhado Carlos Magno pela revelaçaõ do ſegredo, que elle fez aos Heſpanhoes, em que já fallei; em deſaggravo da Mageſtade, e em prejuizo de Bernardo, nomeou para ſucceder nos ſeus Reinos a D. Ramiro I. filho de D. Bermudo, remunerando no filho com obſequio ſemelhante o que lhe fizera ſeu Pai. Com outras acções famoſas, que naõ ſaõ do meu aſſumpto, D. Affonſo o Caſto pôz glorioſa Coroa aos 85 annos da ſua idade, e 52 de Reinado; deixando exaltada a Religiaõ com o ſeu exemplo, ampliado o Reino com as ſuas victorias,

Era vulg.

843

Nos primeiros dias de Rei ſe encontrou D. Ramiro com muitos vaſſallos rebeldes, que ſe oppozeraõ tropeços para a ſua ſobida ao Throno. Para os que o ſeguiaõ ſim foi alegre preſagio a facilidade, com que deſſipou nas

Aſ-

Era vulg. Asturias a rebelliaõ do Conde Nepociano, que apagou com a perda dos olhos, e da liberdade, e a do Conde Aldieto, e seus sete filhos, que todos deixáraõ as vidas nas mãos dos algozes em premio da sua ambiçaõ. Se D. Ramiro socegou as sedições domesticas, e entrou em novos cuidados com os movimentos dos Mouros. Abderramen, Rei de Cordova, estava muito mais poderoso com as conquistas de Valença, e Barcelona, e renovou a pertençaõ do tributo das cem donzelas. Porque D. Ramiro o repugnou com as mesmas expressões do seu Predecessor; Abderramen investio Hespanha, innundou a Lusitania; mas os Barbaros na espada de Ramiro naõ só encontráraõ opposiçaõ intrepida, senaõ estrago sensivel.

Vadeadas as correntes do Douro, elle com rápido curso foi conquistando Praças, até se mostrar á de Coimbra com a viseira baixa. Aqui o esperava o seu Rei Alhamar resoluto a segurar a Comarca, e a impedir-lhe os designios; mas vencidas todas as difi-

ficuldades, D. Ramiro caſtigou a ſoberba do Mouro, calcou-lhe a altivez, voltou para Oviedo victorioſo, e deixou mais largas as enſanchas do Dominio, apertados entre o medo, e a miſeria os corações dos infieis. Se nós houveſſemos de ſeguir neſte lugar a opiniaõ de alguns Hiſtoriadores, diriamos, que a carreira de tantas victorias de D. Ramiro I. a fizera parar a chegada de Abderramen, e que eſte perdêra a batalha de Clavijo; mas nós naõ roubaremos eſta gloria a D. Ramiro II., a quem ella pertence. Naõ he porém muito inferior a eſta, a que Ramiro I. ganhou na invaſaõ dos Normandos, que já eſtabelecidos em França, invadiaõ as côſtas de Heſpanha com poderoſas Armadas. Elles entrátaõ por Galliza, e foraõ penetrando o Paiz até chegar á Corunha, aonde por terra, e mar os eſperava Ramiro, que em ambos os elementos conſeguio triunfos completos deſta brava, e aguerrida Naçaõ. As reliquias deſtroçadas buſcáraõ o amparo dos Mouros de Lisboa, e reforçadas pelos ſeus nacionaes,

Era vulg.

846

847

no

Era vulg. no anno ſeguinte taláraõ a Andaluzía, e ſitiáraõ Sevilha, donde foraõ arrojados pelos Mouros com affronta da ſua corage.

848 Por eſtes tempos era celebrado na Luſitania o valor de Joaõ, Abbade de Lorvaõ, tio de D. Ramiro, que o encarregou do Governo de Monte-Mór o Velho. Deſta Villa ſahio elle contra os rebeldes Condes Alderedo, e Pinelo, que deixáraõ as vidas nos fios da ſua eſpada. Depois marchou ſobre Viſeo, aonde os Mouros a encontráraõ igualmente cortadora. Nas ruinas, que elle cauſou na Cidade ſe diz, que o Biſpo de Salamanca deſcobríra a ſepultura do ultimo Rei Godo D. Rodrigo, e que eſte fora o teſtemunho mais authentico, de que elle naõ morrera na batalha do Guadalete. Quando o Abbade Joaõ ſe occupava neſtas glorioſas expedições, hum apoſtata infame, miſeravel engeitado, que o Abbade creára em ſua caſa com o nome de Garcia Janhes, agora já chamado Zulema; elle tratava com o Rei de Cordova o cativeiro, e eſtrago da pro-

propria Patria, a prizaõ, ou a morte do Abbade, que o educára com amor de Pai, e inſtrucçaõ de Principe. Na frente de hum poderoſo exercito, de que era primeiro Chéfe, elle ſe apreſentou ſobre Monte-Mór; lugar, que devendo mover-lhe a ternura, lhe agitou o furor. O Abbade, e os ſeus Monges ſoffrêraõ o ſitio até a ultima extremidade do aperto da fome, que quando enfraquecia a carne, deſafiou os eſpiritos para darem do valor a ultima próva. Era vulg.

Todos eſtes homens ſe conjuráraõ para ſair a campo, brigar intrepidos, morrer honrados, antes que ſer cativos do vil Apoſtata. Para que elle na Praça naõ achaſſe priſioneiros, nem deſpojos, eſtes foraõ entregues ao fogo, os moradores todos degollados, ſendo o Abbade o primeiro que deo o exemplo na vida de ſua irmã, e ſobrinhos, os outros nas prendas mais ternas, como ſe dellas os deſataſſe a natureza, nem os prendeſſe o proprio ſangue. Aſſim provocáraõ elles mais a deſeſperaçaõ, que parece empenhou a

Omnipotencia para obrar milagres, e soltos de todos os vinculos humanos, sahiraõ da Praça a matar, e a morrer. Contra toda a esperança elles ganháraõ huma prodigiosa victoria, em que asseguraõ, que morreraõ 700 Mouros, e entre elles o traidor Zulema ás mãos do mesmo Abbade; mas naõ podiaõ os animos celebrar por triunfo plausivel este, que tivera proemios taõ infaustos.

Entráraõ os vencedores na Praça chorando a sua temeridade, sem remedio o seu desacordo, quando vinhaõ a lamentar os seus mortos, dizem que se encontráraõ com todos resuscitados, e que para marca do milagre, se divisava nas suas gargantas hum subtil fio cor de sangue; que até aos nossos tempos se conservava o mesmo testemunho do prodigio em huma Imagem da Senhora, e do Menino, que tinha nos braços, como quem se queria mostrar participante do estrago, que fora feito na sua presença. O Santo Abbade passou o resto da vida no lugar da batalha, e nelle esteve o seu corpo até

ao

ao tempo do Rei D. Affonso Henriques, que alli fundou hum Mosteiro da Ordem de Cister.

Era vulg.

Glorioso, triunfante, e recolhido á Corte de Oviedo, o Rei sentio com extremo a morte de seu irmaõ D. Garcia, que reinava juntamente com elle, socio inseparavel no Governo, assim como lhe era conforme nas qualidades. Parece, que a dor desta perda junta á dos estragos dos Normandos feitos em Galliza, abbreviáraõ a vida de D. Ramiro, que morreo cheio de merecimentos, e de victorias, igualmente Catholico, e Politico. Elle deixou por Successor a seu filho D. Ordonho, Principe grande em Hespanha, pouco bem affortunado em Portugal. A sua condiçaõ era affavel, a condescendencia benigna, os costumes ingenuos, a modestia singular; qualidades, que o fizeraõ amado de toda a classe de pessoas, e amor, que sería completo, se Ordonho naõ fosse facil em ouvir lisongeiros, e acreditallos em materias de consequencia sem exame, que he nos Soberanos hum defeito, ordina-

850

Era vulg. riamente causa de mancharem a inteireza da justiça, que lhes fórma o caracter.

Assim succedeo a D. Ordonho nos primeiros dias de Rei com o benemerito Bispo de Compostella, malquistado por quatro insolentes, que para o derrubarém da altura da estimaçaõ, em que o Soberano tinha as suas virtudes; o fizeraõ crer sem averiguar, que o Bispo Athaulfo cahia no peccado nefando. Mandou o Rei, que elle viesse á sua presença naõ para lhe ouvir as próvas de innocencia; mas para lhe castigar o crime imaginado. O instrumento do castigo havia ser hum touro feroz, que despedaçasse o justo Bispo, quando entrasse no pateo do Paço, e o Rei com os seus Fidalgos nas janellas para serem os Expectadores da tragedia. Soltáraõ o bruto indomito; parou intrepido, e humilde o santo Pastor, chega-se a elle o touro como com meiguice, e acatamento; inclina cortez, e reverente a cabeça; o santo Prelado lhe pega das pontas, fica com ellas nas mãos, e o ani-

animal ſe retira deixando confuſos os homens. Era vulg.

Depois proſeguio D. Ordonho a guerra contra os Mouros, e lhès ganhou a Cidade de Coria, e aſſeguraõ, que obrigára a fazerem-ſe ſeus vaſſallos os Reis Mouros de Toledo, Saragoça, e Hueſca. Mahamet, Rei de Cordova, muito reforçado com groſſos ſoccorros de Africa, marchou a fazer parar a fortuna de Ordonho; talou parte de Heſpanha, e entrou por Portugal. Na Eſtremadura ſe encontráraõ os exercitos, que diſputáraõ com porfia as igualdades do valor, e ainda que Mahamet perdeo na batalha gente em dobro, elle ficou ſenhor do campo, e por Portugal avançou as conquiſtas com a tomada de Santarem, Leiria, e outras Praças, de que naõ temos noticia. Sería temor da corage de Ordonho, ou idéas de maiores progreſſos, Mahamet o deixou em paz, e foi empregar as armas no Reino de Navarra, logo contra os Mouros de Toledo. Entaõ gaſtou Ordonho todo o tempo em reparar as Praças arruinadas, a diſci- 854

Era vulg. ciplinar as tropas, e a ſervir-ſe da paz para depois fazer com mais vigor a guerra.

862 Coroado dos louros de muitos triunfos, que naõ ſaõ do meu aſſumpto, illuſtre em merecimentos, D. Ordonho acabou a vida atacado da gota, e ficou-lhe no grande D. Affonſo III. hum filho, que naõ deixou ſentir a falta do Pai. Elle entaõ governava Galliza, habil em quatorze annos de idade para todos os empregos, nelle a graça com preferencia aos officios da natureza. Apenas chegou á Corte de Oviedo deſcobrio ao mundo os dous Pólos ſobre que havia firmar a felicidade eſtavel da Monarquia, e eraõ a caridade para com Deos, e os homens, e hum valor deſmedido contra os Barbaros. A primeira virtude elle a exercitava ardente repartindo theſouros, huns para os pobres, outros para os Templos, que reſpeitava como colunas incontraſtaveis para a conſervaçaõ dos Eſtados; por iſſo edificou muitos, e entre elles o de Sant-Iago, que ainda eſtava com a humildade do ſeu principio.

pio. Para dar a conhecer a segunda virtude, entrou a mostrar coração intrepido, idéas altas, espirito magnanimo em idade verde.

Era vulg.

Fiado nos poucos annos de D. Affonso, entendeo D. Fruella, filho do Rei D. Bermudo, poderoso Conde de Galliza, lhe sería facil fazer-se coroar Rei de Leaõ; mas os mesmos rebeldes, que o reconhecéraõ, o matáraõ, e recebeo da ambiçaõ os premios vulgares, que ella costuma repartir. No primeiro anno do seu Reinado socegou D. Affonso esta revolta, e tratou logo de fortificar as Praças mais importantes, e em Portugal as de Braga, Chaves, e Viseo. Os Mouros, ciosos destes bons principios do Rei, vieraõ com grande poder sitiar a Cidade de Leaõ; mas elle naõ satisfeito com os obrigar a levantar o cerco, e fazer em póstas, chamou a si todos os seus espiritos para lhes castigar a ousadia com golpes mais fundos. Elle contrahio allianças com os Navarros, e Francezes, casando na Casa Real dos ultimos, e tratou ao famoso Bernardo del Carpio

863

com

Era vulg. com honras devidas ao ſeu alto merecimento para a ſua mocidade ter nas longas experiencias de Bernardo hum firme apoio.

864 Com os ſeus alliados entrou D. Affonſo pelas terras dos Mouros, e naõ encontrando oppoſiçaõ, aſſolou Póvos, talou os campos, e todos ſe recolhêraõ ricos. Os Reis de Toledo, e de Cordova aggravados naõ deixáraõ, que o ſocego foſſe muito largo; o primeiro penetrando Portugal até ao Douro; o ſegundo ſeguindo-lhe a marcha pela retaguarda para ir recolhendo quanto nella lhe ficaſſe. Os Portuguezes ſe occupavaõ nas obras da fortificaçaõ de Viſeo, quando o Rei de Cordova foi primeiro ſentido, do que viſto; e ſe hum valor deſeſperado lhe conſeguio facilitar a victoria, elle, e a deſprevençaõ dos defenſores naõ impedíraõ a heroica reſiſtencia. O meſmo deſtino experimentou Salamanca, tenazes os Mouros em opprimir com a multidaõ o que naõ podiaõ conſeguir com a corage. Ao eſtrondo de tantos golpes acodio D. Affonſo, que ſahio á campanha

nha com rugidos de Leaõ eſcandalizado, elle muito para temer pelo valor, e pelas forças. Era vulg.

Na batalha do Douro ficou logo feito em peças o Exercito do Rei de Toledo. No do Rei de Cordova foi muito maior o eſtrago, reſtando apenas dez mil, que ſe achárao vivos, e cortados entre innumeraveis mortos. O Rei triunfante com huma corrente de furor fez tremer todo o Reino de Toledo, naõ havendo nelle lugar, por onde o deixaſſe de cortar a ſua eſpada, nem reſiſtencia, que lhe detiveſſe a acceleraçaõ da marcha. Com igual impulſo entrou por Portugal, aonde recobrou Viſeo, e levantou triunfantes as ſuas bandeiras ſobre os muros da ſoberba Coimbra. Ao ecco de tantas victorias emudecêraõ os Barbaros, calou-ſe a vaidade, e pedio tregoas a arrogancia.

867

Duráraõ ellas até ao anno de 867, já tempos felices, em que D. Affonſo defendido do reſpeito, buſcando no campo inimigos, e naõ os encontrando, gaſtou no Culto Divino os annos

da

Era vulg. da tranquillidade. Entaõ fez muitas, e grandes Doações ás Igrejas de Sant-
875 Iago, e de Lugo: tirou do poder dos Mouros o respeitavel Mosteiro dos Santos Facundo, e Primitivo: restaurou junto a Leaõ o de S. Miguel da Escada: fez outras muitas fundações nestes tempos, e nos annos que se seguíraõ, quasi sempre com as armas na maõ; que parece andavaõ em competencia com o Grande Affonso quaes se haviaõ exceder no número, se as victorias ás fundações, se as fundações ás victorias.

877 No anno de 877 convocou em Oviedo, com approvaçaõ do Papa Joaõ VIII., hum Concilio composto de dezasete Bispos das Hespanhas. Nelle se determinou, que o Bispo de Oviedo fosse Arcebispo, e nomeados homens benemeritos para as Dignidades, que duas vezes no anno se haviaõ ajuntar em Synodo para regularem quanto fosse respectivo aos bons costumes, visitas das Dioceses, Parrochias, e Mosteiros. No mesmo anno fundou o Rei a Cathedral de Mondonhedo, a ma-

magnifica Sé de Sevilha, e a todas Era vulg.
as antigas restituio por tal modo a magestade primeira, que de todas pode ser estimado como Fundador. Das paredes sagradas dos Templos passou D. Affonso a continuar nas das fortificações das Praças, e reparou as de Portugal até ao Téjo.

Ora o Grande D. Affonso III., taõ amado de Deos, taõ temido dos inimigos da sua Fé, venerado das Nações, digno dos maiores respeitos, quando de todos os contrarios triunfava com gloria, a rebelliaõ dos proprios filhos o hiaõ reduzindo a perder o Reino com affronta, se a sua magnanimidade naõ o prevenisse para o fazer com honra delicada, e grandeza immortal de espirito. De sua mulher D. Ximena teve elle filhos ao Infante D. Garcia, a D. Ordonho, a D. Bermudo, a D. Ramiro, e a D. Gonçalo. A Rainha, que com veleidade mulheril, passados muitos annos, ella entrou a aborrecer no Rei seu marido, senaõ a pessoa, a velhice; persuadio ao Infante D. Garcia tomasse as armas contra

seu

Era vulg. seu Pai, e se levantasse com o Reino. Dado o demente conselho, indigno de ser ouvido, posto em execuçaõ por D. Garcia, e este logo preso em huma batalha por seu velho, mas intrepido Pai, tudo foraõ acções quasi indistintas.

Mais estimulada a Rainha com a prisaõ de D. Garcia, insta forte, persuade activa, move os outros filhos, para que na pessoa do Pai despiquem a injuria do irmaõ. Que oppostos a estes transportes barbaros da Rainha Ximena foraõ os illustres sentimentos do Grande Rei Affonso. Elle pensou sério o que podia, e devia fazer para desaggravar a Magestade, e quanto lhe influia, e inspirava a Religiaõ para obrar com christandade. Para o desaggravo da Magestade sabia elle muito bem as penas impostas pelas Leis, e que podia executallas com a severidade, que estava pedindo huma conspiraçaõ, e traiçaõ enormes dos filhos, e dos vassallos. Para obrar conforme á Religiaõ, parecer-lhe-hia, que a brandura do Christianismo elle a faria

mui-

Era vulg.

muito dura com a effusaõ do proprio, e alheio sangue; com a ruina de muitas casas, honras, fazendas, alteraçaõ dos seus Reinos; e sobre tudo com o grande prejuizo das christandades, que havia taõ pouco tempo arrancára das mãos, e poder dos Mouros seus inexoraveis inimigos.

910

Hum Rei sabio, illuminado, valente, moderado, e prudente, tomando bem o pezo a estas razões por huma, e outra parte; elle tantas vezes vencedor de poderosos contrarios, agora se determina a ganhar a sua maior victoria, triunfando de si mesmo. Depois de mostrar em muitas acções a sua magnanimidade; depois de fazer ver, que naõ se despica porque naõ quer; depois de descobrir o generoso desprezo, que a sua prudencia coberta de cãs fazia de tudo, quanto o mundo estima; o Grande D. Affonso, agora muito maior, a todos perdoa, chama os filhos; farta-lhes a ambiçaõ; dá a D. Garcia os Reinos de Oviedo, Leaõ, e Castella; a D. Ordonho Galliza, e Portugal, e elle fica o Gran-

de

Era vulg. 912 de D. Affonſo. Depois de dous annos de vida retirada, com 48 de glorioſo, e feliz reinado, foi levado a gozar de melhor Imperio, aonde os juramentos ſe naõ rompem, nem a obediencia ſe eſtraga.

913 Vida, e felicidade tudo faltou a D. Garcia em menos de hum anno depois da morte de ſeu Pai: que parece reſervou o Ceo para ſi a vingança, que delle naõ quiz tomar o magnanimo Rei. Succedeo em todos os Reinos D. Ordonho II. Principe digno das lembranças, ſe elle naõ houvéra manchado a probidade, e as victorias com a feia nodoa de derramar o innocente ſangue dos Condes de Caſtella; nodoa na ſua Purpura, que até hoje naõ a tem podido apagar as idades. A Luſitania foi feliz no ſeu Reinado, e antes da morte de D. Garcia ganhou nella victorias, e conquiſtou Beja. Depois de Rei de Oviedo empregou as armas na conquiſta de Talaveira, que rendeo depois de derrotar hum exercito do Rei de Cordova; acçaõ primeira de D. Ordonho em Heſpanha, que encheo

cheo de terror o Reino de Toledo, e de susto ao de Cordova.

Era vulg.

Em quanto estes Mouros consternados pediaõ os soccorros de Africa para reparar as suas perdas, voltou D. Ordonho a Portugal, e como corrente rápida, tudo levava diante até chegar ao inaccessivel Castello de Alhaje, que pela sua fortaleza guardava o Erario dos Mouros. Elle o metteo no número das suas conquistas, e ao estrondo della tanto tremêraõ os Barbaros, especialmente os do Algarve, e Estremadura, que se offerecêraõ tributarios ao Rei. No meio destas vantagens chegáraõ a Cordova os soccorros de Africa, que formáraõ dous exercitos poderosos, que entráraõ pela Lusitania para defender os Mouros, que foraõ obrigados pelo Rei Abderramen a romper os ajustes pouco antes celebrados com D. Ordonho.

918

Penetráraõ elles a terra até ás margens do Douro, aonde os esperava este Principe na testa do seu exercito. Com ardor, que se naõ concebe atacaraõ elles a memoravel batalha de Santo

Era vulg. to Estevaõ de Gormaz, que durou hum dia inteiro sem se declarar a victoria. No seguinte, entre os innumeraveis mortos, cahiraõ dous bravos Capitães, que eraõ a alma dos exercitos dos Mouros, e com a sua perda elles se pozeraõ em vergonhosa fugida. D. Ordonho os foi perseguindo por toda Lusitania até ao Guadiana, assollando quanto lhes pertencia, especialmente nos destrictos de Mérida, e Badajoz. Como huma victoria taõ completa promettia ao Rei tempo de socego; elle marchou á Cidade de Leaõ para a engrandecer conforme as idéas, que trazia concebido.

Fundado com grandeza hum Templo da invocaçaõ de Santa Maria, D. Ordonho por maõ do Bispo Cixila se fez coroar nelle Rei de Leaõ, e foi o primeiro, que praticou esta mignifica ceremonia, e que tomou o titulo de Rei de Leaõ. Os notaveis avances, e augmentos desta Cidade, já nova Corte dos Reis, deminuio de sórte as grandezas de Oviedo, que apenas conserva vestigios do que foi. Mas

quan-

quando D. Ordonho se occupava em tantas acções dignas da Magestade, Abderramen de Cordova ardia em furor pela quebra das suas armas, e resolveo-se a arriscar tudo para lhes restituir o credito, a si a reputação, como veremos no Capitulo seguinte.

Era vulg. 919

CAPITULO IV.

Continua-se com a narração dos Successos da Lusitania no Reinado de D. Ordonho, e de outros Reis de Leão seus Successores.

ABDERRAMEN, Rei de Cordova, picado dos estimulos da Religião, da honra, e das perdas, com as forças sempre inteiras pelos muitos soccorros, que recebia de Africa; ajuntou hum exercito poderoso, e entrando por Lusitania, atacou a Cidade do Porto com desmedida corage. Como encontrou opposição igual no Conde Hermenegildo, que a defendia, foi talando os campos de Galliza até chegar a hum Povo chamado Rondonia, aonde se

Era vulg.

encontrou com o Rei D. Ordonho, que o esperava. Elle lhe tomou contas todo hum dia do que acabára de obrar nas terras da Lusitania, e bem disputada a batalha, ainda que ambos os campos se acclamáraõ vencedores, Abderramen deixou nelles mais mortos, muitas bandeiras, importantes despojos.

Por estes tempos era mui fervorosa em Hespanha a devoçaõ com o Apostolo Sant-Iago, que obrava muitos milagres, e com a fama delles attrahia a piedade dos Fieis para virem a Compostella das partes mais remotas da Europa. A mesma devoçaõ fez frequentar as viagens de Roma, sendo Pontifice o Papa Joaõ X., que entaõ reformou o Missal Gotico, e algumas das Orações no seu Canon com igual satisfaçaõ de Italia, e de Hespanha. D. Ordonho se occupava entaõ na guerra com os Mouros por Navarra, e outras partes, sempre vantajoso, e feliz até se entregar ás desordens da fantasia contra os innocentes Condes de Castella; Catastrophe sentido de toda a Hespanha,

nha, para que já a Hiſtoria nos convida.

Era vulg. 923

Eraõ neſtes annos Condes, e grandes Senhores em Caſtella D. Diogo Porcelos, D. Nuno Fernandes, D. Fernando Anſures, Almondar Brancó, e ſeu filho Diogo Almondares. Entre elles o Conde D. Nuno Fernandes havia caſado huma filha com o Rei D. Garcia, irmaõ, e predeceſſor de D. Ordonho, e por eſta razaõ lhe mandou poderoſos ſoccorros quando ſe levantou contra ſeu Pai D. Affonſo III. Preoccupou-ſe Ordonho das imaginações, e ſem mais fundamento que o de hum temor panico, aſſentou comſigo, que D. Nuno, e os mais Condes eraõ capazes de executar com elle as meſmas perniciosas idéas. Para metter em obra quanto concebia o animo corrupto, fingio ſer-lhe neceſſario ajuntar Cortes; convoca todos os Condes; aſſinala-lhes tempo, e lugar; elles concorrem goſtoſos, e brilhantes; apenas chegaõ ſaõ levados preſos á Cidade de Leaõ, e ſem mais proceſſo, que a vontade do Rei injuſto, todos

Era vulg. perdem as cabeças, como dizem. Naõ ſe conſummou o anno, em que foi obrada eſta iniquidade, e Deos tirou a vida a D. Ordonho aos 40 annos de idade, e nove e meio de Reinado.

Caſtella juſtamente ſentida naõ quiz ſugeitar-ſe aos Reis de Leaõ, e para o ſeu Governo elegeo aos célebres Juizes Nuno Raſura, e Lain Calvo, eſte para o exercicio das armas, aquelle para a adminiſtraçaõ dos negocios civís; forma de governo, que durou em Caſtella até ao anno de 934. D. Fruella, irmaõ de D. Ordonho, ſem fazer caſo de ſeus ſobrinhos, que depois reináraõ, ſe levantou com o Reino, e teve de diſſimular a reſoluçaõ tomada pelos Caſtelhanos em prejuizo dos Reis de Leaõ. Nada digno de Rei, nem decente á Mageſtade obrou D. Fruella, que foi cruel com muitas peſſoas illuſtres, e no anno do ſeu máo Governo padeceo o Reino calamidades, que occupáraõ alguns tempos. Deſpreſado dos inimigos, e dos vaſſallos, ainda que temeroſos das ſuas atrocidades, elles o depozeraõ; morreo

reo logo coberto de lepra, e ficáraõ seus substitutos os Juizes de Castella, que acabei de nomear.

Era vulg.

Lastimosamente entráraõ a decair os negocios da Religiaõ, e do Estado nas desordens precedentes, e nas que se seguíraõ pelas pertenções dos filhos de D. Ordonho. D. Affonso que era Monje, desgostado da vida religiosa, e seu irmaõ D. Ramiro, que tinha altos espiritos, ambos pertendèraõ occupar o Throno dos seus Maiores. Seis annos esteve nelle D. Affonso quasi como huma estatua, Simulacro de independencias, e idolo de ociosidade. De espirito em nada estavel, pretextando desenganos do mundo por occasiaõ da morte da mulher, mandou chamar seu irmaõ D. Ramiro; entregou-lhe o Reino sem fazer caso de hum filho, que lhe ficára; tornou a fazer-se Monge no Mosteiro de Sahagum, e immediatemente arrependido do que acabava de obrar, quiz arrancar da cabeça do irmaõ a Coroa, que lhe renunciára. D. Ramiro fazendo-o prisioneiro em Leaõ, e havendo ás mãos

931

aos

Era vulg. aos inquietos filhos do intruso D. Fruella, os fez cegar a fogo, e pôz a todos em prisaõ perpetua no Mosteiro de S. Juliaõ visinho á sua Corte.

Nestes tempos estava pacifica a Lusitania governada por alguns Condes, entre elles memoraveis Huso Husses, e D. Guterre Arias: mas as desavenças entre os filhos de D. Ordonho facilitáraõ aos Mouros a conquista das nossas Praças mais importantes. No maior ardor destas revoltas sustentava as redeas de Hespanha com valor, e prudencia o Conde Fernaõ Gonçalves. D. Ramiro se via obrigado a dissimular a sua muita authoridade, e pouco depois com mais justa causa, por haver Abderramen de Cordova entrado em Castella com grande poder. A necessidade da commua defensa unio mais ao Rei, e ao Conde, que na batalha de Osma ganháraõ ao Mouro huma importante victoria. Os despojos, que elle deixou no campo, podiaõ despertar a cobiça dos Diogenes, e Catões. Dizem, que o Ceo celebrára este triunfo com sinaes espantosos, que vistos

por

Era vulg.

pôr olhos differentes, huns os julgavaõ luminarias feſtivas, outros os entendiaõ Cometas funeſtos; eſtes, que indicavaõ deſgraças; aquellas, que prometiaõ felicidades.

934

Os Mouros interpretáraõ os raros phenomenos a favor do ſeu Imperio, e os Cacizes empenháraõ a Abderramen para outra nova güerra, que ſem dúvida lhe ſeria vantajoſa. Elle aliſta em Heſpanha o maior número de gente, e com a grande quantidade della, que trouxe de Africa o Mouro Almançor, os eſpiritos ficaõ como extacticos, e os noſſos campos tremem com o pezo de hum exercito quaſi ſem número. Os Authores que ſuppoem vencedor da batalha de Clavijo a D. Ramiro I., da que agora vou a eſcrever dizem, que nella ſenaõ achára o Conde Fernaõ Gonçalves: que ella ſe chama a batalha de Simancas por ſer dada nos ſeus terrenos; e que na noite precedente á victoria foraõ os apparecimentos de Sant-Iago ao Rei, e o de S. Milhan ao Conde. Nós pelo contrario, ſeguindo melhores opiniões,

te-

Era vulg. temos a D. Ramiro II. por instrumento glorioso da grande victoria de Clavijo, que eu entro a referir, e que he audacia negalla.

Como os Barbaros traziaõ concebida a idéa de acabar por huma vez com o exterminio da Religiaõ de Hespanha, a crueldade inventou tormentos exquisitos para os Christãos, e entre elles era a morte o menor mal. Innumeraveis Martyres matizáraõ a sua Fé com o sangue nesta invasaõ de Abderramen, e depois della. O Rei D. Ramiro, e o Conde Fernaõ Gonçalves para lhe fazerem parar as correntes, ajuntáraõ as suas trópas; entrou a Lusitania com muitas, e todas eraõ taõ poucas, que se affirma havia para cada christaõ centos de Barbaros. Todos os Grandes concorrêraõ a ser Expectadores de huma Tragedia, que tinha pendente a salvaçaõ, ou a ruina de Hespanha. Ella se temeo no primeiro encontro, em que o exercito ficou cortado, e pouco menos que desfeito. D. Ramiro sem perder corage se retirou para a montanha de Clavijo a implo-

Era vulg.

plorar os ſoccorros do Ceo, que coſtuma derrotar as fortalezas do mundo com inſtrumentos fracos. Aqui lhe appareceo o Apoſtolo Sant-Iago coberto de mageſtade, e com vozes ternas lhe prometteo a victoria no ſeguinte dia. O meſmo favor recebeo o Conde de S. Milhan, e reforçados eſtes dous Chéfes com os auxilios Supremos, deſcêraõ ſobre os Mouros, que como vencedores eſtavaõ deſcuidados.

Renovou-ſe a batalha com ardor incrivel, Chriſtãos, e Mouros homens differentes, eſtes perdido o valor humano, aquelles reforçados com corage Divina. O Apoſtolo foi viſto ſobre hum cavallo branco fazendo bem os officios de ſoldado. Póde-ſe dizer delle, que com a ſua eſpada a cada golpe derrubava a hum lado mil inimigos, e dez mil ao outro lado. Naõ cabem os applauſos de taõ grande victoria na velocidade com que corre a minha penna. Parece que ſe revolviaõ as pedras neſte temeroſo conflicto, em que deixáraõ as vidas mais de 70ↀ Barbaros, e teve por conſequencia o rendimento

de

Era vulg. de Clavijo, e das mais Praças dos seus contornos. Entaõ se empenhou toda Hespanha em votos ao Apostolo seu Protector, e o Rei lhe confirmou o Padroado della, que o Santo dissera lho havia dado Deos. O espanto que causou tamanha victoria, quando ella sublimava a reputaçaõ do valor dos Hespanhoes, e a gloria do seu Rei; elle abatteo de sorte a arrogancia do de Cordova, e a soberba dos Mouros, que pedíraõ tregoas, com condiçóes ao arbitrio do vencedor.

Ramiro no meio de taõ venturosa paz se entregou aos negocios da Religiaõ, a fundar muitas Igrejas, e Mosteiros, e foi a Sant-Iago de Galliza dar as graças ao Santo Patrono por taõ assinalados beneficios. Dizem, que nestas partes ouvira elle nos brados da fama os encarecimentos da formosura de Zara, filha de Alboazar, senhor de Gaia, e que se namorára della pelo ouvido; que fizera toda a diligencia pela ver, e lhe entrára todo o veneno pelos olhos; que logo se resolvêra a repudiar a Rainha Urraca, e pe-

pedir a Moura para mulher; que seu Pai lha negára com o fundamento de estar promettida ao Rei de Marrocos; mas que Ramiro pelas industrias de hum feiticeiro a roubára. Estimulou-se o Mouro de toda a manobra de Ramiro, e traçou hum despique, que fosse só obra das suas mãos sem o concurso de outros instrumentos, e menos o de hum taõ vil, como o de que Ramiro se valêra.

Em vulg.

Alboazar em pessoa roubou a Rainha Urraca na pequena povoaçaõ de Milhor, e com a pena de Taliaõ, de honra por honra, ambos os ladrões ficáraõ bem castigados. Zara foi bautizada em Leaõ com o nome de Artida, e quando ella se recebia com Ramiro, Alboazar casava com Urraca. De Artida teve Ramiro ao Infante Alboazar Ramires, tronco de algumas familias, de quem disse hum Historiador nosso, que faziaõ vaidade de descenderem de Rei, no tronco, ainda que lhe ficasse na raiz hum Mouro. Ramiro por hum lado atacado do amor, pelo outro combatido da honra, já satis-

tis-

Era vulg. tisfeita a primeira paixaõ, para desaffrontar a segunda, entra em Gaia desfarçado, e deixa trópas emboscadas em parte, donde lhe acudaõ, se a necessidade o pedir. Urraca, que o conhece, o descobre ao Mouro, que logo quiz tirar-lhe a vida; duas vinganças em huma morte, pelas injurias feitas ao Alcoraõ, e á pessoa.

Ramiro o suspende, assegurando-lhe, que os seus Confessores para expiar o peccado, que comettera, lhe ordenáraõ viesse á sua presença para morrer diante delle tocando até rebentar huma trombeta, que trazia, e era o sinal para lhe acodirem os emboscados em terra, e a embarcaçaõ escondida entre as rochas. Sobio Ramiro a huma coluna; tocou forte o instrumento; entráraõ em Gaia os soldados destemidos; Ramiro tirou da espada occulta, e levou a cabeça de Alboazar; arruina o Castello, e embarcado com Urraca se faz na volta do Reino. Leo o Rei no semblante de Urraca o pezar, que lhe causára a morte do Mouro, a dor de se ver arrancada dos seus

946

bra-

braços, mandou atalla a huma pedra, lançalla ao mar, e ficou livre do obstaculo, que lhe fazia escrupuloso o uso do amor de Zara, se acaso este conto he certo.

Era vulg.

Depois deste successo ainda D. Ramiro ganhou muitas vantagens sobre os Mouros, que naõ saõ do meu assumpto; fez edificar varios Póvos, reformar outros, nunca esquecido de dar explendor brilhante aos Templos de Deos; tudo acções nos ultimos annos da vida, que justamente lhe merecêraõ o caracter de Rei grande entre os maiores de Hespanha. Em huma jornada que fez para adorar as Santas Reliquias, que se guardavaõ em Oviedo, o assaltou a ultima enfermidade, e nesta Cidade pagou o tributo de mortal aos cinco de Janeiro do anno 950, deixando por Successor do Reino a seu filho Ordonho III., chamado o Fero pelo seu muito valor: mas nos cinco annos que reinou, estando entaõ a maior parte da Lusitania em poder dos Mouros, delle sómente sabemos, que com grandes forças entrára nella talando

950

do

Era vulg. do os campos até Lisboa, donde retrocedeo a marcha, ſem nos conſtar fizeſſe conquiſtas, ou conſeguiſſe vantagens de conſideraçaõ para as noſſas gentes.

955 Alguns Hiſtoriadores naõ mettem na ſérie dos Reis de Leaõ a Ordonho IV. que outros dizem fora cruel, e que com hum anno de Governo fora 956 morto em huma batalha junto á Cidade de Cordova. Dom Sancho I. chamado o Gordo, e irmaõ de Ordonho III., he tido pelo ſeu Succeſſor; Principe pouco feliz com os vaſſallos, que todos os onze annos de Rei paſſou inquieto com a rebelliaõ dos Condes, entre elles D. Gonçalo, ſenhor das terras da outra parte do Douro, na rebeldia o mais obſtinado, e que depois da morte de D. Sancho, apagou com a vida no particular deſafio, que teve com o Conde D. Fruela Vermuiz; mas havendo-a elle antes dado ao Rei em hum pomo recheado de veneno, remuneraçaõ de traidor, naõ ſó perdoados pelo meſmo Rei tantos crimes enormes de D. Gonçalo; mas elle ad-

mit-

mittido á sua graça com honra, attençaõ, e amizade. Era vulg.

D. Ramiro III. por morte do seu Pai D. Sancho ficou de cinco annos em Reino ainda inquieto, agora mais perturbado pelas idéas mulheris, que tinhaõ nelle toda a authoridade, influidas por Sisnando, Bispo que fora deposto do Bispado de Compostella pelo Rei precedente em justa pena dos seus escandalosos excessos. Naõ foi só causa das inquietações domesticas a menoridade de Ramiro, senaõ que della se soubêraõ aproveitar os Mouros para reduzirem a Hespanha, e Lusitania ao estado, em que a acháraõ os primeiros Reis, que começáraõ a restauralla. Ambos os Dominios soffrêraõ duas invasões lastimosas dos Mouros, que pareciaõ as ultimas. A de Lusitania foi movida por Alcoraxis, Rei de Sevilha, revolvendo-a de modo, que a gente abandonou os Povoados, e buscou para asylo das vidas o inaccessivel das montanhas, o horror, e soledade das matas, e dos bosques. Penetráraõ os Barbaros até Galliza, e visinhanças 967

de

Era vulg. do os campos até Lisboa, donde retrocedeo a marcha, sem nos constar fizesse conquistas, ou conseguisse vantagens de consideraçaõ para as nossas gentes.

955 Alguns Historiadores naõ mettem na série dos Reis de Leaõ a Ordonho IV. que outros dizem fora cruel, que com hum anno de Governo fo morto em huma batalha junto á Ci-

956 de de Cordova. Dom Sancho I. char do o Gordo, e irmaõ de Ordonho I he tido pelo seu Successor; Prir pouco feliz com os vassallos, q dos os onze annos de Rei pass quieto com a rebelliaõ dos C entre elles D. Gonçalo, se terras da outra parte do D rebeldia o mais obstinado pois da morte de D. Sanc com a vida no particular teve de D. F ar

Era vulg. de compoſtella, já deſeſperadas as gentes de remedio, quando o Apoſtolo Sant-Iago, para lhe naõ profanarem o ſeu Sepulcro, os ſacodio, affugentou, e os foi fuſtigando com o flagello de huma devaſtadora peſte.

A ſegunda invaſaõ por Heſpanha foi maquinada pelo traidor Conde D. Vela, que caſtigado pelo Conde Fernaõ Gonçalves, achou amparo em Alhaca, Rei de Cordova, e o fez capacitar das grandes vantagens, que tiraria da guerra, ſe rompeſſe a paz pouco antes ajuſtada com Leaõ, e Caſtella. Foi eſta a primeira inveſtida, aſſollada, e tomadas as ſuas melhores Praças por hum exercito poderoſo, que cahio ſobre a Potencia deſprevenida. Do meſmo modo achou o Reino de Leaõ, aonde ſe conduzio por maneira em tudo igual: deſgraças ambas taõ ſentidas pelo Conde Fernaõ 968 Gonçalves, que ſendo Principe de coraçaõ bem dilatado, naõ pode com ellas, e morreo atacado da profunda triſteza, que lhe cauſou o abatimento da Religiaõ, e do Eſtado.

Eſ-

Este foi o fim do Grande Conde Fernaõ Gonçalves, hum dos Principes mais valerosos, que vio Hespanha em todas as idades: Vencedor de quarenta e seis batalhas campaes: destro; e valente na guerra: prudente, e discreto na paz; temido dos inimigos, amado dos vassallos: attendido dos Principes, respeitado das Nações: Senhor brilhante, nas idéas magnanimo, na liberalidade jucundo: Catholico, e Religioso taõ edificante, que na morte testemunháraõ vozes do Ceo as suas virtudes: Fundador, Dotador, e Reedificador de muitos Mosteiros, de Igrejas, e outras obras, que saõ Monumentos perpetuos, aonde a pezar da carreira dos tempos se conserváraõ sempre frescas as suas memorias.

Era vulg.

Cresciaõ de anno para anno as calamidades de Hespanha, assim como a idade de D. Ramiro; Rei creado no regaço das Damas, influido por maximas de senhoras, elle de inclinações estragadas, sem algum valor, e depois de casado hum executor indeffectivel das vontades da Rainha. Succes-

969

Era vulg. sivamente Galliza, e Leaõ foraõ dous theatros do furor dos Normandos, e dos Mouros, cada Naçaõ avançando os seus interesses quasi sem opposiçaõ de hum Rei todo entregue ao ocio, e aos divertimentos, em que elle entendeo, que só consistia o ser Rei. Degeneráraõ aquelles, e outros vicios nos de soberba, e crueldade, de que irritados os Condes, e os Póvos, reconhecêraõ por seu Soberano a D. Bermudo II. o Gotoso, filho de D. Ordonho; e Ramiro falleceo pouco depois em Leaõ com dezasete annos de se chamar Rei.

985

Fallando no todo do Reinado de Bermudo, nós o podemos considerar pouco feliz, antes de Soberano pela guerra, que moveo a Ramiro para o privar do Reino, em que pereceo a flor da milicia Hespanhola, necessaria para fazer semblante, e opposiçaõ á desbocada furia dos Mouros: depois de Rei pelo augmento dos espiritos destes Barbaros por causa da dissipaçaõ das nossas forças, que lhes fez crescer o orgulho depois da morte de

Ra-

Ramiro. Bermudo viciofo, em vez de fe lhes opôr, fó cuidava na fatisfaçaõ dos appetites, que lhe manchávaõ a prudencia, e valor, de que era dotado. Foraõ muitas as ruinas, e os eftragos, que o foberbo Almançor caufou em Hefpanha no feu tempo, e naõ menos lamentaveis os de Portugal. Todo elle foi entaõ hum lago de fangue, com colera indiftinta profanados os Templos, violados os Seminarios das caftas virgens, reduzidos os povoados a hermos, e parecia que até chorando as pedras, como fe encareffe nas guerras civís de Roma.

Era vulg.

Entaõ fe rendêraõ á força das armas dos infieis Coimbra, Braga, Vifeo, Lamego, Britonio, e as mais praças menos confideraveis, antes ganhadas com gloria, agora perdidas naõ fem vileza. Unicamente a conftancia Chriftã teve corage para fe confervar firme; mais faceis os Lufitanos em perder as vidas, que a Fé, e colunas incontraftaveis, de que pendiaõ os triunfos, que a humildade da cruz confeguia da jactancia do Inferno.

Era vulg. Além dos muitos Martyres, florecêraõ neſtes calamitoſos tempos com credito da noſſa Religiaõ S. Roſendo, Biſpo de Dume, de Mondonhedo, e de Compoſtella, filho do Conde D. Guterre Arias, e ſua parenta Santa Senhorinha, Abbadeça do Convento de S. Joaõ de Vieira, e filha do Conde Hufo Hufes. Ora feito eſte compendio, vamos em outro capitulo tratar alguns dos acontecimentos da vida de D. Bermudo dignos da Hiſtoria.

CAPITULO V.

Outros acontecimentos no Reinado de D. Bermudo II., e nos dos ſeus Succeſſores.

988 DEOS, que com a meſma maõ caſtiga, e conſola, quando a Chriſtandade, e ſocego de Portugal, e Heſpanha padeciaõ tantas calamidades, e perſeguições; elle ſuſcitou o eſpirito de Garcia Fernandes, Conde de Caſtella, filho do Grande Conde Fernaõ Gonçalves, para fazer parar o rápido en-

enxureo dos Mouros, que tambem alagava os ſeus Eſtados. O Conde os foi perſeguindo até Santo Eſtevaõ de Gormaz junto ás ribeiras do Douro, aonde ſe atacáraõ os dous campos, ambos eſtimulados, o dos Chriſtãos para reſtaurar o explendor da Religiaõ, e a felicidade dos Póvos, o dos Mouros pelo credito das armas, e para conſervar as conquiſtas. Foraõ eſtes completamente derrotados, e a victoria attribuida a hum milagre, que ſe diz ſuccedêra neſta batalha.

Fernando Antolinez, Cavalleiro diſtinto, que ſervia no exercito, entre outras devoções, tinha a de ouvir Miſſa com frequencia. Elle ſe occupava neſte ſanto exercicio quando ſe rompeo a acçaõ, e faltou a ella pelo naõ deixar incompleto. Taõ agradavel foi nos olhos de Deos a pureza da ſua intençaõ, que no lugar de Fernando Antolinez poz a hum Anjo veſtido nas ſuas armas, obrando façanhas, que cauſavaõ eſpanto aos Chriſtãos, terror aos Mouros, elle o principal inſtrumento do triunfo. Conſummado elle

Era vulg. le vieraõ os primeiros Chéfes congratular-se com Antolinez, que estava coberto de confusaõ pela sua falta no campo, e nóta, que teria adquirido de covarde. Elle respira com o aperto dos abraços, com a officiosidade dos cumprimentos, no seu interior conhece, e adora ao Author da maravilha, saõ examinadas as suas armas tintas em sangue, e cresce o estupor, quando as viraõ amaçadas a golpes, e o corpo de Antolinez illeso sem a mais leve offensa.

993 Naõ participou o Reino de Leaõ das vantagens de Castella. D. Bermudo se deshouve com o seu Conde vencedor dos Barbaros, e foi esta huma das suas infelicidades naõ pequena. Por outra parte o traidor Conde D. Vela persuadio ao Rei Hissen de Cordova lhe declarasse a guerra, a que assistio em pessoa o mesmo D. Vela, e foi summamente ventajosa para os Mouros. D. Bermudo os atacou sem consideraçaõ na ribeira do Rio Estura perto da Cidade de Leaõ, e ficou totalmente desfeito com grande número de mortos,

tos, e cativos. Depois sitiáraõ a mesma Corte, havendo-se D. Bermudo refugiado em Oviedo, e malogradas todas as idéas de prudencia, e de corage, com que a defendeo o Conde Gillen Gonzales, ella foi entrada espada em maõ, sem que a cólera dos Barbaros perdoasse a alma viva, homens, mulheres, e meninos tudo foi passado aos fios della, a Cidade de Leaõ ficou hum espectaculo triste das miserias do mundo.

Era vulg.

Os Mouros por victoriosos mais soberbos, entráraõ por Castella a despicar furiosos a injuria passada, e fizeraõ nella estragos semelhantes aos de Leaõ. Quando para a commua defensa era mais necessaria a uniaõ dos espiritos; entaõ os maiores Senhores de Hespanha, cégos das suas paixões, preferíraõ os interesses particulares aos geraes da Religiaõ, e da Patria. Esta foi entre tantas, a sua maior desgraça, naõ perdoando a cólera ao proprio sangue, como succedeo aos sete irmãos os Infantes de Lara, bem memoraveis na Historia de Hespanha,

994

mor-

Era vulg. mortos vil, e atreiçoadamente por ſeu tio Ruy Velaſques. Mas Gonçalo Guſtio, pai dos deſgraçados Infantes, e pelos influxos do meſmo traidor preſo em poder do Rei de Cordova, gerou em huma irmã do meſmo Rei hum filho chamado Mudarra, Principe de tanto valor em annos verdes, que vingou a morte de ſeus irmãos tirando a vida a Ruy Velaſques.

Quando os Mouros em Heſpanha conſeguiaõ tantas vantagens, elles tinhaõ na Luſitania novos, e bravos inimigos, que combater. Elles eraõ os aguerridos Gaſcões, que nella haviaõ entrado no tempo do Rei D. Ramiro, e feito aſſento no porto de Gaya commandados por D. Moninho Viegas, Chéfe da familia de Monizes, e por ſeus irmãos D. Nonego, e D. Siſinando de Vandoma. Eſtes Capitães fizeraõ gentís obras de cavallaria, tomáraõ aos Mouros muitas terras em Heſpanha, nellas ſe eſtabelecêraõ, e reedificáraõ o Caſtello de Gaya, que eſtava na forma em que o deixou D. Ramiro, quando matou a Alboazar.

Naõ

Era vulg. 998

Naõ cessava o bravo Almançor de perseguir os Christãos por toda a parte, implacavel o odio, que naõ se fartava com o seu sangue. Elle tornou a entrar em Lusitania, e acabou de arruinar as Praças, que na primeira invasaõ naõ destruíra. O temor deste grande General obrigou os Principes de Hespanha a depôr os seus injustos resentimentos, e a confederar-se D. Bermudo com o Rei de Navarra, e com o Conde de Castella, antes que elles entrassem com os seus vassallos no exterminio geral intentado por Almançor. Este pouco assustado da liga, foi entrando por Galliza, aonde Sant-Iago defendeo o seu sepulchro com outra peste. O Conde Portuguez D. Forjaz Vermuiz, que era por estes tempos flagello formidavel dos Mouros, para desaffrontar os Patricios das injurias, que acabavaõ de receber de Almançor; elle marchou com todas as suas gentes a unir-se com os tres Principes colligados, que estimariaõ em D. Forjaz a cabeça para os conselhos, as mãos para as obras.

Per-

Era vulg.

Perto de Osma no lugar, que chamaõ Alcantanaçor, esperáraõ os da liga a furia, com que Almançor muito reforçado vinha aterrando os espiritos, abatendo os campos, revolvendo os penhascos. Espantosa foi a batalha, huma das mais disputadas, que vio Hespanha em Seculos, nenhum braço ocioso, cada homem soldado, e General de si mesmo, que se davaõ as ordens, e as executavaõ, todas as dexteridades occupadas nos modos de matar, e morrer. O valor todo hum dia esteve em disputa com a multidaõ, renovada a peleija de huma parte pelo número, de outra pela constancia. Declarou-se a victoria já de noite, e esta circunstancia impedio ser maior a perda dos Mouros, que deixáraõ no campo mórtos 70ↀ homens de pé, e 40ↀ de cavallo. Foi esta a ultima acçaõ do Rei D. Bermudo II., 999 e muito mais gloriosa a da penitencia, com que no fim da vida expiou os peccados de homem, que comettêra entre muitas virtudes de Rei. Almançor desesperado se deixou morrer de fome

em

em Toledo, e respiráraõ os Christãos com a falta do seu perseguidor. Era vulg.

Em idade de cinco annos succedeo D. Affonso V. a seu Pai D. Bermudo II., Principe Catholico, sabio, e valeroso; virtudes estas, e outras muitas, que deveo á sabia direcçaõ, e consummada experiencia dos seus Tutores, e depois seus sogros D. Mem Gonçalves, e D. Maior, Senhores de grande parte de Galliza, e de Portugal. Nesta menoridade principiáraõ os Christãos a dilatar os animos tantos annos opprimidos, a reparar as Praças havia muitos tempos arruinadas, e o Infante Alboazar Ramires a avançar conquistas, que até entaõ senaõ emprendiaõ. Em dous annos successivos, acompanhado de seus valerosos filhos D. Trastamiro, e D. Hermigio Alboazar, dos quaes descendem as illustres familias dos Amaias, Cunhas, Tavoras, e Teives, ganhou elle as Provincias de Entre-Douro e Minho, e da Beira, com gloria immortal do seu nome, e terror dos Infieis. 1000

To-

Era vulg. 1012

Todos os annos, que corrêraõ até ao de 1012, D. Affonſo aproveitando-ſe do beneficio da paz, e da uniaõ que conſervava com Caſtella, e Navarra, tratou de reedificar as Cidades, e Póvos arruinados, eſpecialmente a ſua Corte de Leaõ, que os Mouros deixáraõ aſſolada. O meſmo fez a quantidade de Moſteiros, completando muitas obras grandes até ao

1020

anno de 1020. Naõ foi das menores as Cortes, que celebrou, em que foraõ reformadas as antigas Leis dos Godos, e feitas outras de novo, recopiladas depois, e involvidas nas das Sete Partidas pelo Rei D. Affonſo o Sabio. Ainda o Rei naõ ſahíra da menoridade, ou pouco depois de ter ſaido della, traçou a emulaçaõ pezadas diſcordias entre os ſeus Tutores, e o Conde D. Forjaz Vermuiz, fiel vaſſallo do ſeu Principe, e zelador da ſua honra, talvez para perturbar a deleitavel tranquillidade, que havia tantos annos gozava o Eſtado. Tomou a calumnia tanto corpo, que o Conde naõ teve coragẽ para ſoffrer as

im-

impoſturas callado, e conta-ſe o caſo ſeguinte. Era vulg.

Penſou elle nos modos com que havia qualificar a innocencia, e entendeo que outro algum lhe era decente ſenaõ o das armas. Deſcobrindo aos vaſſallos os ſeus ſentimentos, e achando-os conformes, ſahio com elles a campo, e no de Mafra desbaratou aos Condes inimigos com valor de Portuguez injuriado na honra. A victoria naõ diminuio a perturbaçaõ, antes cobráraõ novos eſpiritos as impoſturas, que no Conde alteráraõ a cólera para o arrojar a deſpiques mais ſenſiveis, ſe em algumas idades tolerados, nunca juſtos contra os Soberanos. Marchava El-Rei D. Affonſo com poderoſas forças a reprimir a rebelliaõ de Oviedo, quando o Conde, augmentando as ſuas, o foi ſeguindo cortez, e deſtemido, como aggravado affouto, como vaſſallo reportado. O Rei atacava a Cidade, e o Conde apparece no campo com ſemblante de atacar o Rei. Eſte ſuſpende a acçaõ, pára, diſcorre, e formando no ſeu interior

al-

Era vulg. alto conceito das bizarrias do Conde, manda, que o Exercito lhe dê a retaguarda, volte caras a Praça, e continue no ataque, como senaõ tivera tal inimigo no campo.

O Conde com pensamentos naõ menos sublimes penetrou a idéa do Rei, e correspondeo-lhe com outra magnanimidade em nada inferior. Elle com resoluçaõ gentil, propria da Naçaõ, e marcha accelerada conforme ao aperto; baralha o seu exercito com o do Rei, atacaõ unidos a Praça, e no primeiro repelaõ a levaõ em preza. Proezas incriveis obrou aqui a bizarria estimulada, e quando todos começavaõ a olhar para o Conde como para hum monstro de fidelidade, e de valor, elle com o muito pó do campo ficou cego. Com lagrimas sentio o Rei esta perda em vassallo taõ fiel, de magnanimidade provada, digno das graças, que entaõ lhe foraõ feitas, com merecimentos, para que já naõ havia mercè grande.

D. Affonso pela grandeza do seu coraçaõ naõ necessitava de exemplos pa-

para obrar heroicidades; mas eſte do Conde D. Forjaz parece, que o eſtimulou mais para romper os reſentimentos da Mageſtade aggravada, executar huma das acções mais ſublimes, que o deſſem a conhecer ao mundo, quando magnifico Soberano de Vaſſallos, poderoſo Rei de ſi meſmo. Nós temos viſto as perfidias, e eſtratagemas com que o traidor Conde D. Vela retirado entre os Mouros de Cordova maquinava o deſtroço dos Reis de Leaõ, e dos Condes de Caſtella, juntamente com a ruina dos ſeus reſpectivos Eſtados. Seus tres filhos Rodrigo, Diogo, e Inigo, agora abandonados dos meſmos Mouros, ſem refugio em Heſpanha, ainda que reconheciaõ a D. Affonſo por filho do Rei D. Bermudo ſummamente injuriado pelo Conde ſeu Pai, ſendo nelles mais poderoſa a lembrança da grande alma de D. Affonſo, que o ſuſto de o contemplarem offendido; elles buſcaõ o ſeu amparo, pedem a ſua protecçaõ, e ſe entregaõ nas ſuas mãos. O magnanimo Rei as abre ambas para os encher de

Era vulg.

Era vulg. de liberalidades nos Estados, que lhes deo na falda das montanhas para passarem a vida com a decencia de Principes; dilata todo o coraçaõ para lhes perdoar, e esquecer crimes enormes, e os trata como amigos. Mas como seu Pai lhes transfundira no sangue as qualidades de traidores, elles naõ tardáraõ em se esquecer dos beneficios para serem imitadores da perfida ingratidaõ.

1026 Passáraõ alguns annos sem successos memoraveis na Lusitania até ao anno de 1026, em que nasceo de Diogo Laines, e de sua mulher, que era filha de D Rodrigo, Conde, Senhor de Gijon, e Governador das Asturias, o famoso D. Rui Dias de Bivar, vulgarmente conhecido pelo nome de *Cid*, Fidalgo de grande valor, e digno ornato da Historia. O anno seguinte foi

1027 fatal para Hespanha pela perda do seu estimavel Rei D. Affonso, que acabou na flor dos annos, havendo gravado nas acções precedentes o caracter das futuras se tivesse de ser mais larga a sua vida. A paz domestica, o poder grau-

grande, o espirito marcial, tudo estimulou a D. Affonso para entrar na Lusitania, e reconquistar as Praças, de que os Mouros se haviaõ apoderado. Sitiando Viseo, foi desarmado, e com pouca cautela examinar as fortificações da Praça, donde lhe disparáraõ huma seta com ponto taõ fixo, que cahio atravessado, e morto aos 32 annos de sua idade, e 27 de Reinado. O Exercito levantou o sitio, e levou o cadaver do defunto Rei para se lhe fazerem as devidas honras na sua Corte de Leaõ.

E ra vulg.

1028

De muito pouca idade succedeo a seu Pai D. Bermudo III., Principe prudente, e generoso; mas nas emprezas pouco affortunado. Pelo mesmo tempo morreo o Conde de Castella D. Sancho, e ficou de quatorze annos seu filho D. Garcia, moço infeliz, que a Providencia destinou para origem de tristes acontecimentos em Leaõ, e Castella, e duas filhas ambas objectos recomendaveis, a saber, D. Elvira, que casou com D. Sancho, Rei de Navarra, e D. Theresa, que foi mu-

Era vulg. lher de D. Bermudo III. de Leaõ, de quem tratamos. D. Sancha, irmã de D. Bermudo, casou, e se recebeo na Corte de Leaõ com o novo Conde de Castella D. Garcia: funçaõ, que se fez com grande magnificencia, e assistencia de todos os Principes de Navarra, Leaõ, e Castella. Com o pretexto de se congraçarem com o novo Conde, de lhe beijarem a maõ, e de assistirem ao seu recebimento vieraõ a Leaõ brilhantes os tres filhos do Conde D. Vela, em que acabei de fallar.

Estes barbaros homens, imitadores das maldades de seu Pai, perdoados, e favorecidos do Rei D. Affonso, Pai de D. Bermudo, observavaõ cautelosos, e perfidos todos os movimentos do Conde, que nos transportes do prazer se divertia na Corte, aonde tudo suppunha segurança, muitas vezes acompanhado de poucos criados. Em huma destas sahidas ao Templo de S. Salvador o esperáraõ os tres traidores, e D. Rodrigo o mais velho, que era padrinho do Conde, e o elevára da

pia

pia bautismal, foi o primeiro, que lhe descarregou na cabeça huma grande cutilada. Acodíraõ os dous irmãos D. Diogo, e D. Inigo, e o acabáraõ de matar. Em cavallos ligeiros, que tinhaõ prevenidos, se refugiáraõ em Monçaõ; Praça do Conde Fernaõ Guterres, que se publicava offendido dos Principes de Navarra. Em hum instante se mudáraõ as cytharas em lutos, em Leaõ tudo confusões, lagrimas, afflicçaõ, e dor. Ou fosse porque o Conde entregasse estes Reos, ou porque os Principes lhos arrancassem do poder á força, elles abrazados vivos em huma fogueira pagáraõ tantos crimes commettidos contra Deos, contra os Reis, contra a Patria, contra a Religiaõ, e nas suas vidas acabou a posteridade infame do Conde D. Vela.

Era vulg.

Como o infeliz D. Garcia naõ deixou filhos, succedeo nos Estados o Rei D. Sancho de Navarra por cabeça de sua mulher D. Theresa, irmã do defunto D. Garcia. Entaõ deixou Castella de ser Condado, e se lhe deo o Titulo de Reino. Com elle mais

Era vulg. condecorado, e poderoso se recolheo D. Sancho para Navarra; mas de caminho foi conquistando algumas Praças pertencentes ao Reino de Leaõ, ou fosse para segurar melhor as fronteiras de Castella, ou por particulares estimulos contra D. Bermudo, que entrou a sentir o maior poder do visinho, que naõ podia deixar de lhe causar ciumes bem fundados nos primeiros passos, que elle deo logo depois de conhecido Rei de Castella. Naõ tardou muito tempo, que elles naõ produzissem os seus vulgares effeitos, sendo muito difficultoso entre os Soberanos reconcentrar faiscas de desconfianças nos ambitos do coraçaõ, sem que saiaõ fora delles a atear incendios.

Assim succedeo aos dous Monarcas Bermudo de Leaõ, e Sancho de Navarra, e Castella, cada qual por sua parte a pretextar motivos de justificar os seus resentimentos, até que se declaráraõ sanguinolenta guerra. Depois de muitas contendas, e de effectivas negociações, ella veio a ter fim

com

Era vulg.

com o casamento do Infante D. Fernando, filho de D. Sancho de Navarra, com D. Sancha, irmã de D. Bermudo de Leaõ; mas com as condiçoẽs, de que este havia dar a sua irmã em dote as Praças, que D. Sancho lhe tinha tomado, e de mais a Provincia da Estremadura, que corria desde o nascimento do Rio Douro, junto a Agreda, até huma legoa abaixo de Tordesilhas, aonde entra nelle hum pequeno Rio, que chamaõ Heban. Finalmente o Rei de Navarra D. Sancho falleceo no anno de 1032, e repartindo os Reinos, deo o de Navarra a D. Garcia, o de Castella a D. Fernando, ambos seus filhos, este o Grande D. Fernando, que logo veremos poderoso Rei de Castella, e Leaõ, flagello dos Mouros, obrador de acçoẽs sublimes.

1032

Por estes tempos faziaõ guerra aos Mouros de Portugal D. Thedom, e D. Rausendo, filhos de D. Hermigio, e netos do Infante Alboazar Ramires. Entre outros he muito célebre o encontro, que elles tiveraõ com os Mouros

Era vulg. ros dia de S. Joaõ perto das margens do rio Tavora. Nelle se banhava grande cópia de Barbaros, a que fazia corpo de guarda hum exercito em terra. Ambos os córpos foraõ atacados pelos dous irmãos; D. Thedom se botou sobre os do rio, e sobre o da terra D. Rausendo, sem differença de fortuna na igualdade das victorias. Deste illustre feito tomáraõ appellido, e armas os Senhores da Casa de Tavora; Arvore, que no nosso terreno foi muito frondosa, de que ainda se conservaõ ramos sem mancha no explendor primitivo, que herdáraõ dos seus Maiores desde a mais respeitavel antiguidade.

Mal sostria D. Bermudo a visinhança de Castella com Reis da Casa de Navarra, e naõ obstante ser D. Fernando marido de sua irmã D Sancha, a viuva do Conde de Castella D. Garcia: Bermudo, ou porque os zelos, que teve da grandeza de D. Sancho de Navarra, Pai de D. Fernando, naõ os extinguio a morte do Rei, ou porque a alta reputaçaõ, que hia adquirindo o mesmo D. Fernando, o enchia

chia de novos cuidados, ou porque Era vulg.
pensou quanto era prejudicial ao seu
Reino a desmembraçaõ, que fizera nelle
para dotar sem a devida consideraçaõ
a sua irmã D. Sancha com a Provincia
da Estremadura, e mais Praças
do Estado de Leaõ conquistadas por
D. Sancho, Rei de Navarra: por algum
destes motivos, ou por todos elles,
D. Bermudo entrou a olhar circunspecto,
mais do que devêra, para
seu Cunhado D. Fernando, rompeo
com elle todo o trato, e ultimamente
a guerra.

D. Fernando, que nada pensava 1037
menos, que semelhante rompimento,
que desatava as prisões do sangue em
alliança taõ estreita como era a de
Leaõ, e Castella; vendo-se provocado,
elle pede a seu irmaõ D. Garcia de
Navarra o soccorra com as suas forças
para reprimir em D. Bermudo a
ambiçaõ, e injustiça, de que se deixava
arrastar. Arrostáraõ-se os exercitos,
disputáraõ briosos, e estimulados
a célebre batalha de Lantade, aonde
D. Bermudo foi morto do golpe
de

Era vulg.

de huma lança aos vinte annos da sua idade, e nove de reinado. Moço infeliz, Rei desgraçado, que morreo antes do seu tempo, talvez que em muito menos da ametade dos seus dias, por se naõ satisfazer ambicioso com a posse de hum Estado grande, em que podia gozar vantajosas felicidades, ou por naõ querer reprimir os impetos de huma emulaçaõ imprudente, que tem arancado tantas Coroas das cabeças dos Principes. Como D. Bermudo naõ deixou filhos, o Rei vencedor por sua mulher D. Sancha, irmã do defunto Bernardo, unio o Reino de Leaõ ao seu Dominio de Castella, juntamente com as Asturias, intitulando-se logo Rei destes tres Estados, delles bem digno, menos pela successaõ, e direito, que pelas virtudes, e qualidades.

LIVRO VII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Das acções de D. Fernando o Grande.

Era vulg. 1037

INCONTRASTAVEL Columna levantou Deos no Grande D. Fernando para sustentar a Religiaõ de Hespanha; flagello formidavel para castigar o orgulho dos Mouros; politico illuminado para fazer felices os seus Póvos; Principe eminente para servir de exemplar a muitos, e a todos os da sua idade. Antes que elle entrasse a reinar, e no tempo das perturbações referidas entre as Casas de Leaõ, e Navarra, os Mouros tomáraõ corage, e invadíraõ Portugal. Como acháraõ o Paiz quasi indefenso, com hum rápido curso de victorias se fizeraõ senhores das Praças mais importantes, que quiz a Providencia estivessemos no seu poder para de-

Era vulg. depois servirem de brilhante preliminar das façanhas de D. Fernando sobre os Barbaros.

Este grande Rei, pela propria pessoa, e pela de sua mulher D. Sancha, Senhor dos mais consideraveis Reinos das Hespanhas, entrou logo a mostrar, que saberia regellos com maiores virtudes, que aquellas com que os adquiríra. As suas primeiras acções foraõ formar o escudo das Armas dos Reinos unidos, e instituir os Privilegios, que chamáraõ Rodados, célebres, e de muita estimaçaõ nos mesmos Reinos.

1039 Depois de compostos outros negocios domesticos com satisfaçaõ dos vassallos, e vantagens da Coroa, resolveo fazer guerra aos soberbos Mouros de Portugal, intoleraveis pelas passadas victorias, e conquistas, que costumaõ transportar os espiritos sem moderaçaõ. A sua primeira expediçaõ foi marchar a Sant-Iago de Galliza para implorar os auxilios do Ceo postrado diante do Sepulcro do Santo Apostolo; costume edificante dos Reis pios, que punhaõ no Senhor seu Deos aquellas

lás esperanças de vencer, que outros Era vulg.
firmavaõ na força da sua cavallaria, carroças militares, e numerosa infantaria.

Com os confortos Supremos mais alentado, D. Fernardo entrou por Portugal á maneira do turbilhaõ violento, e rápido, que depois de levantar nuvens de pó, derruba as casas, arranca as arvores, arrebata os homens, e até parece que move os penhascos. Assim, D. Fernando entrava por todas as Praças, e entre ellas, memoraveis as acceleradas conquistas, das de Bapajóz, Evora, Béja, Mérida, e Cea. Nada bastante para encher a sua grande alma em quanto naõ vingava nos Mouros de Viseo a morte, que haviaõ dado ao Rei D. Affonso V. Elle atacou a Cidade com assaltos temerosos, e no ultimo a cólera estimulada com a lembrança do Principe infeliz, e com a obstinaçaõ da resistencia dos Mouros, naõ perdoou a culpado, e innocente, a sensivel, e insensivel, tudo foi estrago, sangue, e morte. Com ella atroz pagou o homici-

Era vulg. cida de D. Affonſo o crime, para elle, e para a ſua Naçaõ glorioſo, do acerto com que apontou o Armatoſte, que deſpedio a ſeta, que o privou da vida. O meſmo fim com igual defenſa teve a Cidade de Lamego, de que era ſenhor Zadaõ Iben, poderoſo Regulo, reſpeitado das Comarcas viſinhas.

1040 Abater a arrogancia dos Mouros de Coimbra era hum empenho particular de D. Fernando, que com as armas ainda quentes, marchou a ſitiallos no anno ſeguinte. Sete mezes contínuos diſputáraõ o triunfo o valor, e a obſtinaçaõ, tenazes os Mouros em defender, D. Fernando conſtante em atacar. Mas como a fome he hum dos inimigos do homem, que naõ tem reſiſtencia; opprimido della o campo Catholico, aſſim pela falta de viveres, como pela difficuldade dos tranſportes no rigor do Inverno, eſtava o Rei reſoluto a abandonar a empreza. Acodíraõ a eſte aperto o Abbade, e Monges de Lorvaõ, que naquelles tempos eraõ riquiſſimos; e depois de perſua-

di-

direm a D. Fernando com eloquencia viva, com rógos humildes, com piedade edificante naõ desistisse de hum projecto, que além de levar involvido o augmento do Estado, era o mais interessante á Religiaõ de Portugal: elles se offerecêraõ a contribuir com a maior parte dos mantimentos necessarios para a sustentaçaõ do campo, como prompta, zelosa, e fielmente executáraõ.

Era vulg.

O Rei animado com este soccorro apertou o sitio, e na vespera do rendimento de Coimbra, contaõ Authores nacionaes, e estrangeiros, que o Bispo de Compostella Estiario, de Naçaõ Grego, ouvindo dizer aos peregrinos, que Sant-Iago era soldado de Hespanha, que assistia aos Hespanhoes nos combates; elle os reprehendêra asperamente, lembrando-lhes que Sant-Iago com o officio de pescador, naõ se embaraçava com os exercicios de soldado: Que nessa mesma noite appareceêra o Apostolo ao Bispo com humas chaves na maõ: Que trazendo-lhe hum cavallo, o Santo montára nelle, e vol-

tan-

Era vulg.

tando-se para o Prelado incredulo lhe dissera: Estiario, para que naõ duvides, que sou soldado, e Cavalleiro de Hespanha, eu marcho com estas chaves para a manhã abrir as portas de Coimbra ao Rei D. Fernando, e ajudallo a render a Praça: Que referindo o Bispo a visaõ, se esperára o successo, que com effeito aconteceo no dia marcado das nove para as dez horas da manhã. Foi tomada Coimbra pelo Grande Fernando, que fez muitas mercês aos Mouros, que mais se haviaõ destinguido na defensa, e dentro da Cidade armou Cavalleiro ao famoso Cid, já digno desta honra pelas suas memoraveis façanhas, e para que a elle nunca lhe esquecesse Coimbra, até nos seus campos nasceo o seu célebre cavallo Bavieca, taõ decantado nos anexins antigos pelas suas raras habilidades.

Nomeou o Rei para Governador da Cidade, e Comarca de Coimbra ao nobre Varaõ Sisnando, destro, e experimentado nas armas, e na prudencia, que entrou a metter em uso, para que ambas as qualidades o fizessem ress-

respeitado. O Rei grato ao seu Bemfeitor, marchou direito a Galliza para dar as graças ao Santo Apostolo, e de caminho, mais com o nome, que com as armas, rendeo os Castellos de S. Martinho, e de Taranso, junto a Compostela. Sem consentir, que os espiritos se esfriassem, nem as armas creassem ferrugem, naõ tendo socego em perseguir os Mouros, lhes tomou a Santo Estevaõ de Gormaz, a Vado-Regio, a Aguilar, a Valeriana, hoje chamada Berlanga; metteo a fogo, e sangue todo o territorio de Tarazona; os campos de Medina-Celi; resolveo os de Toledo, naõ parando na rapidez da marcha até se avistar com a respeitavel Madrid. Parece que entaõ se achava nella o feroz, e soberbo Almenon, Rei de Toledo, que aterrado do temor das victorias, e conquistas de D. Fernando, deposta a soberba, e ferocidade, asseguraõ sahíra da Praça, se lançára aos seus pés, pedíra a paz offerecendo-se tributario; exemplo, que abraçáraõ os Regulos dominantes de Portugal, de Sevilha, e de Saragoça,

Era vulg.

já

Era vulg. já reconhecidos vassallos os mesmos, que até entaõ davaõ Leis como Soberanos.

He verdade, que alguns dos Mouros de Portugal, especialmente Benalfagi, Senhor de muitas terras na Estremadura, naõ podéraõ soffrer callados a perda de Coimbra. Com gentes numerosas, de que Benalfagi era Chéfe, vieraõ elles levantar os muros de Montemor o Velho, que era sitio proporcionado para molestarem os defensores de Coimbra com correrias, e insultos contínuos. O Rei D. Fernando acodio em pessoa, acompanhado do Cid, a castigar a ousadia dos Barbaros, render a nova fortificaçaõ, que naõ se entregou sem sangue, e para se conseguir a empreza foi necessario ao Cid apurar a elegancia das suas gentilezas militares. Por coroa de tantos triunfos estimou D. Fernando ser levado de Sevilha para Leaõ o corpo do Santo Doutor e Arcebispo Isidoro, e o descobrimento em Avila dos Santos Martyres Eborenses Vicente, Sabina, e Christeta, obrando Deos mui-

tos

tos milagres para comprovar a verdade dos mesmos descobrimentos, havia tantos Seculos occultos no coraçaõ da terra. Era vulg.

Muitas, e muito sublimes foraõ outras acções do Grande Rei D. Fernando, que naõ saõ do meu assumpto, ou ellas se procurem pelo exercicio das armas, em que gastou toda a vida; ou pelo zelo da Religiaõ, em que empregou os maiores desvelos; ou pela fundaçaõ de Igrejas, e Mosteiros, em que despendeo thesouros; tudo conseguido em dezanove annos do seu feliz Reinado, até o de 1065, em que falleceo. Dizem, que por este tempo sitiava elle a Cidade de Valença, aonde affirmaõ lhe apparecêra Santo Isidoro, Arcebispo de Sevilha, e dissera dispozesse dos negocios da sua alma, por ser chegado o tempo de pagar o tributo da mortalidade. Com este avizo, sentindo-se elle já indisposto, marchou logo para a Corte de Leaõ, aonde se fez conduzir para a Igreja de Santo Isidoro, e prostrado por terra diante do Sepulchro do Santo, disse a Deos com la- 1065

Era vulg.

grimas de compuncçaõ, e ternura: Senhor, vosso he o poder, e a honra, Vós o que dominais sobre todos os Reis, Vós o Senhor dos Senhores: o Reino que recebi da vossa maõ, eu vo-lo restituo; e sómente peço a vossa clemencia, para que a minha alma seja levada á vossa eterna luz.

1067 Ditas estas palavras, elle tirou a Coroa, depoz as Insignias Reaes, vestio-se de cilicio, cobrio-se de cinza, pedio aos Bispos a Extrema Unçaõ, encarou a morte com a mesma coragem da vida, e entregou o espirito ao Senhor. Deixou D. Fernando divididos os Reinos por seus tres filhos para ficar a estes irmãos hum fomento de abominaveis, e escandalosas discordias. Em D. Sancho, que era o primogenito, nomeou o de Castella; em D. Affonso o de Leaõ; em D. Garcia Portugal, e Galliza; em suas filhas D. Urraca, e D. Elvira as Cidades de Samora, e de Toro para seus alimentos. D. Sancho, moço, valente, ambicioso, de espirito guerreiro, levou muito a mal esta divisaõ, e naõ cuidou

Jo-

logo em revendicar a propriedade da sua primogenitura, que julgava offendida, pelo embaraçar o respeito, que tinha á Rainha sua Mãi. Em quanto se naõ proporcionava a conjuntura para os seus intentos, por naõ estar ocioso se entreteve em muitos, e pezados negocios com D. Ramiro, Rei de Aragaõ, com D. Sancho de Navarra, com os Mouros Celtiberos, e os de Toledo, sem outra vantagem em tantos empenhos, que a de tirar a vida em huma batalha a seu Tio D. Ramiro de Aragaõ.

Era vulg.

1067

Seu filho, e Successor D. Sancho Ramires, apertando a alliança com o Rei de Navarra, e com alguns dos Mouros para vingar a morte de seu Pai; elles depois de derrotarem a D. Sancho de Castella na grande batalha de Viana com lastimosa effusaõ de sangue dos Castelhanos, recobráraõ quantas Praças havia conquistado nos seus contornos o Grande Rei D. Fernando. Tantas perdas, e tantos inimigos fizeraõ a D. Sancho, senaõ reportado, temeroso; e como seus irmãos D. Af-

1068, até 1071

Era vulg.

fonſo, e D. Garcia naõ tinhaõ entre ſi a uniaõ dos Reis de Aragaõ, e de Navarra; D. Sancho deixa eſtes contrarios em ſocego, e já morta a Rainha Mãi, inſoffrivel para elle a diviſaõ, que ſeu Pai fizera dos Reinos, tendo por infalliveis as victorias, volta as armas contra ſeus irmãos, deſembaraça-ſe ſem honra de huma guerra, e entra em outra com injuſtiça. As forças de ambos eraõ entaõ menores, que as da diſcordia entre elles: duas circunſtancias, que repreſentando a D. Sancho muito facil o ſeu empenho, elle ajuntou tanto poder, como ſe foſſe para emprehender o mais difficultoſo.

D. Affonſo, Rei de Leaõ, que ſoube tinha de ſer o primeiro atacado, alliſtou trópas, e pedio ſoccorros aos Reis de Aragaõ, e de Navarra; mas foi infeliz na primeira batalha junto ao lugar de Plantaca, donde ſe retirou derrotado para Leaõ: Reforçado o exercito, tornou a buſcar a ſeu irmaõ, que encontrou perto de Golpelara, e com corage mais eſtimulada de tal ſórte apertou a eſpada, que conſeguio

de

de seu irmaõ completa victoria. Com Era vulg.
a confiança de vencedor, sem muita
circunspecçaõ, descançava o exercito
de D. Affonso no campo recostado á
sombra do triunfo, quando appareceo
nelle com a sua gente o famoso Cid
Ruy Dias, que vinha a marchas forçadas
soccorrer ao seu Rei. Achando-o
vencido, e a D. Affonso descuidado,
cahio sobre elle, talhou o exercito
em postas, e o fez prisioneiro; mostrando
os successos da guerra, ou os
chamados Acasos, que de instante para
instante se lhe muda o semblante
segundo a ordem da Suprema Providencia.

Foi D. Affonso com toda a cautela
remetido preso para Burgos, aonde
esteve, até que a Infanta D. Urraca,
irmã de ambos os Reis, conseguio de
D. Sancho faculdade para elle tomar
o habito de Monge no Mosteiro de
Sahagum. Com a vocaçaõ de esperar
tempo para melhorar de fortuna, D.
Affonso renunciou o estado Secular,
e hum Rei em substancia no seu interior,
appareceo com accidentes de
Mon-

Era vulg. Monje. Tomou D. Sancho posse do Reino de Leaõ, e ficou satisfeita a terceira parte da sua ambiçaõ com esperança de a encher toda com as duas, que lhe faltavaõ de D. Garcia, e das Infantas suas irmãs. Pouco depois da morte do Rei D. Fernando, D. Sancho se havia confederado com seu irmaõ D. Affonso para dethronarem a D. Garcia, e repartirem os Reinos de Portugal, e Galliza. Agora que este alliado lhe era inutil, como hum pobre Monje, e elle estava senhor de todas as suas forças, com ellas, sobre inteiras, victoriosas, D. Sancho se faz prestes para ir dar a D. Garcia hum destino semelhante ao de D. Affonso.

CAPITULO II.

D. Sancho de Castella usurpa a seu irmaõ D. Garcia os Reinos de Portugal, e Galliza.

DOM Garcia, que com os exemplos taõ frescos, devia ser mais acautelado, e circunspecto para cuidar nos meios,

meios, que facilitaõ aos Principes prudentes a sua conservaçaõ ainda no meio das maiores perturbações dos Estados; elle o fez tanto pelo contrario, que deo causa, para que os Reinos se dividissem em bandos; que sem ella escandalisava os homens; que carregava os Póvos de tributos immoderados, e sobre tudo por trasplantar toda a authoridade no seu valido Verna, arrogante, e soberbo com os Senhores mais respeitaveis em qualidade, e merecimentos; Verna, hum Arbitrista presumido, que com as suas invenções deo infaustos principios á guerra, muitos infortunios aos Grandes, e tristes calamidades á Patria. Para a Nobreza era intoleravel esta privança, que dava a hum homem todo o poder da Magestade, e que deixava a Magestade com huma simples apparencia de poder.

Era vulg.

Ella se fez insoffrivel ao Conde D. Rodrigo Forjaz, em tudo filho do grande D. Forjaz Vermuiz, taõ igual no valor ao Cid Rodrigo Dias de Bivar, que o Rei D. Fernando costumava dizer: Que outros Principes teriaõ maio-

Era vulg. maiores Dominios, que os ſeus; mas que ſó elle era Rei de taes vaſſallos como os dous Rodrigos Portuguez, e Caſtelhano. Repreſentou o Conde ao Rei D. Garcia os prejuizos, que o valimento de Verna cauſava ao Reino, e que moderaſſe os exceſſos, antes que elles eſtragaſſem a obediencia. Porque a propoſta foi deſatendida, o Conde entrou no Paço de Coimbra, e á viſta do Rei matou o Privado: mas receando os tranſportes do Rei irado, elle, ſeus irmãos, e muitos dos grandes Senhores ſe retiráraõ com o deſignio de ir ſervir a França. A nova porém, que recebeo D. Garcia, de que ſeu irmaõ D. Sancho marchava contra elle, fez lembrar menos a morte de Verna, que a fugida de tantos vaſſallos neceſſarios para a guerra. Em Navarra os alcançou o avizo, que o Rei, preciſado a ſervir-ſe de tantas eſpadas de opiniaõ, mandava ao Conde D. Rodrigo, para que elle com todos os mais Fidalgos ſe reſtituiſſe ao Reino, lembrando, ou advertindo, que como ſeu irmaõ vinha acompanhado

do de D. Rodrigo Dias, elle naõ queria sair-lhe ao encontro sem a companhia de D. Rodrigo Forjaz.

Era vulg.

Voltou o Conde para Coimbra, quando chegavaõ aos seus campos com hum poderoso destacamento os Condes Castelhanos D. Nuno de Lara, e D. Garcia de Cabras. Quiz D. Garcia sair contra elles em pessoa; mas D. Rodrigo o impedio com o honrado fundamento, de que a espada de hum Rei só com a de outro Rei se media; que elle, com seus irmãos D. Pedro, e D. Vermuiz tomava a sua conta fazer retirar os Castelhanos da vista de Coimbra com mais pressa, do que trouxeraõ. Assim o executou generosamente D. Rodrigo, que na batalha de Agua de Mayas, a troco do sangue de muitas feridas, que levou, derramou o de todos os Grandes de Castella, que deixáraõ as vidas no leito da honra; taõ sensivel a perda de taes homens ao Rei D. Sancho, que determinou naõ lhe demorar a vingança, ainda que arriscasse os Estados, e a reputaçaõ. Com exercito temivel pelo

nú-

Era vulg. número, pelo valor, e pelos estimulos, elle se apresentou á face dos muros de Coimbra, aonde já naõ achou a seu irmaõ D. Garcia, que se havia retirado para Santarem.

Nesta Praça o buscou D. Sancho, e D. Garcia, que lhe observava a marcha, e o poder, se assusta pela desproporçaõ das forças, naõ lhe parecendo bastante para a resistencia a igualdade, que suppunha no valor. D. Rodrigo o animou com a lembrança, de que a sua gente era Portugueza mais costumada a vencer pela opiniaõ, que pelo número, e que elle, ainda que pouco saõ das passadas feridas, se offerecia com seus irmãos, e sobrinhos para a vanguarda. Atacou-se a batalha nos campos de Santarem com tanta corage dos bizarros Portuguezes, que rompendo o exercito Castelhano, arrastáraõ a bandeira Real, e deraõ em terra com o Rei D. Sancho, que foi investido por D. Egas Gomes de Sousa com a lança enristada, e seguido pelo Conde D. Rodrigo Forjaz, que com as suas mãos o prendeo. D. Pedro,

ir-

irmaõ do Conde, avisou a D. Garcia da certeza da victoria, da prizaõ de D. Sancho, e pedio que sem demora viesse tomar entrega do preso, e sentir a morte do Conde seu irmaõ, que estava espirando roto em feridas novas sobre as antigas mal curadas.

Era vulg.

Quando chegou D. Garcia, aonde estava D. Rodrigo agonizante, este lhe fez entrega do Rei prisioneiro, e disse com vozes tremulas sahidas de hum espirito inteiro: Eu senhor morro gostoso por vos deixar triunfante: tendes seguro o Reino com vosso irmaõ ao vosso arbitrio: eu para mim nada quero: recommendo-vos a lembrança destes Fidalgos Portuguezes, que se offerecêraõ á morte para vos livrarem de affronta: em todos os vossos casos segui os seus conselhos, naõ errareis: assim elles, como os seus Predecessores estimáraõ tanto a verdade, que nenhum queria a vida, aonde se aventurava a honra. Ditas estas palavras, o Conde se lançou sobre o seu escudo, e beijando a cruz da espada, espirou o coraçaõ intrepido do Heróe magnanimo,

Era vulg. mo, que nunca conheceo o medo; e ſempre com o meſmo ſemblante affrontou ambas as ſórtes, e todos os perigos.

Juſtamente os Capitães prevenidos, que ſe eſcuſáraõ de dizer. *Naõ cuidei*, elles receavaõ, que no meſmo dia, e lugar ſe mudaſſem as ſcenas, e que o theatro das glorias paſſaſſe a cadafalſo de ignominias. Aſſim ſuccedeo a D. Garcia por naõ cuidar, e perdeo a confiança indiſcreta quanto ganhára a valentia denodada. Seu irmaõ preſo, que elle devia guardar em peſſoa, e pôr logo em ſegurança, entregou-o em outras mãos, ainda que confidentes, e naõ quiz perder a imaginada gloria de perſeguir os fugitivos mais deſmandado, que affouto. Em D. Garcia voltar as coſtas, e D. Sancho ſacodir de ſi os guardas naõ mediou tempo. Com carreira veloz, e promptidaõ de eſpirito elle ſe incorporou com os ſeus ſoldados a tempo taõ opportuno, que o Cid chegava ao campo com huma trópa de refreſco, que alentou os valentes, e fez parar os covardes, eſ-

tes

tes de envergonhados, os outros por briosos.

Era vulg.

Com este soccorro recobrou D. Sancho alentos novos; renovou-se a batalha, que os Castelhanos batêraõ antes com furor, que com corage. D. Sancho se botou sobre o irmaõ, que por outro lado se retirava victorioso, e com impulso forte conseguio desbaratallo. Nós podemos dizer, que saltaõ cabeças, pernas, braços sem dono, e sem sentido, já palpitando as entranhas dos Portuguezes, quando viraõ aos irmãos, e sobrinhos do Conde D. Rodrigo estendidos no campo, jarretados a golpes, e para complemento da desgraça, taõ trocadas as sórtes, que D. Garcia prisioneiro mais bem guardado de D. Sancho. Elle foi logo remetido para o Castello de Luna; das nossas mãos cahíraõ as armas; da cabeça do Rei de Portugal a Coroa; submetteo-se o Reino ao jugo do vencedor; tornou a unir-se ao de Castella, e já satisfeitas duas partes da ambiçaõ de D. Sancho, elle marcha contra suas irmãs a completar a ultima,

que

Ed. vulg. que lhe custa a vida, talvez por encher entaõ huma medida, que além della naõ se póde passar.

Soberbo D. Sancho com as suas aparentes felicidades, desvanecido com o dominio de tantos Reinos, ainda a sua cubiça naõ dizia, que bastava, em quanto naõ tirasse do poder das Infantas duas Cidades, que seu Pai lhes deixára. Aquelle vicio, raiz de todos os males, o arrastou a apresentar-se com grande exercito na frente de Samora, e sitiar a sua irmã D. Urraca, depois que descançou das guerras de Leaõ, e Portugal. Já por este tempo D. Affonso havia abandonado a violenta vida de Monje, e procurado em Toledo a protecçaõ do Rei Mouro Almenon, que o recebeo com agrado, e preparou casa decente junto ao seu Palacio, aonde residia cortejado dos Mouros, que o entretinhaõ gostoso, humas vezes na guerra, outras na caça. Sua irmã D. Urraca mandou ao Conde de Peranzules, e a seus irmãos lhe fossem assistir; e o Rei Almenon, ainda que muitas vezes foi sugerido pe-

pelos interpretes dos futuros para lhe tirar a vida; elle delicado observante da hospitalidade, nunca o quiz fazer, guardando a Providencia no regaço dos Barbaros esta preciosa reliquia do grande Rei D. Fernando para depois ser o seu açoute, e hum dos mais luminosos ornatos dos Fastos de Hespanha.

Em quanto D. Affonso se entretinha entre os Mouros, a Infanta D. Urraca sopportava o aperto do sitio, em que a tinha posto seu irmaõ D. Sancho. Bem pensavaõ os Fidalgos, que este Principe altivo naõ desistiria do empenho de render a Praça, senaõ por meio de algum arrojo naõ vulgar. Hum delles chamado Velhido Dolfos, que em tal caso todos teria por decentes, e honrados; elle o toma á sua conta; sahe da Praça, e busca ao Rei; diz que tem de lhe communicar em segredo cousas importantes, e ambos em passo vagaroso vaõ conferindo o rendimento, e gyrando o recinto da Cidade. Chegados a huma das pórtas, que Velhido tinha sobre as suas guardas para segurança da retirada, parou para mostrar

Em vulg.

Era vulg. ao Rei huma fraqueza da fortificaçaõ; por onde a Praça facilmente sería entrada. Quando o vio divertido no exame, vil, e atreiçoado, o atravessou com hum dardo, que levava, derrubou-o morto, e valendo-se dos pés entrou pela porta naõ só saõ, e salvo; mas como se elle fosse coberto da gloria de algum dos honrados feitos da heroicidade. Os Portuguezes, e Gallegos, que aborreciaõ a D. Sancho, se recolhêraõ logo a suas casas, os Castelhanos se entretivêraõ em desafios com os da Praça, naõ resultando delles cousa, que trouxesse para a Patria a menor vantagem.

1073

Foi D. Affonso avisado em Toledo da tragedia de Samora, e despedindo-se grato, e officioso do seu Rei com a promessa de o naõ inquietar a elle, nem a seu filho em quanto vivessem, bem acompanhado de Mouros, e Christãos, chegou a Leaõ, que o recebeo nos corações, e o acclamou logo por seu Rei. Os Portuguezes, e Gallegos duvidáraõ fazer o mesmo com o fundamento de ser vivo o seu legi-

ti-

timo Rei D. Garcia; mas D. Affonso Era vulg.
ajustando-se com elle, e pondo-o em prisaõ mais larga, os dous póvos se submettêraõ, e seguíraõ o exemplo de Leaõ. Os Grandes de Castella se ajuntáraõ em Burgos para deliberar-se, e resolvêraõ naõ reconhecer Rei a D. Affonso em quanto elle naõ jurasse como naõ tivera parte na morte de seu irmaõ D. Sancho. Couveio elle no partido, e entrou em Burgos para jurar; mas os Fidalgos todos se temêraõ de tomar o juramento, e o negocio se hia revestindo de hum semblante critico. Cortou o Cid o nó das perplexidades, offerecendo-se para tomar nas suas mãos o juramento do Rei, que com effeito o deo exacratorio, entaõ com dissimulaçaõ da pessoa, depois com resentimento da Magestade pelo desembaraço de inculcar o Cid, que em nada conhecia o medo.

1074 No primeiro anno de Rei as façanhas de D. Affonso, e as do mesmo Cid, começáraõ a levar as attenções de Hespanha, e as dos seguintes as admirações da Europa. Naõ perdoavaõ

Era vulg. as ſuas eſpadas aos Mouros em quanto naõ os rendiaõ tributarios, excepto os de Toledo, taõ agradecido D. Affonſo ao ſeu Rei Almenon, que o ajudou em peſſoa com muitas forças, a domar a ferocidade dos de Cordova, que o inquietavaõ. Porque o Cid, já condecorado com o titulo de Campeador a pezar da inveja, pelo proprio arbitrio invadio as ſuas terras até aviſtar os muros de Toledo, aquelle monſtro, que dominava em todos os Grandes, fez tambem os ſeus officios, que conſeguio do Rei deſterrar do Reino ao Cid, naõ ſó por ſatisfaçaõ a Almenon; mas pela audacia com que elle em Burgos lhe tomára o juramento, que fica referido. Retirou-ſe o Cid com as ſuas gentes, creaturas da ſua diſciplina, para o Caſtello de Alcozer em Aragaõ, donde fazia tantas vantajoſas entradas nas terras dos Mouros, que ſe enriqueciaõ com os deſpojos, e delles fazia o Cid participante ao ſeu Rei: Próva de fidelidade, que obrigava os Póvos a gritar contra os Grandes, e a acclamar o Cid

por

Era vulg.

por Pai da Patria, coluna da Monarquia, defenſor da Chriſtandade.

Sendo neceſſario para atar o fio deſta Hiſtoria na ordem, e ſucceſſaõ dos noſſos Reis Portuguezes continuar com a narraçaõ das acções de D. Affonſo VI., ainda que ellas daqui em diante tenhaõ pouca relaçaõ com a noſſa Hiſtoria, excepto o caſamento de ſua filha D. Thereſa com o Conde D. Henrique, dando-lhe Portugal em dote com o titulo de Condado. Eu paſſo a dizer, que D. Affonſo, poderoſo com o dominio de tantos Reinos, rodeado de gloria, cheio de triunfos, igual, ou maior na felicidade, que ſeu grande Pai D. Fernando, elle tomou, ou lhe deraõ o nome de Imperador das Heſpanhas, e entrou a ſer mais amado dos vaſſallos, temido dos Mouros, reſpeitado das Nações. Para complemento da ſua fortuna, paſſados poucos annos morreo Almenon, Rei de Toledo, e o ſeu primogenito Hiſſen: mortes, que deſatáraõ a D. Affonſo do vinculo da palavra, que havia dado de naõ fazer a ambos a guerra durante as

1077

Era vulg. ſuas vidas. Ainda foi maior a vantagem de D. Affonſo por ſucceder a Hiſſen ſeu irmaõ ſegundo Hiaia, Principe de inclinações perverſas, de coſtumes depravados, froxo, e covarde para a guerra, como monſtro de luxuria ſempre recoſtado no regaço das meretrizes.

Quando os Mouros de Toledo pediaõ a D. Affonſo os livraſſe pela ſua intervençaõ, e reſpeito das tyrannias do novo Rei, os vaſſallos o inſtavaõ naõ perdeſſe conjunctura taõ favoravel para ſe fazer ſenhor do Reino de Toledo, eſpecialmente deſta Cidade, que devia ſer reputada o centro da Potencia dos Africanos em Heſpanha: Que para ſer juſta eſta conquiſta, de que naõ devia fazer eſcrupulo em razaõ da palavra dada a Almenon, lhe lembravaõ, que ella eſpirára com a morte deſte Rei, e de ſeu filho Hiſſen: Que os intereſſes da Religiaõ clamavaõ por ella com brado forte: Que os Mouros amigos, tyrannizados por Hiaia, a deſejavaõ; e que naõ obſtante as difficuldades, que ſe preveniaõ na empre-

za,

za, elles julgavaõ, que o meſmo ſería intentalla, que conſeguilla. Era vulg.

Menos perſuasões eraõ baſtantes para entrar em movimento, e aquecer-ſe o eſpirito de hum Rei bellicoſo, amante da gloria, zeloſo da Religiaõ, activo nas vantagens do Eſtado. Cuidou D. Affonſo em preparar-ſe, e o Rei Hiaia a temer-ſe. Elle chamou em ſeu ſoccorro aos Mouros de Badajoz, que ſe recolhêraõ covardes ſem outra acçaõ, que a de verem a ordem, com que o exercito Heſpanhol marchava para ſe moſtrar aos de Toledo. Neſta primeira jornada ſe ſatisfez com retirar os Mouros de Badajóz, talar os campos, cativar muitas almas, e enriquecer o exercito com deſpojos o bravo D. Affonſo, que reſervou para o anno ſeguinte a formalidade do ſitio de Toledo, mais difficultoſo na execuçaõ, que nas idéas; porque nelle ſe gaſtáraõ tres annos. 1079

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Das ultimas acções do Rei D. Affonso VI. até dar Portugal em dote a sua filha D. Theresa para casar com o Conde D. Henrique.

1080 NO anno de que entro a escrever os successos, parece que eraõ emulos do valor, e da fortuna o Rei, e o vassallo, quero dizer, D. Affonso em Toledo, e o Cid Campeador em Aragaõ, ambos empenhados em exterminar os Mouros dos seus contornos. D. Affonso deo principio ao sitio daquella Capital com a tomada de Canales, e Olmos visinhos a ella, e que logo lhe mostráraõ o aperto da fome, que a esperava. O Cid triunfante, e grande conquistador em Aragaõ ainda desterrado, foi chamado para a empreza de render o Castello de Grados, que os Mouros de Andaluzia haviaõ tomado a Ádofir, feudatario de D. Affonso, commandados pelo bravo Almofala. Pedio Ádofir a D. Affonso o ajudasse a re-

Era vulg.

recobrar o ſeu Caſtello, e elle marchou em peſſoa; mas vendo, que a expediçaõ neceſſitava tempo, e lhe divertia as operações do ſitio de Toledo, chamou ao Cid, e o encarregou della, como de empenho digno da ſua reputaçaõ, e corage. Elle deo taõ boa conta da ſua commiſſaõ, que rendeo o Caſtello, fez priſioneiro a Almofala, remetteo-o a D. Affonſo, e voltou para Aragaõ a continuar as ſuas gentilezas.

1081

Em quanto D. Affonſo ſe occupava neſtes grandes projectos, o Reino de Portugal era governado por varias peſſoas com differentes titulos, que o Rei lhes dava ao ſeu arbitrio. No meſmo tempo, em que o Reino ſentia a falta do ſeu Rei D. Garcia, D. Affonſo ſocegou nos ſuſtos, que lhe cauſava a ſua vida, que acabou com dez annos de preſo, e foi ſepultado com honras de Rei. Elle ordenou, que o enterraſſem com os grilhões, que lhe haviaõ poſto, como foi executado; lembrança illuſtre de hum Rei innocente ſem liberdade em poder dos culpados.

D.

Era vulg. D. Affonſo, dilatados os ambitos da ſua grande alma com tantas noticias favoraveis, elle continuou o ſitio de Toledo com eſpirito dobrado. Como ſe a fortuna andaſſe ao ſeu ſoldo, ou empenhado o deſtino em o fazer glorioſo, a ſua complacencia creſce ao eſtrondo da grande victoria, que o Cid ganhou ſobre Alfagio, Rei Mouro de Denia, e ſobre D. Ramiro, Rei de Aragaõ, que vinha unido com elle. O Mouro muito ſoberbo refez as forças, e entrou pela Mancha a deſaffrontar a injuria. D. Affonſo, ſem deſguarnecer as linhas de Toledo, marchou com o reſto das trópas, cortoulhe o exercito em poſtas, e Alfagio deveo a ſalvaçaõ á fugida: victoria célebre; mas para Heſpanha muito cára, por ficar morto no campo D. Diogo Rodrigues de Bivar, que em todas as qualidades era filho legitimo do Cid Rui Dias de Bivar. Alfagio, ſegunda vez vencido, ainda naõ perdendo a corage, com as reliquias dos ſeus eſtragos fez outra nova guerra. Elle talou os territorios de Caſtella até chegar

gar

Era vulg. 1082

gar a Medina do Campo; mas encontrando aqui a valerosa espada de Alvaro Yanhes Minaya, parente do Cid, amolada na pedra da fortuna de D. Affonso, o cortou com destroço completo, que acabou de abater a arrogancia.

Com tantas illustres victorias mais animado D. Affonso, resolveo estreitar a sitio formal a empreza de Toledo, que até entaõ naõ passava de hum apertado bloqueio. Para isso ajuntou exercito muito copioso, fez allianças com os Reis de França, e Aragaõ, convocou outros Principes Estrangeiros, que entaõ vieraõ muitos servir debaixo das suas bandeiras, e achar nas filhas do Rei esposas, nos seus Estados Dominios, com que de grandes se fizeraõ maiores. Feliz presagio da importante conquista de Toledo foi o rendimento de Madrid, que o Rei fez Quartel-General para apertar mais os sitiados, e ficar senhor da campanha. Naturaes, e Estrangeiros naõ se poupáraõ a arbitrar invectivas, máquinas de atacar, perigos que emprehender, esforços

que

Era vulg. que executar para obrigarem o Rei Hiaia, já valente pela necessidade, a render a Praça, que defendia intrepido. O muito trabalho fez enfraquecer as forças dos sitiadores; as graves molestias lhes abatiaõ os espiritos, e a grande fome os hia reduzindo a abandonar a empreza.

1085 Assegura-se, que entaõ apparecera Santo Isidoro a Cypriano, Bispo de Leaõ, e lhe ordenára fosse dizer ao Rei, que naõ levantasse o sitio de Toledo: que no espaço de quinze dias renderia a Praça, que Deos a tinha escolhido para hum dos assentos da sua gloria na terra; e que assim o tivesse entendido. Os successos parece que canonizáraõ a verdade da revelaçaõ; porque ao mesmo tempo, que D. Affonso, e o seu exercito com a embaixada recobravaõ os espiritos, e se preveniaõ em hum dia marcado darem o assalto; o Rei Hiaia batia a chamada para parlamentar, e quando menos se esperava, sem effusaõ de sangue, entregou Toledo. Depois de 366 annos de posse desamparáraõ os Mouros este

ba-

baluarte das ſuas forças, que o era da Religiaõ de Heſpanha, agora renovada com luſtre, e explendor novo pelo Rei triunfante no Concilio, que mandou ajuntar para ſer nomeado Arcebiſpo, que reſuſcitaſſe em Toledo a gloria dos ſeus primitivos.

Era vulg. 1086

Cahio a ſórte ſobre o honrado Francez D. Bernardo, Abbade de Sahagum, benemerito da eleiçaõ pelas virtudes, que naõ ſe eſcuſou logo ás pertenções de illuſtrar o Arcebiſpado com o explendor da Primazia das Heſpanhas, nem o Rei de o enriquecer com a doaçaõ de muitas Villas, Lugares, e fazendas de grande lutaçaõ para apparecer logo luminoſa na ſua renovaçaõ a Igreja de Toledo, e os Miniſtros della ſuſtentarem brilhantes as ſuas Dignidades. O prazer piedoſo ſe augmentou com a invençaõ em Madrid da milagroſa Imagem da Senhora de Almudena, que o Rei buſcára annos antes, e agora foi achada em hum vaõ da muralha com grande conſolaçaõ dos Fieis: Imagem milagroſa, de que por tradiçaõ muito antiga, ſe conſer-

Era vulg. servava a memoria de ser o Apostolo Sant-Iago quem a trouxera a Hespanha, que até hoje a venera com adoraçaõ profunda.

Da conquista de Toledo foi consequencia o rendimento de grande número das Praças da sua Comarca, que todas se entregáraõ temerosas ao pavoroso estrondo da queda da sua Capital. D. Affonso mandou fazer nella consideraveis peças de fortificaçaõ, que a posessem a coberto assim das invasões estranhas, como de alguma sediçaõ dos muitos Mouros, que nella ficáraõ de mistura com os Christãos. Para seu Alcaide, ou Governador nomeou ao famoso Cid Rui Dias, que igualmente a defenderia com o nome, e com a espada, ou que esta teria menos que obrar em quanto o outro fosse ouvido. Depois destas, e outras muitas acções de Rei prudente, de receber parabens de todos os Principes da Europa pela felicidade das suas armas, D. Affonso ordenou ao Arcebispo D. Bernardo, que antes da sua jornada para Roma, sagrasse a Igreja de Toledo, como fez

com

com grande pompa no dia 25 de Outubro de 1087. Era vulg.

No anno seguinte partio o Arcebispo para Roma, aonde achou novamente eleito Papa a Urbano II., do qual conseguio quanto intentou, especialmente a declaraçaõ de Primaz de Hespanha, e de parte da França chamada a Gallia Gotica, o uso do Palleo, e outras graças Apostolicas. Logo que entrou em Hespanha cuidou de abolir o Missal, e Breviario Gotico, que ainda eraõ nella muito usados desde o tempo dos Santos Isidoro, e Ildefonso. As controversias que se levantáraõ sobre este projecto, foraõ decididas por hum milagre a todos visivel, qual foi lançar a huma fogueira ambos os Missaes com a fé viva, de que aquelle que ficasse illeso das chamas, esse era o verdadeiro. O Romano saltou fora della intacto, e o Mozarabe ficou no meio do fogo sem arder; ambos pelo prodigio bem qualificados. Entaõ resolveo o Rei, que do Missal Romano se usasse em toda Hespanha, e o Mozarabe em varias Igrejas de Toledo. 1088

Sem-

Era vulg. 1091

Sempre zelosos pelos augmentos da Religiaõ o Rei, e o Arcebispo, elles vieraõ á Cidade de Leaõ, aonde convocáraõ hum Concilio, a que dizem assistíra o Cardeal Raynero, Legado do Papa Urbano II. Nelle se estabelecêraõ varios Decretos respectivos á refórma dos costumes dos Ecclesiasticos, e se mandou, que dalli em diante se usassem nas Escrituras públicas das letras Francezas, e naõ das Goticas, que em Hespanha havia introduzido Ulfilas, Bispo dos Godos, ainda antes dos mesmos Godos entrarem nella. Mas tantos avances da Religiaõ, elles estiveraõ nos termos de tornar para os das calamidades passadas por effeito de huma mal pensada desordem do Rei D. Affonso, se providencia particular naõ atalhára os damnos depois de muitos trabalhos.

Elle, que estava viuvo de quatro Senhoras, contrahio quintas vodas com a Moura Zaida, filha de Aben-Aber, Rei de Sevilha, da qual lhe nasceo unico filho Varaõ, que teve, o Infante D. Sancho, que sería o Rei de Hes-

Heſpanha ſenaõ morreſſe na flor dos annos na batalha de Veles, peleijando contra os Mouros. O Mouro de Sevilha deſejoſo de dilatar os Eſtados com conquiſtas ſobre os dominios dos outros Mouros; elle ſe valeo da filha, para que conſeguiſſe de ſeu marido D. Affonſo cartas dirigidas a Joſeph, Rei dos Almoravides de Africa, pedindo-lhe paſſaſſe a Heſpanha com as ſuas grandes forças para o ajudar na premeditada conquiſta. O grande homem D. Affonſo, que havia reſiſtido a tantas eſpadas valentes, naõ teve reſiſtencia ás fracas perſuasões de huma mulher, e antepondo o goſto della á previſaõ, que naõ podia deixar de ter a reſpeito do perigo a que expunha os Eſtados proprios, e a Chriſtandade de Heſpanha, mettendo em caſa mais inimigos; elle deo as cartas com todas as formalidades inſinuantes, que a Moura lhe ſugerio.

Era vulg.

Com eſta pertençaõ traçou o Rei Mouro de Sevilha a ſua total ruina, e D. Affonſo huma grande parte da ſua, naõ tardando Deos a caſtigar no pri-

mei-

Era vulg. meiro a ambiçaõ, no segundo a temeridade. O Rei Africano Joseph naõ só facil; mas gostoso condescendeo com os rógos de D. Affonso, e mandou a Hespanha gentes numerosas commandadas por Hali, hum dos seus melhores Generaes, e na sua companhia a Abdlá, que era destro entre os mais insignes. Podemos dizer, que o instante da chegada destes Mouros foi o mesmo do seu rompimento com os de Sevilha, que atacáraõ em pezado choque, aonde ás mãos de Abdlá perdeo a vida o Rei Aben-Aber, sogro de D. Affonso. O Mouro transportado com o prazer da victoria, se declarou rebelde a seu Senhor, e tomou o titulo de Miramolim dos Mauritanos em Hespanha, que foraõ obrigados a reconhecello com os mesmos tributos, que pagavaõ aos Reis de Castella. Depois de dar este grande passo, o Miramolim Hali declarou a guerra aos Christãos, e entrou a fogo, e sangue pelo territorio de Toledo, fazendo conquistas, talando os campos, degolando os homens.

En-

Entaõ meditou D. Affonſo mais ſério no perigo da ſua Peſſoa, e Reinos, preparado pelos hoſpedes, que mettêra em caſa. Para lhes ſuſpender a barbara carreira mandou elle com exercito numeroſo aos Condes D. Garcia ſeu cunhado, e a D. Rodrigo, ambos na batalha de Roa huma irriſaõ da eſpada de Hali, que totalmente os derrotou. D. Affonſo que com eſta quebra conheceo maior o perigo, ajuntou mais forças, e foi em demanda dos Mouros, que devaſtavaõ os campos de Badajoz. Com eſtranheza da ſua fortuna teve no encontro o meſmo ſucceſſo dos Condes, e dos ſeus ſoldados eſcapáraõ da morte os que ſouberaõ fugir. Em ambas as ſórtes naõ perdia D. Affonſo a corage, e a preſença de eſpirito, como ſe vio neſta occaſiaõ, em que a maior deſgraça o eſtimulou a fazer maiores esforços para buſcar ao Miramolim Hali, que entaõ ſitiava Cordova. Já nas viſinhanças deſta praça derrotou D. Affonſo hum conſideravel corpo mandado por Abdlá, que ficou cativo. Or-

Era vulg.

Era vulg. denou o Rei, que á vista do campo de Hali, e da praça fosse Abdlá talhado em postas, e estas queimadas por castigo da morte, que dera a seu Sogro Aben-Aber. Hali circunspecto, ou temeroso, se rendeo á discriçaõ comprando a liberdade por grossas sommas; levantou o sitio, e se recolheo tributario de D. Affonso.

Mais animado com estes bons successos, elle marchou para tomar contas aos rebeldes Mouros de Aragaõ, que se haviaõ levantado com os tributos, e em Saragoça os pôz em apertado cerco. Quando estava nos termos de render a Praça, naõ querendo outra vez tributarios aos Mouros, como elles se offereciaõ; soube D. Affonso, que o Africano Joseph passava o mar com todas as forças dos seus Estados para castigar em Hali o atrevimento de se intitular Miramolim, e usurpar authoridade Soberana sobre os Mouros de Hespanha. Esta novidade, que promettia consequencias funestas, obrigou o Rei a abandonar a empreza de Saragoça, e acodir a inter-

terpôr o reparo, aonde temia maior o damno. Elle recrutou o exercito com o maior número de gente, que póde; contraio alliança com D. Sancho, Rei de Aragaõ, e convocou muitos Principes Estrangeiros como para huma guerra de Religiaõ.

Era vulg.

He opiniaõ de alguns Historiadores, que esta fora a conjuntura, em que vieraõ servir a D. Affonso com soldados seus D. Raymundo, irmaõ do Conde de Borgonha; seu parente o nosso Conde D. Henrique; e outro Raymundo, chamado Conde de Tolosa, que fizeraõ a Hespanha serviços relevantes, bem merecedores dos premios, que lhe correspondêraõ. Com exercito taõ luzido marchou D. Affonso a buscar os Africanos, firme na esperança da victoria pela competencia de tantos Principes, e Nações, emulos do valor, ambiciosos da gloria. Na Andaluzia junto ao Lugar de Alagueto se avistáraõ os dous campos, o dos Mouros temivel pelo número, o dos Christãos respeitavel pela ordem. Tanto se assustou o Rei Joseph de a ver,

1093

Era vulg. que se retirou sem ser cortado, deixando a D. Affonso huma victoria sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

Este grande Monarca se deo por satisfeito com a reputaçaõ das suas armas, com os ricos despojos, que pagáraõ os gastos da jornada, e grato com os Principes Estrangeiros, que queria prender em ligaduras de amor para os ter no seu serviço mais seguros, resolveo casallos com suas filhas, como fez. A D. Urraca, filha legitima, e presumptiva herdeira, deo por marido a Raymundo, Conde de Borgonha, dando-lhe em dote o Governo de Galliza, o titulo de Conde, e a esperança de lhe succeder nos Reinos: casou a D. Theresa com D. Henrique, tronco illustre dos Reis de Portugal, e o dotou com as terras, que possuia neste Reino, e as mais, que conquistasse aos Mouros até aos Rios Téjo, e Guadiana com o titulo de Conde: D. Elvira foi dada ao Conde de Tolosa com o Senhorio desta Cidade, que entaõ era dependente do dominio de

Hes-

Hefpanha : deo D. Sancha ao Conde D. Rodrigo, dos quaes defcende a illuftre familia dos Girões em Caftella, fecunda de Varões memoraveis nas idades feguintes. Ora fendo nós chegados ao ponto luminofo da noffa Hiftoria no eftabelecimento da Monarquia de Portugal, que teve origem nefte cafamento do noffo Conde D. Henrique com D. Therefa : depois de dar-mos huma breve noticia da Religiaõ, e eftado Ecclefiaftico do mefmo Reino depois da invafaõ dos Mouros até efte anno do cafamento do Conde D. Henrique, pafsaremos a tratar em outro Livro dos fucceffos da fua heroica vida.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Progreffos da Religiaõ, e do Eftado Ecclefiaftico de Portugal depois da invafaõ dos Mouros até ao tempo do Conde D. Henrique.

DEPOIS que a força dos Concilios, e o zelo dos Principes abafou nas Hefpanhas a obftinaçaõ dos Arrianos, prifci-

Era vulg. cilianiſtas, e outros Hereges, que neſ-
'las ſe haviaõ inſinuado; ficou dominante
a Religiaõ Catholica, que brilhava
em Portugal com o candor das primitivas
idades. Aſſim ſe conſervou ella
ſempre pura, incontaminada, edificante
nos Cultos a Deos, na fundaçaõ de
Igrejas magnificas, de grandes Moſteiros,
na erecçaõ de Biſpados, e eleiçaõ
de dignos Miniſtros do Altar, que
a conſerváraõ luminoſa até ao tempo
da fatal invaſaõ dos Mouros, que perverteo
toda a noſſa ordem aſſim religioſa,
como politica: invaſaõ fatal,
que obrigou os Sectarios da meſma Religiaõ
ſanta a eſcondella nas brenhas,
enterrallas nas cavernas, deſapparecerem
os Biſpos, ſumirem-ſe as Igrejas,
os eſpiritos fracos a apoſtarem, os valentes
a dar a vida pela Fé, tudo deſordem,
confuſaõ, laſtima, e perſeguiçaõ.

O longo tempo que eſta durou, he certo, que o Ceo, e o Inferno cantáraõ triunfos em continuada alternativa, conforme os impreſcrutaveis decretos da inſondavel preſciencia de

Deos.

Deos. O Ceo ſe enchia de prazer pelo numeroſo eſquadraõ de Martyres, que marchavaõ das Heſpanhas a encher as ſuas ruinas: o Inferno ardia em tormentoſa complacencia pelo avance do ſeu reino das trévas, que ſe hia povoando das eſcuras ſombras, que abandonavaõ temeroſas a regiaõ da luz para ſe abraçarem com ellas. Mas em fim, como os Mouros, depoſto o primeiro furor, foraõ conhecendo, que eſtando elles reſolutos a eſtabelecer-ſe nos noſſos terrenos, naõ podiaõ deixar de viver miſturados: elles ſe comportáraõ politicos, e conduzíraõ humanos, naõ ſó em nos permitirem as noſſas regalias, e governo politico, que antes tinhamos; mas conſentindo o exercicio público da noſſa Religiaõ, que era o maior deſejo dos noſſos conſternados Póvos.

Era vulg.

Naõ ha dúvida, que entaõ nos faltáraõ muitos Biſpos, que naõ tornáraõ a apparecer ſenaõ quando Portugal teve Reis: que ſe arruináraõ quantidade de Igrejas, que naõ reſtauráraõ o explendor paſſados Seculos; que ſe

re-

Era vulg. relaxou o Eſtado Eccleſiaſtico em vicios enormes, eſpecialmente na tenacidade dos Clerigos, que para caſarem conforme a graça para elles eſtimavel, que lhes fizera com eſcandalo o Rei Witiſa, elles queriaõ ſempre em pé, e em todo o ſeu vigor eſta Lei, que naõ cuſtou aos Reis de Leaõ pouco trabalho, e repetidos Concilios para a abolirem: em fim, que as caſtas virgens eraõ laſtimoſamente profanadas nos infames lupanares dos Sequazes de Mafoma, aonde ardiaõ victimas da ſenſualidade inſaciavel; naõ eſquecendo neſtas triſtes tragedias o vil tributo das cem donzellas Chriſtãs, que o Rei Mauregato, para ſe conſervar na intruſaõ do Reino, pagava annualmente aos Barbaros, até hoje com eſcandalo univerſal das Nações civilizadas.

Por outra parte os brilhantes Moſteiros, que deſde a introducçaõ do Chriſtianiſmo nas Heſpanhas, foraõ edificados com pompa, e dotados com grandeza pelos Principes para columnas da Religiaõ: paredes Sagradas, que reſ-

respiravaõ o ſuave cheiro de Jeſu Chriſ- Era vulg.
to por eſconderem varões eminentes em ſantidade, que eraõ ornato ſumi-noſo da Igreja de Heſpanha; huns ſe choravaõ totalmente arruinados; outros huns hermos, cobertos de herva os ſeus Santuarios, e os ſantos Monges eſcondidos nas cavernas. Mas como Deos com a meſma maõ caſtiga, e conſola; ainda que as pedras de edificaçaõ humas andavaõ eſpalhadas, algumas partidas, outras reprovadas, a ſua piedade conſervou muitas reliquias intactas, que naõ conſentiſſem, que o noſſo eſtrago foſſe ſemelhante na generalidade ao de Sodoma, e Gomorra, nem que a coroa, ainda que caida das noſſas cabeças, ſe deſpedaçaſſe.

No breve reſumo da Hiſtoria até aqui tratada neſte Tomo, nós temos viſto, que boa parte dos Reis Godos, e quaſi todos os de Leaõ foraõ Catholicos delicados, propugnadores zeloſos do Culto Divino, zeladores da Igreja, e fiſcaes dos bons coſtumes dos Póvos. Elles ſe empenháraõ em guer-

Era vulg. guerras arriſcadas por defender a Religiaõ; ganháraõ victorias glorioſas ſobre os inimigos della; promulgáraõ Leis proveitoſas, e illuminadas na ignorancia, e eſcuridade dos ſeus Seculos; edificáraõ obras ſumptuoſas ſagradas, e profanas; fizeraõ grandes mercês ás Igrejas, Moſteiros, e vaſſallos; em fim foraõ Pais da Patria nos Seculos da calamidade, quando ella gemia opprimida debaixo do pezo dos ferros da eſcravidaõ a que os Mouros a haviaõ reduzido.

Por outra parte os Biſpos das poucas Igrejas de Portugal, que ficáraõ livres da ruina cauſada pelos dos adverſarios da Fé Santa, elles naõ ſe poupavaõ a trabalho para conſervarem na pureza della as reliquias, que reſtáraõ da perſeguiçaõ inexhoravel de tantos tyrannos. Eu paſſo a nomear os que florecêraõ neſta Época, e por naõ perturbar a ſua ordem, naõ repetirei os nomes dos que regêraõ nella as Igrejas de Braga, Porto, Coimbra, e Viſeo, porque já diſſemos quem elles foraõ nos Capitulos precedentes-

dentes até á deſtruiçaõ do Reino dos Godos. Aqui advirto, que na Igreja de Lisboa, depois do Biſpo Landerico, ultimo Prelado della no tempo dos Mouros; ella naõ os teve em todo o decurſo do ſeu dominio: mas logo que o Rei D. Affonſo Henriques tirou a Cidade do ſeu poder, elle lhe reſtaurou, e erigio o Biſpado no anno de 1147, ſendo Papa Eugenio III., e nomeou para ſeu Biſpo ao Inglez Gilberto, que o havia ajudado na reſtauraçaõ da meſma Cidade.

Era vulg.

Tambem no dominio dos Mouros ficáraõ acefalas a Igreja de Lamego; a da Idanha, que depois da ſua expulſaõ paſſou para a Cidade da Guarda; a de Eminio; a de Evora até a ſua reſtauraçaõ nos dias de D. Affonſo Henriques, que nomeou a D. Sueiro em 1166.; e a de Offonoba no Algarve, que em todo o tempo dos Mouros naõ teve Biſpos, e a ſua Cadeira foi transferida para a Cidade de Sylves, quando foi conquiſtada pelo Rei D. Sancho I., que no anno de 1188 nomeou para ſeu primero Prelado a D.

Ni-

Era vulg. Nicoláo, Conego Regular de Santo Agoſtinho. Pelo que reſpeita á Igreja da Idanha, depois do Biſpo Theodemiro, que florecia pelos annos de 899, em que havia mais de Seculo e meio, que os Mouros eraő ſenhores de Heſpanha, ſim lhe nomeiaő outros Biſpos; mas todos duvidoſos; huns que naő tem mais prova, que eſtarem os ſeus nomes eſtampados no Chronicon de Hauberto de Heſpanha; outros apoiados ſobre huma tradiçaő, a que naő faremos injuria ſe lhe chamar-mos corrupta.

Eſtes Biſpos duvidoſos da Idanha, que ſe diz governáraő a ſua Igreja do dito anno de 899 na ſugeiçaő dos Africanos até 1199, em que D. Sancho I., depois de fundar a Cidade da Guarda, nomeou por ſeu Prelado a D. Martinho Paes, Conego Regrante de Santo Agoſtinho: elles foraő Sylvato, Gregorio, Egica, Gregorio II. Lucerio II., Athanaſio, Joaő, Ageſindo, Conſtantino, e Walumboſo, que ſaő os declarados no citado Chronicon; e os de tradiçaő Pamerio, que ſubſcre-

veo

veo em hum Concilio Bracarense; Audencio, que assistio a outro em Lugo; S. Fulgencio, que era irmaõ de S. Leandro; Gregorio, que subscreveo no Concilio VIII. de Toledo; e Agesindo, que dizem assistira no Concilio Toletano XIV. Era vulg.

Nos Capitulos III., e IV. do Livro II. deste Tomo deixo escritos os nomes, e feito memoria dos illustres Prelados, que naõ lhes impedio a sugeiçaõ, e frequentes invasões dos Mouros a applicaçaõ aos seus ministerios, e obras de zelo catholico nas Igrejas de Braga, Porto, Coimbra, Viseo, e por isso me poupo á repetiçaõ. Poucos eraõ entaõ estes homens; ainda que zelosos, e ardentes, para apascentarem as Ovelhas do rebanho de Jesus Christo com doutrinas sãs em Seculos taõ corruptos, em que só eraõ estimaveis nos corpos as mãos para as armas, nos espiritos a ferocidade para os combates. Mas elles tinhaõ Coadjutores zelosos em muitos Monges dos nossos Mosteiros, e no fervor de varios Fidalgos da primeira grandeza,

que

Era vulg. que tinhaõ a conſervaçaõ, e augmentos da Religiaõ pelo principal ponto de viſta das ſuas attenções, e dexteridades. Eſpecialmente nos tempos viſinhos á felicidade de Portugal ſer governado pelo Conde D. Henrique, nas duas claſſes de gente, que deixo nomeadas, ſe palpava o ſeu zelo mais fervoroſo, e ſe viaõ os progreſſos da Religiaõ mais vantajoſos.

Até hoje ſe conſerva a memoria de illuſtres Eccleſiaſticos daquelles tempos, firmes columnas da Fé nas noſſas Provincias, como foraõ, na Eſtremadura Martinho, Vigario de Soure; no Alem-Tejo o celebre, e velho Hermitaõ, que aviſou a D. Affonſo Henriques para a batalha do Campo de Ourique; na Beira, depois dos cinco Varões inſignes em ſantidade, a ſaber, Giraldo, Arcebiſpo de Braga, S. Theotonio de Coimbra, Joaõ Cerita, Salvador, e D. Tello; nunca eſquecêraõ entre nós Joaõ Peculiar, depois Arcebiſpo de Braga, Odorio, Biſpo de Viſeo, e Seſnando, Prelado de Monte-Mór, além de muitos filhos

lhos do grande Padre Santo Agostinho, que por aquelles tempos já derramavaõ por Portugal as saudaveis doutrinas, que correraõ manancial perene da pureza daquella fonte. Era vulg.

Depois destes, e outros muitos Ecclesiasticos sabios, e Santos que entaõ illustraraõ a Igreja Lusitana, na classe da Nobreza se mostraraõ Catholicos delicados, entre outros Grandes, os Condes D. Vermuis, e D. Forjaz Vermuis, os Condes D. Sisnando, e D. Raymundo, o Alferes Mor D. Fafes Luz, os Condes Hufo Hufes, e D. Guterre Arias, Egas Moniz, e e Martim Moniz, D. Rodrigo Forjaz, Egas Gomes de Sousa, D. Aniaõ de Estrada, D. Gonçalo Trastamires da Maya, D. Egas Gozende de Riba de Douro, D. Mendo Alaõ de Bragança, D. Diogo Gonçalves Belmir, D. Payo Guterres de Tuichães, D. Suciro Guedes, D. Affonso Ermiges, D. Moninho Viegas, D. Vermuis Paes, D. Rodrigo Forjaz de Trastamara, D. Alvaro Fernandes, e outros muitos, para que seria necessario longos catalo-

Era vulg.

logos, e que com o valor, e as armas faziaõ á Religiaõ naõ menores serviços, que os Ecclesiasticos com a santidade, e a doutrina.

CAPITULO V.

Trata-se da vinda do Conde D. Henrique a Hespanha, e o que nella obrou até ao anno de 1093, em que Portugal lhe foi dado em dote pelo seu casamento com D. Theresa.

EU deixo dito como fora opiniaõ de alguns Escritores, que o Conde D. Henrique viera a Hespanha, quando Joseph, Rei dos Almoravides de Africa, a atacou com as suas forças para fazer contra elle a guerra nos exercitos de D. Affonso VI. no anno de 1093, que foi o do seu casamento com D. Theresa, filha do mesmo D. Affonso, que lhe deo em dote o Reino de Portugal. Esta opiniaõ he hum dos erros mais evidentes da Historia, naõ sendo necessario, que eu trate ao largo as muitas razões, que assim mostraõ,

quan-

quando basta a averiguação exacta, que se fez na idade visinha, e depois nas posteriores com critica judiciosa, que a derrotou sem lhe deixar refugio. Outra dúvida se levanta a respeito dos motivos, que trouxerão a Hespanha ao dito Conde, e aos dous Raimundos de Borgonha, e de Tolosa. Querem alguns, que fosse huma romaria a Sant-Iago de Galliza, movidos da devoção, e attrahidos da fama dos muitos milagres, que Deos obrava pelos merecimentos do Santo Apostolo: que vendo ao mesmo tempo a Hespanha tão opprimida pelos Mouros; e que a contínua guerra com elles lhes proporcionava occasiões de se fazerem famosos pelas armas; observando tambem a grandeza da alma de D. Affonso VI., chamado Imperador das Hespanhas, o das mãos furadas pela sua grande liberalidade, e sobre tudo a sua consummada instrucção na arte da guerra: elles se resolvêrão a ficar em Hespanha participantes da sua profusão, creaturas da sua disciplina, e camaradas inseparaveis das suas cotinuadas aventuras.

Era vulg.

Era vulg.

Outros pertendem, que a vinda dos trez Principes foi em huma das occasiões dos soccorros, que D. Affonso pedio a França, quando se via mais apertado dos Mouros, e que o seu designio fora logo o de exercitar as armas sem outro algum fóra delle: que vendo-se mettidos em tantos lances de ganhar honra, naõ quizeraõ perdellos: e que mostrando-se gratos ás officiosidades de D. Affonso, determináraõ naõ lhe largar o lado, nem desamparar a Pessoa. Como quer que isto seja, outra dúvida de dissoluçaõ naõ só difficultosa; mas possivel he a do tempo certo, e fixo da vinda do Conde. Que elle estava encarregado do Governo de Portugal no anno de 1073, isso consta de algumas Escrituras desse tempo, e ha vestigios, de que já servia em Hespanha quando morreo o Grande D. Fernando, que foi no anno de 1067. Se elle veio alguns annos antes deste, e no de 1073 já se faz memoria sua governando Portugal, podia nelles ter feito serviços, que merecessem o governo, em que

tal-

talvez ſuccederia ao Conde D. Nuno Mendes, ſenhor da terra de Entre-Douro e Minho, que entaõ compunha aquelle governo, e que no anno precedente de 1072 foi morto em huma batalha, que deo entre Braga, e o rio Cadavo.

Era vulg.

Que foſſe o eſtylo daquellas idades governarem os grandes homens as Comarcas de Portugal, iſſo he conſtante em todas as noſſas Hiſtorias. Entre outros ſabemos, que governou Coimbra o Conde Siſnando; e Arouca Egas Hermigio, Odorio Telles, Gravino Froilas, Monio Viegas, Alvaro-Telles, e ſegundo eſta práctica o Conde D. Henrique ſería tambem nomeado Governador das terras, que entaõ poſſuiaõ em Portugal os Reis de Caſtella. Dizem, que D. Henrique depois da morte do Rei D. Fernando acompanhára a D. Affonſo ſeu filho em todos os trabalhos, depois que ſeu irmaõ D. Sancho o esbulhou da poſſe, e dominio do Reino de Leaõ. D. Affonſo ficou entaõ hum ſimulacro de independencias, elle taõ dependente de to-

Era vulg. dos, que até lhe foi neceſſario valerſe da protecçaõ de hum Mouro para eſtar a coberto da ira do irmaõ injuſto. Se entaõ D. Henrique por hum amor puro, ſem as fezes de intereſſe, ſeguio, com milagre politico, hum Principe, que naõ tinha que dar, e chegou á ſituaçaõ de haver de pedir: o Governo de Portugal, que lhe foi conferido por D. Affonſo depois de Rei rico, e poderoſo, elle bem podia ſer como principio de premio da ſua paſmoſa fidelidade, para que D. Affonſo no ſeu interior teria guardados outros maiores.

Taõ alto lugar ſe tinha feito D. Henrique na eſtimaçaõ do Rei D. Affonſo, que elle era o canal, por onde corriaõ os mais importantes negocios da Monarquia. Com experiencias largas, e juizo ponderoſo tinha o Rei ſondado o fundo dos merecimentos de D. Henrique, que o julgou prudente pelo executor mais habil para a vaſtidaõ dos ſeus projectos. Tres annos depois de governar Portugal, determinou D. Affonſo, que o Conde, acompa-

panhado do Conde de Tolosa .D. Raimundo, fosse a França conduzir a sua tia D. Constança, que elegêra para terceira mulher. Ha quem presuma, que na volta desta jornada, e anno de 1076, entaõ viera com D. Henrique para Hespanha seu primo com irmaõ D. Raimundo de Borgonha, contra o sentir commum, que suppoem chegarem a ella juntos este D. Raimundo, o de Tolosa, e D. Henrique. O serviço desta conducçaõ, a alliança do sangue, os merecimentos precedentes acabáraõ de estreitar os laços da amizade entre o Rei D. Affonso, e o Conde D. Henrique, já olhado em Hespanha com o respeito de parente, e as atenções de valido.

Era vulg.

Em todas as guerras, que precederaõ ao sitio de Toledo, elle acompanhou ao Rei; mas as suas gentilezas obradas, a heroicidade do seu valor tudo ficou abafado, naõ tanto por serem acções de hum estrangeiro, que rara vez sahem das vozes da emulaçaõ, e naõ muitas da sinceridade do animo; mas pela ignorancia, e descuido de hu-

Era vulg. humas idades, em que as nações de Hespanha tinhaõ por gloria obrar calladas, naõ querendo o bronze para fundir clarins da fama, senaõ para forjar trombetas bellicas. Assim nos lastimamos sem remedio, que depois de tantas acções famosas, igualmente se enterrassem nos nossos campos cadaveres, e memorias.

O mesmo silencio guardáraõ os Historiadores Hespanhoes, e naõ sabem os Portuguezes as grandes façanhas, que elle obraria no sitio de Toledo, nos muitos combates no campo, assaltos dos Muros, tomadas de Praças, que precedêraõ, e se seguiraõ ao rendimento da respeitavel Cidade, e em todas estas occasiões D. Henrique taõ inseparavel de D. Affonso, como se fosse a sombra do seu corpo. Ora se lhe escondêraõ esta gloria, ella ficou substituida com a lembrança da honra, que lhe concedêraõ na occasiaõ, em que o famoso Cid Campeador desafiou aos Condes de Carrion, se acaso foi certo este desafio, de que fazem memoria os Historiadores Hespanhoes

mo-

Era vulg.

modernos, e eu naõ tenho visto em algum dos antigos. Havia D. Affonso promettido ser elle quem em pessoa sustentasse o campo. Porque sobrevieraõ circunstancias, que lhe impedíraõ cumprir a promessa, ordenou que o Conde D. Henrique na testa de hum consideravel corpo de trópas lhe substituisse o lugar: substituto digno do Rei grande o Principe, que a Providencia guardava para tronco, e origem dos maiores Reis.

Bem ponderava D. Affonso nestas, e nas mais acções de D. Henrique, que para ellas naõ havia já premio, que se podesse chamar grande, e que só o poderia ser dar-lhe para ornato huma das pedras mais preciosas da sua Coroa. Em quanto assim o naõ executava, para naõ parecer a Magestade ingrata na tardança, o foi remunerando com alguns Lugares pelo Reino de Leaõ, especial entre todos a Cidade de Astorga com o titulo de Condado: mercê, e titulo, que depois foraõ origens da guerra, e rompimentos, que D. Henrique teve com

os

Era vulg. os Leonezes. Á nova liberalidade do Rei correſpondeo logo outra nova gratidaõ do Conde nos eſmeros do valor com que concorreo para o Rei tirar glorias de Heróe na meſma perda da batalha de Cazalla junto a Badajóz, e que chamaõ de Sagulias, aonde nós acabamos de ver, que os Mouros vencèraõ as invenciveis armas de D. Affonſo: armas invenciveis, que entaõ naõ perdêraõ eſta qualidade por vencidas, naõ havendo o Rei perdido na batalha mais que homens, quando lhe era incomparavelmente vantajoſa a ſua gloria pelas deſtrezas, e bizarrias militares ſuas, e dos ſeus Cabos, que moſtráraõ bem como ſenaõ derrotaõ os merecimentos da dexteridade, e do valor com os proveitos, e ganancias de quem ſó vence por deſtino.

Em fim, chegou o anno de 1093, em que o Rei D. Affonſo ſe reſolveo a remunerar os grandes, e amontoados ſerviços de D. Henrique com o ultimo premio, que officioſo, ou politico trazia premeditado. Elle o caſou com ſúa filha D. Thereſa havida na illuſtre Senho-

nhora D. Ximena Nunes de Gusmaõ, Era vulg.
que huns dizem fora sua ligitima mulher, outros sua Concubina, e lhe deo em dote a Soberania de Portugal, ou a parte que possuia neste Reino, que se dilatava além do Douro e Minho, a Cidade do Porto, e a sua comarca com as mais terras, que conquistasse aos Mouros até ao Téjo, e Guadiana. Sempre se sustentáraõ firmes os Historiadores Hespanhoes em persuadir ao mundo, que este dote fora dado pelo seu Rei com certo tributo, além delle o de 300 lanças, e a obrigaçaõ de D. Henrique, e os seus Successores acodirem ás Cortes de Leaõ, quando para ellas fossem chamados.

O tal tributo pertendido elles naõ o sustentavaõ com mais próvas, que as de vozes de estrondo, discursos estirados, conjecturas delicadas, sem até agora nos mostrarem Escritura, ou Documento authentico, que era impossivel, a havello, deixar de ser bem guardado nos Archivos de Leaõ, e Castella, aonde se conservaõ outros de muito maior antiguidade, e de mate-

Era vulg. rias menos importantes. A circunſtancia das 300 lanças naõ pode deixar de ſer reputada quiméra por quem reflectir, que de hum punhado de terra, que formou o dote de D. Henrique, ſempre calcado pelos Mouros, ſe podeſſe tirar aquelle número de homens, armas, e cavallos cada vez, que os Reis de Caſtella os pediſſem. A reflexaõ, e lembrança, que intimaõ por hum impoſſivel dotar a ſua filha com hum Eſtado ſem lhe impôr algum tributo; iſſo he outra quiméra, quando a Hiſtoria nos enſina, que muitos Soberanos doáraõ a ſeus filhos Dominios livres, ſem ſujeiçaõ, nem encargo, e na meſma Heſpanha temos o exemplo.

Nós vimos nos noſſos dias, que o Rei D. Filippe V. conquiſtou o Reino de Napoles, e que ſem tributo algum o deo a ſeu filho ſegundo D. Carlos, hoje III. do nome, e reinante em Caſtella: Que Filippe II. para caſar a ſua filha a Infanta D. Iſabel Clara Eugenia com o Archiduque, a dotou com os vaſtos Dominios do Paiz Baixo livres, e iſentos: Que D. Fernan-

nando o Grande quando repartio por Era vulg.
seus filhos D. Affonso, e D. Garcia os Reinos de Leaõ, Portugal, e Galliza o fez sem encargo, ou onus algum para seu irmaõ mais velho D. Sancho, Rei de Castella. Pois com este exemplo taõ fresco de seu memoravel Pai, qual he a impossibilidade que se descobre em elle ser imitado por D. Affonso seu filho, e este dotar sua filha D. Theresa com o Reino de Portugal, tambem livre, sem feudo, ou tributo algum? Ora deixando nós a estes Principes casados, e indo tomar posse, e assistir no seu novo Dominio, antes de continuar com a sua Historia no Livro seguinte, concluio este dizendo: Que na Historia dos primeiros Reis de Portugal se encontraõ absurdos innumeraveis, e que nos embaraços da confusaõ, a cada passo tropeça a diligencia. Nós naõ podemos valer-nos da authoridade, e soccorro das Chronicas, que daquellas idades naõ as temos. Nellas, seja pela sinceridade, ou seja pela ignorancia, os Portuguezes só queriaõ, que as suas façanhas fossem ouvi-

Era vulg. vidas pelo eſtrondo; que a meſma magnificencia ruidoſa das acções ſerviſſe de pregaõ immortal a todo o mundo, communicadas de Pai a filho, como em livro ſucceſſivo, na prepetua eſcritura das tradições.

Em quanto ás Chronicas, as mais antigas de Portugal ſaõ a de Fernaõ Lopes, a de Ruy de Pina, e as de Duarte Galvaõ: as ultimas eſcritas no Reinado de D. Manoel, e a primeira em tempo de D. Affonſo V., centos de annos depois do Conde D. Henrique, e dos ſeus primeiros Succeſſores já Reis de Portugal. Os nomeados Authores elles eſcrevêraõ com bem pouca liçaõ dos Monumentos, e Eſcrituras antigas, naõ ſeguindo outra luz, ſenaõ a das tradições falſas, ou viciadas pelo Povo ignorante, inculcando merecimento no affectado eſtylo, e genero de palavras, que moſtraſſem as ſuas compoſições deſpidas de ornatos, que preſumiriaõ lhes podiaõ desfigurar a pureza da verdade, ſe elles o naõ fizeraõ com induſtria na intelligencia,

de

de que aſſim attrahiriaõ o bom goſto dos Leitores do ſeu tempo. Era vulg.

O certo he, que elles com a authoridade da plebe, inxerida nos ſeus Livros deraõ neſtas fontes a beber muitos tragos mentiroſos, que hoje nauzeaõ o delicado goſto da verdade. Muitas occultas, e mal entendidas tem deſcoberto o tempo; que eſte, ainda que o gaſtador das couſas, aſſim como he o melhor interprete das profecias, tambem o eſtimamos pelo mais exacto indagador da Hiſtoria; ſendo bem certo, que ſempre deſcobre mais quem vai diante, e que as viſtas de hoje alcançaõ objectos, que naõ víraõ os olhos de hontem. Eu porém para o illuſtre aſſumpto, que tomo de eſcrever daqui em diante a ſucceſſaõ dos noſſos Reis Portuguezes, os ſeus heroicos feitos, e acções, deſejo fazer eleiçaõ por bom principio de huma facilidade naõ uſada por alguns dos noſſos Hiſtoriadores; evitando dúvidas, preludios, debates de opiniões, que ſervem de fatigar os juizos, e baralhar a narraçaõ. Em quanto poder, eu irei ſeguindo nos pontos

até

Era vulg. até agora duvidosos hum fio sem encalho preso a huma grande lição precedente, e dando passos continuados movidos pela critica, que me parecer mais segura, para evitar os tropeços, e naõ me perder nos labiryntos da Historia Portugueza, que em tudo quero conforme a verdade, e verosimilidade, que saõ a alma de todas as Historias.

Porque a vida, qualidade, e mais circunstancias de D. Henrique depois de Conde Soberano, e Senhor de Portugal saõ o Chéfe de obra, que deve authorizar o grande, e volumoso corpo da minha Historia Portugueza; para melhor percepçaõ das ditas circunstancias, qualidade, e vida, eu tratarei com separaçaõ dos pontos até agora duvidosos: repetindo o que já disse, que o Conde D. Henrique, com outros Principes da sua casa, veio a Hespanha attrahido dos desejos de se fazer recommendavel pelas armas: que entaõ reinava D. Fernando o Grande: que quando este repartio os Reinos por seus tres filhos, o Conde na adver-

versa, e prospera fortuna, seguio sempre a D. Affonso VI.: que o acompanhou nas guerras mais arriscadas, que teve com os Mouros: que obrou gentilezas em armas merecedoras do premio de hum Reino famoso, e o matrimonio de huma alta Princeza.

Era vulga

LIVRO VIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

O Conde D. Henrique, depois de Soberano de Portugal, vem para este Reino com sua mulher, e se trata das qualidades destes Principes.

Era vulg. 1093

CORRIA o anno de 1093, quando o Rei D. Affonso VI. desassombrado do terror, que causou em Hespanha a vinda das poderosas armas de Joseph, Rei dos Almoravides de Africa, e retiradas ellas dos campos de Alagueto, em Andaluzia rodeadas do temor, que lhe causára a vista, e ordem do exercito do mesmo D. Affonso: Este, em remuneraçaõ dos serviços, que antes lhe tinhaõ feito, e entaõ acabavaõ de lhe fazer os dous Principes de Borgonha Raimundo, e Henrique, e o Conde do Tolosa Raimundo, os casou com tres filhas suas, e lhes deo os do-

dotes, que eu deixo dito no Capitulo III. do Livro precedente. D. Henrique, como no mesmo lugar se declára, recebeo a D. Theresa, e foi dotado com as terras que Castella possuia em Portugal, e as mais que conquistasse aos Mouros até ao Téjo, e Guadiana com o titulo de Conde Soberano, sem encargo, obrigação, ou tributo, que tambem não nos consta fosse imposto aos outros dous Principes.

Era vulg.

Depois de celebradas as vodas, D. Affonso licenciou ao Conde, para que com sua mulher viesse descançar das suas longas fadigas militares, e tomar o gosto ás delicias do novo Dominio, já como Principe independente. Elle foi recebido nos corações de Portugal, com prazer, e alegria da gente, que desde a sua origem nada desejava tanto, como ver no Throno huma Magestade natural unicamente sua. Se os homens de então souberão quem era o seu novo Soberano, os que se seguírão depois no largo transcurso de 500 annos, totalmente o ignorárão. Que vergonhosa, ou estupida igno-

Era vulg. rancia em ponto de taõ alto, e importante caracter! Ella em todos os cinco Seculos naõ só comprehendeo Portugal; mas a Hespanha, ambos os Estados involvidos no mesmo tenebroso cáhos das dúvidas mais grosseiras. Os seus respectivos Historiadores cada qual ao proprio arbitrio se engolfava no mar procelloso de conjecturas, e davaõ ao Conde D. Henrique os Pais, e a Patria, que cada qual pensava. A grandeza do seu nascimento todos a sabíaõ; a origem delle todos a ignoravaõ.

Neste tropel de confusões já faziaõ ao Conde de Naçaõ Hungaro, descendente dos Reis de Hungria, já Grego da casa dos Imperadores de Constantinopla, já Flamengo originario de Limburgo, e já Lorenez da grande familia dos Duques de Lorena sem lhe nomearem Pais. Assim andáraõ ás apalpadellas todos os Escritores antigos, e entre elles Duarte Nunes de Leaõ, que se acertou com a Casa, donde o Conde descendia, errou inteiramente os Pais de quem nascêra. Hoje pelos do-

documentos irrefragaveis, que se tem descobeito, alguns do mesmo tempo da vida do Conde; sabemos, que elle era natural do Ducado de Borgonha, filho de Henrique, Duque de Borgonha, e da Duqueza Sybilla, filha de Renato, Conde de Borgonha: neto de Roberto I. de França, Duque de Borgonha: bisneto de Roberto, Rei de França: terceiro neto de Hugo Capeto, Chéfe, e tronco dos Reis chamados na mesma França Capetingios. Na ordem do nascimento precederaõ ao Conde seus irmãos Hugo I., Guido I., ambos Duques de Borgonha, e Roberto, Bispo de Langres. Com o sangue de taõ altos Principes he grande o nosso D. Henrique, e foi muito maior pelas virtudes proprias.

Era vulg.

Outra dúvida impertinente, que dura até hoje, se levantou a respeito da legitimidade, ou bastardia de D. Theresa, mulher do Conde, como se Portugal, ou a sua gloria se desfigurasse se ella fosse bastarda, ou se mais resplandecesse a ser legitima. Pertender illustrar a Patria com apparencias,

Era vulg. e accidentes val tanto como querer qualificar as cores pelas vistas de hum cégo. Nem Portugal se disfigurou, nem a nós nos deve fazer especie, que hum Principe Estrangeiro, filho quarto, por isso pobre, casasse com a bastarda de hum Rei grande dotada com hum Reino, quando depois naõ se deslustrou Portugal porque D. Affonso III. casou com a bastarda de outro Rei de Castella, da qual descendem tantos Reis. Depois disto as bastardias tanto naõ deslustráraõ, e desfiguráraõ os Reinos, que antes illustráraõ e fizeraõ mais brilhantes as Coroas D. Joaõ I. bastardo em Portugal, e Henrique o Magnifico bastardo em Castella.

He verdade, que eu no VI. Tomo da minha Aula da Nobreza Lusitana, em que escrevi hum resumo da Historia de Portugal, contra o sentir commum dos Historiadores Portuguezes, e Hespanhoes, segui que D. Theresa era filha legitima do Rei D. Affonso VI., fundado nos argumentos, com que assim o persuadem Duarte

Nu-

Nunes de Leaõ, e D. Joſé Barboſa no Catalago das Rainhas de Portugal. A materia na verdade he de difficultoſa deciſaõ, nem eu quero encarregar-me della. Sómente direi pela parte da baſtardia, que o maior número de Eſcritores das duas Nações ſeguem eſte rumo, e eu naõ lhe diſputo ſe elles tomáraõ bem a altura. Pela da legitimidade devo dizer, que o Rei D. Affonſo teve ſeis, ou ſete mulheres, e ha quem aſſegure, que D. Ximena Nunes de Guſmaõ, Mãi de D. Thereſa, foſſe huma dellas, e que o Arcebiſpo D. Rodrigo, por deſafeiçoado aos Portuguezes, a dera a conhecer naõ por mulher; mas por concubina do dito Rei.

Era vulg.

Naõ ha dúvida, que Duarte Nunes abraçou eſte parecer do Arcebiſpo; mas elle ſe retratou, logo que o ſeu coutemporaneo André de Reſende lhe moſtrou o original das Antiguidades Luſitanas, aonde ſe fazia mençaõ de huma Chronica Caſtelhana, que elle tinha em ſeu poder, ſetenta annos mais antiga, que o Arcebiſpo D. Rodrigo, eſcrita, como ſe deve

en-

Era vulg.

entender, no anno de 1175, em que ainda reinava D. Affonso Henriques. Ao Author do Catalogo das Rainhas se fez incrivel, que huma senhora taõ chegada ao sangue Real, como era D. Ximena, neta do Infante D. Ordonho, ella houvesse de ser concubina de hum Rei, que naõ só recebeo mulheres filhas dos seus vassallos; mas que até casou com a Moura Zaida, depois chamada Isabel, filha de Alen-Aber, ou Hamet, Rei de Sevilha. Elle pondéra, que o antigo uso de Hespanha naõ permitia, que se intitulassem Rainhas, e Infantas as filhas dos Reis, que naõ fossem legitimas, e porque D. Theresa o era, por essa razaõ se encontra nomeada com ambos os titulos em muitas Doações, e Escrituras do seu tempo. Elle avança o projecto, e discorre naõ ser verosimil, que levando ella o maior dos dotes, que seu Pai deo ás filhas segundas, sem contradiçaõ dos Póvos de Hespanha, que se desmembravaõ, nem dos de Portugal, que entravaõ em novo dominio; elle o houvesse de fazer a huma filha bas-

baſtarda, ficando as legitimas prejudicadas, e de inferior condiçaõ. Era vulg.

Ora ſeja D. Thereſa filha legitima, ou baſtarda de D. Affonſo VI., que ella baſtarda naõ desfigura a Portugal, nem legitima o illuſtra, naõ ſó porque a eſſencia das Monarquias em ſi meſma he luminoſa; mas porque os filhos illegitimos dos Soberanos naõ devem ſer notados com defeito igual ao dos baſtardos dos homens particulares, nem correr com elles iguaes parelhas: idéa verdadeira, que ſe firma nos exemplos da Eſcritura Santa, aonde ſomos inſtruidos na eleiçaõ, que Deos fez de homens illegitimos para firmes columnas do ſeu Povo, e para executores diligentes dos ſeus deſignios. Nós juſtamente devemos crêr deſignadas, e eſcolhidas pelo meſmo Deos as peſſoas, que occupaõ os Thronos; e naõ póde faltar a ellas a gloria humana por hum defeito da natureza, quando elle fica ſuperabundantemente glorioſo pela eleiçaõ divina.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Se D. Henrique, e sua mulher D. Theresa haõ de ser estimados só por Condes Soberanos, ou reconhecidos legitimos Reis de Portugal.

A LEMBRANÇA que dá materia para este Capitulo naõ he minha; mas acaso encontrada em hum erudito Escritor Italiano inclinado a Portugal, que presumiria derramar-lhe nella hum suave aroma, ou derreter-lhe hum incenso cheiroso. Eu bem sei, que esta opiniaõ parecerá irrisoria naõ só áquelles, que a qualquer discurso naõ vulgar daõ o nome de novidade; mas a todos nós, que sabemos muito bem naõ haver D. Henrique tomado já mais o titulo de Rei, nem usar das insignias Reaes, e que nós nunca o reconhecemos senaõ como hum Conde Soberano. Bem póde ser, que estimassem, e seguissem a opiniaõ Italiana os que discorrêraõ: Que D. Affonso VI. como sabia avaliar merecimentos, pagára os

de

de D. Henrique com o Governo de Portugal, dando-lhe depois o dominio: resoluçaõ, que elle tomaria para satisfazer os Portuguezes, e lhes diminuir, ou fazer perder a memoria do seu proprio Rei D. Garcia com a authoridade, e virtudes de hum Principe, como D. Henrique: Que elle no fundo do seu espirito guardaria os intentos de deixar voluntariamente aos mesmos Portuguezes o Estado, que temia podessem elles arrancar do seu poder com a força: Que D. Affonso havia pensar bem, como elles, ainda que opprimidos pelos Mouros, naõ tinhaõ perdido as inclinações, e se lembravaõ, de que Portugal desde a sua origem sempre fora Reino: Que os seus Principes em todas as idades tinhaõ sido eleitos pelos seus Póvos, e que os de Castella seus dominantes sem esta circunstancia da eleiçaõ livre, elles naõ podiaõ deixar de os olhar como a intrusos.

Era vulg.

Ora para lisongear estes genios delicados, que assim pensaõ, e divertir os meus Leitores, deixando-os pre-

Era vulg. venidos, de que D. Henrique só foi Conde Soberano sem tomar o titulo de Rei, nem usar das insignias Reaes: eu exponho os fundamentos, que me lembrarem, sobre os quaes o erudito Italiano quer persuadir, que D. Henrique, e sua mulher D. Theresa foraõ verdadeiros, e legitimos Reis de Portugal.

Elle principia pelo direito da liberdade dos Portuguezes, natural em todas as Nações, e que elles sempre tiveraõ de eleger hum Rei, que os governasse desde a primeira Povoaçaõ da Lusitania atégora. Elle a descreve invadida pelos Gregos, Tyros, Celtas, Carthaginezes, e os seus moradores entaõ da sua liberdade taõ zelosos, que sem embargo das muitas guerras com estas Nações, elles insistiraõ sempre protestando a violencia, com que a maior força lhes opprimia o Livre Arbitrio. Depois de vencidos os Carthaginezes, elle os mostra substituidos pelos Romanos, que com o pezo das suas armas quizeraõ sugeitar a ferocidade dos espiritos Lusitanos; mas que es-

estes em innumeraveis encontros abatêraõ a reputaçaõ estrondosa dos Romanos, e que para sacodirem o seu violento jugo, elles elegéraõ os Apimanos, os Canchenos, os Viriatos, os Sertorios, e outros Chéfes, aos quaes obedeciaõ voluntarios, porque os elegiaõ livres.

Contínua o discurso dizendo, que os Imperadores Romanos ultimamente domináraõ a maior parte do mundo conhecido, e que isso naõ obstante, era evidente em todas as Historias o grande, e contínuo cuidado, que sobre a generosa corage dos Lusitanos tinhaõ aquelles Dominantes do Universo: Que aos mesmos Lusitanos só faltava eleger hum Rei na face dos Imperadores, e que estes, sem a essencia do dominio, por conta do caracter da reputaçaõ, se satisfaziaõ, com que a Lusitania fosse chamada Provincia do Imperio: Que com melhor fortuna vieraõ depois a ella os Alanos, e os Suevos, que juntamente com as armas, traziaõ sugeitos tàõ conformes aos genios Lusitanos, que todos se lhes entregáraõ,

e

Era vulg. e de acordo commum convieraõ na eleiçaõ de Reis Suevos, e Alanos, conferindo-lhes o dominio das terras, e das vontades, ſó porque á ſatisfaçaõ dellas ſe faziaõ as eleições: Que ſeguindo-ſe a eſtas Nações a dos Godos, ſendo ſenhores de Heſpanha, elles tinhaõ por mais glorioſa a ſugeiçaõ da Luſitania; e que ainda que ella muitas vezes recaiſſe no ſeu poder por allianças, a eleiçaõ dos Reis ſempre era dos Póvos, que por fazerem obſequio aos Principes, eſqueciaõ a inſtituiçaõ do Reino para naõ negarem a propriedade aos benemeritos: Que por varios accidentes, que traz comſigo o lapſo do tempo, ſe mudáraõ os limites da Luſitania, já ampliando-ſe, já occupando outros Reinos parte das terras, que antes lhe pertenciaõ, conforme prevaleciaõ as forças: Que entre todas as confusões, Luſitania ſempre ficára Reino ſeparado, menor que o de Leaõ na grandeza; mas muito ſuperior no esforço:

Que o dominio dos Mouros ſim parece, que fizera eſquecer nos Luſi-

tanos o antigo valor, que havia tantos Seculos era a admiraçaõ das gentes, conſervando-ſe largo tempo ſem Rei, que os animaſſe para ſacodir o jugo, e romper os ferros da eſcravidaõ dos Barbaros: Que deſpertando-os da profundidade do ſeu ſono o eſtrondo das façanhas dos Leonezes, elles ſe levantáraõ eſtendendo os membros com força igual á primeira: Que ſe uníraõ aos Reis de Leaõ unicamente movidos dos deſejos da liberdade, e que com as qualidades dos ſeus eſpiritos, augmentando as forças Leonezas, ſe empregáraõ em conquiſtas de importancia notavel: Que ſim era verdade intitularem-ſe os Reis de Leaõ ſenhores das terras, que hiaõ ganhando as eſpadas Luſitanas; mas que os homens, que as manejavaõ, como naõ haviaõ entre ſi eleito Soberano, pela natural competencia das Nações, antes quizeraõ com contumacia generoſa, que os Leonezes ficaſſem ſenhores das conquiſtas, que elles faziaõ, do que pôr em practica a partilha igual dos fructos das ſuas victorias: Que conquiſtado quaſi

Era vulg.

to-

Era vulg. todo o Reino de Portugal, os Reis de Leaõ se arrogáraõ huma authoridade despotica para o darem arbitrariamente humas vezes a seus filhos, outras pondo nelle Governadores com os titulos de Condes, Principes, Vigarios, e Consules, sem que por este como despotismo elle perdesse jámais o nome, e as regalias de Reino:

Que assim fora correndo o tempo, até que pela morte do Grande D. Fernando, os Portuguezes se sugeitáraõ gostosos a hum Rei particularmente seu, que foi D. Garcia, e que com este Dominio separado do de Leaõ, e Castella se exaltára novamente a sua corage, já movidos os espiritos para obrarem heroicidades: Que tornando a unir-se os Reinos de Hespanha em D. Affonso VI., os Portuguezes deraõ as mais ternas demonstrações de sentimento, porque lhe arrancáraõ do Throno com tanta violencia a D. Garcia, que vivia com elles dentro dos limites do seu Estado: Que D. Affonso conhecera muito bem a dor dos Portuguezes, que se deixava palpar; lembrando-se, de

de que a oppreſſaõ naõ muda as inclinações dos Póvos, que ſugeitos com violencia, neceſſariamente haõ de prorromper em forças: Que para evitar eſte contingente deſaire ao credito Real, elle caſára ſua filha D. Thereſa, e lhe dera em dote o Reino de Portugal com o titulo de Condado, como ſe elle tiveſſe authoridade para o privar da dignidade, e eſſencia de Reino: Que naõ obſtava poder-ſe dizer, que chamando-ſe D. Affonſo Imperador das Heſpanhas, elle reſervaria ſobre Portugal aquella authoridade propria dos Imperadores nos Eſtados, de que daõ a inveſtidura, ou que o nomeaſſe em D. Henrique com algum tributo; que ainda no caſo negado de ſe poderem verificar eſtas circunſtancias, D. Affonſo naõ devia ſuſtentar a violencia, que fazia aos Portuguezes em os obrigar a reconhecer Rei eſtranho; e que para ſuſtentar a Soberania, que ſuppunha arriſcada, elle arrancára da ſua Coroa a precioſa pedra de Portugal, e a dera com ſua filha, livre, e independente, a D. Henrique.

Era vulg.

De

Era vulg.

De tudo quanto até aqui tem discorrido o Sabio Italiano, próva elle, que Portugal, sempre com independencia, e liberdade, nomeando-o D. Affonso em D. Henrique com qualidade de dote, naõ o podia fazer debaixo de outro titulo, senaõ daquelle, que a Portugal pertencia por direito: que como elle em todas as idades sempre fora Reino, e dotado como Reino a D. Henrique, tambem por direito deve elle ser estimado, e reconhecido legitimo Rei desse Reino em razaõ do dote. Asseguraõ outros especulativos, que se póde entender sem escrupulo, que D. Henrique dera algumas evidencias da justiça, que no seu interior guardava, e conhecia; que para isso dá fundamento saber-se, que quando elle governava Portugal antes de casar, se assinava unicamente Conde, ou porque já o sería de Astorga, ou porque D. Affonso lhe daria o Governo com este titulo: mas depois de casado, vendo elle a sua mulher tratada como Rainha, o que consta sem dúvida de muitas memorias antigas, e

das

das Cortes de Lamego, começou o Conde a aſſinar-ſe ſó Henrique; e a Rainha, pela qual lhe viera o Reino, para ſe igualar a ſeu marido, ſe aſſinava unicamente Thereſa. Os ſectarios da opiniaõ tiraõ por conſequencia deſtes antecedentes, que ſendo D. Thereſa huma infanta legitima de Heſpanha, como elles pertendem, naõ deve juizo algum capacitar-ſe, que havendo de ſe lhe dar hum titulo para caſar, foſſe com abatimento da grandeza, e que paſſaſſe de Infanta a Condeça a Senhora que devia ſobir á dignidade de Rainha, que lhe competia, e por neceſſaria reſulta a de Rei a ſeu marido, em razaõ, e por força do dote, que com ella recebeo para ſi, e para os ſeus Succeſſores.

Era vulg.

Avança o Italiano inſtruindo o ſeu diſcurſo, e diz: que a intruſaõ dos Mouros naõ deſtruio em Portugal a prerogativa de Reino, nem o Rei D. Affonſo o podia privar della, quando para ſe aniquilar direito taõ importante, era neceſſario, que o Reino ſendo vaſſallo, ou herança legitima, e tendo

Era vulg. jurado preito, e homenagem, cometteſſe crime de leza Mageſtade: que ainda neſte caſo devia preceder conhecimento juridico, e as ſolemnidades, que o direito requer, para depois de ſentença definitiva, o Reino ſer reduzido a Provincia. Ora iſto ſuppoſto, nós eſtamos inſtruidos, em que Portugal naõ era herança legitima, nem vaſſallo do Rei de Leaõ, nem taõ pouco lhe fizera preito, e homenagem: mas no caſo, de que tudo houveſſe, elle naõ cometteo crime, nem foi julgado traidor, e ſentenceado Réo. Elle tambem naõ foi conquiſta do Rei D. Affonſo; mas huma uſurpaçaõ feita a ſeu irmaõ D. Garcia, já aceito, e reconhecido Rei pelos Póvos. De tudo iſto infere elle, que havendo D. Affonſo de deixar o Reino, naõ o podia fazer ſenaõ com o titulo, com que o tirou a ſeu irmaõ, e com que elle depois o poſſuio; e que dado em dote a D. Henrique, eſte ficára ſendo ſeu legitimo Rei.

Em quanto á dúvida deſte Principe nunca cingir a Coroa, naõ uſar

das

das insignias Reaes, nem tomar o titulo de Monarca; circunstancias, que parece o privaõ do direito para ser tido, e chamado Rei: a isto respondem com duas razões; huma porque D. Affonso naõ o determinaria, e D. Henrique sem reconhecimento expresso da sua vontade naõ quereria em seu obsequio intitular-se Rei, nem usar das devisas Reaes: a segunda mais forçosa, dizem que sería, porque os Portuguezes naõ quereriaõ reconhecer logo huma investidura, que vinha das mãos, e arbitrio do Rei de Castella, e pertenderiaõ conservar independente no Reino o direito da eleiçaõ dos Principes, conformes com a razaõ natural, divina, e das gentes, commua a todas as Nações; naõ querendo obrigar-se a si, e aos seus Successores por actos positivos, e solemnidade dos juramentos a receber a successaõ dos seus Soberanos por hum modo hereditario.

Era vulg.

Naõ consideraõ os apaixonados desta honra verdadeiramente positiva, com que elles entendem, que honraõ, e illustraõ a Portugal, tenha força al-

Era vulg. gemma poderse-se dizer, que os Portuguezes por naõ repugnarem receber elle Principe de maõ alheia, os privou a elles da liberdade da eleiçaõ, e a D. Henrique da dignidade de Rei: Que se deve advertir, que os Portuguezes elevavaõ nas idades em que se elegiaõ para Reis aos melhores homens; e que como a qualidade do sangue, a grandeza do valor, a probidade da vida eraõ em D. Henrique huns como attributos da alta magnificencia, elles os moviaõ a mostrar-se gostosos no seu prudente, e animoso Governo.

Considera-se, que entaõ o principal projecto dos Portuguezes, o seu unico ponto de vista era livrar-se da sugeiçaõ dos Mouros: Que vendo elles como a espada de D. Henrique assim o executava, soffrêraõ calados a suavidade do seu dominio, sem procurarem, nem moverem nelle novidades: Que morto D. Henrique, deixando elle no filho hum exemplar das suas virtudes, observáraõ nelle as mesmas igualdades de valor, de idéas, de magna-

gnanimidade; e como ſe os corações naõ lhes coubeſſem nos peitos, nem os ſeus Principes eſtiveſſem ſem o público reconhecimento da Mageſtade, que lhes era devido, elles o acclamáraõ Rei nas campanhas de Ourique ao ſom das caixas, ao ruido dos inſtrumentos bellicos, como nas idades antigas o praticavaõ os ſeus Predeceſſores.

Era vulg.

Ora eſtas ſaõ as razões, com que ſe pertende imprimir em D. Henrique o caracter de legitimo Rei de Portugal: Rei em potencia, e os actos ſó de Conde Soberano no Dominio, que lhe foi dado em dote com ſua mulher. Em fim, a variedade dos ſentimentos, e da critica eſtime a D. Henrique Conde, ou Rei; elle gozou o Eſtado livre, e independente aſſim como o tem poſſuido os ſeus Succeſſores até agora. Sem embargo do que deixo dito a reſpeito deſta liberdade do Reino, ſempre devo aqui advertir, que ambas as Nações Portugueza, e Caſtelhana defendêraõ o ſeu partido: os Portuguezes moſtrando, que a ſua Monar-

nar-

Era vulg. narquia em todas as idades fora livre; os Castelhanos, que lhe tinha sido sugeita. Estes tiveraõ de se calar, quando sahio a público o terceiro Tomo da Monarquia Lusitana, aonde o Doutor Brandaõ fez evidente a primitiva liberdade de Portugal.

Renovou-se a contenda no tempo da Acclamaçaõ do Rei D. Joaõ o IV., e entaõ se soltáraõ as pennas Castelhanas, escrevendo com mais audacia, que justiça, com mais insolencia, que verdade. Além do sabio Joaõ Caramuel, e outros varios, D. Nicoláo Fernandes de Castro vibrou a sua como seta despedida do arço, e com a força das injurias pertendeo dar firmeza ao direito de Hespanha. A seta porem se voltou contra a cabeça do sagitario, quando o insigne Velasco de Gouvea lhe destruio na resposta os fundamentos, abateo a soberba, e fez callar a arrogancia.

Confirmaçaõ do titulo só ao Papa se pedio entaõ: tributo só por piedade Portugal o impoz a si mesmo para o pagar á Santa Sede Apostolica,

ca, e á Senhora de Claraval, se he Era vulg.
que alguma occasiaõ o satisfez. O Papa confirmou o titulo em D. Affonso Henriques sem alguma dependencia de Castella. Nas Cortes de Lamego perguntou o Procurador do Rei aos Estados; se queriaõ, que o seu Rei fosse ás Cortes do de Leaõ, e lhe pagasse tributo, ou a outro Soberano, que naõ fosse o Pontifice por devoçaõ, e agradecimento de lhe haver confirmado o titulo? Que ouvida esta proposta, intoleravel para os espiritos Portuguezes, elles desembainháraõ as espadas, e respondêraõ: Que elles eraõ livres, e livre o seu Rei; que se alguem em tal consentisse, morresse; e que se fosse Rei, sebre élles naõ governasse. Ora desta proposta do Procurador se infere com bem evidencia, que os Portuguezes até entaõ naõ pagavaõ tributo algum a Castella, e que Castella entaõ o pertenderia. Mas a resoluçaõ Portugueza, já com Rei proprio na sua testa, bem capaz naquelle tempo de negar tributos, se na realidade os pagasse, mal se sugeitaria

Era vulg. taria ella a satisfazer o que nunca deveo. Pois como Portugal sempre foi Reino, e sempre livre, seja D. Henrique estimado com imaginações de Rei, ou attendido com realidades de Conde, elle foi Soberano de Portugal livre, e independente da sugeiçaõ de Castella.

CAPITULO III.

Trata-se a duvidosa passagem historica da jornada do Conde D. Henrique á Palestina em huma das Cruzadas.

MUITO disputaõ entre si os nossos Historiadores a pertendida jornada do nosso Conde D. Henrique á Palestina, como hum dos Chéfes nomeados para a conquista da Terra Santa, que huns concedem, outros negaõ, e he esta jornada hum dos problemas da nossa Historia. Os sequazes da opiniaõ affirmativa dizem, que no anno de 1094, ligando-se D. Affonso VI. com os mais Principes Christãos para a expediçaõ da Palestina debaixo do Commandamento

to de Godofredo de Bulhaõ, elle mandára hum importante ſoccorro, e por General delle ao Conde D. Henrique, por ſer parenre muito chegado da maior parte dos Principes, que tinhaõ abraçado a Cruzada, e marchavaõ no exercito com Godofredo. Sem paſſar adiante, logo aqui me lembro, que os ſequazes deſta opiniaõ naõ advertíraõ, que neſte tempo era impoſſivel a D. Affonſo VI. divertir hum ſó homem dos ſeus Reinos, quando elles eſtavaõ atacados por todo o poder dos Almoravides: Que a meſma impoſſibilidade tinha o Conde D. Henrique para ſer o General do imaginado ſoccorro havendo apenas hum anno, talvez naõ completo, que era caſado, e havia tomado poſſe de Portugal, hum Eſtado, que naſcia, já orfaõ do pai apenas em mantilhas.

Era vulg.

Ninguem acompanhou ao Conde na jornada mais inſeparavel da ſua peſſoa, que Manoel de Faria e Souſa. Elle ſoube, que D. Henrique adorára edificante os Lugares Sagrados de Jeruſalem: que obrára façanhas taõ fóra

da

Era vulg. da ordem vulgar, que admiráraõ as Nações congregadas, e aos ſeus Chéfes mais aguerridos: que merecêra ao novo Rei da meſma Jeruſalem Godofredo as mais diſtintas honras, e hum ſentimento extremo da ſua partida: que elle trouxera comſigo o ferro da lança, que abrira o Lado de Jeſu Chriſto; parte da Coroa de eſpinhos, hum Çapato da Senhora, huma touca da Magdalena, hum braço do Evangeliſta S. Lucas, e que no anno de 1099 ſe recolhêra a Portugal coberto de mais brilhantes glorias.

A multidaõ de opiniões, o tropel de dúvidas ſobre a pertendida jornada do Conde, ſeja no tempo, e anno da ſua partida, ſeja ſobre em qual das Cruzadas elle ſe incorporou, ſeja ſobre ſe elle na realidade foi, ou deixou de ir; iſſo occupou Seculos de eſtudos, levou idades em diſputas, e ainda hoje naõ deixa de enredar alguns eſpiritos em controverſias, quando com ambas as mãos ſe palpaõ as razões mais ſólidas, que moſtraõ, ſenaõ impoſſivel, muito difficultoſa ſeme-

melhante viagem. Pondo de parte a que eu acabo de expender no primeiro paragrafo defte Capitulo, que he bem forte, naõ parece jufto entender-mos nós da circunfpecçaõ do Conde D. Henrique, que foffe elle o que abriffe em Portugal o exemplo para o Rei D. Sebaftiaõ paffar o mar a empenharfe temerario em huma guerra arrifcada fem ter fegura a fucceffaõ da Monarquia.

Era vulg.

Os que tem por certa a jornada do Conde no anno de 1094, dizem que quando fora a ella, já D. Affonfo Henriques era nafcido, e por confequencia fuas irmãs, que todas foraõ mais velhas, que elle. O Pai tinha cafado no anno antecedente de 1093. No de 1094 poderia fer nafcida a primogenita D. Sancha. Os mais partos das outras duas Infantas foraõ nos annos feguintes, naõ conftando, que ellas nafceffem gemeas, e o de D. Affonfo Henriques foi no anno de 1109, como fe próva do irrefragavel teftemunho do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, tres annos antes da morte

do

Era vulg. do Conde ſeu Pai. De ſórte, que ſe eſte foſſe á Paleſtina o faria com menos de hum anno de caſado, ſem filho algum, ou deixando a Rainha pejada, ou a Infanta D. Sancha naſcida de pouco: mas a D. Affonſo Henriques de modo algum naſcido, nem concebido.

Depois diſto, o dote de Portugal, que o Conde obtivera com ſua mulher, naõ era tanto o que era, como o que havia ſer. O què era ſe contraia ás terras de Entre Douro e Minho: o que havia ſer comprehendia as Provincias, que correm até aos Rios Téjo, e Guadiana, deſtinadas para comporem o Eſtado de Portugal dotado ao Conde, e aos ſeus Succeſſores. Quando eſte caſou, todas ellas eſtavaõ em poder dos Mouros, e delle haviaõ ſer arrancadas naõ por negociações, ſenaõ pela força. Juizo algum prudente ſe deve capacitar, de que o Conde, hum Principe taõ illuminado, houveſſe de ir empenhar-ſe a mil legoas de diſtancia, em huma guerra eſtranha, ainda que chamada de Religiaõ; deixando deſembaraçados, para cometterem

rem maiores inſultos, aos inimigos uſurpadores da caſa, que era ſua, e donde os havia expulſar com armas, que levadas á Paleſtina poderiaõ darlhe gloria; mas naõ intereſſe algum ao ſeu novo Dominio,

Era vulg.

Que D. Affonſo no tempo que ſe diz naõ podia mandar ſoccorros ao Oriente, os ſeus meſmos Succeſſos o comprovaõ. Depois de caſados os tres Principes com ſuas filhas no anno de 1093; depois delle fazer retirar dos campos de Andaluzia a Joſeph, Rei dos Almoravides; eſte paſſou a Africa, e juſtamente receou D. Affonſo, que elle foſſe refazer as forças para voltar a Heſpanha, deſaffrontar as injurias. Elle o temeo tanto, que na meſma Heſpanha naõ ſoava mais que guerra, ſó ſe via alliſtar gente, reparar Praças, e contrair allianças para a ſegurança commua. Naõ era logo poſſivel, que D. Affonſo fazendo tantas prevenções para a defenſa dos ſeus Reinos, neceſſitando de armas, e de gente, pedindo ſoccorros alheios, elle os mandaſſe das forças proprias enfraquecendo, e pon-

Era vulg. pondo o Eſtado nos termos de tornar a ſer preza dos Africanos.

Tambem he huma demonſtraçaõ, que o Conde D. Henrique nos annos marcados da Cruzada, em que o imaginaõ ſervindo na Paleſtina, elle eſtava em Heſpanha no ſerviço de ſeu Sogro. Depois que eſte perdeo a batalha de Cazalla, ou de Sagulias, donde ſe retirou naõ ſem gloria, e que depois della o caſou com ſua filha, ſuccedeo o deſafio do Cid Ruy Dias com ſeus genros os Infantes Condes de Carrion, e nelle dizem foi o Conde D. Henrique o Mantenedor do campo. Eu referirei eſta paſſagem da Hiſtoria ſuccedida nos annos da pertendida jornada do Conde. O Cid havia caſado a ſuas filhas D. Elvira, e D. Sol com aquelles dous Principes, que eraõ dous extremos de covardia; e na Cidade de Valença, depois de conquiſtada por ſeu Sogro, déraõ elles próvas públicas, e vergonhoſas da ſua fraqueza com inexplicavel ſentimento do Cid, monſtro de valor. Aconſelhados por ſeu tio D. Suero para ſe retirarem com

as esposas da sua face, e recolher-se ás suas terras, lhe pediraõ licença, que elle lhes concedeo gostoso, e os acompanhou até a fronteira de Castella.

Era vulg.

Na jornada, já passado o Douro, e desertos de Berlanga, lugar a proposito para o seu insulto inaudito, os Condes despediraõ parte da familia a deligencias affectadas, e com os atrevidos da sua facçaõ levaraõ as Princezas para o mais intrincado do bosque, despiraõ-nas, açoutaraõ-as, feriraõ-nas, e lhes fizeraõ os mais insolentes desprezos, valentes com as Damas os dous maiores covardes entre os homens. Deixando-as ao desamparo, continuáraõ a jornada, e ellas devêraõ a vida, e o remedio das feridas a hum Fidalgo chamado D. Ordonho, que acaso passára, e as fizera curar em huma Aldea. O Cid, incapaz de soffrer huma injuria taõ enorme, desafiou os Condes, a que D. Affonso mandou lhe respondessem; bateo-se com elles; venceo-os; assistiraõ o Conde D. Henrique, e seu primo D. Raymundo de

Bor-

Era vulg. Borgonha, como Juizes ao combate; e logo depois as Princezas tornáraõ a casar, huma que foi a D. Elvira, com D. Ramiro, filho do Rei D. Sancho de Navarra, outra, que era D. Sol, com D. Pedro, filho do Rei de Aragaõ do mesmo nome. Logo he impossivel, que o Conde D. Henrique estivesse ao mesmo tempo assistindo em Hespanha ao desafio do Cid, e servindo na Palestina no exercito dos Cruzados, se acaso este desafio foi verdadeiro.

Sem me fazer a menor especie a fabula da conquista de Lisboa pelo Rei D. Affonso no mesmo anno de 1093, em que o Conde casou, por naõ ter havido tal conquista, que servia de hum dos augmentos mais fortes, de que se valiaõ os que negavaõ a passagem do Conde á Palestina, sem que atégora algum Historiador se valesse das solidas razões, que eu acabo de expender, naõ sei se por ignorancia, se por falta de indagaçaõ, e calculo dos tempos: eu vou a concluir esta materia dizendo, que em todos os an-

nos

nos que corrêraõ, ou seja do de 1094, ou do de 1096, em que principiáraõ as Cruzadas á Terra Santa, até ao de 1112, em que falleceo o Conde D. Henrique; se achaõ nos nossos Archivos em todos esses annos, com bem pouca interpolaçaõ de tempo, muitas doações feitas, e assinadas pela propria maõ do Conde, naõ por procurações mandadas da Palestina nos seis annos, em que o representaõ nella residente.

Era vulg.

Em fim, quando eu na minha Aula da Nobreza escrevi a Historia das Cruzadas, vi muitos Authores que as tiveraõ por particular assumpto das suas composições. Sei de outros, que no mesmo tempo das infelices Cruzadas, de que á Religiaõ naõ resultaraõ mais interesses, que perder a Europa milhões de homens, atear a emulaçaõ incendios de discordias entre os Principes, soffrerem os Latinos immensas injurias, e perfidias dos Imperadores de Constantinopla: nem hum só daquelles Authores faz memoria de hum Principe taõ alto, parente conjunto dos

Era vulg. maiores, que se achárão nas mesmas Cruzadas, qual era o Conde D. Henrique; isto sendo elles na narração tão exactos, que nomeião individualmente não só todos os ditos Principes; mas a todos os Capitães, que servirão naquella chamada guerra de Religião na Palestina. Semelhante silencio não he para se imaginar sem injuria, que elle fosse affectado para o Conde, genro, e Chéfe do soccorro de hum Rei tão grande, como D. Affonso VI., intitulado Imperador das Hespanhas, e parente chegado do mesmo Godofredo de Bulhaõ, Rei de Jerusalem; Cunhado dos Condes de Flandres, de Borgonha, de Tolosa, e de outros Principes, que servírão nas Cruzadas: Silencio, que nos convence elegante, como D. Henrique depois de Senhor de Portugal, nem foi a alguma dellas, nem já mais sahio das Hespanhas, aonde só servio ao Rei D. Affonso VI. seu Sogro, sem lhe ir fazer serviços á Palestina.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Das acções do Conde D. Henrique depois que foi senhor do Reino de Portugal.

AS heroicas acções, que naõ podia deixar de obrar o grande valor de D. Henrique depois de reconhecido Conde Soberano de Portugal, mettido elle em tantas occasiões, rodeado de Mouros, e para haver de ampliar os confins do Dominio estipulados no seu dote; humas tem toda a certeza, outras naõ passaõ de conjecturas pela falta de Monumentos originada, senaõ da ignorancia, do descuido. Dezanove annos foi o Conde senhor de Portugal, desde o de 1093, em que casou, até o de 1112, em que morreo, e sempre trouxe na maõ as armas, já na conquista das Praças de Portugal, já ajudando a seu Sogro na guerra de Hespanha, naõ lhe servindo o lugar, que podia ser de descanço, senaõ de se ensaiar nelle para maiores, e mais gloriosas fadigas.

Era vulg. 1100

Já o Rei D. Affonſo contava igualmente muitos annos, e muitas victorias; já os pezos da velhice, e das armas lhe enfraqueciaõ os membros; já a experiencia lhe moſtrava, que aos oitenta annos dos Potentados ſe ſeguem trabalhos, afflicçaõ, e dor: quando Joſeph, Rei dos Almoravides, acabava a vida em Africa, e nos Eſtados della lhe ſuccedia, juntamente com os de Heſpanha, o arrogante Mouro Hali, que eſtabelecia a ſublimidade do caracter em ſe dar a conhecer por inimigo implacavel dos Chriſtãos. Eſte Principe, apenas ſe vio Rei, ajuntou forças monſtruoſas para com ellas paſſar a Heſpanha, e cortar nella de hum golpe todas as gargantas. Os Mouros mais bravos do noſſo continente ſe lhe incorporáraõ, e com elles Almançor, reſpeitado entre os ſeus por hum raio na guerra, na realidade terror de algumas das noſſas gentes, que lhe experimentáraõ a corage.

A eſte aperto das Heſpanhas acodio o Conde D. Henrique, mais fortemente movido da conſideraçaõ dos an-

annos, e achaques de seu Sogro, que o impossibilitavaõ para sahir a campo, e ser a sua presença, como antes, a alma dos soldados. Elle achou o exercito prompto, e a expediçaõ encarregada ao Infante D. Sancho, de idade de doze annos, unico Principe varaõ nascido da Moura Zaida, ou Isabel, que havia succeder a seu Pai, e nomeado director do mesmo Infante para as expedições militares ao experimentado, e aguerrido Chéfe D. Garcia, Conde de Cabra, que era seu Aio. Nos campos de Uclés se encontráraõ os dous exercitos: elles mutuamente se olharaõ com respeito; mas nenhum se escusou á batalha. Ella foi das mais sanguinolentas, bem disputada, e o successo deo à conhecer a falta, que nella fazia o braço, ou a fortuna de D. Affonso. Tudo abatêraõ os Mouros; rompêraõ o esquadraõ, em que hia o Infante; atropeláraõ-no; o Conde D. Henrique se lançou sobre elle para o defender, recebendo muitas feridas, naõ póde impedir, que lhe tirassem a vida; morreo o Conde de Cabra com ou-

Era vulg.

Era vulg. outros ſete Condes, e foi geral a derrota, o eſtrago, e inconſolavel a dor em D. Affonſo, como dizem Authores Heſpanhoes, e Portuguezes.

Dous grandes eſtimulos cauſou a batalha de Uclés nos dilatados animos do vencedor, e do vencido: hum em Hali, e Almançor procurando outra occaſiaõ ſemelhante, que lhes afiançava o dominio de toda Heſpanha; o 1101 outro em D. Affonſo, que velho, cançado, e enfermo, ſe preparou intrepido, e poderoſo para lhe vingar a affronta. Qual raio deſpedido da nuvem, que aonde encontra mais forte a reſiſtencia, ahi emprega com maior impulſo o tiro; aſſim D. Affonſo, ſaindo com rapidez de Toledo, talou toda Andaluzia, pilhou os campos, rendeo Praças, e plantou os ſeus arraiaes ſobre a reſpeitavel Cordova. Aqui o buſcáraõ os Mouros, e o meſmo foi ſerem deſcobertos, que enveſtidos. Entráraõ a ſaltar no campo cabeças, e turbantes, braços ſem largarem as eſpadas, pernas que ſe deixavaõ cortar para naõ fugir; e o noſſo Conde D. Hen-

Henrique vendo a Almançor, foi a elle com a lança enristada para pagar com a sua vida a morte, que dera em Uclés ao Infante D. Sancho; do primeiro bote tirou com Almançor a terra; poz-se em cima delle, e quando hia a cortar-lhe a cabeça, se lembrou, que seu Sogro mais estimaria o presente deste homem vivo para elle o ver morrer.

Era vulg.

O nosso Conde entregou a Almançor preso ao valeroso Diogo Ordonez para o apresentar ao Rei D. Affonso, que logo o mandou fazer em pedaços. Foi o Conde proseguindo a victoria na testa de hum esquadraõ da sua gente, bem imitadora da corage do Chéfe; rompeo a frente das esquadras dos Mouros até lhes sair pela retaguarda, donde outra vez carregou sobre elles, e já pelo seu lado naõ se viaõ senaõ Mouros mortos, Mouros cortados, Mouros fugindo. Com esta victoria taõ completa se despicou Hespanha, foi vingada a morte do Infante D. Sancho, as armas vencedoras renderaõ Cordova, marcharaõ a sitiar Sevilha;

D.

Era vulg.

D. Affonſo obrigou os Almoravides a recolher-ſe apreſſados para Africa; elle foi recolher as palmas dos triunfos em Toledo, e o Conde D. Henrique voltou para deſcançar em novas guerras a Portugal.

Ainda que elle tinha no ſeu dominio as Cidades do Porto, Coimbra, e Viſeo, na vinda para o Reino aſſentou a Corte na Villa de Guimarães, donde ſahia a dilatar as conquiſtas, e a invadir as terras dos Barbaros, que foraõ vencidos em dezaſete batalhas campaes, além de outros muitos choques. Os feitos em armas, que ſeríaõ obrados em tantas occaſiões, fique á ponderaçaõ dos inſtruidos, já que o empenho que os Portuguezes tinhaõ de obrar calados, nos roubou as memorias do paſſado, a elles a gloria do futuro. A viſta do Principe na face do Eſtado, e na teſta das tropas, he certo fez mudar o ſemblante aos negocios de Portugal, melhorar de fortuna, e avançar a reputaçaõ; que nada inflamma os eſpiritos para obrarem heroicidades como a viſta dos Soberanos

ſem

ſem accidentes de delicadeza, que lhe Era vulg. ſacramentem a Mageſtade.

Havia entaõ em Lamego hum 1103 Rei poderoſo chamado Hecha, feudatario de D. Henrique, que parece eſperava a ſua volta a Portugal para ſe naõ moſtrar covarde ſe executaſſe a rebelliaõ intentada com elle auſente. Com exercito numeroſo talou o Mouro as terras do Conde, em que fez conſideraveis prezas, que conduzia ſatisfeito, quando eſte lhe ſahia ao encontro, acompanhado de Egas Moniz, que depois foi Aio ſempre lembrado de ſeu filho o Rei D. Affonſo Henriques, para lhe pedir a reſtituiçaõ da preza, e tomar contas da divida da rebelliaõ. Em huma batalha no cume, e nas faldas da Serra Secca pagou elle tudo de contado, até com a entrega da liberdade, e da da Rainha Axa Anzures ſua mulher, que encontráraõ a fortuna na deſgraça, abraçando o Chriſtianiſmo pelas catholicas perſuasões do Conde.

Os vaſſallos ſe eſcandaliſáraõ da mudança de Religiaõ do ſeu Rei Hecha,

Era vulg. cha, e naõ quizeraõ recebello na Corte; mas elle passando á de Guimarães, e pedindo a protecçaõ de D. Henrique, este Principe em lha conceder ao mesmo tempo augmentou a gloria das armas, e fez lançar á Christandade naquellas terras mais fundas as raizes. Bem castigados os revoltosos, se convencionáraõ o Conde, e o Rei, rogando este ao seu bemfeitor, que para o deixar na sua ausencia a coberto dos insultos dos vassallos perfidos, encarregasse a guarda de todos os Póvos a Fidalgos Portuguezes. Condescendeo o Conde em tudo quanto Hecha pertendêra, e deixou por Chéfes das Comarcas a homens de tanta importancia, e de tal caracter, como eraõ Egas Moniz, D. Garcia Rodrigues, e D. Paio Rodrigues seu irmaõ: Estes Fidalgos hum freio tanto de firmar a desbocada soltura dos Barbaros, que o Rei manejava sem receio as redeas do governo, e elles tiveraõ de parar a carreira da revolta.

1106 Em quanto o Conde se entretinha nestas, e outras acções dignas del-

dèlle, è dos vassallos, que commandava; o Rei D. Affonso seu sogro occupava a velhice veneranda nos cultos da Religiaõ, em horisontar bem as cartas de todas as virtudes para naõ errar o porto na viagem da Eternidade, com edificar em Toledo, e outras partes de Hespanha Mosteiros, e Conventos de grande fábrica, que até hoje servem de immortaes padrões á sua memoria. Naõ menos attento á successaõ do Reino, que perdêra a varonia na immatura morte do Infante D. Sancho; elle quizera nomear logo Successor a seu neto D. Affonso, filho de D. Urrâca já viuva de Raimundo de Borgonha; mas desconsolava-o a idade muito tenra deste menino, quando o Estado de Hespanha pedia hum Rei com mãos fortes para as armas, cheio de luzes para a penetraçaõ dos negocios, com cabeça prudente para o acerto das resoluções, e dos conselhos.

Era vulg.

Nestas perplexidades, e porque sua filha D. Urraca, Senhora do Reino, naõ se conduzia na viuvez com

a

ra vulg. a honestidade correspondente á gravidade do estado, e caracter da pessoa; D. Affonso determinou casalla segunda vez com Principe, que tivesse braços para lhe prender as solturas, e hombros para sustentar na vida della o pezo da Monarquia. Entendiaõ os Grandes, que haviaõ ambas as qualidades no Conde de Candespina, hum dos Senhores mais poderosos de Hespanha; isto com o designio, de que Principe Estrangeiro, por marido de D. Urraca, naõ os governasse em quanto ella vivesse. Longe destes sentimentos D. Affonso, elle fez o casamento com D. Affonso I., Rei de Aragaõ chamado o Batalhador: Devisa, que dava a conhecer, que era o Principe, de que Hespanha necessitava para Regente da mulher, e do Reino.

1107 Os Mouros naõ davaõ ao nosso Conde instante de socego. Ali Haben Joseph, que era hum dos seus Reis mais poderosos, sitiou Coimbra com esquadrões numerosos. Ás vozes do aperto, em que a Praça se achava, acodio o Conde em pessoa resoluto a

sal-

salvalla, ou a fazer completo o triunfo dos Mouros com a sua ruina. Outra tinha de ser a sórte, naõ valendo aos Barbaros o número, e a corage para deixarem de juncar de cadaveres os campos de Coimbra, de fugirem sem acordo, de enriquecerem os Christãos com cativos, e despojos. Aproveitáraõ-se da diversaõ de Coimbra os Mouros de Cintra, e de outros lugares visinhos para sacodirem o jugo, e naõ pagar os tributos. O Conde os reduzio ao seu dever; mas elles tendo outra occasiaõ de se revoltar, conserváraõ a liberdade até ao tempo do Rei D. Affonso Henriques.

Era vulg.

Em novos empenhos tinha de se metter o nosso Conde na falta de seu Sogro D. Affonso, que naõ promettia duraçaõ. Quando este Soberano se occupava com o maior desvelo em reparar ás fortificações de Salamanca, e de Segovia muito arruinadas nas ultimas guerras com os Mouros, o assaltou a morte em Toledo aos 79 annos da sua idade, e 43 de Reinado: Principe pio, e Catholico, modesto nas pros-

1109

Era vulg. prosperidades, constante nas desgraças, justo em obrar, sabio em prover, remunerador das virtudes, inflexivel em castigar os vicios. Quando Hespanha sentia a incomparavel perda do seu Rei Heróe roubado pela morte, Portugal se enchia de prazer no nascimento do seu Principe D. Affonso Henriques, unico Varaõ, que tinha de ser seu primeiro Rei, e Progenitor de muitos Heróes Reis.

1110 Pelo dominio que o Conde D. Henrique tinha em Astorga com titulo de Condado, como fica dito, e por Galliza até ao Castello de Labeira, hum anno depois da morte de D. Affonso elle se deshouve com os Leonezes, e Gallegos, chegando a desconfiança a público rompimento de guerra. Ganhou o Conde em Leaõ algumas terras, e em Galliza a Cidade de Tuy com a sua Comarca. Se elle teve estas vantagens, e reduzio a Cidade de Leaõ a tal aperto, que o Rei D. Affonso de Aragaõ, e Navarra o Batalhador, convinha se lhe entregasse, se no espaço de quatro mezes naõ fosse soccorrida:

da: os Mouros ſe aproveitáraõ da auſencia do Conde, e tomáraõ Santarem, que fizeraõ Praça de armas reſpeitavel até ao tempo de D. Affonſo Henriques, que a reconquiſtou antes por força das orações de S. Bernardo, que pelo valor das ſuas armas.

Eſta vulg.

Como o noſſo Conde eſtava em Aſtorga Soberano, e os Grandes de Heſpanha naõ goſtáraõ do caſamento da Rainha D. Urraca com D. Affonſo o Batalhador; a reſpeito da Tutoria do menino Affonſo, filho da meſma Rainha, e de ſeu primeiro marido D. Raimundo de Borgonha: os eſpiritos ſe deshouveraõ, e o Conde tomou partido contra as idéas do Batalhador. Varias vezes foraõ as ſuas armas vencidas pelas do Conde, que ſe encarregou do Pupillo; mas deſgoſtado das contínuas deſordens, e inconſtancias intoleraveis da Rainha, que ſe declarou formalmente contra ſeu meſmo marido; o Conde, como ſabio, mudou de conſelho, e ſeguio as partes do Batalhador, ajudando-o a derrotar as armas de outros Principes, que ſe

ha-

a vulg. prosperidades, constante nas desgraças, justo em obrar, sabio em prover, remunerador das virtudes, inflexivel em castigar os vicios. Quando Hespanha sentia a incomparavel perda do seu Rei Heróe roubado pela morte, Portugal se enchia de prazer no nascimento do seu Principe D. Affonso Henriques, unico Varaõ, que tinha de ser seu primeiro Rei, e Progenitor de muitos Heróes Reis.

1110 Pelo dominio que o Conde D. Henrique tinha em Astorga com titulo de Condado, como fica dito, e por Galliza até ao Castello de Labeira, hum anno depois da morte de D. Affonso elle se deshouve com os Leonezes, e Gallegos, chegando a descon... rompimento de guerra...

O Conde D. Henrique foi hum Principe intrepido, cheio de magnanimidade, rodeado de prudencia, acautelado em dispôr, affouto em executar, sabio em prevenir, o mesmo homem em ambas as fortunas, grato a seu Sogro, que o enriqueceo, reconhecido a Deos, que o fez grande, nas expedições militares audaz, nos cultos da Religiaõ piedoso. Elle teve quatro filhos legitimos, que foraõ, a Infanta D. Sancha, mulher do Conde D. Fernaõ Mendes; a Infanta D. Urraca, que casou com o Conde D. Bermudo Peres de Trava; a Infanta D. Theresa, mulher de D. Sancho Nunes Barbosa, grande Senhor em Galliza · e o Infante D. Affonso seu Succes- ... que nasceo em Guimarães a 25 ... de 1109, como consta do ... Noa de Santa Cruz de Coim- ... das as duvidas taõ de- ... no certo do nasci- ... e.

Era vulg.

... nio, e em mu- ... Conde D. Hen- ... , que os pri-

Era vulg. primeiros annos da ſua idade os gaſtou acompanhando a ſeu irmaõ nas guerras de Portugal, aonde foi o primeiro Meſtre de Aviz, e ſe diſtinguio com eſpecialidade no eſcalamento de Santarem. Em França, aonde foi hum dos Pares, travou amizade particular com S. Bernardo, e o reſto da vida o empregou na Religiaõ inſtituida pelo meſmo Santo, recolhido no Moſteiro de Alcobaça, aonde deſcançaõ as ſuas cinzas. Teve D. Pedro eſtatura, e forças de gigante, que empregou em muitas occaſiões de honra tanto em França, como em Portugal, até hoje com memoria reſpeitavel nas tradições, e nos eſcritos. Toda a vida praticou as doutrinas, com que o educára ſeu eſtimavel Aio D. Fuas Roupinho, e movido por huma viſaõ de S. Bernardo depois de glorioſo no Ceo, ſantamente viveo treze annos, e morreo ſeu Religioſo em Alcobaça depois de fazer tremer aos Mouros valente.

O zelo Catholico do Conde D. Henrique naõ ſe ſatisfazia ſó com arrazar Meſquitas, ſem que ao meſmo tem-

tempo levantasse Igrejas consagradas ao verdadeiro Deos, que ornava de Prelados dignos, e enriquecia com maõ liberal. Bem abonavaõ esta verdade as de Braga, de Coimbra, de Lamego, de Viseo, e do Porto, aonde resplandecia a piedade, assim como nas obras públicas a grandeza; humas, e outras padrões de immortal gloria para o seu magnifico Fundador. Viveo o Conde 77 annos; foi senhor de Portugal mais de dezanove, e poucos menos seu Governador. Alguns o reconhecem Rei; mas em potencia, que quanto aos actos elles só foraõ executados debaixo do titulo de Conde Soberano. Teve estatura grande, grande alma, grande coraçaõ, forças grandes, presença formosa, agrado sem affectaçaõ, e circunspecçaõ natural. Foi Pai da Patria, e como tal chorado pelos vassallos na occasiaõ da morte, quando elles necessitavaõ mais da sua vida.

Era vulg. 1

Desde o tempo de S. Pedro de Rates, Discipulo de Sant-Iago, e primeiro Arcebispo de Braga, se conser-

Era vulg. maiores, que se acháraõ nas mesmas Cruzadas, qual era o Conde D. Henrique; isto sendo elles na narraçaõ taõ exactos, que nomeiaõ individualmente naõ só todos os ditos Principes; mas a todos os Capitães, que serviraõ naquella chamada guerra de Religiaõ na Palestina. Semelhante silencio naõ he para se imaginar sem injuria, que elle fosse affectado para o Conde, genro, e Chéfe do soccorro de hum Rei taõ grande, como D. Affonso VI., intitulado Imperador das Hespanhas, e parente chegado do mesmo Godofredo de Bulhaõ, Rei de Jerusalem; Cunhado dos Condes de Flandres, de Borgonha, de Tolosa, e de outros Principes, que servíraõ nas Cruzadas: Silencio, que nos convence elegante, como D. Henrique depois de Senhor de Portugal, nem foi a alguma dellas, nem já mais sahio das Hespanhas, aonde só servio ao Rei D. Affonso VI. seu Sogro, sem lhe ir fazer serviços á Palestina.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Das acções do Conde D. Henrique depois que foi ſenhor do Reino de Portugal.

AS heroicas acções, que naõ podia deixar de obrar o grande valor de D. Henrique depois de reconhecido Conde Soberano de Portugal, mettido elle em tantas occaſiões, rodeado de Mouros, e para haver de ampliar os confins do Dominio eſtipulados no ſeu dote; humas tem toda a certeza, outras naõ paſſaõ de conjecturas pela falta de Monumentos originada, ſenaõ da ignorancia, do deſcuido. Dezanove annos foi o Conde ſenhor de Portugal, deſde o de 1093, em que caſou, até o de 1112, em que morreo, e ſempre trouxe na maõ as armas, já na conquiſta das Praças de Portugal, já ajudando a ſeu Sogro na guerra de Heſpanha, naõ lhe ſervindo o lugar, que podia ſer de deſcanço, ſenaõ de ſe enſaiar nelle para maiores, e mais glorioſas fadigas.

 Já

Era vulg. da ordem vulgar, que admirárao as Nações congregadas, e aos seus Chéfes mais aguerridos: que merecêra ao novo Rei da mesma Jerusálem Godofredo as mais distintas honras, e hum sentimento extremo da sua partida: que elle trouxera comsigo o ferro da lança, que abrira o Lado de Jesu Christo; parte da Coroa de espinhos, hum Çapato da Senhora, huma touca da Magdalena, hum braço do Evangelista S. Lucas, e que no anno de 1099 se recolhêra a Portugal coberto de mais brilhantes glorias.

A multidaõ de opiniões, o tropel de dúvidas sobre a pertendida jornada do Conde, seja no tempo, e anno da sua partida, seja sobre em qual das Cruzadas elle se incorporou, seja sobre se elle na realidade foi, ou deixou de ir; isso occupou Seculos de estudos, levou idades em disputas, e ainda hoje naõ deixa de enredar alguns espiritos em controversias, quando com ambas as mãos se palpaõ as razões mais sólidas, que mostraõ, senaõ impossivel, muito difficultosa se-

me-

melhante viagem. Pondo de parte a que eu acabo de expender no primeiro paragrafo deſte Capitulo, que he bem forte, naõ parece juſto entender-mos nós da circunſpecçaõ do Conde D. Henrique, que foſſe elle o que abriſſe em Portugal o exemplo para o Rei D. Sebaſtiaõ paſſar o mar a empenharſe temerario em huma guerra arriſcada ſem ter ſegura a ſucceſſaõ da Monarquia.

Era vulg.

Os que tem por certa a jornada do Conde no anno de 1094, dizem que quando fora a ella, já D. Affonſo Henriques era naſcido, e por conſequencia ſuas irmãs, que todas foraõ mais velhas, que elle. O Pai tinha caſado no anno antecedente de 1093. No de 1094 poderia ſer naſcida a primogenita D. Sancha. Os mais partos das outras duas Infantas foraõ nos annos ſeguintes, naõ conſtando, que ellas naſceſſem gemeas, e o de D. Affonſo Henriques foi no anno de 1109, como ſe próva do irrefragavel teſtemunho do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, tres annos antes da morte

Era vulg. do Conde ſeu Pai. De ſórte, que ſe eſte foſſe á Paleſtina o faria com menos de hum anno de caſado, ſem filho algum, ou deixando a Rainha pejada, ou a Infanta D. Sancha naſcida de pouco: mas a D. Affonſo Henriques de modo algum naſcido, nem concebido.

Depois diſto, o dote de Portugal, que o Conde obtivera com ſua mulher, naõ era tanto o que era, como o que havia ſer. O que era ſe contraía ás terras de Entre Douro e Minho: o que havia ſer comprehendia as Provincias, que correm até aos Rios Téjo, e Guadiana, deſtinadas para compórem o Eſtado de Portugal dotado ao Conde, e aos ſeus Succeſſores. Quando eſte caſou, todas ellas eſtavaõ em poder dos Mouros, e delle haviaõ ſer arrancadas naõ por negociações, ſenaõ pela força. Juizo algum prudente ſe deve capacitar, de que o Conde, hum Principe taõ illuminado, houveſſe de ir empenhar-ſe a mil legoas de diſtancia, em huma guerra eſtranha, ainda que chamada de Religiaõ; deixando deſembaraçados, para cometterem

rem maiores insultos, aos inimigos usurpadores da casa, que era sua, e donde os havia expulsar com armas, que levadas á Palestina poderiaõ darlhe gloria; mas naõ interesse algum ao seu novo Dominio, Era vulg.

Que D. Affonso no tempo que se diz naõ podia mandar soccorros ao Oriente, os seus mesmos Successos o comprovaõ. Depois de casados os tres Principes com suas filhas no anno de 1093; depois delle fazer retirar dos campos de Andaluzia a Joseph, Rei dos Almoravides; este passou a Africa, e justamente receou D. Affonso, que elle fosse refazer as forças para voltar a Hespanha, desaffrontar as injurias. Elle o temeo tanto, que na mesma Hespanha naõ soava mais que guerra, só se via allistar gente, reparar Praças, e contrair allianças para a segurança commua. Naõ era logo possivel, que D. Affonso fazendo tantas prevençóes para a defensa dos seus Reinos, necessitando de armas, e de gente, pedindo soccorros alheios, elle os mandasse das forças proprias enfraquecendo, e pon-

Era vulg. pondo o Eſtado nos termos de tornar a ſer preza dos Africanos.

Tambem he huma demonſtraçaõ, que o Conde D. Henrique nos annos marcados da Cruzada, em que o imaginaõ ſervindo na Paleſtina, elle eſtava em Heſpanha no ſerviço de ſeu Sogro. Depois que eſte perdeo a batalha de Cazalla, ou de Sagulias, donde ſe retirou naõ ſem gloria, e que depois della o caſou com ſua filha, ſuccedeo o deſafio do Cid Ruy *Dias* com ſeus genros os Infantes Condes de Carrion, e nelle dizem foi o Conde D. Henrique o Mantenedor do campo. Eu referirei eſta paſſagem da Hiſtoria ſuccedida nos annos da pertendida jornada do Conde. O Cid havia caſado a ſuas filhas D. Elvira, e D. Sol com aquelles dous Principes, que eraõ dous extremos de covardia; e na Cidade de Valença, depois de conquiſtada por ſeu Sogro, déraõ elles próvas públicas, e vergonhoſas da ſua fraqueza com inexplicavel ſentimento do Cid, monſtro de valor. Aconſelhados por ſeu tio D. Suero para ſe retirarem com

as esposas da sua face, e recolher-se ás suas terras, lhe pediraõ licença, que elle lhes concedeo gostoso, e os acompanhou até a fronteira de Castella.

Era vulg.

Na jornada, já passado o Douro, e desertos de Berlanga, lugar a proposito para o seu insulto inaudito, os Condes despediraõ parte da familia a deligencias affectadas, e com os atrevidos da sua facçaõ levaraõ as Princezas para o mais intrincado do bosque, despiraõ-nas, açoutaraõ-as, feriraõ-nas, e lhes fizeraõ os mais insolentes desprezos, valentes com as Damas os dous maiores covardes entre os homens. Deixando-as ao desamparo, continuáraõ a jornada, e ellas devêraõ a vida, e o remedio das feridas a hum Fidalgo chamado D. Ordonho, que acaso passára, e as fizera curar em huma Aldea. O Cid, incapaz de soffrer huma injuria taõ enorme, desafiou os Condes, a que D. Affonso mandou lhe respondessem; bateo-se com elles; venceo-os; assistiraõ o Conde D. Henrique, e seu primo D. Raymundo de

Bor-

Era vulg. Borgonha, como Juizes ao combate; e logo depois as Princezas tornáraõ a casar, huma que foi a D. Elvira, com D. Ramiro, filho do Rei D. Sancho de Navarra, outra, que era D. Sol, com D. Pedro, filho do Rei de Aragaõ do mesmo nome. Logo he impossivel, que o Conde D. Henrique estivesse ao mesmo tempo assistindo em Hespanha ao desafio do Cid, e servindo na Palestina no exercito dos Cruzados, se acaso este desafio foi verdadeiro.

Sem me fazer a menor especie a fabula da conquista de Lisboa pelo Rei D. Affonso no mesmo anno de 1093, em que o Conde casou, por naõ ter havido tal conquista, que servia de hum dos augmentos mais fortes, de que se valiaõ os que negavaõ a passagem do Conde á Palestina, sem que atégora algum Historiador se valesse das solidas razões, que eu acabo de expender, naõ sei se por ignorancia, se por falta de indagaçaõ, e calculo dos tempos: eu vou a concluir esta materia dizendo, que em todos os an-

nos

nos que corrêraõ, ou ſeja do de 1094, ou do de 1096, em que principiáraõ as Cruzadas á Terra Santa, até ao de 1112, em que falleceo o Conde D. Henrique; ſe achaõ nos noſſos Archivos em todos eſſes annos, com bem pouca interpolaçaõ de tempo, muitas doações feitas, e aſſinadas pela propria maõ do Conde, naõ por procurações mandadas da Paleſtina nos ſeis annos, em que o repreſentaõ nella reſidente.

Era vulg.

Em fim, quando eu na minha Aula da Nobreza eſcrevi a Hiſtoria das Cruzadas, vi muitos Authores que as tiveraõ por particular aſſumpto das ſuas compoſições. Sei de outros, que no meſmo tempo das infelices Cruzadas, de que á Religiaõ naõ reſultaraõ mais intereſſes, que perder a Europa milhões de homens, atear a emulaçaõ incendios de diſcordias entre os Principes, ſoffrerem os Latinos immenſas injurias, e perfidias dos Imperadores de Conſtantinopla: nem hum ſó daquelles Authores faz memoria de hum Principe taõ alto, parente conjunto dos

Era vulg. maiores, que se acháraõ nas mesmas Cruzadas, qual era o Conde D. Henrique; isto sendo elles na narraçaõ taõ exactos, que nomeiaõ individualmente naõ só todos os ditos Principes; mas a todos os Capitães, que serviraõ naquella chamada guerra de Religiaõ na Palestina. Semelhante silencio naõ he para se imaginar sem injuria, que elle fosse affectado para o Conde, genro, e Chéfe do soccorro de hum Rei taõ grande, como D. Affonso VI., intitulado Imperador das Hespanhas, e parente chegado do mesmo Godofredo de Bulhaõ, Rei de Jerusalem; Cunhado dos Condes de Flandres, de Borgonha, de Tolosa, e de outros Principes, que servíraõ nas Cruzadas: Silencio, que nos convence elegante, como D. Henrique depois de Senhor de Portugal, nem foi a alguma dellas, nem já mais sahio das Hespanhas, aonde só servio ao Rei D. Affonso VI. seu Sogro, sem lhe ir fazer serviços á Palestina.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Das acções do Conde D. Henrique depois que foi ſenhor do Reino de Portugal.

AS heroicas acções, que naõ podia deixar de obrar o grande valor de D. Henrique depois de reconhecido Conde Soberano de Portugal, mettido elle em tantas occaſiões, rodeado de Mouros, e para haver de ampliar os confins do Dominio eſtipulados no ſeu dote; humas tem toda a certeza, outras naõ paſſaõ de conjecturas pela falta de Monumentos originada, ſenaõ da ignorancia, do deſcuido. Dezanove annos foi o Conde ſenhor de Portugal, deſde o de 1093, em que caſou, até o de 1112, em que morreo, e ſempre trouxe na maõ as armas, já na conquiſta das Praças de Portugal, já ajudando a ſeu Sogro na guerra de Heſpanha, naõ lhe ſervindo o lugar, que podia ſer de deſcanço, ſenaõ de ſe enſaiar nelle para maiores, e mais glorioſas fadigas.

Era vulg. 1100

Já o Rei D. Affonſo contava igualmente muitos annos, e muitas victorias; já os pezos da velhice, e das armas lhe enfraqueciaõ os membros; já a experiencia lhe moſtrava, que aos oitenta annos dos Potentados ſe ſeguem trabalhos, afflicçaõ, e dor: quando Joſeph, Rei dos Almoravides, acabava a vida em Africa, e nos Eſtados della lhe ſuccedia, juntamente com os de Heſpanha, o arrogante Mouro Hali, que eſtabelecia a ſublimidade do caracter em ſe dar a conhecer por inimigo implacavel dos Chriſtãos. Eſte Principe, apenas ſe vio Rei, ajuntou forças monſtruoſas para com ellas paſſar a Heſpanha, e cortar nella de hum golpe todas as gargantas. Os Mouros mais bravos do noſſo continente ſe lhe incorporáraõ, e com elles Almançor, reſpeitado entre os ſeus por hum raio na guerra, na realidade terror de algumas das noſſas gentes, que lhe experimentáraõ a corage.

A eſte aperto das Heſpanhas acodio o Conde D. Henrique, mais fortemente movido da conſideraçaõ dos an-

annos, e achaques de ſeu Sogro, que o impoſſibilitavaõ para ſahir a campo, e ſer a ſua preſença, como antes, a alma dos ſoldados. Elle achou o exercito prompto, e a expediçaõ encarregada ao Infante D. Sancho, de idade de doze annos, unico Principe varaõ naſcido da Moura Zaida, ou Iſabel, que havia ſucceder a ſeu Pai, e nomeado director do meſmo Infante para as expediçóes militares ao experimentado, e aguerrido Chéfe D. Garcia, Conde de Cabra, que era ſeu Aio. Nos campos de Uclés ſe encontráraõ os dous exercitos: elles mutuamente ſe olharaõ com reſpeito; mas nenhum ſe eſcuſou á batalha. Ella foi das mais ſanguinolentas, bem diſputada, e o ſucceſſo deo à conhecer a falta, que nella fazia o braço, ou a fortuna de D. Affonſo. Tudo abatêraõ os Mouros; rompêraõ o eſquadraõ, em que hia o Infante; atropeláraõ-no; o Conde D. Henrique ſe lançou ſobre elle para o defender, recebendo muitas feridas, naõ póde impedir, que lhe tiraſſem a vida; morreo o Conde de Cabra com ou-

Era vulg.

Era vulg. outros ſete Condes, e foi geral a derrota, o eſtrago, e inconſolavel a dor em D. Affonſo, como dizem Authores Heſpanhoes, e Portuguezes.

Dous grandes eſtimulos cauſou a batalha de Uclés nos dilatados animos do vencedor, e do vencido: hum em Hali, e Almançor procurando outra occaſiaõ ſemelhante, que lhes afiançava o dominio de toda Heſpanha; o

1101 outro em D. Affonſo, que velho, cançado, e enfermo, ſe preparou intrepido, e poderoſo para lhe vingar a affronta. Qual raio deſpedido da nuvem, que aonde encontra mais forte a reſiſtencia, ahi emprega com maior impulſo o tiro; aſſim D. Affonſo, ſaindo com rapidez de Toledo, talou toda Andaluzia, pilhou os campos, rendeo Praças, e plantou os ſeus arraiaes ſobre a reſpeitavel Cordova. Aqui o buſcáraõ os Mouros, e o meſmo foi ſerem deſcobertos, que enveſtidos. Entráraõ a ſaltar no campo cabeças, e turbantes, braços ſem largarem as eſpadas, pernas que ſe deixavaõ cortar para naõ fugir; e o noſſo Conde D. Hen-

Henrique vendo a Almançor, foi a elle com a lança enriſtada para pagar com a ſua vida a morte, que dera em Uclés ao Infante D. Sancho; do primeiro bote tirou com Almançor a terra; poz-ſe em cima delle, e quando hia a cortar-lhe a cabeça, ſe lembrou, que ſeu Sogro mais eſtimaria o preſente deſte homem vivo para elle o ver morrer.

Era vulg.

O noſſo Conde entregou a Almançor preſo ao valeroſo Diogo Ordonez para o apreſentar ao Rei D. Affonſo, que logo o mandou fazer em pedaços. Foi o Conde proſeguindo a victoria na teſta de hum eſquadraõ da ſua gente, bem imitadora da corage do Chéfe; rompeo a frente das eſquadras dos Mouros até lhes ſair pela retaguarda, donde outra vez carregou ſobre elles, e já pelo ſeu lado naõ ſe viaõ ſenaõ Mouros mortos, Mouros cortados, Mouros fugindo. Com eſta victoria taõ completa ſe deſpicou Heſpanha, foi vingada a morte do Infante D. Sancho, as armas vencedoras renderaõ Cordova, marcharaõ a ſitiar Sevilha;

D.

Era vulg. D. Affonſo obrigou os Almoravides a recolher-ſe apreſſados para Africa; elle foi recolher as palmas dos triunfos em Toledo, e o Conde D. Henrique voltou para deſcançar em novas guerras a Portugal.

Ainda que elle tinha no ſeu dominio as Cidades do Porto, Coimbra, e Viſeo, na vinda para o Reino aſſentou a Corte na Villa de Guimarães, donde ſahia a dilatar as conquiſtas, e a invadir as terras dos Barbaros, que foraõ vencidos em dezaſete batalhas campaes, além de outros muitos choques. Os feitos em armas, que ſeríaõ obrados em tantas occaſiões, fique á ponderaçaõ dos inſtruidos, já que o empenho que os Portuguezes tinhaõ de obrar calados, nos roubou as memorias do paſſado, a elles a gloria do futuro. A viſta do Principe na face do Eſtado, e na teſta das tropas, he certo fez mudar o ſemblante aos negocios de Portugal, melhorar de fortuna, e avançar a reputaçaõ; que nada inflamma os eſpiritos para obrarem heroicidades como a viſta dos Soberanos

ſem

ſem accidentes de delicadeza, que lhe ſacramentem a Mageſtade.

Era vulg.

1103

Havia entaõ em Lamego hum Rei poderoſo chamado Hecha, feudatario de D. Henrique, que parece eſperava a ſua volta a Portugal para ſe naõ moſtrar covarde ſe executaſſe a rebelliaõ intentada com elle auſente. Com exercito numeroſo talou o Mouro as terras do Conde, em que fez conſideraveis prezas, que conduzia ſatisfeito, quando eſte lhe ſahia ao encontro, acompanhado de Egas Moniz, que depois foi Aio ſempre lembrado de ſeu filho o Rei D. Affonſo Henriques, para lhe pedir a reſtituiçaõ da preza, e tomar contas da divida da rebelliaõ. Em huma batalha no cume, e nas faldas da Serra Secca pagou elle tudo de contado, até com a entrega da liberdade, e da da Rainha Axa Anzures ſua mulher, que encontráraõ a fortuna na deſgraça, abraçando o Chriſtianiſmo pelas catholicas perſuasões do Conde.

Os vaſſallos ſe eſcandaliſáraõ da mudança de Religiaõ do ſeu Rei Hecha,

Era vulg. cha, e naõ quizeraõ recebello na Corte; mas elle paſſando á de Guimarães, e pedindo a protecçaõ de D. Henrique, eſte Principe em lha conceder ao meſmo tempo augmentou a gloria das armas, e fez lançar á Chriſtandade naquellas terras mais fundas as raizes. Bem caſtigados os revoltoſos, ſe convencionáraõ o Conde, e o Rei, rogando eſte ao ſeu bemfeitor, que para o deixar na ſua auſencia a coberto dos inſultos dos vaſſallos perfidos, encarregaſſe a guarda de todos os Póvos a Fidalgos Portuguezes. Condeſcendeo o Conde em tudo quanto Hecha pertendêra, e deixou por Chéfes das Comarcas a homens de tanta importancia, e de tal caracter, como eraõ Egas Moniz, D. Garcia Rodrigues, e D. Paio Rodrigues ſeu irmaõ: Eſtes Fidalgos hum freio tanto de firmar a desbocada ſoltura dos Barbaros, que o Rei manejava ſem receio as redeas do governo, e elles tiveraõ de parar a carreira da revolta.

1106 Em quanto o Conde ſe entretinha neſtas, e outras acções dignas del-

dèlle, è dos vassallos, que commandava; o Rei D. Affonso seu sogro occupava a velhice veneranda nos cultos da Religiaõ, em horisontar bem as cartas de todas as virtudes para naõ errar o porto na viagem da Eternidade, com edificar em Toledo, e outras partes de Hespanha Mosteiros, e Conventos de grande fábrica, que até hoje servem de immortaes padrões á sua memoria. Naõ menos attento á successaõ do Reino, que perdêra a varonia na immatura morte do Infante D. Sancho; elle quizera nomear logo Successor a seu neto D. Affonso, filho de D. Urraca já viúva de Raimundo de Borgonha; mas desconsolava-o a idade muito tenra deste menino, quando o Estado de Hespanha pedia hum Rei com mãos fortes para as armas, cheio de luzes para a penetraçaõ dos negocios, com cabeça prudente para o acerto das resoluções, e dos conselhos.

Era vulg.

Nestas perplexidades, e porque sua filha D. Urraca, Senhora do Reino, naõ se conduzia na viuvez com

a

ra vulg. a honeſtidade correſpondente á gravidade do eſtado, e caracter da peſſoa; D. Affonſo determinou caſalla ſegunda vez com Principe, que tiveſſe braços para lhe prender as ſolturas, e hombros para ſuſtentar na vida della o pezo da Monarquia. Entendiaõ os Grandes, que haviaõ ambas as qualidades no Conde de Candeſpina, hum dos Senhores mais poderoſos de Heſpanha; iſto com o deſignio, de que Principe Eſtrangeiro, por marido de D. Urraca, naõ os governaſſe em quanto ella viveſſe. Longe deſtes ſentimentos D. Affonſo, elle fez o caſamento com D. Affonſo I., Rei de Aragaõ chamado o Batalhador: Deviſa, que dava a conhecer, que era o Principe, de que Heſpanha neceſſitava para Regente da mulher, e do Reino.

1107 Os Mouros naõ davaõ ao noſſo Conde inſtante de ſocego. Ali Haben Joſeph, que era hum dos ſeus Reis mais poderoſos, ſitiou Coimbra com eſquadrões numeroſos. Ás vozes do aperto, em que a Praça ſe achava, acodio o Conde em peſſoa reſoluto a

ſal-

ſalvalla, ou a fazer completo o triun- Era vulg.
fo dos Mouros com a ſua ruina. Ou-
tra tinha de ſer a ſórte, naõ valendo
aos Barbaros o número, e a corage
para deixarem de juncar de cadaveres
os campos de Coimbra, de fugirem
ſem acordo, de enriquecerem os Chriſ-
tãos com cativos, e deſpojos. Aprovei-
táraõ-ſe da diverſaõ de Coimbra os
Mouros de Cintra, e de outros luga-
res viſinhos para ſacodirem o jugo,
e naõ pagar os tributos. O Conde os
reduzio ao ſeu dever; mas elles tendo
outra occaſiaõ de ſe revoltar, conſer-
váraõ a liberdade até ao tempo do Rei
D. Affonſo Henriques.

Em novos empenhos tinha de ſe 1109
metter o noſſo Conde na falta de ſeu
Sogro D. Affonſo, que naõ promettia
duraçaõ. Quando eſte Soberano ſe oc-
cupava com o maior deſvelo em repa-
rar ás fortificações de Salamanca, e
de Segovia muito arruinadas nas ulti-
mas guerras com os Mouros, o aſſal-
tou a morte em Toledo aos 79 annos
da ſua idade, e 43 de Reinado: Prin-
cipe pio, e Catholico, modeſto nas
proſ-

Era vulg. prosperidades, constante nas desgraças, justo em obrar, sabio em prover, remunerador das virtudes, inflexivel em castigar os vicios. Quando Hespanha sentia a incomparavel perda do seu Rei Heróe roubado pela morte, Portugal se enchia de prazer no nascimento do seu Principe D. Affonso Henriques, unico Varaõ, que tinha de ser seu primeiro Rei, e Progenitor de muitos Heróes Reis.

1110 Pelo dominio que o Conde D. Henrique tinha em Astorga com titulo de Condado, como fica dito, e por Galliza até ao Castello de Labeira, hum anno depois da morte de D. Affonso elle se deshouve com os Leonezes, e Gallegos, chegando a desconfiança a público rompimento de guerra. Ganhou o Conde em Leaõ algumas terras, e em Galliza a Cidade de Tuy com a sua Comarca. Se elle teve estas vantagens, e reduzio a Cidade de Leaõ a tal aperto, que o Rei D. Affonso de Aragaõ, e Navarra o Batalhador, convinha se lhe entregasse, se no espaço de quatro mezes naõ fosse soccorrida:

da: os Mouros ſe aproveitáraõ da auſencia do Conde, e tomáraõ Santarem, que fizeraõ Praça de armas reſpeitavel até ao tempo de D. Affonſo Henriques, que a reconquiſtou antes por força das orações de S. Bernardo, que pelo valor das ſuas armas. Era vulg.

Como o noſſo Conde eſtava em Aſtorga Soberano, e os Grandes de Heſpanha naõ goſtáraõ do caſamento da Rainha D. Urraca com D. Affonſo o Batalhador; a reſpeito da Tutoria do menino Affonſo, filho da meſma Rainha, e de ſeu primeiro marido D. Raimundo de Borgonha: os eſpiritos ſe deshouveraõ, e o Conde tomou partido contra as idéas do Batalhador. Varias vezes foraõ as ſuas armas vencidas pelas do Conde, que ſe encarregou do Pupillo; mas deſgoſtado das contínuas deſordens, e inconſtancias intoleraveis da Rainha, que ſe declarou formalmente contra ſeu meſmo marido; o Conde, como ſabio, mudou de conſelho, e ſeguio as partes do Batalhador, ajudando-o a derrotar as armas de outros Principes, que ſe ha-

Era vulg. haviaõ deſembainhado a favor da meſma Rainha.

1112 Eſtes empenhos do Conde em tantos negocios facilitáraõ aos Leonezes a reſtauraçaõ de quanto tinhaõ perdido, quando eſteve auſente de Aſtorga, que tambem ſe levantou contra elle. Marchou o Conde a recobralla; mas a morte lhe impedio o logro da empreza, e pôz termo a huma vida igual nas glorias, e nos trabalhos. Os vaſſallos, que o amavaõ, ficáraõ com os corações partidos, mais ſenſiveis, tanto pela falta do ſeu valor para as occaſiões, quanto pela tenra idade do Infante, que na de tres annos, inhabil para os negocios de hum Eſtado novo, apenas ſervia de meio alivio á ſaudade. O ſeu cadaver foi trazido á Cidade de Braga, e collocado na Capella dos Reis, aonde eſteve até ao anno de 1513, em que o Arcebiſpo D. Diogo de Souſa o trasladou com os oſſos da Rainha D. Thereſa ſua mulher para a ſoberba ſepultura, que lhes mandou lavrar na Capela mor da Sé.

O

O Conde D. Henrique foi hum Principe intrepido, cheio de magnanimidade, rodeado de prudencia, acautelado em diſpôr, affouto em executar, ſabio em prevenir, o meſmo homem em ambas as fortunas, grato a ſeu Sogro, que o enriqueceo, reconhecido a Deos, que o fez grande, nas expedições militares audaz, nos cultos da Religiaõ piedoſo. Elle teve quatro filhos legitimos, que foraõ, a Infanta D. Sancha, mulher do Conde D. Fernaõ Mendes; a Infanta D. Urraca, que caſou com o Conde D. Bermudo Peres de Trava; a Infanta D. Thereſa, mulher de D. Sancho Nunes Barboſa, grande Senhor em Galliza; e o Infante D. Affonſo ſeu Succeſſor, que naſceo em Guimarães a 25 de Julho de 1109, como conſta do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, que tirou todas as dúvidas taõ debatidas ſobre o anno certo do naſcimento deſte Principe.

Era vulg.

Fora do matrimonio, e em mulher de qualidade teve o Conde D. Henrique filho a D. Pedro Affonſo, que os

Era vulg. primeiros annos da ſua idade os gaſtou acompanhando a ſeu irmaõ nas guerras de Portugal , aonde foi o primeiro Meſtre de Aviz , e ſe diſtinguio com eſpecialidade no eſcalamento de Santarem. Em França , aonde foi hum dos Pares , travou amizade particular com S. Bernardo , e o reſto da vida o empregou na Religiaõ inſtituida pelo meſmo Santo, recolhido no Moſteiro de Alcobaça , aonde deſcançaõ as ſuas cinzas. Teve D. Pedro eſtatura , e forças de gigante , que empregou em muitas occaſiões de honra tanto em França , como em Portugal , até hoje com memoria reſpeitavel nas tradições , e nos eſcritos. Toda a vida praticou as doutrinas , com que o educára ſeu eſtimavel Aio D. Fuas Roupinho , e movido por huma viſaõ de S. Bernardo depois de glorioſo no Ceo, ſantamente viveo treze annos, e morreo ſeu Religioſo em Alcobaça depois de fazer tremer aos Mouros valente.

O zelo Catholico do Conde D. Henrique naõ ſe ſatisfazia ſó com arrazar Meſquitas , ſem que ao meſmo tem-

tempo levantasse Igrejas consagradas ao verdadeiro Deos, que ornava de Prelados dignos, e enriquecia com maõ liberal. Bem abonavaõ esta verdade as de Braga, de Coimbra, de Lamego, de Viseo, e do Porto, aonde resplandecia a piedade, assim como nas obras públicas a grandeza; humas, e outras padrões de immortal gloria para o seu magnifico Fundador. Viveo o Conde 77 annos; foi senhor de Portugal mais de dezanove, e poucos menos seu Governador. Alguns o reconhecem Rei; mas em potencia, que quanto aos actos elles só foraõ executados debaixo do titulo de Conde Soberano. Teve estatura grande, grande alma, grande coraçaõ, forças grandes, presença formosa, agrado sem affectaçaõ, e circunspecçaõ natural. Foi Pai da Patria, e como tal chorado pelos vassallos na occasiaõ da morte, quando elles necessitavaõ mais da sua vida.

Era vulg.

Desde o tempo de S. Pedro de Rates, Discipulo de Sant-Iago, e primeiro Arcebispo de Braga, se conserva-

Era vulg. vavaõ em Portugal veſtigios da vida Eremitica na peſſoa de Felix, que viveo embrenhado nas montanhas de Rates junto á meſma Cidade. Agora, na vida do Conde, ſe vio ella renovada nas eſpeſſuras da Serra de Oſſa, em cuja altura pozeraõ os pés Varões, ou Gigantes taõ eminentes, que davaõ com a cabeça no Ceo. Ainda hoje nos edificaõ neſta reſpeitavel ſoledade os benemeritos filhos do grande Eremita S. Paulo, que com os ſeus ſantos exercicios ſaõ colunas da Igreja Luſitana.

Finalmente o Conde D. Henrique, que ſendo Principe de taõ alta linhagem podia uſar das Armas da ſua caſa de Borgonha, elle naõ quiz apparecer em Heſpanha ſenaõ com as que mereceſſe o ſeu valor. Depois de obradas muitas façanhas; certo, em que cada homem ſó deve ter por ſeu aquillo que obra, porque o que nós naõ fazemos, e ſómente o herdamos, apenas lhe podemos chamar noſſo: elle entaõ formou o ſeu Eſcudo com huma Cruz azul de duas faxas atraveſſadas;

a

a Cruz como marca do ſeu Chriſtianiſmo, piedade, e religiaõ; a côr como deviſa em obſequio, reſpeito, e lembrança á ſua caſa de Borgonha, que ſempre uſára das bandas azuis, que era a côr do campo dás Armas de França, donde a de Borgonha deſcendia.

Era vulg.

CAPITULO V.

A Rainha D. Thereſa governa o Reino de Portugal, de que era ſenhora, depois da morte do Conde D. Henrique ſeu marido, e na menoridade de ſeu filho o Infante D. Affonſo Henriques.

AS Fabulas, que eſcrevêraõ, e as quimeras, que organiſáraõ os Hiſtoriadores Portuguezes, reſpectivas ás altas peſſoas da Rainha D. Thereſa, e de ſeu filho o Infante D. Affonſo Henriques, ambas nos raſgos das ſuas pennas taõ desfiguradas: eu as devo tratar ao largo, confutallas, convencellas, deſcobrir a ſua falſidade, e moſtrar co-

Era vulg. como aquelles Escritores os precipitou a pouca exacçaõ, ou a muita authoridade, que para com elles tiveraõ as erradas vozes populares, e poder entrar na narraçaõ da vida do Rei D. Affonso Henriques, em outro Tomo, livre dos tropeços, em que elles cahíraõ, e fizeraõ cahir a muitos: natureza do erro, que sempre se propaga, e encontra sectarios applicados para lhe introduzirem com sofismas algumas aparencias de verdade.

Deve-se pois saber, que a Rainha D. Theresa sobreviveo dezoito annos ao Conde seu marido, e governou a Portugal dezaseis, largando-o a seu filho D. Affonso Henriques dous annos antes da morte, contando elle dezanove de idade. Elle tinha tres quando faltou seu Pai, e entaõ era Governador de Coimbra D. Fernando Peres de Trava, Conde de Trastamara, irmaõ de D. Bermudo Peres de Trava, que havia casado com a Infanta D. Urraca. A este Conde imagináraõ os nossos Historiadores casado com a Rainha D. Theresa logo depois da morte de

Era vulg.

de seu marido D. Henrique, entre todos com especialidade Manoel de Faria e Sousa, de passagem no seu Epitome, e Europa Portugueza, e muito de assento nas Notas ao Conde D. Pedro, aonde o naõ sentencea menos, que por infallivel. Ora este pertendido casamento, elle he huma das passagens mais principal, e importante da vida de D. Affonso Henriques; elle a origem de tantas fabulas, e erros: elle a nuvem, que escurecia o Sol das virtudes de hum Rei justo, e de huma Rainha piedosa: elle em fim convencido de falso desterra na historia de ambos os Principes os absurdos, e escandalos, que lhe introduzio a ignorancia, e imprudente credulidade. Em se fazendo certo, como na realidade o he, que naõ houve tal casamento, por consequencia legitima ficaõ evidentes todas as outras falsidades de ser a Rainha presa em ferros por seu filho; a guerra, que elle lhe fez, e ao padrasto; os soccorros, que lhe trouxe seu sobrinho o Rei de Leaõ, a novella do Bispo negro, que o Rei D. Affonso sa-

Era vulg. ſagrou, e obrigou a dizer-lhe Miſſa ſem ordens; o conto do Cardeal, que veio de Roma enſinar-lhe a doutrina Chriſtã, e elle quiz matar; o ouro, e prata, que lhe roubou na retirada para Roma; a jornada de Egas Moniz a Toledo para ſe apreſentar ao Rei, a ſua mulher, e filhos nûs, e com cordas ao peſcoço para o ſatisfazerem, e pagar com as vidas, naõ querer D. Affonſo Henriques convir na tregoa, que elle em ſeu nome lhe promettera, com outras patranhas deſta gerarquia.

Se eſtes caſos todos, ou algumas partes delles na realidade acontecêraõ, e variáraõ pouco na eſſencia, e accidentes, ha quem penſe, que elles ſuccedêraõ em Caſtella, e que o povo os corrompêra, e imputára a Portugal pela identidade dos nomes das peſſoas, que nelles fizeraõ figura; pela ſemelhança dos empregos, que ellas tiveraõ, e pela formalidade das circunſtancias, de que ſe reveſtíraõ. Em quanto ao caſamento da Rainha com o Conde de Traſtamara, fonte de todos os outros erros, a ſua inſubſiſtencia foi

bem

Era vulg.

bem convencida pela ſeveridade do Doutor Brandaõ no terceiro Tomo da Monarquia Luſitana, pelos nervoſos argumentos de Duarte Nunes de Leaõ, e pelas razões concludentes de D. Joſé Barboſa no Catalogo das Rainhas de Portugal. Elles citando documentos incontraſtaveis, argumentando com ſolidez, e dando próvas de convicçaõ, deſtruíraõ a authoridade de Manoel de Faria, e dos precedentes Authores, que elle ſeguio. Ora eu naõ defraudarei aos meus Leitores na inſtrucçaõ, aſſim das calumnias imputadas á Rainha D. Thereſa, e a ſeu filho D. Affonſo Henriques, como na narraçaõ, e próvas da ſua falſidade para ficarem logo ſabendo, que D. Affonſo ſempre reſpeitou, e venerou a D. Thereſa como ſeu filho, e que D. Thereſa em todos os annos de viuva attendeo, e amou a D. Affonſo como ſua Mãi.

Pozeraõ pois na face do mundo as pennas dos Hiſtoriadores o pomposo ornato do caſamento da Rainha com as plauſiveis circunſtancias, de que apenas fallecêra o Conde D. Henrique, el-

Era vulg. ella ſe caſára com D. Bermudo Peres de Trava, irmaõ do Conde de Traſtamara D. Fernando Peres de Trava, que eſtando-lhe inclinado, a tirára a ſeu irmaõ, e ſe caſára com ella: Que o D. Bermudo entaõ recebêra por eſpoſa a Infanta D. Sancha ſua enteada, filha da meſma Rainha: peccado, que elle entendeo expiar com a fundaçaõ do Moſteiro de Sobrado em Galliza.

Ora depois de taõ mal repreſentada eſta loa para convidar as attençõoes; ſahe a campo fazer a ſua primeira jornada o Infante D. Affonſo Henriques na idade de tres annos, parecendo na teſta dos exercitos para fulminar raios de furor contra ſua Mãi, e padraſto, que lhe haviaõ uſurpado o Reino, taõ feliz na primeira expediçaõ militar, que rendêra ſobre a marcha as Praças de Neyva, e da Feira em terra de Santa Maria: conquiſtas, que elle elegeo para Praças de armas, donde continuamente atacava a ſeu Padraſto ſem lhe dar deſcanço. Com pouco intervallo de tempo nos figuraõ aos tres Principes, Mãi, Padraſto, e filho,

1113

lho,

lho, congregados em Guimarães, lugar, que elles elegêraõ para as conferencias, e ajustes; mas que naõ convindo, D. Affonso, que entaõ teria pouco mais de quatro annos, desafiára a todo o mundo, que lhe fosse contrario. Certamente que se os nossos Historiadores, que escrevêraõ até ao fim do Seculo passado, soubessem, como nós sabemos no presente, o anno, em que nasceo D. Affonso Henriques, e os que elle contava quando fingem o segundo casamento de sua Mãi; elles naõ enxovalhariaõ a respeitavel memoria de dous Principes com tantas imposturas.

Era vulg.

Das vistas de Guimarães se assegura ficára a Rainha taõ escandalisada, que traçou com seu marido o modo de prender o filho; que este se prevenira, e atacara as armas de sua Mãi, que o vencêraõ: que retirando-se cortado, antes de chegar a Guimarães encontrára o seu Aio Egas Moniz, que o reprehendeo por haver dado a batalha sem o soccorro das suas esforçadas cãs: que o fizera voltar para novo empenho, em que foi taõ feliz, que de-

Era vulg. depois de ganhar huma victoria, prendêra a sua Mãi, e ao Padrasto, ambos em ferros: que o Conde preso, e temeroso da morte, promettêra a D. Affonso com juramento de naõ voltar mais a Portugal se o deixasse recolher solto para os seus Estados, como lhe fora cencedido.

Á ausencia do Conde apparecêraõ logo as demonstrações da saudade da Rainha nas maldições, que deitou ao filho; transporte de mulher afflicta, preza, esbulhada do patrimonio, que seu Pai lhe déra, e sem o marido, que amava. Ella foi huma maldiçaõ tida nos effeitos naõ só por hum dos castigos visiveis, com que Deos na terra costuma punir os filhos desobedientes; mas huma profecia da Rainha inspirada pela vehemencia da dor. Foi maldiçaõ, que pedio a Deos quebrasse as pernas de seu filho, assim como elle lhe tinha as suas opprimidas com ferros: petiçaõ bem despachada na guerra, que muitos annos depois teve D. Affonso Henriques com seu genro o Rei de Leaõ, em que com effeito

que-

quebrou as pernas no ferrolho da porta de Badajóz, quando ſahia por ella galopeando para acodir á batalha, que ſe dava no campo. Era vulg.

Mas como a Rainha com pragas, maldições, e conjuros naõ ſe recobrava a liberdade, nem reſtituia o Eſtado, que o filho lhe uſurpára: aqui a repreſentaõ fazendo officios humiliantes com ſeu ſobrinho o Rei D. Affonſo de Leaõ, e Caſtella, entaõ hum menino, que dahi a muitos annos naõ tomou poſſe dos Reinos, nem foi Rei, tudo por direito, e na adminiſtraçaõ da Rainha D. Urraca ſua Mãi, e elle debaixo de tutorias: pedindo-lhe nos meſmos officios a ſoccorreſſe com as ſuas forças contra hum filho inſolente, que a havia opprimido com ferros: que ella o tinha por indigno de lhe ſucceder no Reino, que cedia em ſeu favor, e logo marchaſſe a tomar poſſe delle, a polla em liberdade, caſtigar o filho, vingar as injúrias.

Agora nos poem á viſta dous meninos pouco menos que de peito, ambos na teſta dos ſeus exercitos em peſ-

ſoa,

Era vulg. soa, atacando-se na decantada batalha de Valdevez, aonde os nossos Historiadores parece que víraõ a D. Affonso Henriques obrar tantas gentilezas em armas, que fez em póstas o numeroso exercito do Rei de Leaõ, e Castella; sahir elle ferido de duas lançadas em huma perna, e deixar prisioneiros no campo sete Condes: titulo entaõ raro, que se póde duvidar chegassem todos os de Castella naquelle tempo a encher o número de sete. O Rei vencido, elle, ainda que muito moço, he retratado hum Heróe taõ sentido da sua quebra, que ajuntando forças dobradas, o fazem apparecer sobre Guimarães vomitando chammas, e reduzindo D. Affonso Henriques ao triste estado da ultima calamidade.

Este aperto pensado do Principe foi o que estimulou a fidelidade do seu Aio Egas Moniz a sair da Praça sem lhe dar parte; vir ao campo do Rei de Leaõ; perguntar-lhe os motivos da guerra contra seu primo com irmaõ, e instruillo, em que elle tinha a Praça taõ bastecida, nella homens de tal va-

valor, que o Principe, que intentasse vencello, em vez de gloria, só encontraria affronta. A esta demanda de Egas Moniz se dizia respondêra o Rei: Que elle fazia a guerra a seu primo, porque naõ reconhecia a vassallagem, de que lhe era devedor, nem hia assistir ás suas Cortes, como estava obrigado. Egas Moniz depois de hum discurso igualmente politico, e magnanimo, que em si mesmo tocou ao Rei de Castella, elle lhe prometteo em nome do seu Principe o que pertendia delle, como que era justo, e que logo levantasse o cerco, como fez. Era vulg.

Vista por D. Affonso Henriques a repentina novidade do levantamento do sitio, diziaõ, que perguntára a Egas Moniz a causa della: que este lhe declarára entaõ, quanto havia convencionado em seu nome com o Rei de Castella pelo naõ ver entregue nas mãos da infelicidade; que D. Affonso se enchêra de horror, se lhe exaltára a cólera, todo abandonado á ira ao ouvir huma promessa feita debaixo da sua palavra, taõ indigna da sua Pessoa,

Era vulg. ſoa, quanto injurioſa ao ſeu Eſtado: que Egas Moniz o ſocegára com a promeſſa, de que aſſim como elle dera aquelle paſſo para o arrancar do poder da anguſtia, e do perigo, que logo daria outro, que o livraſſe da affronta, e da deshonra.

Completo o tempo, em que D. Affonſo Henriques havia ir ás Cortes de Leaõ, conforme a palavra dada por Egas Moniz, ſe fingio, e organiſou a quimera, de que elle partíra para Toledo com ſua mulher, e filhos: que no dia deſtinado para a audiencia, elle, e os filhos em camiſa, e a mulher com ornato vil, todos deſcalços, e com córdas ao peſcoço, entráraõ á preſença do Rei, que era neceſſario eſquecer-ſe do caracter para conſentir na ſua face eſte entremez repreſentado por taes peſſoas: que Egas Moniz, terno, chorando, naõ ſendo elle o que fallava, ſenaõ a natureza, e os ſentimentos, com lingua de vaſſallo fiel, e vozes de Heróe intrepido, lhe diſſera: como elle pelo muito amor ao ſeu Principe D. Affonſo,

so, de quem tinha a honra de ser Era vulg.
Aio, pelo livrar do grande perigo, em
que o víra sitiado em Guimarães, lhe
fizera aquella aparente homenagem,
sem que seu Amo o soubesse, e como
conhecia enorme o crime de enganar
hum Rei, vinha pôr-se nas suas mãos
com a sua familia, para que em todos
o castigasse com a severidade, que elle
merecia, ou que a todos o perdoasse
para deixar aos mais soberanos futuros
hum raro exemplo de clemencia, que
elles ficassem conhecendo, e estimando
pelo esmalte mais especioso das Coroas,
como huma emanaçaõ do ser Divino,
que tem por propriedade o compadecer-se,
e perdoar sempre.

A esta oraçaõ pathetica, e insinuante de Egas Moniz, á vista das
imagens da fidelidade, e humiliaçaõ,
se descreve ao Rei de Castella já aballado
da cólera, já movido da compaixaõ,
já pegando nos instrumentos da
vingança para castigar, já levantando
as mãos para absolver; duvidoso neste
passo, qual elle desejaria ser, se o Rei
de Castella, e Leaõ, se Egas Moniz,

 Aio

Era vulg. Aio de D. Affonſo Henriques. Em fim; que prevalecêra a piedade ao furor; que o Rei naõ perdoára a Egas Moniz; mas o deſpedíra favorecido com mercês para contar em Portugal, como encontrára em Caſtella hum Soberano; que até nos vaſſallos alheios ſabia attender, e remunerar a fidelidade.

Naõ ſe ſatisfizeraõ os propugnadores do ſegundo caſamento da Rainha preza com a figurarem pedindo a protecçaõ do Rei de Caſtella, ſem tambem a repreſentarem chorando as ſuas laſtimas aos pés do Papa; rogando-lhe, que fulminaſſe ſobre ſeu filho o horror eſpantoſo dos anathemas, ſe elle logo a naõ ſoltaſſe: Que fora encarregado da commiſſaõ o Biſpo de Coimbra, que entaõ ſe acha em Roma; e que vindo a Portugal, nada conſeguindo do Principe o excommungára, e immediatamente partíra a dar de tudo parte ao Papa. Ora D. Affonſo em annos verdes diſſeraõ tomára tal fogo, que entrando pela Sé de Coimbra mandára precipitado aos Conegos elegeſſem outro Biſpo, e que

naõ

naõ querendo elles fazello, o Rei vendo hum Clerigo negro, ainda naõ Presbytero, de seu moto proprio o nomeára, e sagrára Bispo, ordenára-lhe dissesse logo Missa; que senaõ o fizesse lhe cortaria a cabeça; e que o Clerigo aterrado de medo se pozera no Altar, e celebrára.

Era vulg.

Quando pelo Bispo de Coimbra se soubêraõ em Roma estes raros acontecimentos, nunca vistos, nem pensados, no mesmo instante foi o Principe respeitado por hum herege, e nomeado hum Cardeal para vir em pessoa emendar-lhe os erros, e instruillo nos Mysterios da Fé, que talvez entaõ os andasse aprendendo, como menino, que era. Entrou o sonhado Cardeal á presença de D. Affonso naõ muito affouto, póde ser que instruido, de que he difficultoso a hum Principe mettido em cólera fazer reflexões, conhecer embaraços, e guardar respeitos. O cumprimento com que D. Affonso recebeo o Cardeal he mui célebre, e bem talhado para o caracter de hum Principe Portuguez. Affirmaõ, que el-

Era vulg. le lhe perguntára : Cardeal, a que vindes aqui? Trazeis-me de Roma riqueza para estas guerras? Se as trazeis, dai-mas já, e senaõ as trazeis, segui o vosso caminho. Á pergunta feróz dizem que respondêra tremulo o Cardeal : Senhor, eu venho da parte do Santo Padre ensinar-vos a Doutrina Christã, por lhe constar, que naõ a sabeis : Que a esta audacia, D. Affonso, naõ se sabe se sério, se jocojo, repetíra os Mysterios da Fé, e concluíra : Ora ide, dizei ao Papa, que nós temos Livros, que nos ensinaõ naõ a doutrina, e naõ necessitamos cá de Cardeaes para nos instruirem no que sabemos.

Com todo o segredo se assegura, que o Cardeal excommungára ao Principe na presença do Clero, que chamou á pousada, e partíra antes da manhã, deixando o Reino interdicto, já mais cuidadoso em salvar a pessoa, que em dar á execuçaõ a Embaixada. D. Affonso avisado de tudo, foi nos seus alcances até ao lugar da Vimeira, aonde se lhe mostrou terrivel no aspecto,

ęto, e nas acções, com huma maõ pegada na garganta, outra na eſpada para lha levar no primeiro golpe. Os Fidalgos o ſuſpendêraõ com a promeſſa, de que o Cardeal lhe levantava a excommunhaõ, e o interdięto ao Reino, como logo praticou deixando em pena de confiança no poder de D. Affonſo todo o ouro, e prata, que levava, e em refens, de que o Papa approvaria quanto elle obrava, hum ſobrinho do meſmo Cardeal. Todo eſte ſucceſſo era contado pelos pais aos filhos com geſto de admiraçaõ nos tempos da facil credulidade; e as reſultas delle, com que eu já vou a concluir a impertinente narraçaõ deſta taõ mal tecida Novella.

Era vulg.

Dizia entaõ a vaidade dos que repreſentavaõ a Naçaõ Portugueza rodeada de arrogancia, que eſtranhando o Papa ao Cardeal naõ haver executado a ſua commiſſaõ como devêra, fazer promeſſas poſitivas em materias, que naõ dependiaõ delle Cardeal, ſenaõ da Santa Sé Apoſtolica, elle lhe reſpondêra: Ah, Senhor, naõ ſó pro-

mee-

Era vulg. metter Breves, abſolver Excommunhões, levantar Interditos, dar refens, e deixar levar ouro, e prata; mas a meſma Cadeira de S. Pedro, ſe foſſe minha, eu a abandonára á deſcriçaõ do eſpirito furioſo, que me atacava: Ora ſe vós viſſes lançar-ſe ſobre vós hum Cavalleiro valente, forte de membros, hum gigante no corpo, eſpantoſo á viſta, na imaginaçaõ offendido, que eſtas ſaõ as circunſtancias do Principe de Portugal, que me ſahio ao caminho: Elle já com huma das mãos apertando-vos a garganta, na outra hum cutello para vos cortar a cabeça, e o ſeu cavallo taõ ſoberbo batendo, e cavando a terra, tambem com huma das mãos, como ſe vos eſtivera abrindo a ſepultura: Eu fico bem certo, que vós tudo lhe concederieis, tudo lhe darieis, até a meſma Dignidade Pontificia, ſe elle a quizeſſe.

Na verdade que a ter havido na Igreja de Deos Pontifices de tanta conſtancia, como o Cardeal entendia, que a tinha eſſe imaginado Papa, e ſe deſſem muitos Cardeas de tanta firmeza

de

de espirito como a sua ; que poucos dos seus nomes se encontrariaõ no Catalago dos Martyres , aonde lemos tantos. Sem consideraçaõ os nossos Escritores, ou a nossa plebe, donde elles bebêraõ as falsas tradições , pela bocca do pertendido Cardeal fizeraõ elles, e proferíraõ contra a alta pessoa de D. Affonso Henriques as mais enormes injurias. Eu deixo todas á ponderaçaõ dos criticos judiciosos , naõ se esquecendo da avareza sobre a prata, e o ouro : avareza, que he pintada arrastando hum Principe a arrancar das mãos de seu dono aquelle ouro , e aquella prata , ou como roubo feito em estrada pública , ou como despojo da guerra declarada a hum Clerigo sem armas na campanha. Estas plausiveis historias todas saõ resultas do imaginado casamento da Rainha D. Theresa com o Conde de Trastamara D. Fernando Peres de Trava , e he certo, como dizem Leaõ, Barbosa, e Brandaõ já citados , que convencido de falso o dito casamento, necessariamente saõ menos verdadeiras as suas confe-

Era vulg.

Era vulg. ſequencias. Eu porém naõ ſó para divertir os meus Leitores; mas para lhes deixar logo o paſſo franco livre de tropeços na entrada da narraçaõ da vida, e acções do Rei D. Affonſo Henriques, farei evidente a impoſtura naquella cauſa, e ſeus effeitos, iſto he, no caſamento da Rainha, e ſuas reſultas.

CAPITULO VI.

Moſtra-ſe ſer falſo o caſamento da Rainha D. Thereſa com o Conde de Traſtamara; as reſultas que delle ſe fingiraõ, e ſe concluem os ſucceſſos da ſua vida até largar o Reino a ſeu filho D. Affonſo Henriques.

OS grandes acontecimentos referidos na Hiſtoria, ou na Tradiçaõ, que ſejaõ relativos á honra dos Principes, reputaçaõ dos Eſtados, e credito das grandes Peſſoas; elles naõ devem ſugeitar-ſe a huma facil credulidade, ſer involvidos na ordem das couſas vulgares, nem affirmar conſtante a ſua certeza ſem as próvas mais cathegori-

cas,

Era vulg.

cas, e decisivas. Saõ objectos de caracter muito alto a honra dos Principes, a reputaçaõ dos Estados Soberanos, e o credito das Pessoas de merecimento nas Monarquias para servirem de assumpto as conversações da plebe, aos anexins populares, e ás idéas mal concebidas dos ignorantes. Contraindo nós esta verdade aos primeiros successos de Portugal, quando elle principiava a ser estabelecido Reino no meio das estrondosas façanhas do seu Fundador, logo ao segundo passo do mesmo estabelecimento nos encontramos nas erradas vozes populares, e escritos sem discernimento com Principes offendidos na honra, com Estados abatidos na reputaçaõ, com grandes pessoas injuriadas no credito.

Muito sensivelmente foi offendida a honra dos altos Principes D. Affonso Henriques, de sua Mãi D. Theresa, e do Papa, que governava a Igreja, quando o vulgo insensato organisou o monstro do segundo casamento da Rainha com tantas cabeças. Amolgou-se entaõ com golpes bem pucha-

dos

Era vulg. dos a reputaçaõ dos Eſtados de Portugal, e de Heſpanha com as impoſturas, e injuſtiças, de que os ſoppozeraõ executores. Desfez-ſe em pedaços o credito de Peſſoas taes, como a de hum Cardeal, a do Conde de Traſtamara D. Fernando Peres, a de ſeu irmaõ D. Bermudo Peres, e a de Egas Moniz, huns maculados com as manchas na politica, outros tiſnados com as nodoas mais feias na Religiaõ. Todas eſtas infelicidades naſcèraõ de ſe acreditarem hiſtorias ſem as examinar a critica, e em ſe julgarem verdadeiras tradiçoẽs ſem lhes averiguarem as origens. Tradiçoẽs, e hiſtorias na materia, que trato, pertendo eu convencer de falſas para reſtituir ás Peſſoas o credito, aos Eſtados a reputaçaõ, aos Principes a honra.

Naõ ha duvida, como pondéraõ os noſſos Modernos, que do ſegundo caſamento penſado da Rainha D. Thereſa depende todo o tropel de patranhas, que foraõ conſequencias ſuas. Se ella naõ caſou, D. Affonſo Henriques naõ teve de que ſe deſgoſtar; naõ

naõ lhe fez a guerra; naõ a prendeo, naõ desterrou o Padrasto, que naõ teve; naõ veio contra elle o Rei de Leaõ, nem perdeo a batalha de Valdevez; naõ foi Egas Moniz a Toledo nú com huma corda ao pescoço satisfazer ao mesmo Rei de Leaõ pelo haver enganado; naõ mandou o Papa escommungar a D. Affonso pelo Bispo de Coimbra; naõ elegeo este, nem sagrou, e mandou dizer-lhe Missa pelo Bispo negro D. Soleima; naõ veio o Cardeal de Roma a Portugal ensinar-lhe a doutrina; naõ excommungou a D. Affonso, nem pôz o Reino interdicto; naõ foi insultado, nem roubado no caminho pelo mesmo D. Affonso; em fim, naõ ha verdade em nada sendo o casamento da Rainha falso, como o he na realidade.

Era vulg.

Isto naõ obstante, eu entro naõ só a confutar o chamado casamento; mas cada huma das suas consequencias com próvas, e razões, que posso dizer naõ foraõ tratadas até agora por algum dos nossos Escritores. Para servir de fundamento a quanto vou a dizer,

Era vulg. zer, repito, que D. Affonſo Henriques naõ naſceo no anno de 1094, como penſou Manoel de Faria e Souſa, nem nos annos imaginados por outros Hiſtoriadores; mas no de 1109, como fica dito: que ſeu Pai o Conde D. Henrique morreo em 1112: que D. Affonſo VII. de Leaõ, e Caſtella, filho da Rainha D. Urraca, irmã da Rainha D. Thereſa, naſceo em 1106, era tres annos mais velho, que ſeu Primo D. Affonſo Henriques, e que entrou a reinar pela renuncia, que ſua Mãi lhe fez dos Reinos, de que era herdeira, em 1123, ſendo elle de idade de dezaſete annos, e D. Affonſo Henriques de quatorſe: idade em que Manoel de Faria o repreſenta ſervindo valeroſo com ſeu Pai D. Henrique, quando elle naõ tinha mais que hum anno de naſcido, ligado nas faxas ainda em mantilhas, naõ na campanha coberto com o morriaõ, veſtido de ferro.

Tambem devo prevenir aos Leitores, como os ſucceſſos contados, todos, ou a maior parte delles ſuccedê-

Era vulg.

dêraõ em Caſtella com pouca differença nas circunſtancias, e que pela ſua uniformidade, e empregos das peſſoas, o Povo ignorante os foi apropriando a Portugal, e entaõ appareceo a hydra de tantas cabeças ſem encontrar algum Hercules, que as cortaſſe. Eu devo referir eſtes ſucceſſos na verdade acontecidos em Caſtella para depois confutar a applicaçaõ, que delles ſe fez a Portugal.

Quando a Rainha D. Urraca eſtava viuva do Principe D. Raimundo de Borgonha goſtou tanto do Campo de Eſpina, de que era Senhor D. Gomez, por iſſo chamado Conde de Candeſpina, que delle colheo hum fruto, tronco da Familia dos Furtados, que tomáraõ eſte apellido, porque o fructo ſe colheo furtado. D. Affonſo VI., Pai de D. Urraca, pertendeo caſalla ſegunda vez com Principe, que lhe refreaſſe as deſordens, e queriaõ os Grandes cahiſſe a ſorte no meſmo Conde de Candeſpina por ter já ſido marido antes do matrimonio. Naõ conveio niſſo D. Affonſo VI., e a caſou com

D.

Era vulg. D. Affonſo o Batalhador, Rei de Aragaõ. Ora aqui temos o ſegundo caſamento verdadeiro da Rainha de Caſtella imputado falſamente a D. Thereſa, que podemos chamar Rainha viuva de Portugal, e desfigurada a pureza de toda a vida com as leviandades de ſua irmã quaſi toda a vida impura.

Ainda vivia o Rei D. Affonſo VI., e já ſua filha D. Urraca em Aragaõ tinha pezadas diſcordias com ſeu marido originadas das meſmas incorregiveis leviandades. Depois da morte daquelle Rei tomáraõ ellas tanto corpo, que o de Aragaõ, foſſe para evitar a affronta, foſſe para emendar a Rainha, ou foſſe para ter acçaõ mais livre nos Eſtados de Caſtella, de que era ſenhora, elle a prendeo na Torre de Caſtellar. Por conſelho, e com ajuda do Conde de Peranzules, pode ella eſcarpar-ſe, vir a Caſtella, e receber a homenagem dos Póvos por inducçaõ do meſmo Peranzules, que a havia jurado ao Rei de Aragaõ quando o encarregára do governo de Caſtella, que entaõ tinha em ſeu nome. Mal remunera-

Era vulg.

radas pela Rainha as finezas de Peranzules, elle para applacar ao Rei de Aragaõ offendido da sua perfidia, vestido pobremente, e com huma corda na maõ, instrumento que levava preparado para o castigo, entrou á sua presença, e para elle lhe offereceo a corda, se a sua clemencia naõ quizesse perdoar-lhe. Eis-aqui o original por onde retratáraõ a Egas Moniz nú, com cordas ao pescoço, pedindo perdaõ a D. Affonso VII. de Castella pelo haver enganado em Guimarães.

No anno de 1111, quando D. Affonso de Aragaõ veio a Castella, e nada fez de vantajoso ao Estado, nem que refreasse as demasias da Rainha, novamente entretida com o Conde D. Pedro de Lara, substituto no gosto do Conde de Candespina; os Grandes em Galliza tinhaõ comsigo ao menino D. Affonso VII., futuro Rei de Castella, que se criava em casa de seu Aio o Conde D. Pedro Fernandes de Trava. Lastimados os Gallegos das desordens dos Reis de Aragaõ, das perturbações dos Povos de Castella, animados com

a

Era vulg. a presença do futuro Successor, elles se resolvêraõ a sacodir o jugo dos Aragonezes, e para isso fizeraõ liga com o Conde D. Henrique de Portugal, que só viveo hum anno depois, e com alguns dos Castelhanos: resoluçaõ tomada a tempo, em que o Rei de Aragaõ soltava a Rainha D. Urraca do Castello de Soria, aonde segunda vez a prendêraõ, e ella voltava a Castella para receber nova homenagem dos seus Póvos, de que outra vez se irritou o Rei seu marido.

Os dous Condes de Candespina, e de Lara, este porque era, aquelle porque tinha sido objecto das attenções da Rainha, elles se offerecéraõ com as suas forças para obrigarem o Rei de Aragaõ a comportar-se com ella por differente estylo. No mesmo campo da Espina se encontráraõ os exercitos do Rei de Aragaõ mandado por elle, e o dos Castelhanos coberto pelos Condes de Portugal, de Lara, e de Candespina. A vanguarda destes, que governava o de Lara, naõ pode soffrer o pezo dos Aragonezes, e o Lara fugindo entrou

trou á presença da Rainha, que estava em Burgos: o Candespina brigou valente até largar a vida no campo: o de Portugal naõ podendo soffrer as inconstancias da Rainha sua cunhada, e envergonhado dos seus excessos, seguio o partido do Rei de Aragaõ, e ficáraõ os negocios de Castella reduzidos a estado miseravel. Era vulg.

No anno seguinte de 1112, depois de varias revoltas, e da morte do Conde D. Henrique em Astorga, todas as scenas se mudáraõ, melancolicas as vistas para a Rainha D. Urraca, e para seu marido o Rei de Aragaõ. Nove annos duráraõ as inquietações, até o de 1123, em que os Reinos de Leaõ, e Castella já cançados de soffrer aquelles dous Principes, se resolvêraõ acclamar Rei a seu legitimo senhor D. Affonso VII.: resoluçaõ taõ sentida da Rainha D. Urraca sua Mãi, que para conservar o decóro da Magestade a prejuizo do filho, se retirou para o Castello de Leaõ com o designio de traçar novas máquinas. Entaõ D. Affonso VII. com consideraveis forças, bons 1112 1123

Era vulg. Generaes, e bons Conſelheiros, columnas ſobre que ſe firmava a ſua idade verde; elle forçou o Padraſto, que foi obrigado a recolher-ſe ao ſeu Reino, ſitiou a ſua Mãi no meſmo Caſtello de Leaõ, e nelle a prendeo, obrigando-a a renunciar-lhe o direito, que tinha ao Reino: Aqui temos o Rei filho, que ſitiou, e prendeo a Mãi: que venceo, e deſterrou o Padraſto; que esbulhou do Reino a meſma Mãi, e eſte acontecimento Caſtelhano, he o que maſcaráraõ Portuguez.

1124 Ultimamente, como o Rei de Aragaõ foi informado da prizaõ da Rainha D. Urraca ſua mulher, de D. Affonſo haver ſido acclamado Rei, arrancando-lhe do poder o Reino, de que ella era ſenhora em quanto viveſſe: naõ obſtante eſtar já dirimido o matrimonio pela nullidade delle; como o meſmo Rei de Aragaõ, ſem algum direito, tinha em ſeu poder as principaes Cidades, e Fortalezas de Caſtella; elle renovou com mais vigor a guerra contra D. Affonſo, ou foſſe com o pretexto de livrar a ſua Mãi da pri-

prisaõ, em que elle a tinha, ou para se conservar no dominio das terras, que lhe usurpava. Ora aqui temos ao Rei de Aragaõ, soccorrendo a Rainha preza D. Urraca, equivocado com seu Enteado o Rei de Castella dando soccorro á Rainha preza D. Theresa. O Papa Calixto II., que entaõ governava a Igreja, e era Tio de D. Affonso VII. de Castella, irmaõ de seu Pai o Principe D. Raimundo de Borgonha, lastimado dos estragos, que havia tantos annos assolavaõ Hespanha, e da inquietaçaõ, e usurpações, que o Rei de Aragaõ fazia a seu Sobrinhō, lhe mandou hum Legado para os pacificar, e reduzir aos seus deveres, a hum pelo que respeitava á paz, ao outro pelo que fazia relaçaõ a sua Mãi. Eisaqui este Legado tido, e havido pelo Cardeal, que veio de Roma mandado pelo Papa, que provavelmente já seria Calixto, ensinar a doutrina a D. Affonso Henriques.

Era vulg.

Todas estas historias na realidade succedidas em Castella, a plebe, ou por erro, ou pela corrupçaõ das Tra-

Era vulg. dições as apropriou a Portugal. A maior infelicidade foi haverem Escritores, naõ sem illuminaçaõ, que ignorantes da critica, ou esquecidos de fazer os necessarios exames, elles bebêraõ nas fontes viciadas os mesmos tragos da corrupçaõ, e do erro: isto pela semelhança dos successos, pela identidade das pessoas, que nelles fizeraõ figura; dando a tudo causa o segundo imaginado casamento da Rainha D. Theresa com o Conde de Trastamara, que eu já vou a convencer de falso.

Morto o Conde D. Henrique no anno de 1112, como fica dito, logo, sem perda de tempo, no mesmo instante fazem casada a Rainha com o de Trastamara, pouco, ou nada sensivel á dor na perda de tal marido, sem amor a quatro filhos meninos, que lhe ficáraõ, o Successor apenas de tres annos, para nos persuadirem assim com mais esforço, que na Rainha prevaleciaõ os estimulos do appetite aos officios mais ternos da natureza. Impossivel pareçe, que nella dominasse tanto semelhante vicio, quando temos mui-

Era vulg.

muitas memorias, que próvaõ ſem diſputa a ſua honeſtidade, religiaõ, e piedade, baſtando entre todas a do modo com que ſe conduzio, quando mandou dizer a S. Theotonio eſperaſſe por ella para dizer Miſſa, e o Santo, dando razões de Santo, o naõ fez. Huma Princeza pois de tantas virtudes, viuva de dias, ou de ſemanas, com hum filho menino de tres annos para crear, com tres Infantas de idade verde para inſtruir, naõ he crivel, que taõ accelerada, e indecentemente cuidaſſe em caſar.

Com bem evidencia o provaõ o ſeu teſtamento, e doaçaõ, que ella, já no tempo em que a dizem caſada, porque no anno de 1120, oito annos depois da morte do Conde D. Henrique, e aos onze da idade de ſeu filho D. Affonſo, ella fez de todo o direito, que tinha na Cidade do Porto, ao Biſpo D. Hugo: Doaçaõ, que ſe conclue neſtes preciſos termos: E foi confirmada, e aſſinada no ſanto dia de Paſcoa, aos dezoito dias do mez de Abril, aos quinze dias da Lua, no anno da Encar-

na-

Era vulg. naçaõ de Noſſo Senhor 1120, na Indicaçaõ ſegunda na corrente de quatro Biſpados, nella no ſexto anno do Pontificado de D. Hugo, Biſpo da dita Igreja: Eu a Rainha D. Thereſa, filha do glorioſo Imperador Affonſo, aſſino, e confirmo eſta Carta com minhas proprias mãos, juntamente com conſentimento de meu filho Affonſo, e de minhas filhas Urraca, e Sancha: Teſtemunhas, que preſentes foraõ, e ouviraõ, Gomes Nunes, Mendo Viegas, Peró Paes, Pelayo Payo, Egas Gondeſendes, Mendo, Bufino Vidamino: E eu Affonſo, filho da Rainha Thereſa, aſſino, e approvo: E eu Sancha, filha da Rainha Thereſa, o aſſino, e approvo: E eu Urraca, filha da Rainha Thereſa, o aſſino, e approvo: D. Hugo, Biſpo da dita Igreja da Sé do Porto, o aſſino.

Ora á viſta deſte Documento taõ terminante naõ fica bem claro, que a Rainha oito annos depois do Conde D. Henrique, morto, e aos onze da idade de ſeu filho, governava o Eſtado, de que era Senhora, ſem embara-

ço,

Era vulg.

ço, com tranquilidade, e paz domeſtica? Naõ ſe eduz delle a uniaõ, em que vivia com os ſeus filhos, que aſſinavaõ, e confirmavaõ o que ella obrava, e que cada hum delles ſe honrava de ſe declarar filho da Rainha D. Thereſa; que certamente o naõ fariaõ, nem confirmariaõ, nem aſſinariaõ as ſuas doações, ſe ella com tanto deſprazer ſeu eſtiveſſe caſada com o Conde de Traſtamara? Se eſte era entaõ marido da Rainha, como he poſſivel, que deixaſſe de aſſinar com ella a doaçaõ? Se as Infantas D. Sancha, e D. Urraca, ainda meninas, eſtavaõ no poder, e tutoria de ſua Mãi, como D. Urraca tinha já ſido caſada com D. Bermudo Peres de Trava; como lha tirou, e ſe caſou com ella ſeu irmaõ o Conde de Traſtamara; como eſte a repudiou depois, e ſe caſou com ſua Mãi a Rainha D. Thereſa? Em quanto á Infanta D. Sancha, como ella, taõ menina, era já viuva do Conde D. Fernaõ Mendes, e como ſe tinha caſado com ella D. Bermudo Peres de Trava em deſpique de ſeu irmaõ o

Con-

Era vulg. Conde de Traſtamara lhe ter tirado a primeira mulher D. Urraca, irmã da meſma D. Sancha? Ora ſemelhantes inceſtos, torpezas, e deshoneſtidades nem saõ para penſados em huma Familia, ſobre Catholica, Real. Ora tudo foi falſo, porque falſo foi o caſamento do Conde de Traſtamara com a Rainha viuva D. Thereſa.

Ainda eſtas monſtruoſidades eraõ de maior vulto na imaginaçaõ daquelles, que entendéraõ, que logo depois da morte do Conde D. Henrique, a Rainha com quem ſe caſára, fora com D. Bermudo Peres de Trava; que como ſeu irmaõ o Conde de Traſtamara D. Fernando Peres de Trava tinha muita inclinaçaõ á meſma Rainha, a tirára do ſeu poder, e ſe caſára com ella. Na verdade, que quem fez de tres Princezas de Portugal caſtas, graves, e honeſtas, hum jogo vil de immodeſtias, de torpezas, de infamias, merece o juſto furor da Naçaõ, e que os ſeus nomes ſejaõ arrancados da terra dos noſſos vivos, iſto he dos noſſos

Por-

Portuguezes, para que nella naõ lembrem mais ſemelhantes nomes. Era vulg.

Naõ era poſſivel, nem correſpondente ao Decóro de hum Principe taõ juſto, e magnanimo como D. Affonſo Henriques, que ſe ſua Mãi taõ indecentemente, tanto a ſeu deſprazer houveſſe caſado com o Conde de Traſtamara, elle em toda a ſua vida, naõ fizeſſe Eſcritura, Doaçaõ, ou Mercê, ſem que nellas, como por huma eſpecie de vaidade, ſe aſſinaſſe, ſenaõ Affonſo, filho da Rainha D. Thereſa, nem elle poria em duas filhas ſuas eſte nome ſe lhe foſſe taõ eſcandaloſo como ſe penſa. Além diſſo, eu tenho viſto muitas Chronicas de Caſtella, e a reſpeito do pertendido caſamento, ſó encontrei algumas ſempre com a reſalva, de que ſe dizia, e as mais o calavaõ. Se o tal caſamento foſſe certo, naõ ſería hum dos mudos o Arcebiſpo D. Rodrigo, oppoſitor declarado dos Portuguezes, que o metteo no eſcuro, quando com bem claridade poem á luz do Sol as deſenvolturas da ſua Rainha D. Urraca, irmã da noſſa D.

The-

Era vulg. Theresa, que naõ lhe escaparia á critica se se tivesse conduzido como ella em pontos de honestidade. Dos nossos Portuguezes já ha mais de dous Seculos só se lastimáraõ das imposturas Duarte Nunes de Leáõ, e ainda mais o nosso insigne Joaõ de Barros, que nas suas Decadas se transporta contra as linguas mordazes, que se atrevêraõ a cospir infamias na face da Magestade de huma Rainha. Convencido assim de falso o seu casamento com o Conde de Trastamara, passemos a fazer o mesmo ás suas resultas em outro Capitulo.

CAPITULO VII.

Mostra-se a falsidade das resultas do casamento da Rainha D. Theresa com o Conde de Trastamara.

TAÕ vehemente, e insoffrivel nos representaõ o sentimento de D. Affonso Henriques pelo casamento de sua Mãi com o Conde de Trastamara, que sem de-

demora o poem em campo armado contra ella, desbaratalla, prendella, desterar o Padrasto de Portugal, e fazer-se Senhor do Reino. Todas estas invenções naõ podiaõ ser praticadas por D. Affonso Henriques, ainda no caso do casamento ser verdadeiro. Os Escritores, que o crêraõ certo, e Manoel de Faria, que o teve por infallivel, o persuadem consummado logo, e com pouco intervallo de tempo depois da morte do Conde D. Henrique. Já vimos, que o Conde morreo no anno de 1112; que D. Affonso Henriques nasceo em 1109; que por morte de seu Pai tinha tres annos de idade, e isto podemos nós dizer melhor que Manoel de Faria, que he infallivel. Pois hum menino de tres annos deo huma batalha ao exercito de sua Mãi, prendeo-a em ferros, usurpou-lhe o Reino, e desterrou o Padrasto?

Era vulg.

Aquelles Escritores suppoem todas estas acções obradas pela propria Pessoa de D. Affonso, que a haver nascido em 1094, como entendeo o Faria, tinha entaõ dezoito annos, idade já

ca-

Era vulg. capaz de o conſtituir guerreiro. Mas nós, que ſabemos naõ exedia a de tres, ainda que queiramos imaginar, que aquellas acções podiaõ ſer praticadas pelos vaſſallos do menino Affonſo, he neceſſario, que os reputemos groſſeiros, e muito máos politicos: groſſeiros por tratarem a ſua Rainha com tanta indecencia, que carregando-a de ferros mettida em huma priſaõ, e privando-a do Reino: máos politicos naõ prevenindo os futuros, expondo-ſe ás contingencias, de que depois ſe ſentiſſe D. Affonſo dos ultrajes feitos a ſua Mãi, que podia caſtigar nelles com a ſeveridade de Principe taõ juſto como elle veio a ſer. Naõ ſendo iſto de preſumir em vaſſallos obedientes, e illuminados, naõ o podendo executar D. Affonſo pelos ſeus annos tenros, evidente fica, que a batalha dada á Rainha, a ſua priſaõ em ferros, o deſterro do Conde de Traſtamara, tudo foi taõ falſo como o ſeu caſamento.

Do meſmo caracter ſe reveſte a ſonhada vinda de D. Affonſo VII. de Caſ-

Caſtella a Portugal em ſoccorro da Rai- Era vulg.
nha preza ſua tia; a perda da batalha
de Valdevez; ſahir ferido della, e
deixar mortos no campo ſete Condes,
tudo acontecido, como ſe dizia no
meſmo anno de 1112, em que falle-
ceo D. Henrique. D. Affonſo VII. naſ-
ceo em 1106, e tinha entaõ ſeis an-
nos, tenra conſtituiçaõ para ſe bater
na campanha, e apanhar duas lança-
das. Demais, elle naõ entrou a reinar
ſenaõ em 1123; onze annos depois da
pertendida jornada a Portugal, e ſe
elle entaõ naõ era Rei, como dava
ſoccorros, e marchava como tal na
teſta dos exercitos? Em todo aquelle
tempo os ſeus Dominios andavaõ oc-
cupados na guerra, que lhe fazia ſeu
Padraſto o Rei de Aragaõ, que o obri-
gou a refugiar-ſe em Galliza entregue
á tutoria dos Grandes, e reſidente na
caſa do ſeu Aio, como acabamos de ver.

Pelas meſmas ponderadas razões
he impoſſivel, que no anno ſeguinte
de 1113, o Rei que ainda naõ era de
Caſtella, eſtimulado da ſua quebra em
Valdevez, elle voltaſſe a Portugal

pa-

Era vulg. para a desaffrontar ; que sitiasse a seu Primo D. Affonso Henriques em Guimarães, que o reduzisse ao ultimo aperto; que Egas Moniz, para o livrar delle, sahisse ao campo sem D. Affonso o saber, e enganasse ao Castelhano com promessa em nome de seu Amo, de que lhe pagaria tributo nas Cortes de Leaõ, quando para ellas fosse chamado ; que Egas Moniz fosse com sua mulher, e filhos, huns nûs, outros mal vestidos com cordas ao pescoço satisfazer o Rei por naõ querer D. Affonso cumprir a palavra, que lhe déra em seu nome : Porque todos estes effeitos cessaõ faltando a sua causa. O mesmo dizemos da excommunhaõ fulminada pelo Bispo de Coimbra de ordem do Papa, que tambem he consequencia das mesmas premissas, ellas, e a deducçaõ tudo falso.

Nada ha de mais faceto, nem, que mereça ser entranhado no centro do ridiculo como o mal representado entremez do Bispo negro, que anda em letra redonda, como se explica o nos-

nosso Povo, e que D. Affonso rebau- Era vulg.
tizou, ordenou, sagrou Bispo, e forçou a celebrar a Missa. Rebautizou-o, ordenando-lhe, que em lugar do nome de Martinho, tomasse o de Soleima, que o Papa disse era o de seu Pai, talvez algum Mouro, como parece pelo nome: ordenou-o, dando-lhe o poder de Presbytero, que naõ tinha; sagrou-o Bispo sem mais ceremonia, que dizer-lhe: Tu es bispo: forçou-o a celebrar Missa naõ resada de Clerigo simples; mas de Pontifical de Bispo com bella assistencia de Conegos, e Clerigos, havendo D. Affonso lançado a todos fóra da Igreja. Ora nós podemos deixar de ter por de mentecaptos, ou de insolentes os juizos, em que couberaõ, e as pennas, que escrevêraõ semelhantes atrevimentos, infamias, ridicularias, desprezos da Religiaõ, tudo imputado á Sagrada Pessoa de hum Principe pio, religioso, edificante, que veneramos santo? Isto naõ foi injuriar enormemente a Magestade, e fazer huma irrisaõ atrevida á Naçaõ Portugueza, como se na vasti-

Era vulg. tidaõ dos talentos dos homens illuminados houvesse de caber huma multidaõ de demencias descompassadas?

Vamos a concluir com o Cardeal, que veio de Roma ensinar a Doutrina Christã ao nosso Principe; com a pergunta, que lhe fez na sua chegada; com o roubo da sua prata, e do seu ouro depois de lhe perdoar a vida; em fim com as circunstancias, de que elle revestio a desculpa, que deo ao Papa quando estranhou fazer elle a D. Affonso promessas, e conceder indultos muito além da jurisdiçaõ, e authoridade, de que elle o revestíra. Logo aqui advertimos, que nos annos destes acontecimentos, os chamados Cardeaes naõ passavaõ de ser huns Parrochos das Freguesias de Roma, homens de notoria probidade, e conhecida virtude, sem a dignidade, e riquezas, que agora possuem, escolhidos para a sua particular funçaõ, que era votarem nas eleições dos Papas, e se evitarem pelo menor número de vogaes as desordens, que vulgarmente aconteciaõ, quando votava todo o Cle-

Era vulg.

Clero de Roma. O augmento da Dignidade, a mudança da cor do vestido para a encarnada, a permissaõ de terem rendas, e dominios, quem concedeo tudo mais amplamente aos Cardeaes foi o Papa Innocencio IV., hum Seculo depois de D. Affonso Henriques, quando elles largáraõ as suas Parrochias.

A pergunta que se dizia fizera D. Affonso ao Cardeal foi esta: Cardeal, a que vindes aqui? Se me trazeis ouro, ou prata para estas guerras, daima já. He lastima, que os vassàllos Portuguezes authores da Tradiçaõ, e dos Escritos, assim punhaõ ao seu Principe na face do mundo, reduzido a tal estado de mendicidade, que logo de boa chegada pedio esmóla a hum dos pobres Cardeaes de Roma, que entaõ mal tinhaõ o necessario para a passagem da vida. Pedio esmóla querendo-a logo, e com tal pressa, que se a trazia, havia dar-lha já, e sem demora. Com esta expressaõ nos deixáraõ aquelles homens a vergonhosa memoria, de que o seu Principe estava re-

Era vulg. reduzido a eſtado extremo de miſeria, neceſſitado hum pobre de receber huma eſmóla de outro pobre. Se os ditos homens viveſſem hoje, bem póde ſer déſſem á pergunta de D. Affonſo o nome de ironia: mas nós lhes reſponderiamos, que ſempre injuriavaõ o Principe, por ſer muito alheio do ſeu decóro moſtrar, que zombava do Cardeal, quando elle vinha tratar materias taõ circumſpectas, e ſe o reſalvaſſem da mancha da pobreza, ſempre lhe deitavaõ em cima a nodoa da eſcuridade.

Concedamos que o Cardeal trouxeſſe ouro, e prata, como querem os meſmos homens, e ſejaõ ſó elles os que digaõ, que hum Principe como D. Affonſo Henriques, enriquecido de hum coraçaõ magnifico, lha roubára na eſtrada pública. Elle teve ao Cardeal na ſua Corte, e ſe pelo haver eſcandaliſado, mandaſſe nella fazer aprehenſaõ, poderia entender-ſe, que era huma repreſalia, em quanto o Cardeal naõ o ſatisfazia. Mas depois deſte ſair da Corte, ainda que fugindo; depois

de

de D. Affonſo, que pegou delle para o matar, lhe conceder a vida; depois do Cardeal o abſolver da excommunhaõ, e levantar o interdicto ao Reino; depois de lhe deixar ſeu ſobrinho em refens da certeza, de que o Papa lhe concederia quanto delle pertendeſſe: Perſuadirem-nos, que entaõ D. Affonſo naõ ſó lhe roubára o ouro, e prata; mas todas as cavalgaduras, deixando-lhe ſó tres para a jornada de Guimarães até Roma; nós que diremos, ſenaõ que aquelles temerarios homens, origens da infame Novella, concebêraõ ao ſeu Principe capaz de ſer ſalteador por avarento, ou a bom livrar, por pobre, e miſeravel.

Era vulg.

As circunſtancias da imaginada deſculpa, que o Cardeal deo ao Papa por lhe eſtranhar o mal, que cumprira os ſeus deveres, ſaõ concebidas neſtes precioſos termos, que já ficaõ eſcritos: Se vós viſſes lançar-ſe ſobre vós hum Cavalleiro valente, forte de membros, hum gigante no corpo, eſpantoſo á viſta, na imaginaçaõ offendido, que eſtas ſaõ as circunſtancias do Prin-

Era vulg. cipe de Portugal, que me ſahio ao caminho: elle já com huma das mãos apertando-vos a ganganta, na outra hum cutello para vos cortar a cabeça, e o ſeu cavallo taõ ſoberbo batendo, e cavando a terra, tambem com huma das mãos, como ſe vos eſtivera abrindo a ſepultura, eu fico bem certo, que vós tudo lhe concederieis, tudo lhe darieis, até a meſma dignidade Pontificia, ſe elle a quizeſſe. Ora notem-ſe eſtas circunſtancias evidentemente falſas, como o ſaõ a vinda do Cardeal, as excommunhões, os reſentimentos do Papa, e todo o tecido deſta reſpoſta naõ concebida por algum Cardeal; mas organiſada nos cerebros dos ſeus compoſitores.

Diſſe o Cardeal, que D. Affonſo Henriques era hum Cavalleiro valente. Eu duvido, que elle no meditado tempo já montaſſe a cavallo; mas ſe o fazia, como podia ſer eſtimado por Cavalleiro valente, ſe apenas teria cinco, ou ſeis annos; idade, em que ainda a natureza naõ fórma valentes? Elle na verdade foi muito valente Ca-

val-

valleiro; mas no tempo proprio de saber ser Cavalleiro, e de poder ser valente. Era forte de membros. Os membros nos córpos dos meninos naõ tem fortaleza, nem robuſtez, que eſſa ſó a deſcobrio a Fabula em Hercules, repreſentado ainda no berço, e já affogando nas mãos as ſerpentes, que cruel lhe arrojou a Deoſa Juno. Nós como do noſſo grande Principe naõ eſcrevemos fabulas, tambem naõ cremos, que diſſeſſe delle o Cardeal, que na idade de cinco, ou ſeis annos era forte de membros. Depois de homem foi elle de membros forte, e muito forte: em quanto menino os teve fracos como os outros da ſua idade.

Era vulg.

Continuou o pertendido Cardeal, que era D. Affonſo hum gigante no corpo. Se elle já tinha os onze palmos de altura, com que o debuxaõ, e ſendo taõ proporcionado como o pintaõ, entaõ ſería forte de membros, e teria corpo naõ de gigante; mas de monſtro, que ſó por monſtro deve ſer reputado o corpo humano aos cinco, ou ſeis annos de naſcido com onze

pal-

Era vulg. palmos de altura, e membros á proporçaõ. Os authores da Novella supponho quizeraõ encarecer, que o Cardeal, quando o Principe encarou com elle, concebeo tal medo, que se lhe representou forte de membros, e hum gigante no corpo; que esta he a propriedade do pavor representar de grande vulto até as pequenas sombras.

Que era espantoso na vista, prosegue o Cardeal na pintura de D. Affonso Henriques. Isto val tanto, como se elle retratasse a imagem de hum Polifemo, Anteaõ, ou Cyclópe, que ainda no caso de vir a ser algum dia espantoso na vista, nos annos em que a natureza imprime mais especiosidade nos semblantes, que saõ os da idade infantil, na qual estava entaõ D. Affonso Henriques, elle naõ podia na vista ser espantoso, como qualquer daquelles monstros. Ao contrario os nossos Historiadores, dizem delle nos tempos da mocidade, que era mui formoso na sua pessoa, bem talhado, com huma serenidade composta, que indicava o valor do espirito. Outros, que

Era vulg.

que referem as ſuas exterioridades depois de homem, affirmaõ que tivera onze palmos de altura com membros á proporçaõ, o cabello louro eſcuro, bocca grande, roſto comprido, olhos reſgados, e vivos, naõ ſe notando nelle couſa, que naõ indicaſſe Mageſtade, e Soberania. Os ſeus retratos, que aſſim o repreſentaõ, o manifeſtaõ depois de homem reſpeitavel, e naõ eſpantoſo á viſta, que teria muito de agradavel quando mancebo. Elle foi filho de milagre, promettido a ſeu Pai pelo veneravel Monge Joaõ Cerita como prenda dada do Ceo, tambem milagroſamente curado pela Senhora de Carquere da moleſtia das pernas, com que naſcêra; e hum objecto merecedor da protecçaõ da Senhora, e das attençoẽs do Ceo, naõ havia ſer nas monſtruoſidades eſpantoſo á viſta.

Convencido pois de falſo o caſamento da Rainha D. Thereſa com o Conde de Traſtamara, e todas as ſuas conſequencias indignas de ſerem ouvidas, deixando já eſta impertinente materia, vamos a concluir com o Gover-

no

Era vulg. no da mesma Rainha na menoridade de seu filho D. Affonso Henriques atê renunciar nelle o Reino no anno de 1128, dous annos antes da sua morte, tendo D. Affonso dezanove de idade. Sendo pois certo, e indisputavel, que elle estimou, e respeitou sempre a Rainha sua Mãi, como bom, e obediente filho: ella se occupava na administraçaõ dos negocios civís, e D. Affonso de doze annos principiou a empregar-se no exercicio das armas, que o Pai lhe deixára por herança, e elle amava por inclinaçaõ. Como os Estados de Portugal estavaõ rodeados de Mouros, que naõ deixariaõ perder as occasiões, que lhes offereciaõ as contínuas desordens de Leaõ, Aragaõ, e Castella, o Governo de huma viuva em Portugal com o Successor no berço; os Capitães da Rainha se conserváraõ na defensiva, esperando os annos futuros do Principe para dilatar as conquistas, que tocavaõ á sua repartiçaõ.

1119 A primeira empreza, em que o seu valor mostrou aos dez annos de vida o que tinha de ser ao diante, foi

foi a defensa de Coimbra no prolixo cerco, que lhe pôz o Mouro Eujuni, dizem que com trezentos mil homens. Animados os Chéfes, e os soldados com a presença do Principe, que já lhes fazia ver como os impulsos da natureza o ensinavaõ a affrontar os perigos; elles fizeraõ huma defensa taõ pasmosa, que encheo de admiraçaõ o seu Seculo. Os Mouros, que viaõ prolongar o cerco mais do que elles pensáraõ; que por esta causa lhe faltavaõ mantimentos; que os assolava huma devastadora péste; que os sitiados a cada instante lhe multiplicavaõ as mortes: elles levantáraõ o sitio precipitados, deixando ás sabias disposições da Rainha, e aos tyrocinios da corage do Principe huma gloria brilhante por despojo da victoria.

Era vulg.

Crescia D. Affonso Henriques em annos, que já contava doze, em espiritos, que herdára com o sangue, em forças, de que o dotou a natureza, e sendo os primeiros taõ poucos, os segundos eraõ grandes, e as ultimas foraõ tamanhas, que nunca descarre-

gá-

Era vulg. gáraõ golpe menos que mortal, e na ſua vida deo muitos. Para naõ paſſar a mocidade ocioſo, depois do cerco de Coimbra lhe permitio a Rainha ſahiſſe a campo com as criaturas da diſciplina de ſeu Pai o Conde D. Henrique, e ſe moſtraſſe huma imagem ſua aos Mouros de Leiria. Elle os fez atacar; a Praça depois de grande reſiſtencia ſe rendeo, e elle, com approvaçaõ da Rainha, a doou a S. Theotonio, Prior de Santa Cruz de Coimbra, a quem tinha muita inclinaçaõ, para que o Moſteiro tiveſſe nella ambas as juriſdicções eſpiritual, e temporal. Como D. Affonſo ſempre attribuío ao Ceo as ſuas victorias, eſta, que era as primicias dellas, a conſagrou a Deos para o ter propicio como ſenhor dos Exercitos, Deos das Batalhas. S. Theotonio pôz nella por Governador a Paio Guterres, homem esforçado, e pio, que ſaberia conſervar a primeira conquiſta do ſeu Principe, e a vantagem do Moſteiro.

Antes de ſe recolher á ſua Corte de Coimbra, D. Affonſo foi a Torres-

No-

Novas, e como ſe naõ baſtaſſe já ſenaõ a ſua viſta para conquiſtar Praças, na paſſagem ſe lhe entregou a de Torres-Novas. Das mais acções do Principe, e do governo de ſua Mãi até ao anno de 1128, em que ella lhe largou o Reino, nada ſabemos, ſepultando o ſilencio, ou o deſcuido a gloria dos Varões, que foraõ o ornato da Patria, o explendor do Reino, que naſcia, e a illuminaçaõ da Coroa do Principe, que principiava a ſer Soberano. A Rainha, em fim, ou por opprimida dos annos, e pezo do Governo, ou por querer paſſar em deſcanço, e dar ſó a Deos o reſto da vida, no anno de 1128, em que ſeu filho, como já diſſemos contava dezanove de idade; ella lhe renunciou, e fez entrega do Reino com as formalidades, que entaõ ſe praticavaõ.

Era vulg.

1128

Entaõ a Rainha deſatada do vinculo dos cuidados, recolhida no ſeu interior, ſem lembrança do mundo, toda empregada em Deos, ſe entregou á direcçaõ de dous Pilotos deſtros para naõ errar a viagem da Eternidade, os

quaes

Era vulg. quaes foraõ S. Theotonio, e o Veneravel D. Tello, Luminares brilhantes do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Dous annos depois da renuncia dos Estados viveo a Rainha em exercicios 1130 de piedade, que naõ se desfiguraõ com as inconsideradas imposturas com que intentáraõ macular a sua especiosa memoria linguas atrevidas, sordidas ignorancias, ou paixões temerarias. Ella acabou a carreira da vida no anno de 1130, e o seu nome sempre deve ser respeitavel entre os Portuguezes como illustre origem da liberdade do seu Reino, da restituiçaõ á sua antiga dignidade, de o tirar do poder dos Reis de Leaõ, da sugeiçaõ dos estranhos, sempre Senhora grande para nós, como filha do grande Imperador das Hespanhas D. Affonso VI.. como esposa do magnifico Conde D. Henrique, fructo precioso da fecunda casa de Borgonha, como Mãi do magnanimo Heróe D. Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, ornamento mais brilhante dos Fastos Lusitanos, e assumpto immortal nas cem boccas dos clarins da Fama.

F I M.

IN-